

Suum cuique tribuere.

—

A Província de São Paulo

e em particular

á cidade de Campinas

dedica esta Grammatica

Julio Ribeiro.

A Friederich Diez e Émile Littré,

DE SAUDOSA MEMORIA

aos Senhores

William Dwight Whitney, Max Müller, Auguste Brachet,
Gaston Paris, Michel Bréal, Theophilo Braga, Adolpho
Coelho, Paulinho de Souza, Pacheco Junior, Sylvio Romero,
Capistrano de Abreu.

Voi duchi, voi signori, voi maestri.

DANTE, *Inferno*, II, 140

A Manoel José da Fonseca

Exm^a Sra. Carlina Florence :

Vulgare amici nomen, sed rara est fides.

PHAEDRUS, *Lib. III, Fab. 9*

Peço á critica illustrada e honesta o que ella me não pode recusar—toda a severidade para com esta Grammatica.

Não é um orgulho tolo que me leva a fazer tal edido: é o desejo de melhorar o meu trabalho em bem dos que estudam Portuguez.

Dos directores da imprensa esera uma fineza—que me sejam enviados todos os exemplares das suas folhas, em que saiam noticias e apreciações desta obra.

Endereço

Julio Ribeiro
Collegio "Culto á Sciencia,,

CAMPINAS

Provincia de São Paulo

GRAMMATICA PORTUGUEZA

POR

JULIO RIBEIRO



Tentei ensinar aos meus naturaes o que eu
de outrem não pude aprender.

DUARTE NUNES DE LEÃO

Pour les langues, la methode essentielle
est dans la comparaison et la filiation. — Rien
n'est explicable dans notre grammaire moderne
si nous ne connaissons notre grammaire ancienne.

LITTRE'.

En aucune chose peut-être, il n'est donné à
l'homme d'arriver au but : sa gloire est d'y avoir
marché.

GUIZOT.



SÃO PAULO

Typ. de Jorge Seckler, Rua Direita, 15

1881

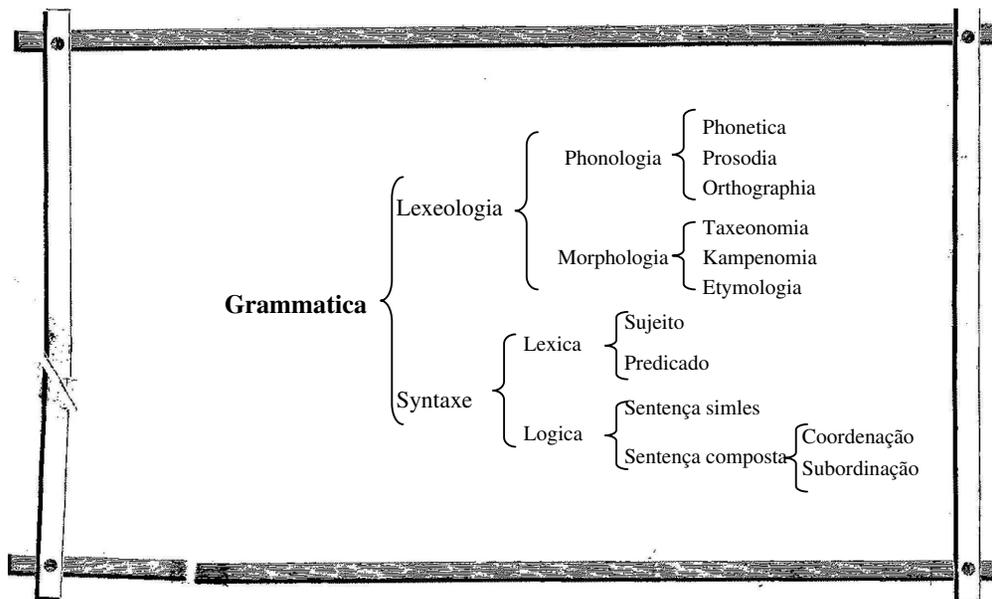
Tendo eu na publicação desta Grammatica cumrido com todas as prescripções das leis do meu paiz e das do reino de Portugal, ponho o meu direito de auctor sob a protecção que essas leis me concedem.

Todos os exemplares desta edição e de outras que porventura se fizerem serão numerados a tinta vermelha, e assignados por chancella.

Exemplar N. 1925

Júlio Ribeiro

GRAMMATICA PORTUGUEZA



GRAMMATICA PORTUGUEZA



INTRODUCCÃO

1. Grammatica é a exposição methodica dos factos da linguagem (1).

A grammatica não faz leis e regras para a linguagem; expõe os factos della, ordenados de modo que possam ser aprendidos com facilidade. O estudo da grammatica não tem por principal objecto a correcção da linguagem. Ouvindo bons oradores, conversando com pessoas instruidas, lendo artigos e livros bem escriptos, muita gente consegue fallar e escrever correctamente sem ter feito estudo especial de um curso de grammatica. Não se póde negar, todavia, que as regras do bom uso da linguagem, expostas como ellas o são nos compendios, facilitam muito tal aprendizagem; até mesmo o estudo dessas regras é o unico meio que têm de corrigir-se os que na puericia aprenderam mal a sua lingua.

2. Ha muitos outros pontos de vista sob os quaes é util o estudo da grammatica.

Nós começamos a aprendizagem da falla aprendendo a entender as palavras que ouvimos pronunciar aos outros; depois aprendemos a pronuncial-as nós proprios, e a coordenal-as, como os outros fazem, para exprimir as nossas impressões, os nossos pensamentos. Um pouco mais tarde temos de aprender a entendel-as quando apresentadas á nossa vista manuscriptas ou impressas: temos de apresental-as tambem desse modo, isto é, de escrevel-as. Será então dever nosso usar da linguagem, não só com correcção, mas tambem de modo que agrade aos outros, que sobre elles exerça influencia. Muitas pessoas terão ainda de

(1) WILLIAM DWIGHT WHITNEY, *Essentials of English Grammar*, London, 1877, pag. 4—5.

aprender linguas extranhas, linguas que servem aos mesmos fins a que serve a nossa, mas de modo diverso. Nós temos mais de estudar as fórmãs várias por que passou a nossa lingua, temos de comparar essas fórmãs com a actual para que melhor entendamos o que esta é, e como veio a ser o que é. Não nos basta usar da linguagem; é mister saber o que constitue a linguagem, e o que nos importa ella. O estudo da linguagem diz-nos muito sobre a natureza e sobre a historia do homem. Como a linguagem é o instrumento e o meio principal das operações da mente, claro está que não podemos estudar essas operações e a sua natureza sem um conhecimento cabal da linguagem.

Para todos estes fins é o estudo da grammatica o primeiro passo, e o estudo da grammatica de nossa lingua o passo mais seguro e mais facil.

O estudo da grammatica divide-se em diversas partes; nunca se acaba: começa em nossa infancia e dura toda a vida. Os homens mais intelligentes e doutos têm sempre alguma cousa a acrescentar ao seu conhecinto da linguagem, mesmo da materna.

3. *Linguagem* é a expressão do pensamento por meio de sons articulados.

4. Sons articulados significativos, quer proferidos, quer representados por symbolos, chamam-se *palavras*.

Consideradas relativamente a sua significação, chamam-se as palavras *termos*; consideradas relativamente a seus elementos materiaes, chamam-se *vocabulos*.

5. A grammatica é geral ou particular.

6. *Grammatica geral* é a exposição methodica dos factos da linguagem em geral.

7. *Grammatica particular* é a exposição methodica dos factos de uma lingua determinada.

8. *Grammatica portugueza* é a exposição methodica dos factos da lingua portugueza.

9. Divide-se a grammatica em duas partes: lexeologia e syntaxe (1).



(1) BURGRAFF, *Principes de Grammaire Genérole*, Liège. 1863, pag. 11. ALLEN AND CORNWELL, *English Grammar*, London, 1855, pag. 9. AYER, *Grammaire Comparée de la lingue Française*, Paris 1876, pag. 12. BASTIN, *Étude Philologique de la Langue Française*, St. Petersburg, 1878, vol. I, pag. 1. CHASSANG, *Nouvelle Grammaire Grecque*, pag. 1 e 131.

PARTE PRIMEIRA

LEXEOLOGIA

10. A *lexeologia* considera as palavras isoladas, já em seus elementos materiaes ou sons, já em sens elementos morphicos ou fórmas.

11. A lexeologia compõe-se de duas partes: phonologia e morphologia.

LIVRO PRIMEIRO

ELEMENTOS MATERIAES DAS PALAVRAS

12. *Phonologia* é o tratado dos sons articulados.

13. A phonologia considera os sons articulados

- 1) isoladamente, como elementos constitutivos das palavras;
- 2) agrupados, já constituídos em palavras;
- 3) representados por symbolos.

14. As partes, pois, da phonologia são tres: phonetica, prosodia e orthographia.

SECÇÃO PRIMEIRA

PHONETICA

15. *Phonetica* é o tratado dos sons articulados considerados em sua maxima simplicidade, como elementos constitutivos das palavras (1).

Som é a impressão produzida no organo auditivo pelas vibrações isokhronas do ar.

(1) BERGMAN, *Résumé d'Études d'Ontologie Générale et de Linguistique Générale*, Paris, 1875, pag. 261.

Voz é o som laryngeo de que se servem os animaes para estabelecer entre si certas relações.

O organo essencial para a producção de vozes é o *larynge*: os *pulmões* fazem as vezes de um folle, e a *trakkea-arteria*, as de um porta-vento.

Voz articulada é a voz humana modificada por movimentos voluntarios do tubo vocal.

O aparelho, pois, da voz articulada é o *tubo vocal*, isto é, o *pharynge*, a *bocca* e as *fossas nasaes*.

O larynge humano tem dous estreitamentos formados por dous pares de linguetas—*glotte inferior* e *glotte superior*,

Usualmente a denominação « *glotte* » comprehende-os ambos.

Através da *glotte* effectuam-se a aspiração e a expiração. Durante esta é que se produzem as vozes, cuja intensidade está sempre na razão directa da força com que é expellido o ar.

As vozes vão modificar-se especialmente na parte superior do tubo vocal. E' este um aparelho composto de membranas e de musculos: tem organs moveis e organs immoveis.

Os organs moveis são:

- 1) O *véo do paladar*, divisão musculo-membranosa, quasi quadrilateral, cuja margem superior apega-se á abobada palatina, ao passo que a inferior fluctúa livre sobre a base da lingua, apresentando em sua parte média a saliencia chamada *úvula* ou *campainha* e continuando-se de cada lado com a lingua e com o pharynge por meio das prégas conhecidas anatomicamente por *pilares do véo do paladar*;
- 2) a *lingua*, corpo musculoso, maravilhosamente flexivel, que, ligado em parte á mandíbula inferior, contrai-se, alonga-se, dobra-se, vibra, podendo ir tocar com sua extremidade quasi todos os pontos da cavidade buccal. Comparam-na pittorescamente e com muita justeza ao badalo de um sino;
- 3) as *faces* e os *labios*. Os labios formam a abertura da bocca, e, fechados elles, torna-se impossivel a emissao de sons articulados;
- 4) a *arcada dentaria inferior*.

Os organs immoveis são:

- 1) as *fossas nasaes*;
- 2) a *abobada palatina*;
- 3) a *arcada dentaria superior*.

Cerrar os dentes não impede a passagem do ar: póde-se, pois, fallar com os dentes cerrados.

Eis, em resumo, o mekhanismo da palavra: o ar expirado pelos pulmões entra em vibração nos estreitamentos do larynge,

onde se fórma a voz, e atravessa a bocca, onde se faz a articulação. Os musculos do larynge modificam a primeira; os do véo do paladar, da lingua, das faces e dos labios se encarregam da segunda.

16. De tres maneiras modifica-se o aparelho vocal na prolação de sons laryngeos; ha, consequentemente, tres categorias de vozes articuladas, a saber: vozes livres, vozes constrictas, vozes explosivas.

A velha distribuição dos elementos phonologicos em *sons simples* e em *articulações*, em *vozes* e em *consonancias*, provem da observação imperfeita que dos phenomenos de vocalisação têm feito os grammaticos (1).

De facto, á luz de analyse rigorosa, tanto vozes como consonancias são sons laryngeos, são vozes propriamente ditas que se modificam ao atravessar a parte superior do tubo vocal.

O erro dos grammaticos consiste na apreciação falsa dos ruídos da bocca, ou de qualquer outra parte do aparelho de phonação: todo o som laryngeo é voz a que dá modo de ser, a que imprime fórma o jogo continuo ou momentaneo dos órgãos moveis da bocca (2).

Os grammaticos da India conheceram e discriminaram bem estes factos: ás vozes chamaram elles *svara* (sons), ao passo que ás pretendidas consonancias deram o nome de *vyanjana* (o que torna distinto, o que manifesta) (3).

17. Todos os sons laryngeos que têm passagem livre pelo tubo vocal mais ou menos alongado são *vozes livres*.

De todos os elementos da linguagem o menos complexo, o que com maior facilidade se produz, é a voz livre **a**: consiste ella em uma mera emissão de som laryngeo por entre os labios descerrados.

A voz livre **i** é produzida pela maxima dilatação horisontal da bocca, ou, em outros termos, é a voz livre em cuja enunciação a abertura oral estende-se longitudinalmente até o ultimo grau.

(1) GIRAULT DUVIVIER, *Grammaire des Grammaires*, édition de Lemaire, Paris, 1873, vol. I, pag. 4. SOARES BARBOSA, *Grammatica Philosophica*, Lisboa, 1871, pag. 2—6.

(2) BURGRAFF, *Obra citada*, pag. 34 e 38; DE BOSSES, citado ás pag. 46 da mesma obra; BARBOSA LEÃO, *Coleção de Estudos e Documentos*, Lisboa, 1878, pag. 3.

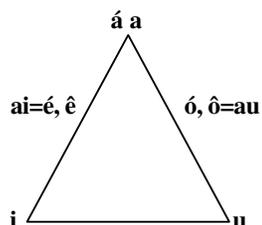
(3) MAX. MÜLLER, *Nouvelles Leçons sur la Science da Langage*, trad. de Harris et Perrot, Paris, 1867, vol. I, pag. 155.

A prolação da voz livre opposta **u** effectua-se pela maxima approximação dos cantos da bocca, durante a emissão de som.

As outras vozes livres são intermediarias em relação ás tres principaes: assim **e** fica entre **a** e **i**; **o** entre **a** e **u**.

Em francez representa-se frequentemente **e** por **ai**, e **o** por **au**, ex.: « —**maison**—**vrai**—**auteur**- **chaud** ».

As vozes livres typos podem ser propriamente dispostas assim:



As vozes da esquerda do diagramma são produzidas por dilatação do orificio da bocca, e as da direita por contracção do mesmo orificio; as vozes mais distantes de **a**, isto é, **i** e **u**, são as que assim se modificam em mais elevado grau; as intermedias, isto é, **e** e **o**, produzem-se por uma alteração menor do feitio natural da bocca, e participam tanto da fórmula mais simples **a**, como das mais profundamente modificadas **i** e **u** (1).

A generalidade dos grammaticos confunde estas vozes com as letras que as representam, e tanto a umas como a outras dão elles o nome de *vogaes* (2).

As vozes livres podem ser classificadas segundo os orgams que mais concorrem para a sua formação: **a** é, pois, guttural; **i** palatal; **u** labial.

18. Si na emissão das vozes livres contrai-se o véo do paladar de modo que passe o ar para as fossas nasaes, obtêm-se as vozes *an, en, in, on, un*, chamadas *compostas* ou *nasaes* em opposição ás primitivas *a, e, i, o, u*, consideradas *puras*.

(1) NORDHEIMER, *A Critical Grammar of the Hebrew Language*, New-York, 1838, vol. I, pag. 10—11.

(2) EMANUEL ALVARUS *Instít. Grammatica, Roma, 1860, pag. 174.*

19. Todos os sons laryngeos modificados por estreitamento parcial do tubo vocal são vozes constrictas.

Esse estreitamento do tubo vocal póde ter logar em diversos pontos: ao nivel mais ou menos do meio da lingua elle dá **che, je, lhe, nhe**; na altura da lingua, **se, ze**; entre a ponta da lingua e a parte posterior dos dentes incisivos superiores, **ne**; entre o labio inferior e a borda dos mesmos dentes incisivos, **fe, ve**; entre os labios, **me**. Para pronunciar **le**, que é **ve** enfraquecido, a ponta da lingua achata-se de encontro ao paladar, e a voz passa pelos vãos que ficam entre a lingua e as partes lateraes das arcadas dentarias. **Re** é um som vibrante rolado.

A generalidade dos grammaticos confunde estas vozes com as letras que as representam, e tanto a umas como a outras dão elles o nome de *consoantes semivogaes* (1).

20. Todos os sons laryngeos modificados por oclusão subita e completa do tubo vocal em qualquer de seus pontos são *vozes explosivas*.

Variam estas vozes conforme o ponto do tubo vocal em que se opera a oclusão: tendo ella logar entre o meio da lingua e a abobada palatina, produzem-se **ke, ghe**; entre a ponta da lingua e a parte posterior dos dentes incisivos superiores, estando um tanto separadas as arcadas dentarias, effectuam-se **te, de**; entre os labios obtêm-se **pe, be**. Quando o som se faz ouvir no momento em que separam-se os pontos oclusos do tubo vocal, ha esplosão que póde ser precedida de murmurio vocal, de um como esforço primo para vencer o obstaculo.

A pluralidade dos grammaticos confunde estas vozes com as letras que as representam e tanto a umas como a outras dão elles o nome de *consoantes nulas* (2).

21. Em resumo, si se quer distinguir estas tres ordens de vozes basta determinar

- 1) para as vozes livres—a fórmula do tudo vocal;
- 2) para as vozes constrictas—o ponto do estreitamento do mesmo tubo;
- 3) para as vozes explosivas—os orgams que operam a oclusão delle.

(1) EMMANUEL ALVARES, *Obra citada*, pag. 174.

(2) *Ibidem*

Eis as vozes constrictas e explosivas methodicamente classificadas segundo estes principios:

	Vozes constrictas				Vozes explosivas	
	Sibilantes	Nasaes	Liquidas	Vibrantes	Sonora	Surda
<i>Gutturaes</i>					ke	ghe
<i>Palates</i>	je, che	nhe				
<i>Linguae</i>		lhe	le, re	rre		
<i>Dentaes</i>	se, ze	ne			te	de
<i>Baliaes</i>	fe, ve	me			pe	be

Este diagramma apresenta uma classificação aproximativa; é susceptível de modificações.

Com effeito, as vozes constrictas e explosivas resultam em sua maxima parte da acção concurrente de varios orgams: **me**, por exemplo, é ao mesmo tempo nasal e labial; **ne**, dental e nasal; **le, re, rre** são linguae, palataes e dentaes; **fe, ve**, labiaes e dentaes.

22. As vozes livres puras mais importantes são oito :

- 1) *a* agudo como em **chá**
- 2) *a* grave » » **mesa**
- 3) *e* agudo » » **pé**
- 4) *e* fechado » » **mercê**
- 5) *i* commum » » **vil**
- 6) *o* aberto » » **mó**
- 7) *o* fechado » » **avô**
- 8) *u* commum » » **sul**.

23. As vozes livres compostas ou nasaes mais importantes são cinco:

- 1) *an* como em **tampa, canja**
- 2) *en* » » **tempo, dente, refém, joven**
- 3) *in* » » **limpo, tinta**
- 4) *on* » » **tombo, sonda**
- 5) *un* » » **calumba, mundo**

As vozes livres estudadas á luz de uma analyse severa apresentam gradações em numero infinito (1); todavia para as necessidades da pratica bastam algumas principaes de entre ellas, as quaes possam servir de typos a todas.

As trese vozes livres acima especificadas capitulam todas as vozes livres da lingua portugueza, aliás abundantissimas.

24. As vozes constrictas e explosivas são dezenove:

- 1) *be* como em **boi**
- 2) *ke* » » **cal**
- 3) *de* » » **dó**
- 4) *fe* » » **fé**
- 5) *ghe* » » **gado**
- 6) *je* » » **jaca**
- 7) *le* » » **luz**
- 8) *me* » » **mó**
- 9) *ne* » » **nó**
- 10) *pe* » » **pó**
- 11) *re* » » **caro**
- 12) *rre* » » **rei**
- 13) *se* » » **sol**
- 14) *te* » » **til**
- 15) *ve* » » **voz**
- 16) *ze* » » **zebra**
- 17) *che* » » **cha**
- 18) *lhe* » » **lhama**
- 19) *nhe* » » **cunha**

25. Trinta e duas são, pois, as vozes elementares essenciaes da lingua portugueza.

Há mais dous sons distinctos banidos hoje do uso da gente culta: *dje*, *tche*.

Os caipiras de S. Paulo pronunciam **djente**, **djogo**. Os mesmos e tambem os Minhotos e Transmontanos dizem **tchapéo**, **tchave**.

F. Diez pensa que *dje*, *tche* são as fórmulas primitivas de *je* o *che* (2), e tudo leva a que realmente são.

(1) MAX MÜLLER, *Obra citada*, vol. I, pag. 146.

(2) *Grammaire des Langues Romanes*, Trad. d'Auguste Brachet et Gaston, Paris, Paris, 1874, vol. I, pag. 358-360.

Dje é som romanico genuino: existe em Provençal, em Italiano, e no seculo XIII existia no Francez que o transmittiu ao Inglez, onde até agora se acha, ex.: « *jealousy* ». Em escriptos latinos do seculo IX encontram-se as fórmãs *pegiorentur*, *pediorentur*, por *pejorentur*.

Tche é tambem som romanico castiço: existe em Provençal, em Italiano, em Hespanhol, e existiu no Francez, donde passou para o Inglez: que ainda hoje o conserva, ex.: « *chamber* ».

A existencia de ambas estas fórmãs no fallar do interior do Brazil prova que estavam ellas em uso entre os colonos portugueses do seculo XVI. A antiguidade e a vernaculidade do *tche* attestam-se pela sua permanencia na linguagem do Minho e de Trás-os-Montes: como sabe-se, o povo rude e conservador tenaz dos elementos arkhaiscos das linguas.

26. Casos ha em que uma só voz experimenta duas modificações simultaneas: as vozes assim modificadas chamam-se complexas. São: *ble, bre, cle, cre, cse* (orthographado por *cc, cç, x*), *cte, dre, fle, fre, gle, gme, gne, gre, mne, ple, pre, pse, pte, ske, skhe, stc, tle, tme, tre, vre*, ex.: « *bleso—brado—clero—credo—nexo—bacterias—draga—flecha—frota—globo—zeugma—digno—gredo—mnemonica—planta—prato—lapsos—aptero—eskeleto—eskhema—estilo—atlas—tmese—trapo—lavra* ».

Toda a voz pôde sempre passar por duas modificações, si fôr uma dellas antecedente e a outra subsequente: em *dor*, por exemplo, a modificação *d* precede a voz *o*, e segue-a a modificação *r*. Só nos casos da presente especificação é que duas modificações conglobam-se para preceder a voz.

SECÇÃO SEGUNDA

PROSODIA

27. *Prosodia* é o tratado dos sons articulados em relação á sua intensidade comparativa, quando constituídos em palavras.

Prosodia é o mesmo que *accentuação*: ambos os termos etymologicamente considerados referem-se á modulação dos sons, porquanto entre os Gregos e entre os Romanos a enunciação era como toada melodiosa (1). Nas linguas modernas prosodia tem a accepção restricta da definição.

(1) « *Accentus dictus est ab accinendo, quod sit quasi quidam cujusque syllabae cantus: apud Græcos ideo prosodia dicitur quod prosádetai tais syllabais* ». DIOMEDES, edit. *Putsch*, pag. 425.

« Est autem in dicendo etiam quidam cantus. » CICERO, *Orator*, XVIII.

28. *Syllaba* é o som articulado expresso por uma só emissão de voz.

Sem voz livre não ha *syllaba* (1): já ficou dito que o chamado som consoante não é som, mas apenas fôrma de som.

29. A combinação de duas vozes livres distinctas em uma só *syllaba* chama-se *diphthongo*.

F. Diez (2), seguindo a opinião de Constancio (3) e de outros grammaticos, entende que existem em Portuguez verdadeiros triphthongos, e cita para exemplos: *eguaes*, *averiguaes*, *averiguaeis*.

30. Vozes livres puras junctas a vozes livres puras formam *diphthongos* puros; vozes livres nasaes junctas a vozes livres puras formam *diphthongos* nasaes.

31. Os *diphthongos puros* são dezenove:

- 1) *ae, ai* como em **pae**, **esvai**
- 2) *au* » » **pau**
- 3) *ea* » » **láctea**
- 4) *ei* » » **lei**
- 5) *éi* » » **papéis**
- 6) *eo* » » **niveo**
- 7) *éo* » » **céo**
- 8) *eu* » » **judeu**
- 9) *ia* » » **gloria**
- 10) *ie* » » **série**
- 11) *io* » » **vário**
- 12) *iu* » » **feriu**
- 13) *óe, oy* » » **heróe**, **Niteroy** (4)
- 14) *oi* » » **foi**
- 15) *ou* » » **sou**
- 16) *ua* » » **agua**
- 17) *ue* » » **guela**
- 18) *ui, uy* » » **fui**, **Ruy**
- 19) *uo* » » **arduo**.

(1) BALMES, *curso de Filosofia Elemental*, Paris, 1872, pag. 234.

(2) *Obra citada*, vol. I, pag. 354.

(3) *Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza*, Paris, 1873, « Introdução Grammatical », pag. XIII.

(4) Sobre a orthographia de Niteroy, veja-se adiante [104—2]

A primeira voz componente de um diphthongo chama-se *prepositiva*: a segunda, *subjunctiva*.

F. Diez (1) afirma que se não encontram em Portuguez os diphthongos românicos *ie*, *ue*, *uo*: existem em *série*, *superfície*, *inquerito*, *questão*, *arduo*, *contiguo*.

32. Os diphthongos *nasaes* são tres:

- 1) *ãe* como em **mãe**
- 2) *ão, am* » » **mão, bençã**
- 3) *õe, õem* » » **põe, põem**

Ui só é diphthongo nasal em *mui*, *muito*, que se lêem *muin*, *muinto*.

33. Os vocabulos podem constar de uma syllaba ou de mais de uma syllaba. Chamam-se

- | | | |
|-----------------------|----------|------------------------|
| 1) os de uma | syllaba | <i>monosyllabos</i> , |
| 2) » » duas | syllabas | <i>dissyllabos</i> , |
| 3) » » tres | » | <i>trissyllabos</i> , |
| 4) » » quatro ou mais | » | <i>polissyllabos</i> . |

34. *Accento tonico* é a predominancia do tom que no mesmo vocabulo tem uma syllaba sobre outras.

As syllabas são longas ou breves conforme a duração do tempo que se gasta em proferil-as; esta duração chama-se *quantidade*.

Em Grego e em Latim a quantidade (*khrónos*, *tempus*) não dependia do *accento tonico* (*tónos*, *tenor*),

Em Portuguez bem como na pluralidade das linguas modernas quantidade e *accento tonico* confundem-se, e só é considerada verdadeiramente longa a syllaba predominante (2). Soares Barbosa (3), apreciando erradamente o mekhanismo phonetico das linguas modernas, tenta em vão combater esta doutrina que já era corrente entre os grammaticos do seculo passado (4).

35. O *accento tonico* recai em Portuguez sobre uma das tres syllabas finaes dos vocabulos *polysyllabos*: não recúa para aquém da antepenultima.

(1) *Obra citada*, vol.I, pag. 352.

(2) J. A. PASSOS, *Diccionario Grammatical Portuguez*, Rio de Janeiro, 1865, art. *Prosodia*. SOTERO DOS REIS, *Grammatica Portugueza*. Maranhão, 1871, segunda edição, pag. 292.

(3) *Obra citada*, pag. 19—35.

(4) A. J. R. LORATO, *Arte da Grammatica da Lingua Portuqueza*, Paris, 1837, pag. 145.

Exceptua-se o verbo seguido de enclíticas, ex.: « Aos pobres anuncia-se-lhes o Evangelho » (PEREIRA DE FIGUEIREDO).

36. Relativamente ao accento tonico dividem-se os vocabulos em oxytonos e barytonos. São *oxytonos* os que têm o accento tonico na ultima syllaba, ex.: « vapor—canhão »; são *barytonos* os que não têm o accento tonico na ultima syllaba. Subdividem-se os barytonos em paroxytonos e proparoxytonos: são *paroxytonos* os que têm o accento tonico na penultima syllaba, ex.: « cidade »; são *proparoxytonos* os que os têm na antepenultima, ex.: « câmara ».

Os vocabulos oxytonos são tambem chamados *agudos*; os paroxytonos, *graves*; os proparoxytonos, *esdruxulos* ou *dactylicos*.

37. São oxytonos os vocabulos acabados

1) por *á, é, ê, i, y, ó, ô, u*, ex.: « alvará—café—mercê—nebri—guarany—avó—avô—bahu ».

Exceptuam-se *álkali, júry, lílbury, e* os vocabulos latinos em *i, is, u, us* admittidos em Portuguez sem mudança de fôrma ex.: « *quási—ársis—bílís—cútiss—parenthesis—tribu—Vénus—vírus* ».

(*S* final nunca influe sobre a collocação do accento tonico.)

2) por voz livre nasal, ex.: « *irmã—palafrêm—marfím—semitôm—jejúm* ».

Exceptuam-se dos acabados

a) por *ã* «—*íman, orphan*.

(*An* é a fôrma graphica de *ã* breve.)

b) por *em—ádem, hómem* e seus compostos *gentilhómem e lobishómem, hõntem* e seu composto *antehõntem, jóven, núvem, órdem* e seus compostos, *contraórdem, desórdem*; os terminados por *gem* ex.: *págem—vertigem—salsugem* »; as fôrmas verbaes, ex.: « *ámem—entêndem—pártem* ». Destas tiram-se, as terceiras pessôas de ambos os numeros do presente do indicativo, e a segunda do singular do presente do imperativo de *ter, vir* e de seus compostos, os quaes seguem a regra geral.

- c) por *om* (1)—*cánon*—*cólon*,
- d) por *um*—*álbum*—*ultimátum*, e mais vocabulos latinos em *um* admittidos em Portuguez sem mudanças de fôrma.
- 3) pelos diphthongos puros *ae* (*ai*), *au*, *ei*, *éi*, *éo*, *eu*, *iu*, *óe*, *oi* (*õe*), *ou*, *ui*, ex.: « *amáe—esvai—saráu—lerêi—papéis—chapéo—camafêu—feríu—heróe—depôis—rebôe—Guardafui* ».
- Exceptuam-se dos acabados par *ei* as fôrmas em *eis* do plusquam perfeito do indicativo, do imperfeito do condicional e do imperfeito do subjunctivo de todos os verbos, ex.: « *amáveis—entendêreis—partíreis—vísseis* »; o plural dos substantivos em *avel*, ex.: « *sáveis* (afora *cascavéis* que segue a regra) »; o plural dos adjectivos era *avel* e em *il* breve, ex.: « *friáveis—fósseis* ».
- 4) por todos os diphthongos nasaes, ex.: « *Guimarães—capitão—perpõe* ».
- Dos que acabam por *ão* exeptuam-se *accórdam*, *bênçam*, *frángam*, *lódam*, *médam*, *orégam*, *órgam*, *pégam*, *órpham*, *rábam*, *sótam*, e *zángam*; as fôrmas verbaes em *ão* (afóra as do futuro que seguem a regra) ex.: « *ámam—entendêram—partiriam* ».

(*Am* é a fôrma graphica de *ão* breve.)

- 5) por *l*, *r*, *z*, ex.: *mainél—mulhér—rapáz* ».
- Exceptuam-se dos acabados
- a) por *l*—*Anníbal*, *Asdrúbal*, *Setúbal*, *Tentúgal*, *Túbal*, *arrátel* e *consul*; os substantivos acabados por *avel*, ex.: « *condestável* (afóra *Azavél* e *cascavél* que seguem a regra) » e por *evel* e *ivel*, ex.: « *casével—nível* »; os adjectivos terminados por *avel*, *evel*, *ivel*, *ovel*, *uvel*, ex.: *friável—indelével—terrível—móvel—solúvel* »; alguns adjectivos terminados por *il*, ex.: « *ágil—débil—dócil—fácil—fértil—fóssil—fútil—hábil—ignóbil—inconsútil—móbil—pênsil—portátíl—projéctíl—útil—verosímil* e seus compostos ». Os

(1) Veja-se a orthographia [67, 2].

mais adjectivos em *il* e também *revél* e *novél* seguem a regra.

- b) por *r*—*alcáçar*, *aljôfar*, *almíscar*, *ámbar*, *assúcar*, *cadáver*, *kharácter* (plural *kharactéres*), *cathéter*, *éter*, *júnior*, *Júpiter*, *mártyr*, *nácar*, *néctar*, *prócer*, *revólver*, *sênior*, *sóror*, *Tánger*, *Victor*.

Grammaticos ha (1) que contam Gibraltar entre estes exceptuados: enganam-se Gibraltar, corruptela do arabico « *Ghibal-tlah* (monte da entrada) », é vocabulo oxytono.

Caldas rimou-o com mar:

- « Jaz sepultada
« No fundo mar,
« Perto do estreito
« De Gibraltar (2) ».

Gibraltar é modo inglez de accentuar o vocabulo: a verdadeira pronuncia hespanhola, como se pode ver em Webster (3), é também Gibraltár.

38. São paroxytonos os vocabulos acabados

- 1) por *a*, *e*, *o*, ex.: « *mêsa—bálde—ládo* ».
- 2) pelos diphthongos *ea*, *eo*, *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *uo*, ex.: « *láctea—níveo—vária—série—vigário—mágua—árduo* »
- 3) por *x*, ex.: « *cálix* ».

Ea, *eo*, *io* são sempre diplithongos.

ia é diphthongo nos substantivos terminados

- 1) por *bia*, ex.: « *lábía—tíbia* ».
Destes exceptuam-se *hidrophobía*, *mancebía*.
- 2) por *cia*, ex.: « *enxárcia—philáucia* ».
Destes exceptuam-se *advocacia*, *aristocracia*, *bacia*, *delegacia*, *democracia*, *diplomacia*, *legacia*, *melancia*, *prophacia*, *supremacia*.
- 3) por *kia*, ex.: « *parokía* ».
- 4) por *pia*, ex.: « *cópia—prosápia* ».

(1) M. O. R. COSTA, *Grammatica Portugueza*: segunda edição, Rio de Janeiro, pag. 6.

(2) *Parnaso Lusitano*, Paris. MDCCCXXVII. pag. 149.

(3) *An American Dictionary of the English Language*, Springfield, Mass., 1869, pag. 1643.

Ia é também diphthongo

- 1) na terminação feminina dos adjectivos em *io*, ex.: « *vária—vicária* ».
- 2) na terminação de nomes próprios femininos, ex.: « *Zenóbia—Márcia—Canídia—Pelágia—Thessália—Mesopotâmia—Oceânia—Tartária—Ásia—Hypátia—Morávia—Eudóxia—Thomázia* ».

Destes exceptuam-se *Albergária, Alcobía, Alexandria, Almería, Anadía, Andaluzía, Antiokhía, Armía, Bahía, Berbería, Deidamía, Faria* (masculino e feminino), *Freiría, García* (masculino e feminino), *Hungría, Ephigenía, Iría, Landamía, Leiría, Lombardía, Luzía, Malvazía, María, Mendía, Nicomedía, Normandía, Picardía, Samaría, Seleucía, Sophía, Thalía, Trafarária, Turquía*.

Ia não é diphthongo, e fica o *i*, conseguintemente, debaixo do accento tonico

- 1) nas terminações verbaes, ex.: « *amaría—fazía* ».
- 2) na terminação de substantivos appellativos quando precedida por *kh, qu, d, f, ph, g,, l, m, n, r, s, t, v, x, z*, ex.: *monarkhía—franquía—abbadía—almofía philosophía—theología—revelía—anemia—manía—drogaría—poesía—quantía—aravía—coxía—azía* ».

Exceptuam-se dos terminados

- a) em *khía—aristolókhia*.
- b) em *dia—balbúrdia, comédia, concórdia, custódia, desídia, discórdia, encyclopédia, enxúndia, estúrdia, facúndia, inédia, insídia, iracúndia, misericórdia, orthopédia, paródia, perfídia, prosódia, rhapsódia, salabórdia, tragédia, túndia*.
- c) em *fia—bazófia, embófia, empáfia*.
- d) em *gia—estratégia—régia*.
- e) em *lia—algália, bromélia, camélia, contumélia, dhália, família, magnólia, tília, vigília*.
- f) em *mia—alkhímia, blasphémia, homonýmia, infâmia, lipothýmia, metonýmia, synonymia*.
- g) em *nia—amônia, agrimônia, begônia, cachimônia, khalcedônia, celidônia, cerimônia, colônia, colophônia, demônia, ignomínia, insânia, parcimônia, santimônia, sardônia, ténia, vénia, zizânia*.
- h) em *ria—albuminúria, alimária, araucária, ária, artéria, candelária, centúria, cúria, decúria, dysentéria, dysúria, escória, estrangúria, fragária, fúmbria, fumária, fúria, gíria, glória, história, incúria, injúria, iskhúria, lamúria, léria, lipýria, luminária, luxúria*,

matéria, memória, miséria, mollúria, palmatória, penúria, phylactérias, sória, vanglória, victória.

- i) em *sia*—*amásia, antonomásia, cásia, colocásia, geodésia, magnésia, paronomásia.*
- j) em *via*—*ignávia, lascívia, lixíria, protérvia.*
- k) em *zia*—*dúzia.*

Io é sempre diphthongo

- 1) na terminação dos substantivos, ex.: « *Januário—critério* ».
- 2) na terminação dos adjectivos. ex.: « *plenário—divisório* ».

Exceptuam-se

- a) dos substantivos—*adubío, alvedrío, amavíos, arripío, assobio, otavío, bafío, bailío, baixio, brío, bugío, cala-frío, chíó, cicío, cíó, Clío, corruptío, Khío, Darío* (em *Camões Dário*), *desafío, desfastío, desvarío, desvíó, estío, fastio, feitio, fio, frio, gentil, gío, Ýo, míó, mulherío, navio, passadio, pavio, pio, poderio, rapazio, rio, ripío, rocio, rodopio, safío, talha frío, tio, trincáfío, vadío*
- b) dos adjectivos—*afarío, algarvíó, arredío, baldío, bravío, corredío, doentío, erradío, escorregadío, esgío, lavradío, macío, novedío, píó, prestadío, regadío, sadío, sombrío, tardío, valadío, vazío.*

Io não é diphthongo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos em *iar*, ficando, conseguintemente, o *i* sob o accento tonico, ex.: « *pronuncío* ».

Em geral todo o concurso de vozes livres no meio de vocabulos fórma diphthongo, si uma dellas é *i* ou *u*.

Exceptuam-se

- a) *heroína, paraíso, ruína, ruído*, e todos os vocabulos em que *i* sofre modificação subsequente, ex.: « *Coímbra—ruím* ».
- b) *alahúde, atahúde, saúde* e todos os vocabulos em que *u* soffre modificação subsequente, ex.: « *Ataúlpho—paúl* ».

39. São vocabulos proparoxytonos em geral

- 1) as primeiras pessoas do plural do imperfeito e do plusquam perfeito do indicativo, do imperfeito do condicional e do imperfeito do subjunctivo, ex.: « *dávamos—entendêramos—partiríamos—víssemos* ».
- 2) todos os superlativos propios, ex.: « *brevíssimo—celebérrimo—facílmo—máximo—mínimo—óptimo—péssimo* ».

3) os adjectivos terminados pelas desinências latinas

<i>aco, a</i>	ex. <i>maniaco, a</i>	<i>loquo, a</i>	ex. <i>ventríloquo, a</i>
<i>aro, a</i>	» <i>sáfaro, a</i>	<i>nbo, a</i>	» <i>prónubo, a</i>
<i>cola</i>	» <i>agrícola</i>	<i>paro, a</i>	» <i>ovíparo, a</i>
<i>fero, a</i>	» <i>lucífero, a</i>	<i>pede</i>	» <i>bípede</i>
<i>fluo, a</i>	» <i>mellífero, a</i>	<i>peto, a</i>	» <i>centrípeto, a</i>
<i>frago, a</i>	» <i>saxífrago, a</i>	<i>sono, a</i>	» <i>altísono, a</i>
<i>fugo, a</i>	» <i>prófugo, a</i>	<i>ubo, a</i>	» <i>incubo, a</i>
<i>geno, a</i>	» <i>nubígeno, a</i>	<i>ulo, a</i>	» <i>crédulo, a</i>
<i>gero, a</i>	» <i>armígero, a</i>	<i>uplo, a</i>	» <i>sêxtuplo, a</i>
<i>ico, a</i>	» <i>económico, a</i>	<i>voló, a</i>	» <i>benévolo, a</i>
<i>ido, a</i>	» <i>esquálido, a</i>	<i>vomo, a</i>	» <i>ignívomo, a</i>
<i>imo, a</i>	» <i>décimo, a</i>	<i>voro, a</i>	» <i>carnívoro, a</i>

Exceptuam-se dos terminados

- por *aco, a*—*opáco, a*; *poláco, a*.
- por *ico, a*—*apríco, a*; *pudíco, a* e seu composto *impudíco, a*.
- por *ido, a*—os participios aoristos dos verbos da segunda e da terceira conjugação, ex.: « *entendido*—*rostído*.
- por *imo, a*—*cadímo, a*.

4) os substantivos terminados por

<i>ebra</i>	ex. <i>álgebra</i>	<i>ula</i>	ex. <i>espórtula</i>
<i>gena</i>	» <i>indígena</i>	<i>ulo</i>	» <i>cúmulo</i>
<i>olo</i>	» <i>vitriolo</i>		

Exceptuam-se dos terminados

- por *ebra*—*genébra*.
 - por *olo*—*carôlo, cebôlo, consôlo* e seu composto *desconsôlo, miôlo, rebôlo, tijôlo*.
 - por *ula*—*casula, cogúla, escapúla, medúlla, matúlla*.
 - por *ulo*—*Catúlo, casúlo, cogúlo, Yúlo, Lucúlo, miúlo, Tibúlo*.
- 5) os adjectivos terminados por *tono* ex.: « *monótono, oxýtano* ».

6) os substantivos terminados pelas desinencias gregas

<i>ada</i>	ex. <i>lusiada</i> ,	<i>phoro</i>	ex. <i>phósphoro</i>
<i>allaye</i>	» <i>enállage</i> ,	<i>phrase</i>	» <i>antíphrase</i> ,
<i>anthropo</i>	» <i>misánthropo</i> (1),	<i>phyto</i>	» <i>neóphyto</i> ,
<i>bole</i>	» <i>hypérbole</i> ,	<i>poda</i>	» <i>antípoda</i> ,
<i>dromo</i>	» <i>hippódromo</i> (2),	<i>polis</i>	» <i>pentápolis</i> ,
<i>gamo</i>	» <i>bígamo</i> ,	<i>ptero</i>	» <i>lepidóptero</i> ,
<i>grapho</i>	» <i>telégrapho</i>	<i>pylo</i>	» <i>eolipilo</i> ,
<i>gono</i>	» <i>polígono</i> ,	<i>scapho</i>	» <i>pyróscapho</i> ,
<i>logo</i>	» <i>prólogo</i> ,	<i>scopo</i>	» <i>horóscopo</i> ,
<i>meno</i>	» <i>energúmeno</i> ,	<i>sopho</i>	» <i>philósopho</i> ,
<i>metro</i>	» <i>termómetro</i> ,	<i>sporo</i>	» <i>Zoósporo</i> ,
<i>nomo</i>	» <i>astrónomo</i> ,	<i>stole</i>	» <i>diástole</i> ,
<i>onymo</i>	» <i>homónymo</i> ,	<i>stoma</i>	» <i>perístoma</i> ,
<i>phago</i>	» <i>lotóphago</i> ,	<i>strophe</i>	» <i>epístrophe</i> ,
<i>phalo</i>	» <i>bucéphalo</i> ,	<i>syllabo</i>	» <i>polysýllabo</i> ,
<i>phano</i>	» <i>diáphano</i>	<i>these</i>	» <i>antíthese</i> ,
<i>philo</i>	» <i>Theóphilo</i> ,	<i>tomo</i>	» <i>cistótomo</i> ,
<i>phobo</i>	» <i>photóphobo</i> ,	<i>typo</i>	» <i>arkhétipo</i> .
<i>phono</i>	» <i>teléfono</i>		

Ha muitos vocabulos que são proparoxytonos sem estarem incluidos nestas regras, ex.: *Relâmpago—êmbolo*. Só a pratica poderá servir de guia nestes casos.

40. Nos vocabulos polysyllabos, além do accento tonico, ha accentos secundarios: são as predominancias dos elementos componentes que ainda se fazem sentir, apesar de subordinadas á syllaba regente do composto. Facil é conhecel-as pela dissecção da palavra: *bárbaramênte* tem o accento secundário na primeira syllaba; *cortêzanía* o tem na segunda: em *vantajósissimo* recai elle sobre a terceira, exactamente como acontece com as primitivas *bárbara*, *cortêz*, *vantajôso*.

(1) Os adjectivos gregos *misánthrosos*, *philánthrosos*, etc., origem immediata dos nossos substantivos *misánthropo*, *philánthropo*, etc. têm o accento na antepenúltima syllaba.

(2) *Hippódromos* em grego é a « raia de carreiras »; *hippodrómos* é o « jockey ». Segue-se que o termo Portuguez *hippódromo*, que significa sómente « raia de carreiras », deve ser pronunciado *hippódromo*, e não *hippodrómo*.

E' um verdadeiro *schibboleth* (1) para o estrangeiro a collocação do accento secundario: note-se a differença entre *apparêntemênte*, pronuncia correctá, e *appárentemênte*, pronuncia viciada pela retrocessão do referido accento.

41. Os substantivos, adjectivos e participios de duas ou de mais syllabas, que na penultima têm a voz fechada **ô**, mudam essa voz para a aberta **ó** nas terminações femininas do singular, e nas de ambos os generos do plural, ex.:

ôvo, nôvo, pôsto,
ôva, nôva, pôsta,
óvos, nóvos, póstos,
óvas; nóvas; póstas.

42. Têm sempre a voz fechada **ô** na penultima syllaba

1) *abandôno, abôno, algôz, almôço, apôio, arrôcho, arrôio, balôfo, barrôco, bôbo, bôdo, bôjo, bôlbo, bôlo, bôlso, bôto, cachôrro, côbro, côco, colôno, côlo, côvo, côcho, côxo, desabôno, dôbro, dôno, embôno, encôsto, engôdo, endôssô, ensôssô, entôno, entrecôsto, enxacôco, esbôço, escôlho, espôso, estôfo, entôrno, farricôco, ferrôlho, fôfo, fôjo, fôrro (liberto), frôxo, gafanhôto, garôto, gôdo, gôgo, gôrdo, gôrro, gôsto, gôto, gôzo (cão), jôrro, lôbo, lôdo, lôgro, marôto, minhôto, môço, môio, môlho (adubo), mômo, môno, môrno, môrro, môsto, nôjo, patrôno, Peixôto, perdigôto, pilôto, pimpôlho, piôlho, pôlvo, pômbo, pômo, Pôrto (quando appellido de família), pôtro, rapôso, repôlho, rôdo, rôlho, rôlo, rôsto, rôto, rôxo, salôbro, sôlido (estipendio), sôco (murro), sôgro, sôlho, sômno, sôpro, sôrvo, Tinôco, tôdo, tôlo, tômo, tôno, tôpo (summidade), tôsco, trambôlho, thrôno, vólvo, vôo, zarôlho, zôrro, chamôrro, chôcho, chôro, e os derivados destes.*

Nem todos os mestres da lingua se acham de accordo sobre o som do *o* no plural destes nomes: a presente lista é em parte extrahida de obras que tratam do assumpto, e em parte organisada segundo o parecer de pessoas doudas consultadas pelo auctor.

(1) BIBLIA, *Juízes*. XII, 6.

- 2) os nomes femininos terminados
- a) em *ôlha*, ex.: « *fôlha—rôlha* ».
 - b) em *ôra* (designando pessoas), ex.: « *professôra—protectôra—senhôra* ».
Exceptua-se *nôra*.
 - c) em *ôrra*, ex.: « *gôrra—cachôrra—zôrra* ».
Exceptua-se *desfôrra*.
- 3) *alcôva, arrôba, bôlsa, carôcha, cebôla, côdea, côlcha, côstra, crôsta, escôva, fôrca, fôrça, fórma, lagôsta, môsca, ôstra, pôlpa, rôla, sôpa, sôrda, etc.*

43. Têm sempre a voz aberta *ó* na penultima syllaba—*apódo, Apóllo, bolinhóno, canóro, cochichólo, cóllo, cópo, cornozólo, demagógo, devóto, dólo, Dóto, emmenagógo, Eólo, fóco, flóco, hydrogógo, ignóto, Isidóro, lóro, mólho* (feixe), *módo, móto, nósso, nóto, pedagógo, pólo, póro, próto, protocóllo, pyrópo, remórso, remóto, rógo, sialogógo, sócco* (calçado), *sólo, sonóro, subsólo, Theodóro, tiracóllo, torcicóllo, tópo* (encontro), *tóro, trópo, vósso, vóto, chóque.*

Demagógo, emmenagógo, hydragógo, pedagógo, sialogógo, etc., são usualmente pronunciados *demagôgo, emmenagôgo, etc.*

44. Alteram-se os vocabulos por addição, por eliminação, por transposição e por absorpção de vozes ou de modificações.

Os modos de realizarem-se estas alterações chamam-se *figuras de metaplasmo*.

Ha tres figuras de addição, tres de eliminação, duas de transposição, uma de transformação e duas de absorpção.

Chama-se a addição de voz feita

- 1) ao principio de um vocabulo—*prothese*, ex.: « *acrêdor* » por « *crêdor* »;
- 2) ao meio—*epenthese*, ex.: « *Mavórte* » por « *Marte* »;
- 3) ao fim—*paragoge*, ex.: « *martyre* » por « *martyr* ».

Chama-se a eliminação de voz feita

- 1) ao principio de um vocabulo—*apherese*, ex.: « *liança* » por « *alliança* »;
- 2) ao meio—*syncope*, ex.: « *imigo* » por « *inimigo* »;
- 3) ao fim—*apocope*, ex.: « *marmor* » por « *marmore* ».

A transposição de uma voz ou de uma modificação chama-se *metathese*, ex.: « *vigairo—frol* » por « *vigario—flor* ».

O futuro do indicativo e o imperfeito do condicional dos verbos admittem entre o thema e a desinencia as fórmas complementares dos pronomes pessoaes, ex.: « *dir-te-ei—fal-o-ias—amar-nos-emas pôr-vos-ão* » em vez de « *direi-te—faria-te—amaremos-nos—porão-vos* ». Esta figura que é realmente uma variedade de *metathese* chama-se *tmese*.

A transformação de uma voz ou de uma modificação chama-se *antithese*, ex.: « *Sulla—amal-o* » por « *Sylla—amar-o* ».

A absorpção da voz livre pura que termina um vocabulo pela voz livre inicial do vocabulo seguinte chama-se *synalepha*, ex.: « *da, mo* » por *de-a, me-o* ».

A *synalepha* não se effectua quando está sob o accento tonico a voz livre terminal do primeiro vocabulo, nem tampouco na inserção por *tmese* de promones em verbos.

A pratica da *synalepha* é mais seguida em Portugal do que no Brazil: todavia ella é de rigor na leitura corrente, bem como a ligação dos vocabulos quando seus elementos o permittem, ex.:

« *Dom donzé onde questá el-rei? dizí Affonso Domingues ao pagem* » (ALEXANDRE HERCULANO)

lê-se:

« *Dom donzé londé questá el-rei? dizí Affonso Domingue zúo pagem* ».

A absorpção da voz livre nasal que termina um vocabulo pela voz livre inicial do vocabulo seguinte, chama-se *ekthlipse* ex.: « *co'as—c'os* », por « *com as—com os* ».

A *ekthlipse* só se emprega na poesia e na conversação familiar.

SECÇÃO TERCEIRA

ORTHOGRAPHIA

45. *Orthographia* é o tratado da representação symbolica dos sons articulados.

Não está ainda fixa a *orthographia* da lingua portugueza: prevalece comtudo nella o elemento etymologico.

Varias tentativas se têm feito para estabelecer em Portuguez a *orthographia* exclusivamente phonetica; todas têm abortado.

Ainda ultimamente subiu em Portugal a consideração da Academia Real das Sciencias o parecer de uma commissão que advogava e punha em pratica tal systema (1): nada produziu.

(1) *Representação á Academia Real das Ciências sobre a Refórma da Orthografía*, Lisbôa, 1878.

Orthographia phonetica em Portuguez é utopia: como muito bem disse o sr. Theophilo Braga (1), « os partidarios da orthographia phonetica representam modernamente na grammatica o papel dos que procuravam a linguagem natural ».

46. Os symbolos das modificações que no tubo vocal experimentam os sons laryngeos chamam-se *letras*.

Letra não é *signal*: a letra representa um só elemento de palavra; o signal representa uma palavra inteira. A expressão arithmetica « *dous mais quatro* » escreve-se com quatorze letras, ao passo que bastam-lhe tres signaes « *2+ 4* ».

Quando a palavra consta de um só elemento phonologico é possível represental-a por uma só letra, ex.: os artigos « *o, a* ».

Tanto letras como signaes comprehendem-se na denominação geral *kharactéres*.

47. Chama-se *alphabeto* o systema de letras usado para representar os elementos phonologicos de um idioma.

48. Constam em geral os alphabetos de *letras simples* e de *letras compostas*.

A letra é simples quando consiste em um só symbolo, ex.: « *a, t* »: é composta quando formada por um symbolo e por uma notação, ou por mais de um symbolo.

Uma reunião de symbolos só constitue letra composta quando toda ella representa um valor unico, ex.: « *phth* » que vale *t* simples: si cada symbolo conserva seu valôr proprio já a reunião não fórma letra composta, porém sim grupo de letras, ex.: « *cl—pr* ».

A letra composta tambem se chama *digramma*.

49. O alphabeto portuguez consta de 25 letras simples e de 77 compostas.

As simples são—*a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z*.

As compostas são—*á, ã, ah, am, an, bb, bd, bh, bt, cc, ç, cç, cd, ch, cqu, ct, dd, dh, gd, é, ê, eh, em, en, ff, gg, gh, gm, gn, gu, ha, he, hi, ho, hu, hy, í, ih, im, in, kh, kkh, lh, ll, mm, mn, ó, ô, õ, oh, om, on, pç, ph, phth, pp, ps, pt, qu, rh, rr, rrrh, sc, sch, sh, ss, th, tt, uh, um, un, ym, yu, w, zz*.

(1) *Grammatica Portugueza Elementar*, Porto, 1876, pag. 146.

50. Dividem-se as letras em vogaes e alterantes. São *vogaes* as que representam vozes livres, e *alterantes* as que symbolisam as modificações de constrictão e de explosão por que passam os sons laryngeos no tubo vocal.

As *vogaes simples* são seis—*a, e, i, o, u, y*.

As *alterantes simples* são dezenove—*b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, r, x, z*.

Inclue-se o *h* entre as letras por uniformidade de classificação: na maioria dos vocabulos portuguezes elle não passa de signal etymologico cuja utilidade é indicar a aspiração da palavra estrangeira raiz. Todavia em *bahia, cahir, etc.* serve para marcar a separação de vozes que sem seu auxilio poderiam ser tomadas como formando diphthongos.

51. *Accentos* são notações orthographicas com que se compõem letras para exprimir a natureza, a predominancia, a contracção, a suppressão de vozes livres.

52. Ha em Portuguez quatro *accentos*: o *agudo* (´), o *circumflexo* (^), *nasal* ou *til* (~), e o *suppressor ou apostropho* (').

Alguns lexicographos usam do *accento grave* (`), para marcar sons fechados (1): tal *accento*, extranho ao Portuguez, acha-se banido da uso geral (2).

53. O *accento agudo* colloca-se

- 1) sobre *a* inicial para indicar contracção de vozes semelhantes, ex.: « á » por « aa », « áquelle » por « a quelle ».

Escreve-se « *vestido á Luiz XI—Estylo á Camões* », porque em taes locuções ha ellipse da palavra « *moda* »: « *vestido á Luiz XV* » é ellipse de « *Vestido á moda de Luiz XV* ». Zola escreveu em Francez « *Habillé à la diable* » (3).

- 2) no corpo dos vocabulos sobre todas as vogaes excepto *y*: serve então para indicar a tonicidade da syllaba, ex.: « *dádiva—tétrico—maníaco—córrego—lárido* ».

(1) MORAES, *Dicionario de Lingua Portugueza*, 7ª edição, Lisbôa, 1877—1878.

(2) GARRETT, *Da Educação*, 2ª Edição, Porto, 1869, pag. 11—12.

(3) *Une Page d'Amour*, 37.^{me} edition, Paris, pag. 32.

3) sobre *a, e, o* na terminação dos vocabulos; serve em taes casos para indicar a tonicidade da syllaba, notando conjunctamente o abrimto da voz, ex.: « *alvará—café—mocotó* ».

54. O accento circunflexo colloca-se

1) sobre *e, o* no corpo e no fim dos vocabulos para indicar tonicidade da syllaba, notando conjunctamente o fechamento da voz, ex.: « *quêdo—côvo—mercê—axô* ».

2) sobre *e* para indicar contracção de vozes semelhantes, ex.: « *têm* » por « *teem* ».

55. O accento nasal ou til colloca-se

1) sobre *a* no fim dos vocabulos para indicar a tonicidade da syllaba, notando conjunctamente a nasalidade da voz, ex.: « *galã—manhã* ».

2) sobre a prepositiva dos diphthongos nasaes, ex.: « *mãe—ganhão—põe* ».

Seria erro escrever *aẽ, aõ, oẽ* com til na subjunctiva: a voz nasal destes diphthongos é a prepositiva, e sobre a letra que a representa é que deve cahir o signal de nasalidade.

Pela historia das fórmulas do Portuguez vê-se que o til é uma abreviação de *m* ou *n*: os antigos escreviam *têpo, pôte* por *tempo, ponte*.

56. O apostropho colloca-se no lugar de uma vogal suppressa, ex.: « *d'este—p'ra* » em vez de « *de este—para* ».

O uso do apostropho vai-se tornando cada vez mais raro na prosa. Escreve-se hoje *delle, do, lho*, etc., e não mais *d'elle, d'o, lh'o*. A differenciação necessaria entre certos vocabulos faz-se por meio do accento agudo: assim *dêsse, dêste*, fórmulas do verbo *dar*, levam accento que as distinga de *desse, deste*, contracções de *desse, de este*.

Escrever *n'um, n'uma*, etc., como geralmente se faz, é absurdo. Taes fórmulas são contracções de *em, um, em, uma*, etc.: a usar-se do apostropho ha de ser escrevendo-se *'num, 'numa* de modo que elle occupe o lugar da vogal *e* desaparecida.

Melhor é seguir o caminho mais curto, e escrever *no, num*.

57. A voz aguda á representa-se por á (accentuado) sómente quando é terminal de vocabulo, ex.: « *alvará—pachá* ». Nos mais casos usa-se de *a* (simples), ex.: « *chave—pato* ».

O accento que em *cáfila*, *sáfaro* e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores nada tem com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *ca*, *sa*, etc.

58. A voz aguda *é* representa-se por *é* (accentuado) sómente quando é terminal de vocabulo, ex.: « *café—maré* ». Nos mais casos usa-se de *e* (simples), ex.: « *meta—neto* ».

O accento de *pêgo* (abysmo) e o de *prégar* (declamar sermões) são usados para differençar esses vocabulos de *pego* (presente do *pegar*) e de *pregar* (cravar pregos).

O accento que em *lépido*, *tétrico* e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores nada tem com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *pe*, *te*, etc..

59. A voz fechada *ê* representa-se por *ê* (accentuado) sómente quando é terminal de vocabulo, ex.: « *mercê—você* ». Nos mais casos escreve-se com *e* (simples), ex.: « *medo—remo* ».

O accento de *pêgo* (participio irregular do verbo *pegar*) é usado para differenciar esse vocabulo dos dous outros acima referidos *pego* e *pêgo*.

60. A voz commum *i* representa-se

- 1) por *i* (simples) no corpo dos vocabulos em geral, e na terminação dos vocabulos oxytonos, ex.: « *ensino—javali* ».
- 2) Por *í* (accentuado) nas syllabas cuja tonicidade se quer indicar ex.: « *annunció—varío* » dos verbos « *annunciar—variar* ».

O fim do accento neste caso é o mesmo que o dos accentos de *a* e de *e*, já vistos; serve para differençar vocabulos.

- 3) por *e* na terminação de todos os vocabulos barytonos e na conjunção *e*, ex.: « *cidade—mosarabe—montes e valles* », que se lêem « *cidadi—mosarabi—montis i vallis* ».

A maioria dos Brasileiros assim pronuncia; em Portugal diz-se « *cidádê—mosárabê—montês ê vallês* » dando á voz terminal um som abafado, muito distincto de *i*.

- 4) por *y* nos vocabulos derivados de palavras gregas escriptas com *y*, e nas terminações dos nomes tupys, ex.: « *hypothese—typo—Jacarehy* ».

E' uso representar por *y* a voz commum *i* que occorre entre duas vozes livres: escreve-se, pois, « *Goyaz—Guyana* ».

Cumpre, todavia, notar que tal pratica só está em voga com nomes proprios: *caiar*, *goiabada*, etc., escrevem-se com *i*.

- 61.** A voz aguda *ó* representa-se por *ó* (accentuado) quando é terminal de vocabulo, ex.: « *enxó—filhó* ».

Nos mais caso usa-se de *o* (simples), ex.: « *capote—sola* ».

Os compostos de vocabulos oxytonos terminados em *ó* retêm o accento, ex.: « *avósinha—sómente* ».

O accento que em *estólido*, *sólido* e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores nada tem com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *tó*, *só*, etc.

- 62.** A voz fechada *ô* representa-se por *ô* (accentuado) sómente quando é terminal de vocabulo, ex.: « *axô—bisavô* ». Nos mais casos escreve-se com *o* (simples), ex.: « *povo—rodo* ».

- 63.** A voz commum *u* em vocabulos portuguezes representa-se sempre por *u* (simples), ex.: « *luva—tubo—tuto* ».

Em alguns vocabulos inglezes admittidos em Portuguez sem alteração de fôrma graphica a voz *u* representa-se por *u'*, ex.: « *whig—whist* ».

O accento que em *húmido*, *lúrido* e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores nada tem com a natureza da voz: indica apenas a tonicidade das syllabas *hú*, *lú*, etc..

- 64.** A voz nasal *an* representa-se

- 1) por *ã*—na terminação dos vocabulos oxytonos, ex.: « *galã—irmã* ».
- 2) por *am*—no corpo dos vocabulos antes de *b*, *m*, *p*, ex.: « *Ambos—gramma—rampa* ».
- 3) por *an*—em todos os outros casos, ex.: « *canja—iman* ».

- 65.** A voz nasal *en* representa-se

- 1) por *em*—na terminação dos vocabulos; no corpo delles antes de *b*, *m*, *p*; nos compostos de *além*, *aquem*, *bem*,

decem, sem: ex.: « *ordem—palafrem—emboço—
enmoldurar—temporão—alemtejano—aquemgangético—
bemdizer—decemviro—semsaborão* ».

- 2) por *en*—na terminação do vocabulo *joven*, e nos casos não compreendidos acima.

Escrevem-se também com *en*—*specimen, gluten, hymen, hyphen, lichen (likhen* melhor orthographia), *pollen* e outros vocabulos tomados do Latim sem mudança de fôrma: em taes casos, porém, a teminação *en* não é nasal.

66. A voz nasal *in* representa-se

- 1) por *im*—na terminação dos vocabulos, e no corpo delles vindo antes de *b, m, p* ex.: « *assim—imbuir—immediato—impedir* ».
- 2) por *in*—em todos os casos não compreendidos acima, ex.: « *lindo—pinto* ».
- 3) por *ym*—no corpo de vocabulos derivados do Grego, antes de *b, m, p*, ex.: « *Symmakho—tympano* ».
- 4) por *yn*—no corpo de vocabulos derivados do Grego em todos os outros casos, ex.: « *synodo—syntaxe* ».

67. A voz nasal *on* representa-se

- 1) por *om*—no final dos vocabulos, e no corpo delles vindo antes de *b, m, p*, ex.: « *semitom—bomba—gomma—romper* », e também em « *commigo—comtigo—comsigo—comnosco—comvosco* », e em outros compostos de *com*, ex.: « *comtanto, comtudo* ».
- 2) por *on*—na terminação dos vocabulos *canon, colon*, nos derivados destes e nos casos não compreendidos acima, ex.: « *redondo—tonto* ».

68. A voz nasal *un* representa-se

- 1) por *um*—na terminação dos vocabulos; no corpo delles, vindo antes de *b, m, p*; nos compostos de *circum, duum, trium*: ex.: « *atum—chumbar—summulista—cumprir—circumstancia—duumviro—triumviro* ».
- 2) por *un*—nos casos não compreendidos na regra acima, ex.: « *fundar—mundano* ».

69. O plural dos nomes terminados por *an, em, en* (nasal), *im, om, um* escreve-se sempre com *n* ex.: « *orphans—ordens—palafrens—jovens—patins—sons—jejuns* ».

70. A modificação vocal *be* representa-se

- 1) por *b*—na maioria dos casos, ex.: « *ambos—siba* ».

Ha como já ficou dito (16—21) diferença entre *modificação vocal* e *voz modificada*: modificação vocal é simplesmente a forma que imprime ao som laryngeal tal ou tal jogo das partes moveis da bocca; voz modificada é o som laryngeal já revestido dessa forma. Assim, *b* é uma modificação vocal, *be*, uma voz modificada.

A vogal *e* que na exposição de cada uma destas regras sobre orthographia acompanha as alterantes (*be*, *ke*, etc.) é posta para obviar a impossibilidade de proferir modificação sem som.

- 2) por *bb*—em *abbade*, *abbreviar*, *gibba*, *rabbi*, *sabbado*, e nos derivados destes.
- 3) por *bh*—em *abhorrecer*, e em seus derivados, bem como na transcrição de certas palavras sanskritas, ex.: « *bhavam* ».

71. A modificação vocal *ke* representa-se

- 1) por *c*—antes de *a*, *o*, *u*, ex.: « *cabo—copa—cuba* ».
- 2) por *cc*—em *acclamar*, *acclimar*, *acclive*, *accommodar*, *accorrer*, *accrescentar*, *accrescer*, *accubito*, *accumular*, *accurado*, *accusar*, *bocca*, *ecclesiastico*, *ocasião*, *occaso*, *ocorrer*, *occultar*, *occupar*, *peccar*, *seccar*, *socco*, *socorrer*, *succo*, *succumbir* e nos derivados destes.
- 3) por *cqu*—em *acquição*, *acquirir*, *acquiencia*, *acquiencia*.
- 4) por *k*—em *kabyla*, *kadosh*, *kakatus*, *kaleidoscopo*, *kali*, *kan*, *kandjar*, *kanguru*, *kaolin*, *karaita*, *karakusa*, *karmatico*, *kava*, *kenosoico*, *kepi*, *keratite*, *kerano*, *kermes*, *kermesse*, *keroda*, *kino*, *kiosque*, *kirsch*, *klopemania*, *knut*, *kremlin*, *kufico*, *kyllopodia*, *kymrico*, *kyrie-eleison*, *kyriologia*, *kyrios*, *kistos*, *parokia*, nos derivados destes e em varios outros vocabulos, oriundos das linguas estrangeiras mórmente da grega em que esta modificação é representada por *k*.
- 5) por *kh*—nos derivados de raizes gregas escriptas por *kh*, e em algumas palavras oriundas de linguas orientaes; « *anakhronismo—arkhetypo—Akhmet—Khorassan* ».

Os derivados de palavras gregas escriptas com *kh*, orthographam-se usualmente com *ch*, ex.: « *anachronismo—*

archetypo »; mas insta aceitar a refórma acima, já proposta por Grivet (1) e por varios outros grammaticos. Os latinos querendo trasladar para o seu idioma o *kh*, que é *k* aspirado, com muito acerto pospuzeram ao *c*, que no seu alphabeto equivalia sempre a *k*, o *h*, signal de aspiração: representar, porém, *kh* por *ch* portuguez, que symbolysa uma modificação vernacula especialissima, é dislate etymologico que só serve para dificultar o tirocicio da lingua.

Com effeito, quem será capaz de saber a pronuncia exacta dos vocabulos « *archeiro*, *archonte* » só por vel-os escriptos? Não é a confusão originada de tal uso de letras improprias um estorvo sério ao conhecimento perfeito da lingua franceza? Os vocabulos *chirurgien* e *chiromancie*, por exemplo, derivam-se ambos da mesma raiz *kheir* e todavia um pronuncia-se *xirurgien* e o outro *kiromancie!*

- 6) por *kkh*—nos derivados de raizes gregas escriptas por *kkh* ex.: « *Bakkho* — *ekkhymose* ».

O douto sr. Antonio Ennes em sua monumental tradução da Historia Universal de Cezar Cantu (2) já adoptou para os nomes proprios estas refórmas orthographicas [5] 6]. Oxalá o tivera feito em todos os casos em que é ella exigida pela etymologia.

A vardadeira orthographia dos termos de metrologia « *kilo*, *kilometro*, etc. », é « *khilo*, *khilometro*, etc. »: a raiz grega de taes vocabulos é *khilo*.

- 7) por *q* — antes de *u* nos vocabulos em que *u* representa voz.

U representa voz

- a) antes de *a*, *o*, *u*, ex.: « *quadro* (afóra *quaderno*, *quatorze* que se lêem *caderno*, *catorze*), *quociente* — *equuleo* ».
- b) nos vocabulos *adquirir*, *antiquissimo*, *delinquir*, *deliquescencia*, *deliquio*, *eloquencia*, *exequente*, *exequivel*, *frequencia*, *inquerito*, *liquido*, *obliquidade*, *questão*, *questor*, *quiproquo*, *Quirites*, *sequela*, *sequencia*, *sequestra*, *tranquilidade*, *ubiquidade*, e nos derivados

(1) *Grammatica Analítica da Língua Portuguesa*: Rio de Janeiro, 1865, pág 226.

(2) *Historia Universal* por Cezar Cantu, reformada e ampliada por Antonio Ennes, Lisboa, 1879.

destes, bem como nos derivados das raízes latinas « *æquus, equus, quinque, sequor* », ex.: « *equação—equino—quinqüifolho—sequencia, etc.* ».

« *Cuestão* » pronunciam alguns, « *kestão* » dizem outros: a sétima edição do Dicionário de Moraes segue o primeiro modo.

8) por *qu*—antes de *e* e de *i*, ex.: « *quero—quilha* ».

O *u* neste caso não representa voz, e mero signal orthographico; as excepções já ficaram notadas na regra antecedente.

Em vocabulos berberes escreve-se *q* (simples) antes de qualquer vogal, ex.: « *Barqah, Qoceyr* ».

72. A modificação vocal *de* representa-se

- 1) por *bd*—em *subdito*.
- 2) por *cd*—em alguns vocabulos derivados do Grego, ex.: « *anecdota* ».
- 3) por *d*—na maioria dos casos ex.: « *dar—Dido* ».
- 4) por *dd*—em *addensar, addição, adicionar, addido, addir, additar, adducção, adduzir, reddito*.
- 5) por *dh*—em *adhesão, adherir, adhortar, dhalia*, nos derivados destes e na transcripção de algumas palavras sanskrita ex.: « *dhuli* ».
- 6) por *gd*—em *Emygdio, Magdala, Magdalena, etc.*

73. A modificação vocal *fe* representa-se

- 1) por *f*
 - a) nos vocabulos primitivos simples, ex.: « *afan—Africa* ».
 - b) nos derivados destes, ex.: « *afanoso—africano* ».
 - c) nos derivados puramente portuguezes, ex.: « *afocinhar—afofar* ».
 - d) nos compostos com os prefixos *de, pre, pro, re*, ex.: « *defender—preferir—professor—refutar* ».
- 2) por *ff*—nos compostos latinos começados por *a, di, e, o, su*, que passaram para o Portuguez quasi sem alteração, ex.: « *affecto—differir—efficiente—offender—suffragio* ».
- 3) por *ph*—nos derivados da lingua grega, ex.: « *aphrodito—photographo* ».

74. A modificação vocal *ghe* representa-se

- 1) por *g*—antes de *a, o, u*, ex.: « *gato—gota—gula* ».
- 2) por *gg*—nos compostos latinos começados por *a* e *su* que passaram para o Portuguez quasi sem mudança de fôrma, ex.: « *aggravar—suggesto* ».
- 3) por *gh*—em muitos vocabulos estrangeiros, principalmente arabes, ex.: « *Almhogreb—Gharb—Ghes*, etc. ».
- 4) por *gu*—antes de *e* e *i*, ex.: « *guerra—guita* ».

Antes de *e* e de *i* a letra *u* é simples signal orthographico, e só serve para mostrar que *g* representa a modificação explosiva *gh* e não a constricta *j*. Todavia antes de *e* e de *i* conserva a letra *u* sem valor proprio em *ambiguidade, antiguidade, aguentar, arguir, contiguidade, guela, languides, linguistica, unguento*.

75. Como já ficou dito o *h* em Portuguez a nenhuma modificação de voz *correspondente*; verdadeiramente não é letra: é antes uma notação etymologica e orthographica. Como notação etymologica recorda a aspiração das raizes latinas, gregas e de outras linguas; como notação orthographica entra na formação das letras compostas *ah, bh, ch, dh, eh, gh, ha, he, hi, ho, hu, hy, ih, kh, lh, nh, oh, ph, phth, rh, rrh, sch, sh, th, uh*.

Deve-se pois escrever com *h*

- 1) as interjeições *ah, ho*.
- 2) as palavras em que o uso o admite para marcar a não existencia de diphthongo, ex.: « *alahude—atahude* ».

Muitos marcam esta não existencia de diphthongo por accento agudo, escrevendo *alaúde—saúde*: Garrett propõe para o mesmo fim a diereze (••) (1).

- 3) os vocabulos que o têm de origem, ex.: « *haver—hedimetro—hippodromo—hora—humildade—hyperbole—uhlano*, etc. ».

Sobre escreverem-se com ou sem *h* as terminações do futuro do indicativo e do imperfeito do condicional dos

(1) *Obra citada*. pag. 10—12.

verbos, quando por *tmese* inserem-se-lhes pronomes complementares, cabe trascrever aqui o arrazoado luminoso com que o dr. Lucindo Filho solveu todas as duvidas (1):

« Em todos os ramos dos conhecimentos humanos ha
« cousas que passam por julgadas, sendo por quasi todos
« admittidas, e que, entretanto, não tem razão de ser, e
« nem resistem á menor analyse.

« As regras da prosodia e da orthographia da lingua
« portugueza ainda não estão firmadas em bases bem
« solidas, mas apesar disso ha certas fórmãs de escrever
« que não devem ser adoptadas, pois não tem explicação
« alguma racional. Entre estas está aquella por que em
« geral costuma-se a escrever o futuro e o condicional
« simples, quando com elles se usa uma especie de *tmese*,
« como *far-te-ei*, *amarte-te-ia*. Em geral vemos escriptos
« esses tempos do seguinte modo: *far-te-hei*, *amar-te-hia*.

« Donde vem esse *h*?

« Dizem alguns ou quasi todos que *amar-te-hei* está « em
logar de *hei de te amar*, e que emprega-se a figura « *anastrophe*,
isto é, que põe-se depois a palavra que deve « estar antes.

« Admittamos por momentos.

« E como hão de explicar o *h* de *amar-te-hia*?

« Dizem os defensores dessa forma que *hia* é
« contracção de *havia*.

« Admittamos ainda.

« Como explicarão as fórmãs *far-te-hei*, *dir-te-hia*?

« A força da sua logica os obrigará tambem a sustentar
« que *far* e *dir* são contracções de *dizer* e *fazer*, e na
« realidade é a doutrina de Lobato, Moraes, Constancio e
« de quanta grammatica e dictionario ha por ahi.

« Em nossa opinião não ha necessidade de tanta figura:
« a fórmula é simplicissima, e somente com uma *tmese*
« explica-se perfeitamente o ponto controverso. Com
« effeito, em logar de dizer-se *amarei-te*, *me faria*, separa-
« se a radical da teminação, interpondo-se o pronome, e
« assim temos *amar-te-ei*, *far-me-ia*. Realmente em *far*-
« *me-ia* ha contracção de *fazer* em *far*, mas não é porque
« ahi se devesse dizer *havia-de-fazer*, mas sim porque nos
« verbos *dizer*, *fazer* e *trazer* ha contracção ou crase da
« radical no futuro simples e no condicional—*faria*, *direi*—
« por—*fazeria*, *dizerei*—considerando o infinito impessoal
« como radical desses tempos para mais facilidade.

(1) *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 16 Janeiro de 1877.

« Não sabemos desde quando foi introduzido esse *h*.
 « Duarte Nunes de Leão, escriptor do XVI seculo, no seu
 « livro sobre a *Origem & Orthographia da Lingua*
 « *Portugueza* não o emprega. Possuimos a edição de
 « 1864, mas é ella conforme á orthographia do auctor.

« Citaremos os seguintes exemplos. « *Socrates rogado*
 « *de hum Atheniense, que lhe quisesse veer hum filho*
 « *moço, & examinar o para que era, mandou ao*
 « *mancebo que fallasse, dizendo: Falla & veerte-ei:*
 « *dando a entender, que as freestas, por onde o interior*
 « *do homem se vee, são as palavras* (Pag. 97.) ».

« *E se se houver de cortar pela segunda syllaba, & a*
 « *adição for composta de preposição, ou particula outra de*
 « *duas syllabas, cortar-se-ão da mesma maneira saindo a*
 « *preposição com as suas duas syllabas inteiras* (Pag. 155.) ».

« O padre Antonio Vieira, João de Lucena, Bernardes
 « e alguns outros classicos, que tivemos occasião de
 « consultar a esse respeito, empregaram o *h*.

« Moraes e Silva ora o emprega, ora não. Na primeira
 « edição do seu *Diccionario da Lingua Portugueza* (1813)
 « escreve elle: « *Se lhes perguntares o que é isto, dir-te-hão,*
 « *que em Latim, etc.* (Tom. 1.º, pag. 1) ».

« TMESE, *s. f. figura que consiste em dividir uma*
 « *palavra composta, mettendo outra ou outras em meio; « v.*
 « *g. e vir-se-lhe-á a fazer trabalhoso* » (Tom. 2.º pag. 229).

« O desembargador Falcão na edição que fez do
 « mesmo *Diccionario* teve a infeliz idéa de corrigir este
 « *vir-se-lhe-á, e escrever vir-se-lhe-ha.*

« Entre os contemporaneos, um dos melhores
 « stylistas « da lingua portugueza, o sr. Latino Coelho,
 « não admitte « o *h* no condicional, mas sim no futuro
 « imperfeito « simples; assim escreve elle:

« *Dir-se-ia que pelos olhos lhe sahia sangue* (*Elogios*
 « *Academicos, Humboldt, 1876, pag. 221*) ».

« *Custar-me-ia o perder a esperança, de saudar as*
 « *margens do Ganges* (Ibid. pag. 267.) »

« *Perguntar-me-heis* (*escrevia Humboldt...*) *porque*
 « *razão, etc.* (Ibid. pag. 441) ».

« Já é um passo dado pelo distincto escriptor para a
 « proscricção do *h* tão desastradamente empregado, mas
 « porque não proscrevel-o tambem no futuro simples?

« Quasi todos os grammaticos e lexicographos
 « portuguezes que conhecemos, quando tratam da figura
 « *tmese*, a definem como Moraes, cujas palavras ha pouco
 « citámos, e dão como exemplo a fórma de que estamos

« tratando. Ora, si a *tmese* consiste na separação de uma
 « palavra em duas, pondo-se outra de permeio, em *amar-*
 « te-ei esta claro que a palavra *amarei* esta dividida em
 « duas por intermedio do pronome *te*. Como, pois, esses
 « mesmos auctores dizem que nesse modo de dizer ha
 « *anastrophe*? O *contrasenso* é visivel.

« Aproveitamos a ocasião para fazer uma observação a
 « respeito da definição que quasi todos apresentam da
 « figura *tmese*.

« Dizem que consiste ella na divisão de uma palavra
 « composta em duas, e, apezar de a definirem assim, dão
 « o exemplo de uma palavra simples.

« Mais bem avisado andou Rodrigues Dantas quando
 « a definiu figura pela qual na oração uma palavra se
 « divide em duas, mettendo-se outra de permeio; pois não
 « tern sido empregada somente nas palavras compostas,
 « mas tambem nas simples. Os poetas latinos usaram e até
 « abusaram do seu emprego nestas ultimas, por exemplo

« *Et saxo CERE comminuit BRUM* (ENNIUS). »

« *Sultum est MEDI spernere CINAM* (SEMPRONIUS GRACCHUS). »

« *Languidior porro disjectis DIS que SIPATIS* (LUCRETIUS). »

« Seja dito de passagem que o uso demasiado da *tmese*
 « nas palavras simples chegou a tal ponto, que Santo
 « Eugenio parodiou esse abuso em uma serie de versos
 « que comejam deste modo:

« *O Jo versiculos nexos quia despicias* HANNES,

« *Accipe DI solers si nosti jungere* VISOS, etc. »

« e que Larrousse cita por extenso no seu *Grande*
 « *Diccionario Universal*.

« Resumindo tudo o que acabámos de expôr, dizemos
 « que não ha necessidade de appellar para as quatro
 « figuras reunidas—*ellipse*, *anastrophe*, *crase* e *tmese*,
 « como querem, por exemplo em *dir-te-hia*: *ellipse*,
 « porque supprime-se a preposição *de*; *crase*, porque
 « contrai-se *havia* em *hia*; *anastrophe*, porque colloca-se
 « depois a palavra *hia* que devia estar antes; e *tmese*,
 « porque divide-se a palavra em duas (já vimos que é um
 « absurdo a combinação destas duas ultimas).

« Com uma simples *tmese* explica-se perfeitamente
 « esta fórma.

« Vê-se claramente que os auctores dos livros
 « didacticos não reflectiram sobre esta questão, e foram

« levemente repetindo e copiando o que outros mais
 « antigos disseram e escreveram, e desta arte consagrou-
 « se um modo de escrever que deve ser abandonado,
 « porque é contrario a todas as regras orthographicas, e,
 « repetimos, não tem explicação alguma racional.

« Em um artigo anterior já dissemos que os classicos
 « não devem ser imitados em tudo, pois, si muito
 « acertaram, tambem muito erraram.

« Reflectamos primeiro sobre as regras que porventura
 « nos sejam impostas, e si por acaso forem consentaneas á
 « razão e ao bom senso, então as adoptemos. Já vai muito
 « longe esse tempo em que *magister dixit* era a regra
 « invariavel; hoje que a lei do progresso é a lei universal, o
 « espirito humano, que não tem peias, só deve « admitir
 « aquillo que lhe provarem ser justo, logico e claro. ».

76. A modificação vocal *je* representa-se

- 1) por *g*—antes de *e, i, y*, ex.: « *gelo—gibba—gyro* ».

Dos vocabulos que começam por *ge* exceptuam-se
Jebus, jecorario, jectigação, jecuiva, Jehovah, jeitar,
jejum, jejuno, jellala, jencionaes, Jenissey, jenipapo,
jenolim, jequiry, Jequitinhonha, jerataca, jerepemonga,
jererê, Jeremias, Jericó, jerimum, jerivá, Jersey,
Jerumirim, Jerusalem, Jesus, jetahy, macujê e os
 derivados destes, ex.: « *jesuita—jehovista—jetahy-peva,*
 etc. ».

- 2) por *j*

a) antes de *a, o, u*, ex.: « *jaca—jota—juba* ».

b) na terminação da terceira pessoa do aoristo do
 indicativo, e nas de todas do presente do subjunctivo
 dos verbos em, ex.: de « *festejar* » « *festejei—festeje—*
festejes—festeje—festejemos—festejeis—festejem ».

c) nos derivados do verbo latino *jacio*, ex.: « *adjectivo—*
conjectura—objecto—projectil—sujeito ».

São estas as regras possiveis sobre o emprego de *g*
 e *j* para representar a modificação *je*; e é o que basta.
 A excepção que pretendiam estabelecer alguns
 grammaticos, mandando escrever *laranjeira, anjinho*,
 sobre especiosa, é pouco seguida.

77. A modificação vocal *le* representa-se1) por *l*

a) nos vocabulos começados pelo prefixo portuguez *a*, ex.: « *alegrar—alugar* ».

b) nos vocabulos começados por *e*, ex.: « *elaterio—elucidario* ».

Exceptuam-se destes, *ella, ellas, elle, elles, ellipse* e seus derivados, *ello* (variação antiquada de *elle*).

c) nos vocabulos começados por *o*, ex.: « *olaia—oleo* ».

Exceptuam-se destes *olla, ollaria, olleiro*.

2) por *ll*

a) nos compostos de vocabulos começados por *l* com os prefixos *al, col, il* derivados dos latinos *ad, con, in*, ex.: « *alludir—colligir—illegitimo* ».

b) nos compostos de *mel* e de *mil*, ex.: « *mellifluo—millenio* ».

c) nas syllabas *bel, cel, del, gil, gril, mil, nel, pel, pil, tel, til, vel, zel*, quando sobre ellas recahir o accento tonico, seguindo-se-lhes uma vogal, ex.: *barbella—cancella—cadella—pugillo—grillo—mamillo—panella—pelle—pupillo—martello—scintilla—novella—donzella*.

Ha muitas excepções a esta regra: só um bom dicionario póde ser guia segura para todos os casos.

78. A modificação vocal *me* representa-se

1) por *m*—na pluralidade dos casos, ex.: « *Allemanha—amar* ».

2) por *gm*—em *apophtegma, augmento*, e nos derivados deste.

3) por *mm*

a) em muitos vocabulos derivados do Latim e do Grego, ex.: « *gemma—grammatica* ».

b) nos compostos de vocabulos começados por *m* com os prefixos *com, em, im* (alterações de *con, in*), ex.: « *commover—emmadeirar—immortal* ».

79. A modificação vocal *ne* representa-se

1) por *n*—na pluralidade dos casos, ex.: « *cano—tenaz* ».

- 2) por *gn*—em *assignar*—*malignar*—*signal*, nos derivados destes, e em *Ignez*—*Ignacio* etc..
- 3) por *mn*—em alguns vocabulos tomados do Latim, e nos derivados desses vocabulos, ex.: « *alumno*—*columna*—*damno*—*solemne*, etc. ».
- 4) por *nn*—nos compostos de vocabulos começados por *n* com os prefixos *an*, *en*, *in* (alterações de *ad*, *in*), ex.: « *annunciar*—*ennobrecer*—*innocente* ».

80. A modificação vocal *pe* representa-se

- 1) por *p*—na pluralidade dos vocabulos, ex.: « *apagar*—*eponymo* ».
- 2) por *pp*
 - a) nos compostos de vocabulos começados por *p* com os prefixos *ap*, *op*, *sup* (alterações de *ad*, *ob*, *sub*), ex.: « *applaudir*—*oppugnar*—*supprimir* ».
 - b) em *Aggripa*, *Agrippina*, *cippo*, *Joppe*, *Oppia*, *Poppa*, e nos vocabulos derivados do nome grego *hippos* (cavallo) ex.: « *hippodromo*—*hippico*—*Hippolyto*—*Philippe* ».

81. A modificação vocal *re* - (*r* brando como em *caro*) representa-se sempre por *r* ex.: « *furo*—*saracura*—*tóro* ».

Depois de *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *p*, *ph*, *t*, *v*, a letra *r* serve para representar o elemento brando das modificações compostas *br*, *cr*, etc., ex.: « *brodio*—*cravo*—*draga*—*frota*—*grato*—*primo*—*phrenetico*—*trama*—*livro* ».

82. A modificação vocal *rre* (*r* forte como em *roda*, *Conrado*) representa-se

- 1) por *r*
 - a) no principio dos vocabulos nasaes, ex.: « *roca*—*rumo* ».
 - b) depois de *l*, *m*, *n*, *s*; ex.: « *chilrar*—*Amrão*—*Conrado*—*Israel* ».
 - c) nos vocabulos compostos com os prefixos *a*, *de*, *pre*, *pro*, ex.: « *araigar*—*derogar*—*prerogativa*—*proromper* ».

Nos vocabulos compostos com o prefixo *a* vai prevalecendo o uso de *rr*, e muitos escrevem *arraigar*.

- 2) por *rh*—no principio de vocabulos derivados do Grego, ex.: « *rhetorica—rhombo* ».
- 3) por *rr*—entre vogaes no corpo de vocabulos, ex.: « *carro—murro* ».
- 4) por *rrh*—entre vogaes nos vocabulos derivados do Grego, ex.: « *arrhas—catarrho* ».

83. § 1.º A modificação *se* no principio dos vocabulos representa-se

- 1) por *c*—antes de *e* e de *i* nos derivados e compostos de *centum*, *circum*, *cis*, ex.: « *centena—centumviro—circo—circumstancia—cisalpina—cisgangetico* », e em muitissimos outros vocabulos.
- 2) por *s*.
 - a) sempre antes de *a*, *o*, *u*, ex.: « *sapo, sola, sumo* ».
 - b) antes de *e* e de *i* na maioria dos vocabulos da lingua, ex.: « *seda—siba* ».

§ 2.º A modificação vocal *se* no corpo dos vocabulos representa-se

- 1) por *c*
 - a) antes de *i* nos substantivos derivados de adjectivos verbaes, ex.: « *constancia—confidencia* » de « *constante—confidente* ».
 - b) nas diversas terminações dos tempos dos verbos, ex.: « *conhecer—rociar—empeciamos* ».
Exceptua-se *ser*.
 - c) nos derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *ci* ou *ti*, ex.: « *officio—vicio* » de « *officium—vitium* ».
- 2) por *cc*
 - a) antes de *e* e de *i* nos compostos de vocabulos começados por *c* com o prefixo *ac* (alteração de *ad*), ex.: « *acelerar—accidente* ».
 - b) antes *i* nos derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *cti*, ex.: « *fraccionar* » de « *fractio* ».
- 3) por *ç*
 - a) antes de *a* e de *o* em muitos verbos tanto da primeira como da terceira conjugação, ex.: « *roçava—roço—reconheça—reconheço* ».

- b) antes de *a, o, u*, em *açacalar, agafata, açafate, açafirão, açafirão, açamo, açodar, açofeifa, açor, açorar, açorda, açotéa, açougue, açoute, açude, açular*, etc..
- c) antes das terminações *ão, ões* em derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *ti*, ex.: « *locução—locuções—turbação—turbações* » de « *locutione—turbatione* ».
- d) na terminação de muitos substantivos depois de *a, an, ar, e, en, er, i, in*, ex.: « *cabaça—melaço—pujança—engrimanço—garça—cadarço—peça—codeço—licença—lenço—terça—berço—linguiça—chouriço—pinça—painço*, etc..
- 4) por *cç*—antes das terminações *ão, ões*, em derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *cti*, ex.: « *acção—acções—satisfacção—satisfacções* » de « *actione—satisfactione* ».
- 5) por *pç*—antes das terminações *ão, ões*, em derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba e *pti*, ex.: « *descripção—descripções—subscripção—subscripções* » de « *descriptione—subscriptione* ».
- 6) por *ps*—em *psalmo* e em seus derivados, ex.: « *psalterio—psalmodia*, etc. ».
- 7) por *s*—nos compostos de vocabulos começados por *s*, com os prefixos *a, de, pre, pro, sobre*, ex.: *asellar—deservir—presentir—proseguir—sobresair* ».

Nos compostos com os prefixos *a* e *de* vai prevalecendo o uso de *ss*: muitos escrevem *assellar, desservir*.

- 8) por *sc*—em derivados de vocabulos latinos em que figura a modificação *sc*, ex.: « *condescender—rescindir—sciencia—scintillar* ».
- 9) por *ss*—entre vogaes
- a) na terminação do imperfeito do subjunctivo de todos os verbos, ex.: « *amasse—entendesse—partisse—compuzesse* ».
- b) na terminação dos superlativos proprios, ex.: « *justissimo—pessimo—riquissimo* ».
- c) na terminação dos substantivos verbaes, ex.: « *confessor—professor* ».

10) por *x*—em *anxiedade, apoplexia, auxilio, defluxo, maximo, proximo, syntaxe* e nos derivados destes.

§ 3.º A modificação vocal *se* no fim dos vocabulos representa-se

1) por *s*—na pluralidade dos casos, ex.: « *alas—altares—narizes—Paris—vozes—urras—zurzis* ».

2) por *x*—em varios vocabulos tomados do Latim sem alteração ou com pequena alteração de fórmula graphica, ex.: « *appendix—calix—duplex—Felix—index—phenix* etc. ».

3) por *z*

a) nas terminações *az, ez, iz, oz, uz* do singular dos vocabulos, ex.: « *matraz—revez—naris—cadoz—luz* ».

b) nas terminações *az, ez, iz, oz, uz*, dos tempos dos verbos *dizer, fazer, querer, trazer, conduzir, deduzir, induzir, produzir, reduzir, seduzir, pôr*, e nos derivados destes (á excepção de *requerer*) ex.: « *faz—fez—diz—quiz—poz—puz—compuz—reduz*, etc. »

84. A modificação vocal *te* representa-se

1) por *bt*—em *subtil* e em seus derivados, ex.: « *subtilizar* ».

2) por *ct*—nos derivados de vocabulos latinos e gregos em que se encontra essa modificação, ex.: « *conjectura—dactylo* ».

3) por *phth*—em varios vocabulos derivados do Grego, ex.: « *apophthegma—diphthongo* ».

4) por *pt*—nos derivados de vocabulos latinos e gregos em que se encontra essa modificação, ex.: *proscripto—symptoma* ».

5) por *t*—na maioria dos vocabulos, ex.: « *cantar—propheta* ».

6) por *th*—nos derivados de vocabulos gregos em que se encontra a modificação θ , ex.: « *Athenas—theosopho—thia—thio* (1) ».

« *Th*—lettra composta, representante do θ do alphabetho « Grego, como em *methodo, thema, theoria, teatro*, « (vocabulos originarios)

(1) Do Grego **Theios, Theía**. E' curioso que o Hespanhol, o Italiano, o Portuguez e o dialecto da Picardia tenham tomado este termo do Grego, deixando de parte os vocabulos latinos *avunculus* e *amita* dos quaes os francezes derivaram os seus *oncle* e *tante*. *Tia, Tio* (Hesp.), *Zia, Zio*, (Ital.) *Thia, Thio*, (Port.), *Thie, Théion* (dialecto picardo).

« Havia antigamente abuso no emprego desta letra, « escrevendo-se com ella palavras em que nem a etymologia, « nem a pronuncia a exigem, como *theor*, *cathegoria*, *author*, « *authoridade*; e ainda hoje se vê esse abuso no nome proprio « *Nitheroy*, que assim é geralmente escripto; como si na « lingua indigena brasileira houvesse aquelle kharacter « grego.

« Convem corrigir a orthographia desta palavra, assim « como se tem corrigido a de outras.

« Nem se póde dizer que o *th* fosse alli introduzido « para indicar a aspiração que naquella lingua sem « escriptura tinha o som consoante *t* de tal vocabulo, pois « não é crível que só neste houvesse a aspiração, quando « todos os mais se escrevem com *t* simples ». (1).

7) por *tt*

a) nos derivados de compostos de vocabulos latinos começados por *t* com o prefixo *at* (alteração de *ad*), ex.: « *atensão—attrahir—attributo* ».

b) nos derivados dos vocabulos latinos *littera*, *mittere*, e nos derivados e compostos de *taes* derivados, ex.: « *lettra—metter—illitterato—permitter*, etc. ».

c) em varios outros vocabulos derivados do Latim, ex.: *atticismo—setta* ».

85. A modificação vocal *ve* em vocabulos propriamente portuguezes representa-se sempre por *v*, ex.: « *ovo—relva—reviver* ».

Em alguns vocabulos estrangeiros, mórmente allemães, admittidos em Portuguez sem alteração de fôrma graphica, a modificação *v* representa-se por *w*, ex.: « *thalweg—Wurtemberg* ».

Nos vocabulos que, assimilados pelo uso geral, fazem já parte integrante do cabedal da lingua, deve-se sempre escrever com *v*, ex.: « *valsa—visigothico* ».

Constancio (2) estende este preceito até aos nomes geographicos, e quer que se escreva *Veimar*, *Vestphalia*.

E' exesso de rigor; mas antes isso do que o inqualificavel dislate de escrever-se com *w* vocabulos que o não tem de origem; *revólver*, por exemplo, escripto usualmente *rewolver*. O vocabulo é inglez, derivado do verbo *to revolve* de pura procedencia latina. Lê-se em Webster: (3).

(1) J. A. Passos, *Obra citada*, art. Th.

(2) *Obra citada*, letra W.

(3) *Obra citada*, artigos *Devolve* e *Revolver*.

« *Revolve*, v. i. [imp. & p. p. *revolved*; p. pr. & vb. n. *revolving*]
 « [Lat. *revolvere*, *rovolutum*, from *re* again, back, and *volvere* to
 « roll, turn round; O. Fr, *revolver*, Sp. & Port, *revolver*, It.
 « *rivolvere*].

- « 1. To turn or roll around on an axis.
- « 2. To move round a center; as, the planets revolve round
 « the sun.
- « To return [Rare.] *Ayliffe*.

Revolv'er, n. One who, or that which revolves; specially, a fire-
 arm with several loading-chambers or barrels so arranged as to
 revolve on an axis and be discharged in succession by the same
 lock; a repeater;—chiefly used of pistols of such construction. »

Si se escrevesse *rewolver*, dever-se-ia ler, segundo as regras da
 phonetica ingleza, *riwólvar* e não *revólver*.

E' realmente vergonhoso nada ter a dizer quando Americanos e
 Inglezes nos perguntam pela causa da deturpação sandía do seu
 vocabulo...

86. A modificação vocal *xe* representa-se

- 1) por *ch*—tanto no principio como no corpo da maioria dos
 vocabulos, ex.: « *chave—cacho* ».

Nos vocabulos *catechismo*, *schisma* o *h* não serve para
 formar letra composta: é mudo por uso. Taes vocabulos
 lêm-se *catecismo*, *cisma*, e alguns escriptores já assim os
 orthographam.

2) por *x*

- a) depois do som nasal *en*, ex.: *enxada—enxerto—enxuto* ».

Exceptuam-se *enchacotar*, *enchemel*, *encharcar*,
encher, *enchouçar*, *enchourçar*, e os derivados destes.

- b) depois de diphthongo, ex.: « *eixo—peixe—frouxo—
 paixao* ».

- c) em vocabulos de origem arabe; os principaes são:
oxalá, *xacoco*, *xadrez*, *xairel*, *xamate*, *xaque*, *xaqueca*,
xaquema, *xara*, *xarafim*, *xarão*, *xaraque*, *xareta*,
xaroco, *xarope*, *xanter*, *xelma*, *xeque* (Herculano
 escreve *cheik* (1)), *xergão*.

(1) *Eurico*, 4.^a Edição, Lisboa, pag. 187 e *passim*.

d) em *abexim, Alexandre, annexim, bexiga, bocaxim, bruxo, buxa, buxo* (arvore), *cartaxo, coaxar, coxa, coxia, coxim, coxo, debuxo, dixé, faxa, faxina, graxa, laxante, lixa, mexer, pixe, praxe, puxar, rixa, roxo, taxa, vexar*, e nos derivados destes.

3) por *sh*—em vocabulos ingleses admittidos em Portuguez sem alteração graphica, ex.: « *Shakespeare—Sharp* ».

87. A modificação vocal *ze* representa-se

1) por *s*

a) depois de vogal no corpo de vocabulos derivados de raizes latinas em que tal modificação se escreve por *s* ex.: « *accusar—casa—mesa* » de *accusare—casa—mensa* ».

b) em *obsequio, subsistencia, extrinseco, intrinseco*, e em alguns compostos com o prefixo *trans*, ex.: « *transacto—transitorio* ».

2) por *x*—depois de *e* inicial, ex.: « *exacto—eximir* ».

Querem os Grammaticos portuguezes que *ex* neste caso valha *eiz*, e que *exacto, eximir*, etc., leiam-se *eizacto, eizimar*, etc..

3) por *z*

a) no principio dos vocabulos, ex.: « *zelo—zimbros* ».

b) depois de *a* inicial, ex.: « *azougue—azul* ».

Exceptuam-se *asar, Asia, asinha* (adv.), *asir, asinino, asylo*.

c) nas terminações *aza, eza*, de vocabulos propriamente portuguezes, ex.: « *raza—cruenza* ».

d) nos derivados de vocabulos latinos em que a modificação *z* está por *c, d* ou *t* ex.: « *dizer—fazer—preza—razão* » de « *dicere—facere—preda—ratione* ».

e) no plural dos nomes que terminam no singular por *az, ez, iz, oz, uz*, ex.: « *rapazes—vezes—codornizes—alcatruzes* ».

f) nos verbos em *ar* cujo thema não tem *s*, ex.: « *organizar—prophetizar* ».

4) por *zz*—em alguns nomes proprios da lingua arabe, ex.: « *Azzarat* ».

88. A modificação vocal *lhe* representa-se sempre por *lh*, ex.: « *colheita—mulher.* »

Em *gentilhomem*, *philharmonica*, etc., o *h*, não fórma com o *l* letra composta; é simples signal etymologico: taes vocabulos lêem-se *gentilhomem*, *philarmonica*. Seria mais judicioso escrever *gentil-homem*, *phil-harmonica*, etc..

89. A modificação vocal *nhe* representa-se sempre por *nh*, ex.: « *canhoto—manhã.* »

No seculo XVI a modificação *nhe* representava-se tambem por *gn*: lê-se nos *Lusiadas* (1):

« D'estes arrenegados muitos são
 « No primeiro esquadrão que se adianta
 « Contra irmãos e parentes (caso estranho!)
 « Quaes nas guerras civis de Julio e *Magno.* »

Em *anhelar*, *anelito* etc., e nos compostos de derivados latinos com o prefixo *in* como *inhabil*, *inherente*, o *h* não fórma com o *n* letra composta; é simples signal etymologico: taes palavras lêem-se *anelar*, *anélito*, *inábil*, *inerente*, etc..

90. As modificações vocaes compostas (26) representam-se sempre pelas letras correspondentes aos seus elementos: assim a modificação, composta *tm* (do vocabulo *tmese*) é representada por *t* e *m*, e não por *pth* e *gm*, porquanto a letra simples correspondente ao elemento *t* da modificação acima é *t* e não *pth*, e a correspondente ao elemento *m* é *m* e não *gm*,

91. A modificação vocal *cs* representa-se

- 1) por *cc*—em *acceder*, *accepção*, *accessão*, *accional*, etc..
- 2) por *cç*—em *convicção*, *facção*, *ficção*, *fracção*, etc..
- 3) por *x*—em *axila*, *convexo*, *crucifixo*, *fixar*, *fluxo*, *flexivel*, *genuflexo*, *heterodoxo*, *inflexão*, *influxo*, *nexo*, *orthodoxo*, *paradoxo*, *plexo*, *prolixo*, *reflexo*, *sexo*, *xiphoides*, *xylographia*, *xyloide*, etc., e nos derivados destes.

92. O diphthongo *ae* representa-se

- 1) por *ae*
- a) em *pae*.

(1) Canto IV, Est. XXXIL.

- b) no plural dos nomes em *al*, ex.: « *capitães—salgueirães* ».
- c) na segunda pessoa do plural do presente do imperativo dos verbos da primeira conjugação, ex.: « *amae—dae—perdoae* ».
- 2) por *ai*—em todos os outros casos, ex.: *aipo—balaio—amais—dais—perdoais—sais—vais* ».
93. O diphthongo *au* representa-se sempre por *au*, ex.: « *auto—cauto—grau—pau* ».

Alguns mestres da lingua mandam escrever sempre por *ao* este diphthongo quando é final de syllaba (1); outros fazem uma distincção cerebrina, preceituando que se escrevam por *au* os vocabulos *grau* e *nau*, e por *ao* todos os mais, ex.: « *mao—pao* » (2).

« Com grande impropriedade, diz Garrett, escrevem alguns com « *ao* as palavras *pau*, *mau* e semelhantes: as vogaes *a*, *o* não produzem « o som daquellas palavras, nem fazem diphthongo sinão o nasal « —si é que diphthongo se lhe póde chamar (3) ».

94. O diphthongo *ea* representa-se sempre por *ea*, ex.: « *lactea—nivea* ».

95. O diphthongo *ei* representa-se sempre por *ei*, ex.: « *lei—notaveis—sahireis—vestirieis* ».

96. O diphthongo *éi* representa-se sempre por *éi*, ex.: « *papéis—revéis* ».

97. O diphthongo *eo* representa-se sempre por *eo*, ex.: « *lacteo—niveo* ».

98. O diphthongo *éo* representa-se sempre por *éo*, ex.: « *chapéo—escarcéo* ».

99. O diphthongo *eu* representa-se sempre por *eu*, ex.: « *feudo—judeu—meu* ».

100. O diphthongo *ia* representa-se sempre por *ia*, ex.: « *gloria—memoria* ».

101. O diphthongo *ie* representa-se sempre por *ie*, ex.: « *serie—superficie* ».

(1) J. A. PASSOS, *Obra citada*, pag. 33. T. C. PORTUGAL, *Orthographia da Lingua Portugueza*, Paris, 1837, pag. 11.

(2) VERGUEIRO E PERTENCE, *Compendio da Grammatica Portugueza*, Lisboa, 1861, pag. 136.

(3) *Obra citada*, pag. 11, nota.

102. O diphthongo *io* representa-se sempre por *io*, ex.: « *rosario—vario* ».

103. O diphthongo *iu* representa-se sempre por *iu* na terceira pessoa do singular do aoristo da segunda e da terceira conjugação, ex.: « *feriu—sahiu—vestiu—viu* ».

Alguns mestres da lingua querem nestes casos que o diphthongo *iu* seja orthographado *io* (1). Não têm elles razão: a judiciosa observação de Garrett, acima citada (93), milita tambem para este caso.

104. O diphthongo *ôe* representa-se

1) por *ôe*—na pluralidade dos casos, ex.: « *herôe—pharôes—remôe* ».

2) por *oy*—em alguns nomes proprios, e em vocabulos da lingua Tupy, ex.: « *Eloy—Godoy—Niteroy* ».

105. O diphthongo *ôi* representa-se sempre por *oi*, ex.: « *boi—depois—foi* ».

106. O diphthongo *ou* representa-se sempre por *ou*, ex.: « *couro—louro—mandou—tomou* ».

Este diphthongo é por alguns escripto e pronunciado *oi* no corpo dos nomes: assim, em vez de *agouro*, *couro*, *louro*, etc., lêem elles *agoiro*, *coiro*, *loiro*, etc. Esta substituição justificavel em certos casos (*agoiro*, *coiro*, por exemplo, de *augurium*, *corium*), em muitos outros o não é. A maioria dos escriptores emprega sempre *ou*, excepto em *oito* e seus derivados.

107. O diphthongo *ua* representa-se sempre por *ua*, ex.: « *agua—magua* ».

Alguns escriptores escrevem anti-etymologicamente *agoa*, *magoa*.

108. O diphthongo *ue* representa-se sempre por *ue*, ex.: « *guela—lingueta* ».

109. O diphthongo *ui* representa-se

1) por *ui*—na maioria dos casos, ex.: « *fui—fluido* ».

2) por *uy*—em alguns nomes proprios, ex.: « *Guy—Ruy* ».

(1) CONSTANCIO, *Obra citada*, « Introdução Grammatical » pag. L.
T. C. PORTUGAL, *Obra citada*, pag. 12.

110. O diphthongo *uo* representa-se sempre por *uo*, ex.: « *ar duo—exiguo* ».

111. O diphthongo nasal *ãe* representa-se sempre por *ãe*, ex.: « *capitães—mãe* ».

Os portugueses pronunciam *em* final como o diphthongo *ãe*: vem dali a rima tão estranha aos ouvidos brasileiros, de *mãe* com *ninguem, tambem*, etc., ex.:

« Triste de quem der um ai
« Sem achar ekho em *ninguem!*
« Felizes os que têm pae,
« Mimosos os que tem *mãe!* » (1)

112. O diphthongo nasal *ão* representa-se

1) por *am*—quando sobre elle não cai o accento tonico [37-4)], ex.: « *bençam—amam—entenderam—partiriam* ».

2) por *ão*—quando sobre elle cai o accento tonico [37-4)], ex.: « *amarão—entenderão—botão*, etc. ».

113. O diphthongo nasal *õe* representa-se

1) por *õe*—na maioria dos casos, ex.: « *botões—tu pões—ette põe* ».

2) por *õem*—sómente na terceira pessôa do plural do presente do indicativo dos verbos em *or*, ex.: « *elles põem—repõem—compõem*, etc. ».

114. Algumas regras geraes se pôde estabelecer para a regularização da orthographia; são:

1.^a

Seguir fielmente a etymologia, quando se lhe não oppõe a pronuncia, ex.: « *atheu—sciencia* » e não « *ateu—ciencia* ».

« Eu não creio em nenhuma orthographia, diz Garrett (2), sinão na etymologica por ser aquella em que pôde haver menos questões, schismas e heresias ».

2.^a

Modificar o rigor etymologico quando se lhe oppõe a pronuncia, ex.: « *esse—estatua—olhos—princeza* » e não *epse—statua—oclhos—princepsa* ».

(1) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*, Canto IV.

(2) *Obra citada*, pag. 61.

Das letras compostas de *s* com outras alterantes só pode ser inicial *sc* antes de *e*, de *i* e de *y*, ex.: « *scena—sciencia—scylla* ». A todas as outras antepõe-se um *e* euphónico, ex.: « *esbrizar—escola—escoria—escudo—eskhema—esclerotica—escriba—espuria—estylo*, etc. ».

Esta prothese euphónica (ainda mais rigorosa entre os Hespanhóes que até com *sc* antes de *c* e de *i* a praticam, escrevendo *escena*, *escitico* por *scena*, *scythico*) já era usada no Latim da decadência, nas inscrições khristãs de Roma, nas inscrições africanas.

« Encontra-se mais frequentemente um *i* diante dos grupos *sc*, « *st*, *sp*: *iscolasticus*, *iscripta*, *istatuam*, *istudio*, *istipendiis*, « *Istiliconis*, *ispumosos*, *ispeculator*, *ispes*, *Ispartacus*; por vezes « é um *e*: *escole*, *Estefaniae*. O *i* apparece alli pelo segundo seculo, « e torna-se mais usual nos fins do quarto e nos principios do quinto. « Mais tarde é elle substituido pelo *e*, e é justamente o *e* que « se encontra diante da letra sibilante seguida de uma explosiva surda « nas linguas novo-latinas: *especie*, *escada*, *estabulo*, *espada* » (1).

3^a

Seguir sómente a pronuncia empregando as alterantes conforme as modificações que ellas em geral representam, quando não ha razão de etymologia para dobrar letras simples, ou para empregar letras compostas, ex.: « *tabóca* » e não « *tabbóca* » e nem « *phthabhokha* ».

4.^a

Pôr accento sobre a vogal predominante dos vocabulos pouco usuaes, quando pelas regras prosodicas se não puder conhecer a predominancia, ex.: « *dáctylo-thálam*o, etc. » ou quando houver necessidade de distinguir uma voz aguda de uma voz fechada, ex.: « *côvo* (adj., concavo)—*cóvo* (subst., cesto de apanhar peixes) ».

5.^a

Preferir uma letra a um accento para melhor distincção dos vocabulos, sempre que não haja nisso inconveniente, ex.: « *Sahir—bahu* » e não « *Saír—baú* ».

(1) GUARDIA ET WIERZEYSKI, *Grammaire de la Langue Latine*, Paris, 1876, pg. 69.

6.^a

Conservar as alterações feitas na etymologia em prol da pronuncia, ou para distinguir um vocabulo de outros, ex.: « *conceição—por—concepção—*; *catarata* (doença de olhos)—e—*cataracta* (catadupa); *maçã—e—massa*, etc. ».

Observação n. 1) Nenhum vocabulo Portuguez principia ou acaba por alterante dobrada.

Nos seculos XV e XVI dobrava-se *l* no principio e no fim dos vocabulos, escrevendo-se por exemplo « *Llourenço—anell* »; do seculo XIII ao seculo XIV dobrava-se *r* no principio dos vocabulos, e no corpo delles depois de letra alterante, ex.: « *rreceber—honrra* »; desde o principio da monarchia até o seculo XV escrevia-se *ssa, ssas* por *sa, sas* (sua, suas).

Observação n. 2) Nenhum vocabulo principia ou acaba por vogal dobrada.

Foi uso dobrarem-se vogaes no fim de vocabulos para indicação de tonicidade de syllaba: escrevia-se *saa, see, soo* por *sá, sé, só*. Ainda hoje ha quem escreva *teem, veem* etc. para distinguir a terceira pessoa do plural da terceira do singular.

E' desnecessario. Um accento produz o mesmo effeito que a repetição da vogal, « *elle tem, elles têm, ele vem, elle vêm* », evitando-se uma fórmula graphica absurda e desgraciosa. Quando encontram-se duas vogaes no fim de um vocabulo, como em *môo, vôo*, etc., é porque são tambem duas e distinctas as vozes representadas: realmente *môo, vôo* lêem-se, *mô-u, vô-u*.

Observação n. 3) Antes de *b, m, p*, usa-se de *m* e não de *n*, ex.: « *ambos—grammatica—trompa* ».

Exceptuam-se alguns substantivos proprios allemães, ex.: « *Oldenburgo—Schaenbrunn* ».

115. Ao partirem-se vocabulos em fim de linha observem-se as seguintes regras:

1.^a

Respeite-se sempre na pratica a integridade das syllabas, ex.: « *am-bar—pau-ta—vo-a-dor* ».

2.^a

Separem-se os vocabulos compostos pelos seus elementos de composição, ex.: « *con-star—in-spirar* ».

3.^a

Letras alterantes que parecem independentes ou que não sôam acompanham a syllaba subsequente, ex.: « *affli-cto—prom-pto* ».

LIVRO SEGUNDO

ELEMENTOS MORPHICOS DAS PALAVRAS

116. *Morphologia* é o tratado das fórmãs que tomam as palavras para constituir a linguagem.

117. A *morphologia* considera as palavras sob a relação de fórmula

- 1) como constituindo grandes grupos de idéias de que se compõe o pensamento;
- 2) como entidades phonicas que se modificam individualmente para representar cada idéia em particular;
- 3) como originando-se umas de outras.

118. As partes, pois, da *morphologia* são tres: *taxeonomia*, *kampenomia* e *etymologia*

SECÇÃO PRIMEIRA

TAXEONOMIA

119. *Taxeonomia* é a distribuição das palavras em grupos correspondentes aos grupos de idéias de se compõe o pensamento.

120. O pensamento é constituído por tres ordens de idéias:

- 1) as que representam os objectos, ou as cousas sobre que exerce-se a comparação ou júízo;
- 2) as que representam a existencia da comparação, ou a relação;
- 3) as que representam a natureza da relação;

Ha, conseguintemente tres classes de palavras, ou tres partes do discurso:

- 1) palavras que exprimem idéias de objectos ou cousas: chamam-se *nomes*;
- 2) palavras que exprimem idéias de simples existencia de relações: chamam-se *verbos*;
- 3) palavras que exprimem idéias de natureza de relações: chamam-se *particulas*.

Exemplo: « *Pedras não são sensíveis* ». « *Pedras* » e « *sensíveis* » exprimem as idéias que representam as cousas comparadas; « *são* » indica a existencia de uma relação entre *sensíveis* e *pedras*; « *não* » mostra a natureza de discordancia ou de desconveniencia que tem essa relação.

121. As partes do discurso tambem podem ser distribuidas em oito categorias, a saber: Substantivo, Artigo, Adjectivo, Pronome, Verbo, Preposição, Conjuncção e Adverbio.

A pluralidade dos grammaticos conta mais o Participio e a Interjeição.

Ora o participio é parte integrante do verbo e, como tal, não deve formar categoria a parte.

A interjeição, grito involuntario, instinctivo, animal, não representa idéia, não constitue parte do discurso, é mais som do que palavra. (1)

122. Existe perfeito accordo entre ambas as classificações: na categoria do nome incluem-se o substantivo, o artigo, o adjectivo e o pronome; na do verbo comprehende-se o verbo; na da particula filiam-se a preposição, a conjuncção e o adverbio.

123. Estas oito categorias de palavras ajuntam-se em dous grupos: o das palavras sujeitas a flexão ou *variaveis*, e o das não sujeitas a flexão ou *invariaveis*. São variaveis o substantivo, o artigo, o adjectivo, o pronome e o verbo: são invariaveis a preposição, o adverbio e a conjuncção.

As palavras hoje invariaveis já gosaram de vida, já tiveram fórmias moveis nas linguas matrizes: são, si é permittido o simile, organismos inferiores cujas junctas ankylosaram-se, cujas partes fluidas solidificaram-se por uma como crystallisação linguistica. No adverbio encontram-se ainda vestigios de flexão.

A linguagem, interprete da intelligencia, é um instrumento de analyse: com effeito, as palavras servem para distinguir os seres, os objectos, as qualiddaes as substancias reaes ou abstractas, as acções, os estados diversos das pessoas, das cousas, todas as manifestações da vida, todos os phenomenos, até mesmo os que caem

(1) GUARDIA ET WIERZEYSKI, *Obra citada*, pag. 72—75; BURGRAFF, *Obra citada*, pag. 526; BASTIS, *Obra citada*, pag. 303.

sob o dominio da imaginação e do futuro, o contingente, o absurdo, o impossivel. Ajuntem-se ainda as relações innumeraveis de tempo e de logar, de genero e de especie, de numero e de qualidade, de causa e de effeito; as relações e as correlações infinitas de tudo o que existe, e que se póde conceber; passe-se dos elementos simples da linguagem, do som laryngeo, da articulação, da syllaba á palavra; da palavra á proposição; da proposição ao discurso... Pasmará a mente ante a simplicidade desse mekhanismo assombroso, ou antes dessa organização pujante cujas funções multiplas executam-se por meio de um numero tão limitado de aparelhos. (1).

I

SUBSTANTIVO

124. *Substantivo* é o nome de um objecto, de uma cousa, ex.: « *agua—floresta—passaro* ».

Qualquer palavra pertencente a qualquer categoria das partes do discurso torna-se substantivo, quando usada como nome de uma cousa distincta, ex.: « *Vives é um verbo* »; neste exemplo « *vives* » é substantivo porque é usado para indicar uma palavra particular.

Nome-substantivo seria a mais correcta denominação desta parte do discurso: *substantivo* é a mais conveniente por amor da brevidade, e é mesmo a mais usada.

125. Dividem-se os substantivos em substantivos proprios e em substantivos appellativos.

126. *Substantivos proprios* são os nomes individuaes, ex.: « *Amazonas—Saldanha* ».

Os substantivos proprios tornam-se appellativos quando significam mais do que um individuo, e quando são empregados para representar uma classe, ex.: « *Os Macaulays e os Herculanos não abundam—Pedro V foi um Marco Aurelio* ».

Todavia taes palavras são melhor consideradas como substantivos proprios quando são applicadas a uma raça, a uma familia, a uma dynastia, ex.: *Os Malaios—os Andradas—os Orléans* ».

(1) GUARDIA ET WIERZEYSKI, *Obra citada*, pag. 72; F. DÜBNER, *Grammaire Élémentaire et Pratique de la Langue Grecque*, Paris, 1855, pag. 11—14.

127. *Substantivos appellativos* são nomes que competem a classes de cousas, e que podem ser applicados a qualquer membro da classe, ex.: « *homem—cavallo—cidade—espingarda* ».

Os substantivos appellativos tornam-se substantivos proprios ou partes de substantivos proprios, quando usados como nomes de cousas individuaes, ex.: « *Bahia—Porto—Rio-Grande—Villa-Bella* ».

128. Os substantivos appellativos subdividem-se em concretos, abstractos, collectivos, verbaes, e compostos.

129. *Substantivos concretos* são nomes de cousas que tem ou que se suppõe terem existencia actual, ex.: « *mão—firmamento—ouro—unicornio* ».

Palavras como *algodão, cobre, oxygenio, etc.* chamam-se *substantivos materiaes*.

130. *Substantivos abstractos* são nomes de qualidades ou de propriedades consideradas a parte das cousas a que existem ligadas, ex.: « *bondade—peso—sciencia—virtude* ».

As palavras desta classe não exprimem existencias independentes, mas sómente abstracções arkhitectadas pela mente ao attentar nas existencias que ellas kharacterisam. Por meio do emprego de adjectivos ou de participios podem taes abstracções ser expressas como attributos das cousas a que pertencem, ex.: « *menino bom—martelo grande—homem sciente—general experimentado* ». Os attributos, quando são considerados a parte das cousas, recebem nomes e formam substantivos abstractos.

131. *Substantivos collectivos* ou *substantivos de multidão* são nomes que denotam muitos individuos considerados como formando um todo ou aggregado, ex.: « *armada—exercito—povo* ».

As cousas significadas pelos substantivos collectivos existem realmente, mas só pela conjunção de suas partes constituintes: envolvem sempre, pois, idéias de pluralidade.

Os substantivos collectivos têm significação singular quando é idéia predominante a união das partes que constituem a concepção. Nesta proposição « *A camara foi dissolvida* » são topicos que com maior força se apresentam ao espirito—a união dos deputados em

um corpo, e a destruição dessa união: prevalece, conseguintemente, a significação singular. Nesta outra « *A plebe estava amotinada* » o que attrahe a atenção vem a ser os actos de rebeldia e os excessos por parte de muitos individuos da plebe: predomina o sentido de plural.

132. *Substantivos verbaes* são certas partes do verbo empregadas como substantivos, ex.: « *Falar é prata—calar é ouro* ».

Em todas as linguas é o infinito empregado como substantivo.

133. *Substantivos compostos* são os nomes que se formam pela reunião

- 1) de dous substantivos, ex.: « *couve-flor* ».
- 2) de um substantivo e de um adjectivo, ex.: « *pedreiro-livre* ».
- 3) de um verbo e de um substantivo, ex.: « *saca-trapo* ».
- 4) de uma preposição e de um substantivo, ex.: « *sub-chefe* ».
- 5) de dous substantivos ligados por preposição, ex.: « *cabo-de-esquadra* ».
- 6) de dous verbos, ex.: « *ruge-ruge* ».
- 7) de um verbo e de um adverbio, ex.: « *mija-mansinho* ».
- 8) de tres palavras diversas, ex.: « *mal-me-quer* ».

II

ARTIGO

134. Artigo é uma palavra que se antepõe ao substantivo afim de particularisar-lhe a significação.

Palavra átona, que nada exprime por si, o artigo contribue poderosamente para a clareza da expressão: tornando as palavras precisas e vivazes, dá elle calor á phrase, veste-a de realidade. A este respeito fica o Latim classico muito abaixo das linguas neolatinas: estes tres sentidos diversissimos « *dá-me pão—dá-me um pão—dá-me o pão* » traduzem-se em Latim pela fórmula unica « *da mihi panem* », ficando á conta do contexto a elucidação do sentido.

135. Os artigos são—*o, um*.

O chama-se artigo definido; *um* chama-se artigo indefinido.

136. O *artigo definido* particularisa a significação do substantivo de modo certo, ex.: « *O menino deu-me o pecego* ».

O artigo definido é usado antes de substantivos que denotam especies, ex.: « *O tigre é animal veloz; o hipopótamo é vagaroso* ».

137. O artigo indefinido particularisa a significação do substantivo de modo vago, ex.: « *Um menino deu-me um pecego* ».

A significação singular do artigo indefinido é apenas aparente: antepõe-se elle a nomes do plural, ex.: « *Vieram-lhe uns cães da Hespanha* ».

III

ADJECTIVO

138. *Adjectivo* é uma palavra que descreve ou que limita o substantivo.

139. Divide-se o adjectivo em adjectivo descriptivo e adjectivo determinativo.

140. O *adjectivo descriptivo* denota a qualidade ou a propriedade da cousa significada pelo substantivo a que elle se refere.

Este adjectivo chama-se também *qualificativo*.

141. O adjectivo descriptivo é *restrictivo* quando denota uma qualidade accessoria do substantivo, ex.: « *homem bom—cavallo preto* »; é *explicativo* quando denota uma qualidade essencial, que já se inclue na idéia do objecto, ex.: « *diamante duro—homem-mortal* ». O mesmo adjectivo é muitas vezes tomado em ambos os sentidos.

Observação n. 1.) O adjectivo descriptivo não tem significação por si: denota sempre alguma qualidade ou propriedade que se suppõe existir ligada a um sujeito.

Observação n. 2.) O adjectivo descriptivo é facilmente convertido em substantivo; isto em consequencia de empregarem-se palavras que significam qualidade em vez das que significam cousa sem que residem qualidades.

142. O *adjectivo determinativo* denota o numero, a posição ou qualquer outra limitação da cousa significada pelo substantivo a que elle se refere.

Este adjectivo chama-se também *limitativo*.

143. Subdivide-se o adjectivo determinativo em numeral, demonstrativo, distributivo, conjunctivo, possessivo e indefinido.

144. *Determinativo numeral* é um adjectivo empregado para designar limitação numérica, ex.: « *um—dous—tres;—primeiro—segundo—terceiro;—duplo—triplo—quadruplo* ».

145. O determinativo numeral chama-se

- 1) *Cardial*—si só denota numero sem referir-se a ordem de sucessão, ex.: « *Dez homens—cem moedas* ».

Os determinativos numeraes cardiaes são:

Um, dous, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezeseis, dezeseite, dezoito, dezenove, vinte, vinte-um, vinte-dous, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, setenta, oitenta, noventa, cem, duzentos, trezentos, quatrocentos, quinhentos, seiscentos, setecentos, oitocentos, novecentos, mil, dous mil um milhão de, dous milhões de, etc..

- 2) *Ordinal*—si denota a ordem em que ocorrem as cousas, com relação ao numero de cousas semelhantes que as precederam, ex.: « *O quarto rei—o decimo filho* ».

Os determinados numeraes ordinaes são:

Primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, setimo, oitavo, nono, decimo, undecimo ou decimo-primeiro, duodecimo ou decimo-segundo, decimo-terceiro, decimo-quarto, decimo-quinto, decimo-sexto, decimo-setimo, decimo-oitavo, decimo-nono, vigesimo, vigesimo-primeiro, vigesimo-segundo, trigesimo, quadragesimo, quinquagesimo, sexagesimo, septuagesimo, octogesimo, nonagesimo, centesimo, ducentesimo, trecentesimo, quadringentesimo, quingentesimo, sexcentesimo, septingentesimo, octingentesimo, nongentesimo, millesimo, millionsimo, etc..

- 3) *Multiplicativo*—si denota o numero de vezes que uma cousa é augmentada ou multiplicada, ex.: « *duplo—triplo—centuplo* ».

Os determinativos numeraes multiplicativos são:

Duplo, triplo, quadruplo, quintuplo, sextuplo, decuplo, centuplo, multiplo.

Ha muitas fórmulas numericas que não pertencem ao adjectivo,
ex.:

Substantivos) *metade, dobro, dezena, cento, milhão*, etc..

Verbos) *dobrar, quartear, dizimar, centuplicar*, etc..

Adverbios) *primeiramente, secundariamente*, etc..

146. *Determinativo demonstrativo* é o que designa pessoas ou cousas, distinguindo-as de outras no que diz respeito a logar ou a tempo, ex. : « *Esta espingarda—essa faca—aquelle veado* ».

Os determinativos demonstrativos são: *este, esse, aquelle, este outro, esse outro, aquelle outro*.

Este indica proximidade em relação á pessoa que falla; é o demonstrativo da primeira pessoa: « *esta espingarda* » indica a espingarda que está junto da pessoa que falla. *Esse* indica proximidade em relação á pessoa com quem se falla; é o demonstrativo da segunda pessoa: « *essa faca* » indica a faca que está perto da pessoa com quem se falla. *Aquelle* indica distancia absoluta ou proximidade com relação a terceiro; é o demonstrativo da terceira pessoa: « *aquelle veado* » indica o veado que se vê ou que se supõe ao longe.

147. *Determinativo distributivo* é o que indica que os individuos que compõem um todo ou um aggregado devem ser considerados separadamente, ex.: « *Cada terra tem seu uso—cada soldado lavava a sua barraca* ».

Os determinativos distributivos são *cada, cada um, cada qual*.

148. *Determinativo conjunctivo* é o que conjuncta clausulas, ex.: « *Um homem, o qual eu vi—os amigos aos quaes mandamos as fructas* ».

Os determinativos conjunctivos são *qual, cujo*.

Muitos grammaticos admittem uma classe de determinativos interrogativos: não ha razão para a existencia de tal classe. Em todo o periodo interrogativo dá-se a ellipse da proposição principal, e o chamado determinativo interrogativo é, sem tirar nem pôr, o determinativo conjunctivo servindo para ligar duas proposições.

149. *Determinativo possessivo* é o que indica senhorio ou posse em referencia ás cousas significadas pelos substantivos a que elle se junta, ex.: « *Minha espingarda—teu cavallo* ».

Os determinativos possessivos são *meu, teu, seu, nosso, vosso, proprio, alheio*.

Muitos adjectivos qualificativos parece envolverem uma idéia de possessão, ex.: « *Fazenda nacional—familia imperial* », isto é « *Fazenda da nação—familia do imperador* ».

150. *Determinativo indefinido* é o que limita pessoa ou coisa sem indicação de individualidade particular, ex.: « *Alguns homens—certos negocios* ».

Os determinativos indefinidos são: « *algum, certo, mais, menos, mesmo, muito, nenhum, outro, pouco, qualquer, quanto, quejando, só, tal, tanto, todo* ».

O que caracteriza terminantemente o adjectivo, e o discrimina de qualquer outra especie de palavras, é a circumstancia de andar elle sempre ligado a um substantivo ou pronome, na qualidade de attributo ou na de predicado. Vindo a preencher outra função, isto é, a figurar por si só, quer de sujeito, quer de complemento directo, quer emfim de complemento indirecto, elle deixa de ser adjectivo para assumir uma qualificação diversa. Neste novo estado os descriptivos passam a ser tidos como substantivos, e os determinativos como pronomes. (1).

Todavia o distributivo *cada* nunca se emprega sem substantivo claro; os numeraes cardiaes, embora empregados sós, não são considerados pronomes; os numeraes ordinaes e multiplicativos bem como os possessivos, quando empregados sem substantivo claro, são substantivados pelo artigo.

IV

PRONOME

151. *Pronome* é uma palavra usada em lugar de um substantivo.

152. Divide-se o pronome em pronome substantivo e em pronome adjectivo.

153. *Pronome substantivo* é o que está em lugar do substantivo sem limitá-lo por maneira nenhuma, ex.: « *Elle falla* » em vez de « *Pedro falla* ».

154. *Pronome adjectivo* é o que está em lugar do substantivo, limitando-o ao mesmo tempo de alguma maneira, ex.: « *Este relógio é bom, aquelle é ruim* ». O pronome *aquelle* está em lugar do

(1) GRIVET, *Obra citada*, pag. 90.

substantivo *relógio*, e ao mesmo tempo limita-o, indicando a distancia em que se acha a cousa que elle representa.

Eu, tu, elle, nós, vós, elles são pronomes substantivos; *este, esse, aquelle, este outro, esse outro, aquelle outro* são pronomes adjectivos.

155. Os pronomes substantivos são chamados pronomes pessoas.

156. Os pronomes pessoas denotam pessoas.

157. Pessoa é a maneira por que se relaciona o sujeito com o predicado.

Parece quasi impossível dar uma definição clara e distincta do termo *pessoa*: adquire-se, porém, exacto conhecimento da palavra quando se attende á significação dos pronomes pessoas.

158. Ha tres pessoas: a *primeira* denota quem falla; a *segunda*, o interlocutor; a *terceira*, o assumpto; ex.: « *Creio EU que TU não poderás cortar o PAU: ELLE é duro* ».

159. Ha tres classes de pronomes pessoas, a saber: *pronomes da primeira pessoa; pronomes da segunda pessoa; pronomes da terceira pessoa*.

São:

da primeira) *eu, nós;*

da segunda) *tu, vós;*

da terceira) *elle, elles;*

160. O pronome adjectivo divide-se em *demonstrativo, distributivo, conjunctivo, possessivo e indefinido*.

O pronome adjectivo, como já se deu a entender na observação final do capitulo antecedente, nada mais é do que o adjectivo determinativo empregado na oração sem substantivo claro. Todavia nesta classe ha pronomes essenciaes que não são empregados como adjectivos, isto é, que não podem ser construidos com substantivos. Taes são

demonstrativos *isto, isso, aquillo;*

Isto corresponde á primeira pessoa; *isso*, á segunda; *aquillo*, á terceira.

conjunctivos *que, quem;*

indefinidos *al, algo, alguem, beltrano, fulano, homem, nada, ninguém, outrem, sicrano, tudo.*

Observação n. 1.) Que nas frases interrogativas e exclamativas emprega-se também adjectivamente, ex.: « *Que homem aquelle?—Que mulher!* »

Observação n. 2.) Sobre o uso de *homem* como pronome diz o sr. Theophilo Braga:

« No Portuguez do seculo XV e XVI, e ainda hoje na « linguagem popular, encontra-se o substantivo *homem* usado « como pronome indefinido. El-rei D. Duarte, traduzindo o Tratado « *De modo Confidenti* » de S. Thomaz de Aquino, traz: « *Porém « nom pôde HOMEM têr-se que alguma cousa não diga...* » A « phrase latina era; « *Hac tamen tacere non valeo* ». É ainda hoje « popularissima na fórmula de *home*, e no provincialismo insulano « *heme* ».

« No *Cancioneiro Geral*, em Sá de Miranda e Ferreira, usa-se « esta fórmula pronominal tão peculiar hoje no Francez *on*, de *om* e « de *homme*, ex.: « *Leixar HOMEM liberdade (Cancioneiro Geral)* « —*Cuida HOMEM que bem escolhe—Que se não pôde HOMEM « erguer (SÁ DE MIRANDA)* ». No anexim popular « *HOMEM pobre « uma vez á loja* » a sua fórmula indefinida é « *QUEM é pobre vai uma « vez á loja* ». Sobretudo nos anexins populares é bastante frequente « este facto: « *Anda HOMEM a trote para ganhar capote* » por « *Anda-se* », etc. « *Deita-se HOMEM pelo chão para ganhar gabão* ». « O substantivo *gente* também se emprega neste sentido, sobre tudo « no dialecto brasileiro: « *Quando a GENTE está com GENTE... GENTE « me deixe...* » (1).

Grammaticos ha que consideram como pronomes os adjectivos numeraes quando sós na oração. (2).

V

VERBO

161. *Verbo* é uma palavra que exprime a existencia de uma relação entre duas idéias.

Desde a mais remota antiguidade até hoje os grammaticos se não têm podido entender a respeito do kharacter essencial e distinctivo do verbo.

Entre as diversas definições que de verbo se têm dado tres ha cujo valor não pôde deixar de ser examinado, porquanto ainda ellas têm curso na mór parte das grammaticas hodiernas.

(1) *Obra citada*, pag. 64.

(2) GRIVET, *Obra citada*, pag. 96.

§ 1.º

Aristoteles em duas definições que nos deixou põe no numero dos kharacteres distinctivos dos verbos a indicação de tempo (1). Os grammaticos gregos e romanos seguiram neste ponto a doutrina de seu mestre, e entre os modernos muitissimos têm considerado a idéia de tempo marcada por tal ou tal fórmula do verbo como a que constitue-lhe a natureza, distinguindo-o de todas as outras palavras. Assim Julio Cesar Scaligero no seu tratado « *De Cansis Linguae Latinae* » cap. CX diz: « *Verbum est nota rei sub tempore*, o verbo é o signal de uma cousa com indicação de tempo ». Em Allemão esta parte do discurso tem até o nome de palavra de tempo (*Zeitwort*).

Verdade é que, nas epokhas historicas das linguas mais antigas e que tambem em nossas linguas modernas, as palavras chamadas verbos têm fórmulas varias de tornar precisa pela circumstancia de tempo presente, passado ou futuro, a relação entre duas idéias; mas tal determinação é apenas função accessoria do verbo. Realmente, em vez dessas fórmulas temporaes seria muito possivel empregar outras locuções como « *no presente, no passado, no futuro* », de modo que o verbo não involvesse mais idéia parcial de tempo, conservando todavia o seu kharacter de verbo. Acontece ás vezes que, usando-se do verbo com uma ou outra fórmula indicadora do tempo presente, faz-se abstracção completa da idéia de tempo: nas locuções, por exemplo, « *gosto de bons livros—como de todas as carnes* » não se tem em vista indicar mais o presente do que o passado ou o futuro. Para traduzir exactamente o pensamento ser-nos-ia necessaria uma fórmula de verbo que não exprimisse circumstancia alguma de tempo; é isso que acontece, segundo Von Humboldt (2), em muitas linguas indigenas da America do Norte.

§ 2.º

Outros grammaticos fazem consistir a natureza do verbo no exprimir elle um idéia de acção feita ou recebida pelo sujeito.

(1) « Verbo, diz o grande encyclopedico, é uma palavra que, além do « seu proprio sentido, encerra a noção de tempo; nenhuma de suas partes tem « sentido quando tomada isoladamente; significa elle sempre cousas que são « ditas uma de outra ». *Da Interpretação*, cap. III.

« Verbo acrescenta elle alhures, é uma palavra composta que, além do « seu proprio sentido, encerra a noção de tempo; nenhuma de sua partes tem « sentido por si, e isto se applica igualmente aos nomes. Com effeito as « palavras « homem » (*ánthropos*) ou « branco » (*leycon*) não designam o « tempo (*tó póte*); mas as palavras « elle anda » (*badízei*) e « elle tem andado » « (*bebádike*) exprimem, além de uma certa idéia, a noção de tempo—presente « as primeiras, passado as segundas ». *Poética*, cap. XX. »

(2) *Journal dos Savants*, 1828, pag. 76.

Entre os grammaticos orientaes chama-se mesmo *acção* a esta parte do discurso, e em muitas grammaticas allemãs chama-se ella palavra de actividade (*Thätigkeitswort*).

Todo o mundo está de accordo em que, na analyse syntactica ou logica, as palavras chamadas verbos equivalem á palavra *ser* seguida de um predicado. Na mór parte dos verbos este predicado denota com effeito uma acção: *lêr*, por exemplo, equivale a *ser lente*, *escrever a ser escrevente*, etc.; mas é certo que nem sempre isso é assim.

Na verdade a idéia de acção encerra sempre a de movimento; ora muitos verbos como *descansar*, *sentar*, *dormir* encerram um predicado que só representa estado, simples modo de ser do sujeito, excluindo toda a idéia de movimento. Demais, muitas linguas têm verbos para exprimir idéias de côr: a nossa, por exemplo, tem *negrejar*, *verdejar*, etc.. Evidentemente taes verbos não trazem á mente idéia de acção. Emfim exprimirá uma acção a palavra *ser*? Considerando bem tudo isto, muitos grammaticos dão a este verbo o nome de copula: não é bastante, porém, dar-lhe um nome particular; é preciso examinar-lhe primeiramente a natureza. Acha-se então que é elle o verbo por excellencia; que é elle quem realmente pronuncia os juizos; que elle por si só poderia exprimir todos, ao passo que as outras palavras chamadas verbos differem dos adjectivos e são verbos, só porque encerram em si a idéia de existencia por elle significada.

§ 3.º

Não se justifica melhor do que as precedentes a definição dada pelo auctor da « Grammatica Geral de Port Royal » « *Verbo é uma palavra que significa affirmacção* ».

Affirmação é evidentemente o opposto de *negação*. Consiste a primeira em exprimir entre as idéias de sujeito e de predicado uma relação de concordancia; mostra a segunda que existe entre essas mesmas idéias uma relação de discordancia; ex.: « *O papel é branco—O papel não é preto* ». São dous torneios ou duas fórmias que os nossos juizos recebem em virtude da diversidade da relação que concebemos entre os dous termos. Uma dessas fórmias, a affirmacção, não é mais essencial ao juizo do que a outra, a negação: a natureza de juizo consiste na percepção de uma relação entre duas idéias, seja essa relação de concordancia, ou seja de discordancia. Si se faz consistir a natureza do verbo na affirmacção, claro está, em vista do que fica dito, que não haverá verbo em uma proposição negativa (1), ou então, que haverá uma

(1) Aristoteles, em um dos logares acima citados, querendo ser coherente, recusa o nome de verbo a toda a expressão negativa como, por

afirmação expressa pelo verbo, e uma negação expressa pela partícula negativa, nada havendo, afinal de contas, porque uma destrói a outra.

Demais linguas ha em que o verbo tem duas fórmãs, uma para afirmar, outra para negar; assim, a mesma palavra na fórmula negativa deixaria de ser verbo.

Si se sustentasse que na proposição negativa afirma-se a negação, a resposta seria que ha nisso confusão de idéias e de palavras: na mesma proposição nunca se afirma negação, nem se nega afirmação; enuncia-se uma afirmação ou uma negação. Esta enunciação de uma relação (*apóphansis*) é que constitue a natureza do verbo. Tal é também o sentido exacto da primeira definição de Aristoteles: diz elle que « o verbo significa sempre (*aei*) cousas ditas (*legoménon*) de uma outra ».

A definição de Port Royal é, por conseguinte, acanhada de mais. Deve-se definir o verbo « a palavra que exprime a existencia de uma relação entre duas idéias », relação de concordancia, relação de discordancia ou qualquer outra, isso em nada muda a essencia do verbo. Nas sentenças a natureza discordante da relação é expressa pela partícula negativa; nas proposições afirmativas a concordancia da relação não é expressa por palavra separada, mas é indicada sufficientemente pela união das palavras entre si, e pela ausencia de toda a negação. Si fosse preciso poder-se-ia notar a relação de concordancia por meio de uma palavra qualquer, por exemplo *naí* em Grego, *revera* em Latim, *realmente* em Portuguez, etc.

A definição de Port Royal seria boa si o homem sempre pensasse e sempre se exprimisse afirmativamente (1).

Como exprimir a existencia de uma relação entre duas idéias é dizer, é declarar uma cousa, segue-se que é boa a definição de W. D. Whitney « *Verbo é a palavra que diz ou declara* » (2).

162. Divide-se o verbo em verbo substantivo e verbo predicativo.

163. *Verbo substantivo* é o que indica a relação entre uma idéia qualquer e a idéia simples de substancia, ex.: « *Deus é, foi e será* ».

Ha em Portuguez um só verbo substantivo: é *ser*.

exemplo *oyk ygiaínei*, e mesmo a qualquer fórmula que exprima outro tempo que não o presente.

(1) BURGGRAFF, *Obra citada*, pag. 344—349.

(2) *Obra citada*, pag. 11.

O verbo *estar*, que também poderia ser considerado substantivo, não o é verdadeiramente, porque não indica a existência em absoluto, mas sim como modificada já por um estado, por uma posição, etc..

Quando o verbo substantivo relaciona a uma idéia qualquer a idéia de substância modificada por um predicado, o verbo substantivo é considerado como simples copula, ex.: « *Pedro é bom—estes meninos SÃO inteligentes* ».

164. *Verbo predicativo* é o que indica a existência de uma relação entre uma idéia qualquer e a idéia de substância, modificada por um predicado expresso pela raiz verbal, ex.: « *Pedro ama* » (equivalente de « *Pedro é amante* »).

165. Subdividem-se os verbos predicativos em *verbos intransitivos* e *verbos transitivos*.

Esta classificação funda-se na natureza do predicado contido no verbo.

O predicado apresenta-se ao nosso espírito:

- 1) como simples estado, como puro modo de ser (*idiopátheia, status, habitas*) de um objecto, ex.: « *estar—sentar—tombar—morrer* ». Chamam-se intransitivos os verbos que envolvem tais predicados. Assim, *tombar* é um verbo intransitivo porque a qualidade que notamos no objecto que é *tombante* (termo fictício) nos aparece como puro modo de ser desse objecto, como simples mudança de lugar que elle effectua de um momento para outro.
- 2) Como o estado de um objecto, como um modo de ser desse objecto, que póde produzir, ou que produz realmente algum effeito sobre outro objecto, ex.: « *ferir—quebrar—amar—odiar* ». Chamam-se transitivos estes verbos porque o objecto a que elles se referem exerce uma acção que actua sobre outro objecto extranho, que passa para sobre elle.

Para que o estado de um objecto qualquer se nos apresente como transitivo preciso é que envolva idéia de movimento. E ainda não basta. E' também preciso que esse estado se apresente, em virtude do movimento, como produzindo um effeito qualquer sobre outro objecto, ou ao menos como capaz de o produzir.

Assim, *andar, tombar* não são verbos transitivos porque as idéias das qualidades *andante, tombante* que elles

9

encerram não representam o objecto de que taes qualidades são predicadas, como exercendo acção sobre outro. Ellas nol-o mostram em simples estado de movimento.

Verdade é que se diz vulgarmente « *a acção de andar, de tombar* ». Neste caso a palavra *acção* está tomada em sentido lato, quiçá improprio, e não indica por fórmula alguma que o objecto que *anda, tomba* actue sobre objecto extranho.

166. Os verbos transitivos podem estar na voz activa e na voz passiva. Estão na *voz activa* quando a acção transitiva que representam é exercida pelo sujeito da oração: estão na *voz passiva* quando, pelo contrario, tal acção é exercida sobre esse sujeito.

Os Estoicos chamaram ao verbo transitivo em voz activa—*kategórema orthón—verbum rectum, verbo direito*; ao verbo transitivo em voz passiva deram o nome de—*yption—verbum supinum, verbo deitado de costas*; ao verbo intransitivo classificavam elles como—*oydéteron—verbum neutrum, verbo que não era direito, nem deitado de costas*. Estas denominações foram tomadas, ao que parece, das attitudes diversas dos atletas ao darem e receberem golpes (1).

167. O verbo chama-se mais

- 1) *Auxiliar*—quando empregado como elemento subsidiario na formação
 - a) dos tempos compostos de todos os verbos.
 - b) de todos os tempos dos verbos passivos.
 - c) de todos os tempos dos verbos periphrasticos e frequentativos.

Os verbos auxiliares são *haver, ter e ser*. Podem entrar na classe de auxiliares os verbos *cessar de, deixar de*, os quaes exprimem cessação ou abstenção de acto, como « *Deixar de fazer alguma cousa* ». Em proposições negativas diz-se melhor *cessar*, ex.: « *Não cessava de o importunar e amesquinhar-se* ». Da mesma sorte *acertar de, dever de, tomar a* têm a força de auxiliares; o primeiro para exprimir a casualidade, o segundo a probabilidade, e o terceiro a renovação de uma acção, ex.: « *Acertou de passar* (casualmente passou)—*Os autos devem de ser perdidos* (provavelmente se perderam).—*Não tornes a peccar*

(1) R. SCHMIDT, *Stoicorum Grammatica*, Halis, 1839, pag. 63.

(não peques outra vez) ». *Dar em* também se emprega como auxiliar na acção de *começar*, ex.: « *Muitos que já estavam para quebrar*, DERAM EM *dar* (começaram a dar) *para que delles tal se não presumisse* (MANOEL BERNARDES) ».

- 2) *Regular*—quando segue exactamente seu paradigma de conjugação, ex.: « *louvar—defender* ».
- 3) *Irregular*—quando não segue exactamente seu paradigma de conjugação, ex.: « *dar—caber* ».
- 4) *Impessoal*—quando em acção própria não póde ter por sujeito um nome de pessoa, ex.: « *trovejar—acontecer* ».
- 5) *Defectivo*—quando não é empregado em todas as fórm, ex.: « *feder—colorir* ».
- 6) *Periphrastico*—quando ao seu infinito ligam-se por meio da preposição *de* os tempos dos verbos *haver* ou *ter*.
 - a) O verbo periphrastico formado com os tempos do verbo *haver* chama-se *promissivo*, ex.: « *Eu hei de comprar* ».
 - b) O verbo periphrastico formado com os tempos do verbo *ter* chama-se *obligativo*, ex.: « *Eu tenho de comprar* ».
- 7) *Frequentativo*—quando ao participio imperfeito ajuntam-se tempos seus ou de outro verbo para denotar duração e progresso do estado de movimento ou de actividade, marcado pelo seu predicado, ex.: « *Ir indo—vir vindo—estar cahindo—andar estudando* ».
- 8) *Terminativo*—quando o predicado nelle contido exige um termo indirecto de acção: *dar*, *usar* são verbos terminativos porque os predicados *dante*, *usante* (palavras ficticias) nelles contidos requerem termos indirectos de acção, ex.: « *Dar alguma cousa a alguém—usar de alguma cousa* ».

São *terminativos* verbos intransitivos e transitivos.

- 9) *Pronominal*—quando por uso da lingua emprega-se sempre com um pronome objectivo que representa o sujeito, ex.: « *Queixar-se—condoer-se* ».

A distribuição da acção do verbo em reciproca, reflexiva, etc., está mais no dominio da logica do que no da grammatica. Diz Garrett (1):

« O verdadeiro systema de grammatica devêra ser o de « simplificar, mas parece que acintemente não tratam « sinão de augmentar entidades e fazer difficultoso o que « é simples e facil, multiplicando termos e categorias de « divisões e subdivisões em cousas que as não precisam. « Que quer dizer, por exemplo, *verbo reciproco*? E' um « verbo activo, nem mais, nem menos, com um pronome « no objectivo, assim como podia ter um nome ».

VI

PREPOSIÇÃO

168. *Preposição* é uma palavra que marca a natureza de uma relação representada entre duas idéias, ex.: « *Dono de escravos—pão com manteiga* ».

Nestas expressões a palavra *de* significa evidentemente uma relação de senhorio, de possessão; e a palavra *com*, uma relação de união de concomitancia. A preposição não indica sómente, como diz a pluralidade dos grammaticos, a existencia de uma relação entre dous termos; é essa a funcção do verbo: a preposição exprime de uma maneira determinada a natureza dessa relação. Por marcar a natureza de uma relação distingue-se a preposição do verbo *ser*, empregado como copula de um verbo abstracto.

Burgraff (2) entende ser provavel que no tempo de Aristoteles não formassem as preposições classes distinctas de palavras; Mulligan diz: « O uso original de todas as preposições parece ter sido dar direcção local á acção dos verbos » (3).

169. As preposições portuguezas são: *a, ante, após (pos), até (té), com, contra, de, desde (des), em, entre, para, per, por, sem, sob, sobre, trás.*

170. *Abaixo, acerca, acima, afóra, além, antes, aquém, á roda, ao redor, atrás, conforme, debaixo, de cima, defronte, detrás, dentro, depois, diante, excepto, junto, longe, perto, perante, etc.,* são adverbios

(1) *Obra citada*, pag. 237.

(2) *Obra citada*, pag. 502, nota.

(3) HOLMES, *A Grammar of the English Language*, New-York, 1874, pag. 75.

ou mesmo locuções prepositivas que fazem as vezes de preposições, sem o serem realmente.

171. Póde-se juntar uma preposição a outra para modificar a natureza da relação, ex.: « *Por entre—de sobre* ».

A este respeito diz Moraes: « Outras vezes o nome se offerece « ao nosso entendimento em duas relações: v. g. « a porta *de sobre* « o muro »: onde « muro » se offerece como possuidor de « porta », « e como logar sobre que ella estava » (1). E accrescenta em nota: « Os Hebreus tinham o mesmo uso. V. Oleastri, Hebraism. Canon « 5'—*Non auferetur sceptrum de Jehudah, et Scriba de inter pedes ejus, donec veniat Siloh et ei obedientia gentium.*—Os Latinos « usaram o mesmo: v. g. —*in ante diem; in super rogos; de sub; de de super.*—Nós dizemos—*de entre muros; perante, empós, após de; desno tempo; desde; de des e de—Foram-me tirar dos claustros e de sobre os livros (Vida do Arcebispo). De sob as arvores (Menina e Moça); Mora a sobripas, etc. ».*

172. Chama-se *locução prepositiva* uma reunião de palavras que faz as vezes de uma preposição, ex.: « *Em cima de—a Cavalleiro de* ».

VII

CONJUNÇÃO

173. *Conjunção* é uma palavra que marca a natureza de uma relação representada entre dous juízos.

A conjunção representa entre dous juízos o mesmo papel que desempenha a preposição entre duas idéias.

174. Conjunções ha que ligam verdadeiramente palavras, determinando a natureza de uma relação entre duas idéias na mesma sentença, taes são *e, nem, ou*, etc.

Burgraff (2) entende que a conjunção só liga *proposições*, e a maioria dos exemplos em contrario explica-os elle por meio de ellipses: na expressão « *tres e seis são nove* » opina o douto philologo que « e » seja uma verdadeira preposição equivalente de « *com* ».

(1) *Epitome da Grammatica Portugueza*, na 7.^a edição do *Diccionario*, pag. XIV.

(2) *Obra citada*, pag. 512.

175. Divide-se a conjunção em conjunção coordenativa e conjunção subordinativa.

176. *Conjunção coordenativa* é a que mostra a natureza de uma relação representada entre juízos independentes, ex.: « *Cervantes no D. QUIXOTE matou a instituição da cavallaria andante, E Camões nos LUSIADAS immortalizou a arte da navegação* ».

177. A conjunção coordenativa é

- 1) *Copulativa*—*e, tambem, nem.*
- 2) *Continuativa*—*pois, ora, outrosim.*
- 3) *Explicativa*—*como.*
- 4) *Disjunctiva*—*ou, quer.*
- 5) *Adversativa*—*mas, porém, todavia.*
- 6) *Conclusiva*—*logo, pois.*

178. *Conjunção subordinativa* é a que mostra a natureza de uma relação, representada entre juízos dependentes, ex.: « *Não creio QUE o rei seja mau* ».

179. A conjunção subordinativa é

- 1) *Condicional*—*si.*
- 2) *Causal*—*porque, como, que.*
- 3) *Concessiva*—*embora, quer.*
- 4) *Temporal*—*como, quando.*
- 5) *Integrante*—*que, como, si.*

Deve-se antes escrever *si* do que *se*: este modo de orthographar a palavra, sobre ser mais conforme com a pronuncia, identifica o derivado com a raiz latina. Em Francez e em Hespanhol adaptou-se *si*; em Italiano, *se*.

180. Chama-se *locução conjunctiva* uma reunião de palavras que faz as vezes de uma conjunção, ex.: « *logo que—comtanto que—si bem que, etc.* ».

VIII

ADVERBIO

181. *Adverbio* é uma palavra que determina a natureza de uma relação, encerrando em si ao mesmo tempo o segundo termo dessa relação.

Depreende-se disto que o adverbio é uma redução ou expressão abreviada da preposição com seu complemento em uma só palavra invariável.

182. O adverbio modifica

- 1) um verbo, ex.: « *amanhecerá logo* ».
- 2) um adjectivo, ex.: « *muito sabio* ».
- 3) um outro adverbio, ex.: « *assás correctamente* ».
- 4) um substantivo, ex.: « *unicamente Pedro* ».

Prisciano, grammatico latino do seculo VI definiu o adverbio « *Est pars orationis indeclinabilis, cujus significatio verbis adjicitur* »; Court de Gébelin (1) e outros grammaticos modernos (2) têm o mesmo modo de entender, isto é, que o adverbio só modifica verbos. Chamam ao adverbio *adjectivo do verbo*, e dão-lhe superlatividade em phrases como « *muito eloquentemente, pouco prudentemente* ». A opinião mais seguida é que elle modifica adjectivos, verbos e outros adverbios; para se ficar, porém, convencido de que, como ensinam Soares Barbosa (3) e Bastin (4), elle tambem modifica substantivos basta attender-se á diferença destes juizos: « *Shakespeare conheceu unicamente o coração humano—unicamente Shakespeare conheceu o coração humano* ».

No primeiro o sentido é que o coração humano foi a unica cousa que Shakespeare conheceu; *unicamente* refere-se a *conheceu*; no segundo diz-se que Shakespeare foi o unico homem que conheceu o coração humano; *unicamente* diz respeito a *Shakespeare*. A escolha de um substantivo proprio toma mais frizantes os exemplos, e mais clara a doutrina.

183. Conforme a natureza da modificação que exprime, divide-se o adverbio em *adverbio*

- 1) *de tempo*—*agora, ainda, amanhã, antes, cedo, hoje, hontem, depois, já, jamais, logo, nunca, ora, quando, sempre, tarde, então*.
- 2) *de logar*—*onde, aqui, ahi, alli, aquém, além, acima, arriba, avante, cá, lá, acolá, fóra, dentro, algures, alhures, nenhures, perto, longe, trás*.

(1) BURGRAFF, *Obra citada*, pag. 522.

(2) BERGMAN, *Obra citada*, pag. 448.

(3) *Obra citada*, pag. 235.

(4) *Obra citada*, pag. 289.

Aqui é o adverbio de logar da primeira pessôa; *ahi*, da segunda; *alli*, *lá*, *acolá*, etc, da terceira.

- 3) *de ordem*—*primeiramente*, *ultimamente*, *depois*.
- 4) *de modo*—*bem*, *mal*, *assim*, *como*, *acintemente*, e a mór parte dos que se formam pela adjuncção da terminação *mente* a um adjectivo.
- 5) *de conclusão logica*—*consequentemente*, *consequentemente*.
- 6) *de quantidade*—*muito*, *pouco*, *assás*, *mais*, *menos*, *tão*, *quão*, *tanto*, *quanto*, *como*, *quasi*.
- 7) *de affirmação*—*sim*, *verdadeiramente*, *effectivamente*, *realmente*, *certamente*.
- 8) *de negação*—*nada*, *não*, *menos*, *nunca*, *jamais*
- 9) *de duvida*—*talvez*, *acaso*, *quiçá*.
- 10) *de exclusão*—*só*, *somente*, *apenas*, *unicamente*, *siquer*, *sinão*,
- 11) *de designação*—*eis*.

184. Chama-se *locução adverbial* uma reunião de palavras que faz as vezes de um adverbio, ex.: « *de balde—às direitas* ».

IX

INTERJEIÇÃO

185. *Interjeição* é um som articulado que exprime um affecto subito, ou que imita um som inarticulado, ex.: « *Oh!... disse o principe. Esta unica interjeição lhe fugia da bocca; mas que discurso houvera ahi que a equalasse? Era o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fojo sobre a preia descuidada* (A. HERCULANO).—*Paf!... um primeiro tiro. Paf!... um segundo tiro. Paf!... uma saraivada* (ANONYMO) ».

Os Gregos não consideraram a interjeição como verdadeira palavra, por isso que é ella antes clamor instinctivo do que signal de idéia; por conveniencia classificaram-na entre os adverbios; foram os grammaticos latinos que lhe assignaram logar distincto entre as partes do discurso. Scaligero, De Brosses, Destut Tracy e muitos outros grammaticos celebres tiveram-na como a palavra por excellencia, como a parte primitiva e principal do conjuncto de signaes que exprimem o pensamento. Era justa a opinião dos

mestres gregos: a interjeição não representa idéia, não envolve noção; é articulação instintiva, é grito animal, não é palavra (1).

186. As interjeições exprimem

- 1) a dôr—*ai! ui!*
- 2) o prazer—*ah! oh!*
- 3) o allivio—*ah! eh!*
- 4) o desejo—*oh! oxalá!*
- 5) a animação—*eia ! sus !*
- 6) o applauso—*bem! bravo!*
- 7) imposição de silencio—*chiton! psio! caluda!*
- 8) a aversão—*ih! chi!*
- 9) o appello—*ó! olá! psit! psiu!*
- 10) a impaciencia—*irra! apre!*

Ha interjeições onomatopaicas, isto é, que imitam ruidos, ex.: « Zaz !—truz! ».

187. Chama-se locução interjectiva qualquer reunião de palavras empregada exclamativamente, ex.: « *Pobre de mim!—Que gosto!* ».

SECÇÃO SEGUNDA

KAMPENOMIA

188. *Kampenomia* é o conjuncto das leis que presidem á flexão das palavras.

189. *Flexão* é a mudança que experimenta a palavra variavel para representar as diversas gradações da idéia.

190. Distinguem-se na palavra variavel dous elementos principaes: o *thema* e a *desinencia*.

- 1) *Thema* é a parte invariavel da palavra: *em provo, provas, provarei, provar, PROV é o thema.*
- 2) *Desinencia* é a parte movel ou transformavel da palavra: nos exemplos acima O, AS, AREI, AR são desinencias.

O *thema* chama-se tambem *radical*; e a *desinencia*, terminação. Ha diferença entre *thema* e *raiz*: *raiz* é o elemento primitivo da palavra, o som que encerra a idéia principal, conservado puro

(1) GUARDIA ET WIERZEYSKI, *Obra citada*, pag. 75. BASTIN, *Obra citada*, pag. 303. BURGRAFF, *Obra citada*, pag. 527—528.

através das migrações etymologicas. Em *ingerir* a desinencia é *ir*, o thema *inger*, a raiz GER.

191. São palavras sujeitas á flexão o nome e o verbo.

O adverbio marca a transição das palavras variaveis para as invariaveis: com efeito é elle como um adjectivo ankylozado, e si, rigorosamente fallando, não recebe flexão, modifica-se todavia para exprimir grau de comparação, ex.: « *lindamente—lindissimamente* ».

192. Ha *flexão nominal* e *flexão verbal*, *themas* e *desinencias nominaes*, *themas* e *desinencias verbaes*.

O thema é o desenvolvimento da raiz primitiva (monosyllabica sempre nas linguas indo-germanicas): modifica-se ou converte-se elle em nome ou em verbo, conforme são nominaes ou verbaes as desinencias que se lhe ajuntam.

193. *Flexão nominal* é a união do thema com as desinencias nominaes.

194. Por meio de flexão nominal representa-se o genero, o numero e o grau de significação.

195. *Genero* é a distincção dos nomes em relação ao sexo das cousas por elle representadas ou modificadas.

196. Ha em Portuguez dous generos: o *masculino* e o *feminino*.

As palavras que representam cousas que não têm sexo assumem o genero masculino ou feminino por analogia de flexão.

197. *Numero* é a distincção dos nomes em relação ao facto de representarem ou modificarem elles uma só cousa ou mais de uma cousa.

198. Ha em Portuguez dous numeros : o *singular* e o *plural*.

Um nome que representa uma só cousa está no singular, ex.: « *navio—chapéo* ».

Um nome que representa mais de uma cousa está no plural, ex.: « *navios—chapéos* ».

Observação n. 1.) Não são usados no singular os nomes que significam pares, multidão ou acervo de cousas da mesma especie, ex.: « *bragas—calças—ceroulas—exequias—fauces—fezes—preces —sêmeas—thesouras—trevas—viveres*, etc. ».

Todavia vai-se estabelecendo o uso de dizer *calça, thesoura, treva*, etc..

Observação n. 2.) Não são usados no plural os nomes proprios, porque exprimem um individuo só; quando, porém, se lhes dá numero plural, é figuradamente para significar individuos da mesma classe, como *os Virgílios, os Homeros, os Cesares, os Alexandres*, etc, isto é, os poetas celebres como Virgilio e Homero, os grandes generaes como Cesar, etc..

Tambem não se usam no plural os nomes

- 1) de sciencias e artes, tomadas individualmente, ex.: « *a theologia, a philosophia, a escultura, a pintura*, etc. »;
- 2) de qualidades habituaes, ex.: « *a fé, a esperança e a caridade* »; menos quando são tomadas pelos actos dellas, ex.: « *duas fés e crenças—Deus abhorrece avarezas*, isto é, *os actos viciosos da avareza* » ;
- 3) de metaes ou substancias elementares inorganicas, ex.: « *ouro, prata, cobre, hydrogeneo, azote, carbono*, etc. »; excepto si quizermos significar peças, artefactos, porções ou especies, accidentalmente diferentes, como « *estar a ferros—muitas pratas—aguas mineraes—aguas thermaes*, etc. » ;
- 4) de productos animaes ou vegetaes, ex.: « *leite—mel—cera—canella—seda*, etc. »;
- 5) de ventos, etc.: « *norte—sul*, etc. »; todavia, cursando dias e temporadas, é costume dizer: « *Entraram-lhe os suestes, os nordestes, as brisas—cursavam os levantes*, etc. »;
- 6) dos substantivos compostos *meio-dia, norte-sul, verde-mar, verde-montanha*.

199. Grau

- 1) em relação ao substantivo, é a faculdade de poder elle representar uma cousa ou em estado normal, ou augmentada, ou diminuida.
- 2) em relação ao adjectivo, é a faculdade de poder elle qualificar o substantivo
 - a) sem comparal-o com outro,
 - b) comparando-o com outro,
 - c) exaltando-o pela comparação acima de todos os individuos da especie representada pelo substantivo,
 - d) exaltando-o em absoluto.

200. Ha em Portuguez tres graus de significação: normal, augmentativo, diminutivo.

201. O substantivo

- 1) em *grau normal* representa uma cousa como ella é commumente, ex.: « *Homem—mulher* ».
- 2) em *grau augmentativo* representa-a augmentada, ex.: « *Homemzarrão—mulheraça—mulherão* ».
- 3) em *grau diminutivo* representá-a diminuida, ex.: « *Homemzinho—homunculo—mulherzinha—muliercula* ».

202 *Flexão verbal* é a união do thema com as desinencias verbaes.

203. Por meio da flexão verbal representa-se o modo, o tempo, o numero e a pessôa do verbo.

204. *Modo* é a maneira porque se apresenta uma relação entre duas idéias.

205. Ha em Portuguez quatro modos: o indicativo, o condicional, o imperativo e o conjunctivo.

206. A relação entre duas idéias é representada

- 1) pelo *indicativo* como real,
- 2) pelo *condicional* como dependente de uma condição,
- 3) pelo *imperativo* como exigida por uma ordem, por uma manifestação de vontade,
- 4) pelo *subjunctivo* como contingente.

207. *O infinito* e *o participio* são antes *fórmãs nominaes* do verbo do que modos: o infinito representa o substantivo; o participio, o adjectivo.

A este respeito diz o grande philologo indianista, sr. Miguel Bréal (1): « Ha erros mais graves que se deveria expungir dos « livros de estudos: esses erros imbuem no espirito de nossos « meninos idéias que prejudicam mais tarde a intelligencia da « syntaxe.

« Nada é mais simples que a noção do modo, si limitamo-nos « ao indicativo, ao imperativo e ao subjunctivo. O modo, diremos « nós ao menino, muda conforme a maneira porque se apresenta « a proposição. Si nos contentarmos com expôr ou enunciar um « factó, empregaremos o indicativo. Si quizermos dar uma ordem,

(1) *Mélanges de Mythologie et de Linguistique*, Paris, 1877, PAG. 328—329.

« será o imperativo. O subjunctivo serve para exprimir uma
« acção que é considerada como possível ou como desejável.
« Obscurecemos, porém, a idéia de modo desde que a estendemos
« ás formas impessoaes, como são o infinito, o supino (1), os
« participios. Realmente elles não são modos, mas sim formações
« de uma natureza á parte, a que é preciso dar um outro nome.

« Com effeito, o que kharacterisa o verbo é que elle por si só
« póde representar uma proposição, como o vemos em phrases
« taes como *audio, pergite, taceat*. Para empregar a linguagem da
« logica, o sujeito nestas proposições é representado pela desinencia,
« o predicado pela raiz ou thema: quanto á copula que os reune,
« é ella supprida por nossa intelligencia. Mas dá-se cousa
« inteiramente diversa com formas como *legere, amans, monitus*:
« por si proprias ellas não apresentam sentido completo, porquanto
« nestas palavras nosso espirito concebe de maneira diversa a
« relação entre a flexão e o radical. A copula interior não é
« subentendida, de modo que não ha proposição. *Legere, amans,*
« *monitus* são na realidade formações nominaes. Tocamos aqui na
« differença essencial que ha entre verbo e nome. Todas as outras
« noções que o verbo serve ainda para notar são accessorias. O
« tempo, a voz, a pessôa, o numero, a força transitiva, são de
« importancia secundaria, e vêm de certa maneira por accrescimento.
« Já se deixa ver que confusão introduz-se no espirito das crianças
« quando reúnem-se sob a mesma designação de modo formas
« verbaes como *venite, lege, eamus*, e formações nominaes como
« *audire, legendi, lusum* ».

O sr. Adolpho Coelho (2) tambem considera o infinito e o participio formas nominaes do verbo.

O infinito Portuguez tem a peculiaridade de ser sujeito a flexão pessoal e numerica.

208. *Tempo* do verbo é a determinação da epokha em que tem logar a relação que o verbo exprime.

209. As epokhas são tres: presente, passado e futuro.

210. Para determinar as varias gradações de anterioridade e de posterioridade das tres epokhas nos diversos modos e formas

(1) *Nas linguas romanicas não ha supino*: o sr. Bréal refere-se ao Latim.

(2) *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*, Lisbôa, 1870, pag. 124 e seguintes.

nominaes tem o verbo portuguez vinte e quatro tempos, como se póde ver deste quadro

	<i>Indicativo</i>	<i>Imperativo</i>	<i>Condicional</i>	<i>Subjunctivo</i>	<i>Infinito</i>	<i>Participio</i>
<i>Presente</i>	1	1	...	1	2	1
<i>Imperfeito</i>	1	...	1 (2)	1		1
<i>Perfeito</i>	1	...	1	1	2	1
<i>Aoristo (1)</i>	1	1
<i>Plusquam perfeito</i> ..	1	1
<i>Futuro</i>	2	2

211. Em geral

- 1) *o presente* indica actualidade da relação expressa pelo verbo, ex.: « *Pedro é imperador* ».
- 2) *o imperfeito* indica a actualidade dessa relação com referencia a uma epokha passada, ex.: « *Em 1789 ERA Washington presidente* ».
- 3) *o perfeito* indica a preteritividade determinada da relação, ex.: « *O ministério TEM SIDO muito guerreado* ».
- 4) *o aoristo* indica a preteritividade indeterminada da relação, ex.: « *Pedro MORREU* ».
- 5) *o plusquam perfeito* indica a preteritividade da relação com referencia de anterioridade a uma epokha passada, ex.: « *Quando chegou Blücher em Waterloo já as tropas francezas TINHAM PERDIDO a esperança da victoria* ».

(1) Do grego *aóristos*, *indefinido*, *indeterminado*: tornou-se da grammatica grega a denominação do tempo, e a maneira de classificar-o.

(2) Em geral considera-se este tempo como presente; alguns grammaticos têm-no como futuro. Pelo estudo comparativo da grammatica latina vê-se que é imperfeito, e como tal o avaliam, entre outros, o sr. Bento José de Oliveira na *Nova Grammatica Portugueza*, (13.a edição. Coimbra 1878) e o sr. Adolpho Coelho, *Obra citada*, pag. 18.

6) *o futuro* indica simples futuridade, ex.: « *Paulo SERÁ ministro* ».

7) *o futuro anterior* indica futuridade anterior a qualquer circunstancia, ex.: « *Pedro JÁ TERÁ SIDO aclamado quando chegarem as tropas* ».

Os tempos são simples ou compostos: *simples* são os que se formam pela junção da desinencia ao thema; *compostos* são os que se formam pela junção do participio aoristo aos tempos dos verbos auxiliares.

212. *Numero* do verbo é a fôrma que o verbo assume para indicar a unidade ou a pluralidade do seu sujeito.

Sujeito é a primeira das duas idéias relacionada pelo verbo.

213. *Pessôa* do verbo é a fôrma que elle assume para indicar que o seu sujeito é da primeira, da segunda ou da terceira pessoa.

214. *Conjugar* um verbo é fazel-o passar pelas fôrmas que representam as modificações da relação por elle expressa.

I

SUBSTANTIVO

§ 1.º

Genero

215. O genero do substantivo é determinado pela significação do thema ou pela flexão.

A flexão nominal, perfeita relativamente ao numero e ao grau, é deficiente no que diz respeito ao genero: na mór parte dos casos ha necessidade de pedir ao thema a significação do substantivo para determinar-se o genero a que elle pertence. Em geral póde-se dizer que as regras tiradas da desinencia para determinar o genero de um substantivo estão sempre subordinadas ás que se tiram da significação do thema.

216. São masculinos em virtude da significação do thema

1) os substantivos que significam macho, quer sejam appellativos, quer sejam proprios, ex.: « *Homem—cavallo—Caligula—Incitatus* ».

- 2) os nomes proprios de anjos, demonios, deuses e semideuses, ex.: « *Azrael—Satanas—Jupiter—Hercules* ».
 - 3) os nomes proprios de ventos, ex.: « *Boreas—Zephyro* ».
 - 4) os nomes proprios de montes, ex.: « *Himalaya—Ossa—Pelion* ».
 - 5) os nomes proprios de rios, ex.: « *Lima —Parahyba—Sena* ».
 - 6) os nomes proprios de mares, ex.: « *Baltico—Caspio* ».
 - 7) os nomes proprios de mezes, ex.: « *Janeiro—Abril* ».
 - 8) os nomes das letras do alfabeto, os dos algarismos e os das notas musicas, ex.: « *o J;—o B ;—o 4;—o 5;— o dó;—o fá* ».
 - 9) os infinitos dos verbos e quaesquer palavras, phrases ou sentenças empregadas como substantivos, ex.: « *O dar;— o partir ;—o bom ;—o sim;—o « não posso » do rei* ».
- 217.** São femininos em virtude da significação do thema:
- 1) os substantivos que significam femea, quer sejam appellativos, quer sejam proprios, ex.: « *Mulher—leôa—Dido—Estricte* (cadella de Acteon) ».
 - 2) os nomes proprios de deusas, nymphas e outras divindades e personificações allegoricas, a que se attribue o sexo feminino, ex.: « *Juno—Eukharis—Clotho—Tisiphone—Discordia*, etc. ».
 - 3) os nomes proprios de cidades, villas e aldeias, ex.: « *Londres—Trancoso—Gralheira* ».
- Os nomes proprios que foram primitivamente appellativos têm o genero que indica a sua desinencia, ex.: « *O Porto—a Bahia* ».
- 4) os substantivos que designam cousas abstractas, ex.: « *Pallidez—saude—superficie* ».
 - 5) os nomes dos dias da semana, ex.: « *Segunda-feira—Sexta-feira*. Exceptuam-se *Sabbado* e *Domingo* que são masculinos.
- 218.** Os substantivos que têm uma só fôrma para designar ambos os sexos chamam-se *communs de dous*, ex.: « *Artifice—conjuge—guia* ».

A estes se podem juntar os nomes proprios de familia, ex.: « *O sr. Peixoto—a sra. Peixoto—o sr. Miranda—a sra. Miranda* ».

219. Os nomes que sob um só genero indicam tanto o sexo feminino como o masculino chamam-se *epicenos*, ex.: « *Jacu—leopardo—tigre* ».

Em relação ao genero regem-se estes nomes pelas desinencias; para distincção dos sexos aggregam-se-lhes as palavras *macho e femea*, ex.: « *O jacu femea—a onça macho* ». *Macho e femea* são usados como adjectivos de dous generos, si bem que encontrem-se nos escriptos classicos portugueses as variações *macha e femeo*.

220. São masculinos em virtude da desinencia os substantivos terminados

1) por *á, é, i, ó, ô, u, y*, ex.: « *Alvará—café—javali—livro—cipó—avô—peru—tilbury* ».

Exceptuam-se dos acabados

a) por *á—Pá*.

b) por *é—Chaminé, fé, galé, libré, maré, polé, ralé, ré, sé*.

c) por *ó—Eiró, enxó, filhó, ilhó, mó, leiró*.

d) por *u—Tribu*.

2) por *au, ei, éo, eu*, ex.: « *Pau—rei—chapéo—breu* ».

Exceptuam-se dos acabados

a) em *au—Nau*.

b) em *ei—Grei, lei*.

3) por *ali*, ex.: « *Almanak* ».

4) por *al, el, il, ol, ul*, ex.: « *Pinhal—marnel—barril—lençol—paul* ».

Exceptuam-se dos acabados em *al—cal* e varios adjectivos substantivados, ex.: « *Capital—moral* ».

5) por *em, im, om, um*, ex.: « *Armazem—marfim—trom—jejum* ».

Exceptuam-se dos acabados por *em—ordem, nuvem*, e bem assim aquelles cuja terminação *em* é modificada por *g*, ex.: « *vertigem* ». *Adem* é masculino no singular e feminino no plural.

6) por *an, en, on*, ex.: « *Iman—hyphen—colon* ».

- 7) por *ar, er, ir, or, ur*, ex.: « *Altar—talher—nadir—valor—catur* ».
 Exceptuam-se dos acabados
 a) em *er—Colher*.
 b) em *or—Cor, dor, flor*.
- 8) por *is, us*, ex.: « *Lapis—virus* ».
 Exceptuam-se dos acabados em *is—bilis, cutis, phenis*.
- 9) por *az, ez, iz, oz, uz*, ex.: « *Matras—revez—matiz—cadoz—capuz* ».
 Exceptuam-se dos acabados
 a) em *az—Paz, tenaz*.
 b) em *ez—Fez, rez, tez, torquez, vez*.
 c) em *iz—Aboiz, cervis, cicatriz, matriz, raiz, sobrepeliz, variz*.
 d) em *oz—Foz, noz, pioz, voz*.
 e) em *uz—Cruz, luz*.
- 10) por *ão*, ex.: « *Coração* ».

As exceções a esta regra são muito numerosas: em geral póde-se dizer que são femininos os substantivos derivados de adjectivos e de verbos, ex.: « *Aptidão—multidão—transformação—variação* ». Todos os augmentativos em *ão* são masculinos.

221. São femininos em virtude da desinencia os substantivos terminados

- 1) por *a*, ex.: « *Casa—cunha* ».

Exceptuam-se *dia, mappa, papa, tapa* e os derivados do Grego terminados em *ma* e *ta*, ex.: « *Clima—cometa—poema* ».

Asthma, cataplasma e *khrisma* são femininos.

Schisma (*cisma* melhor orthographia, segundo a pronuncia fixada pelo uso) é masculino e feminino.

Cometa, estratagema, planeta e alguns outros foram outrora femininos em Portuguez : explica-se assim a destemperada syllepse de genero que os grammaticos querem á fina força metter na conta a Camões:

- « Mas já a *planeta* que no céu primeiro
 « Habita cinco vezes *apressada*,
 « Agora meio rosto, agora inteiro
 « Mostrara emquanto o mar cortava a armada (1).

(1) *Lusíadas*, Canto V, Est, XXIV.

A famigerada figura teve de certo origem em um erro typographico da edição *princeps* dos *Lusiadas*, reproduzido nas edições subsequentes (1).

2) por *ã, ê*, ex.: « *Lã—mercê* ».

Exceptuam-se dos acabados em *ã—caftã, talismã*.

222. Não é possível estabelecer regras que determinem o genero dos substantivos acabados em *e*: o que ha de certo é que são femininos todos os substantivos terminados em *e* que significam cousas abstractas, ex.: « *Amizade—fome—sede—louquice—canicie*, etc. ».

223. Converte-se um substantivo que representa individuo do sexo masculino em outro que representa individuo do sexo feminino

1) mudando a desinencia

a) *o* em *a*, ex.: « *Filho, filha—gato, gata* ».

b) *ão* em *ôa*, ex.: « *Furão, furôa—leão, leôa* ».

c) *ão* em *ona* nos augmentativos, ex.: « *Sabichão, sabichona* ».

2) ajuntando *a* aos vocabulos terminados em letra alterante, ex.: « *Defensor, defensora—juiz, juiza* ».

Estes substantivos, ou antes, adjectivos substantivados, tiveram outrora uma só terminação para ambos os generos, ex.: « *D'averdes donas por entendedores* ».

(*Cancioneiro da Vaticana*, n, 786).

224. São irregulares

<i>Abbate</i>	feminino	<i>abbadessa</i>	<i>avô</i>	feminino	<i>avó</i>
<i>actor</i>	»	<i>actriz</i>	<i>barão</i>	»	<i>baroneza</i>
<i>alleião</i>	»	<i>alleiã</i>	<i>bode</i>	»	<i>cabra</i>
<i>alcaide</i>	»	<i>alcaideza</i>	<i>boi, touro</i>	»	<i>vacca</i>
<i>anão</i>	»	<i>anã</i>	<i>cão</i>	»	<i>cadella</i>
<i>autocrata</i>	»	<i>autocratriz</i>	<i>carneiro</i>	»	<i>ovelha</i>
<i>ancião</i>	»	<i>anciã</i>	<i>catalão</i>	»	<i>catalã</i>

(1) Esta correcção ao texto viciado de Camões, feita em 1878, foi tambem levada a efeito em 1880 pelo eminente linguista, sr. Adolpho Coelho, que, na edição dos *Lusiadas* mandada fazer pelo *Gabinete Portuguez de Leitura* por occasião do tricentenario da morte do poeta, não só restituiu o texto á pureza primitiva, como em uma de suas admiraveis notas deu as

<i>cavallo</i>	feminino	<i>egua</i>	<i>meião</i>	feminino	<i>meiã</i>
<i>cidadão</i>	»	<i>cidadã</i>	<i>mestre</i>	»	<i>mestra</i>
<i>coimbrão</i>	»	<i>coimbrã</i>	<i>monge</i>	»	<i>monja</i>
<i>compadre</i>	»	<i>comadre</i>	<i>mu ou macho</i>	»	<i>mula ou besta</i>
<i>conde</i>	»	<i>condessa</i>	<i>padrasto</i>	»	<i>madrasta</i>
<i>diacono</i>	»	<i>diaconiza</i>	<i>padre</i>	»	<i>madre</i>
<i>dom</i>	»	<i>dona</i>	<i>padrinho</i>	»	<i>madrinha</i>
<i>duque</i>	»	<i>duqueza</i>	<i>pae</i>	»	<i>mãe</i>
<i>elephante</i>	»	<i>elephanta</i>	<i>pagão</i>	»	<i>pagã</i>
<i>embaixador</i>	»	<i>embaixatriz</i>	<i>papa</i>	»	<i>papiza</i>
<i>escrivão</i>	»	<i>escrivã</i>	<i>pardal</i>	»	<i>pardoca</i>
<i>filhote</i>	»	<i>filhota</i>	<i>parente</i>	»	<i>parenta</i>
<i>folgazão</i>	»	<i>folgazona</i>	<i>perdigão</i>	»	<i>perdiz</i>
<i>frade</i>	»	<i>freira</i>	<i>peru</i>	»	<i>perua</i>
<i>frei</i>	»	<i>soror</i>	<i>poeta</i>	»	<i>poetiza</i>
<i>galho</i>	»	<i>gallinha</i>	<i>princepe</i>	»	<i>princeza</i>
<i>gamo</i>	»	<i>corça</i>	<i>prior</i>	»	<i>prioreza</i>
<i>genro</i>	»	<i>nora</i>	<i>propheta</i>	»	<i>propetiza</i>
<i>heróe</i>	»	<i>heroína</i>	<i>rapaz</i>	»	<i>rapariga</i>
<i>hospede</i>	»	<i>hospeda</i>	<i>rei</i>	»	<i>rainha</i>
<i>homem</i>	»	<i>mulher</i>	<i>réo</i>	»	<i>ré</i>
<i>ilhéo</i>	»	<i>ilhôa</i>	<i>sacerdote</i>	»	<i>sacerdotiza</i>
<i>imperador</i>	»	<i>imperatriz</i>	<i>sakhristão</i>	»	<i>sakristã</i>
<i>infante</i>	»	<i>infanta</i>	<i>sandeu</i>	»	<i>sandia</i>
<i>irmão</i>	»	<i>irmã</i>	<i>sultão</i>	»	<i>sultana</i>
<i>judeu</i>	»	<i>judia</i>	<i>vão</i>	»	<i>vã</i>
<i>khristão</i>	»	<i>khristã</i>	<i>villão</i>	»	<i>villã</i>
<i>ladrão</i>	»	<i>ladra</i>	<i>visconde</i>	»	<i>viscondessa</i>
<i>macho</i>	»	<i>femea</i>	<i>zangão</i>	»	<i>abelha</i>

225. 1) Alguns substantivos que significam cousas que não têm sexo admittem flexão de genero, e no feminino indicam quasi sempre augmento de volume ou de capacidade no sentido da largura. Taes são

<i>Bacio</i>	feminino	<i>bacia</i>	<i>caneco</i>	feminino	<i>caneca</i>
<i>bago</i>	»	<i>baga</i>	<i>cantharo</i>	»	<i>canthara</i>
<i>barco</i>	»	<i>barca</i>	<i>cesto</i>	»	<i>cesta</i>
<i>buraco</i>	»	<i>buraca</i>	<i>fosso</i>	»	<i>fossa</i>
<i>caldeiro</i>	»	<i>caldeira</i>	<i>horto</i>	»	<i>horta</i>

razões porque o fez. O auctor desta grammatica desvanece-se por ver seu humilde parecer confirmado pela decisão de um dos mais auctorizados mestres europeus.

<i>jarro</i>	feminino	<i>jarra</i>		<i>sapato</i>	feminino	<i>sapata</i>
<i>poço</i>	»	<i>poça</i>		<i>taleio</i>	»	<i>taleiga</i>
<i>regueiro</i>	»	<i>regueira</i>		<i>vallo</i>	»	<i>valla</i>
<i>rio</i>	»	<i>ria</i>		<i>chinello</i>	»	<i>chinella</i>
<i>sacco</i>	»	<i>sacca</i>		<i>chuço</i>	»	<i>chuça</i>

- 2) Com alguns substantivos o masculino exprime idéia de unidade, e o feminino tem sentido colectivo, ex.:

<i>fructo</i>	feminino	<i>fructa</i>
<i>grito</i>	»	<i>grita</i>
<i>lenho</i>	»	<i>lenha</i>
<i>madeiro</i>	»	<i>madeira</i>
<i>marujo</i>	»	<i>maruja</i>
<i>ramo</i>	»	<i>rama</i>

- 3) Alguns substantivos significam, quando femininos, cousa inteiramente diversa da que significam quando masculinos, ex.:

<i>banho</i>	feminino	<i>banha</i>
<i>barro</i>	»	<i>barra</i>
<i>espinho</i>	»	<i>espinha</i>
<i>peito</i>	»	<i>peita</i>
<i>prato</i>	»	<i>prata</i>
<i>queixo</i>	»	<i>queixa</i>

- 4) Os seguintes substantivos são indiferentemente masculinos ou femininos: *Aneurisma*, *apostema*, *espia*, *guia*, *personagem*, *sentinella*.

§ 2.º

Numero

226. O numero dos substantivos é determinado pela flexão.

Exceptuam-se os substantivos cujo singular termina por *s*, os quaes conservam-se invariaveis, ex.: « *O alferes, os alferes—o ourives, os ourives* ». Todavia ainda neste caso usavam os antigos escriptores da flexão, escrevendo *alfereses*, *ouriveses*. *Deus* ainda faz *deuses*, e *simples*, no sentido de « ingrediente », faz *simplices*.

227. A flexão nominal numeral consiste na adição da desinência *s* ao singular dos nomes.

228. Recebem a flexão numeral sem sofrer mais modificações os substantivos terminados

1) por voz livre pura, ex.: « *Filha, filhas—alvará, alvarás—rede, redes—galé, galés—nebri, nebris—livro, livros—cipó, cipós—tribu, tribus—jacu, jacus—tilbury, tilburys—tupy, tupys* ».

2) por *ã*, ex.: « *Galã, galãs* ».

Exceptua-se *ademã* que faz *ademães* ou *ademanes*.

3) por *am*, ex.: *Orgam, orgams* ».

4) por *n*, ex. : « *Iman, imans—regimen, regimens—colon, colons* ».

Exceptua-se *canon* que faz *canones*.

5) por *k*, ex.: « *Almanak, almanaks* ».

229. Sofrem modificações para receber a flexão numeral todos os não compreendidos nas especificações acima.

230. As modificações que experimentam os substantivos para receber a flexão numeral consistem na inserção, na troca e na queda de sons, e, conseqüentemente, de letras.

231. Os substantivos terminados

1) por *r* ou *z* inserem um *e*, ex.: « *Mar, mares—matiz, matizes* ».

2) por *al, ol, ul* deixam cair *l* e inserem *e*, ex.: « *Capital, capitães—lençol, lençoes—paul, paues* ».

Exceptuam-se *cal, mal, real* (moeda hespanhola) e *consul* que fazem *cales, males, reales* e *consules*. *Real* (moeda portuguesa e brasileira) faz *réis*.

3) por *el* deixam cair o *l* e inserem *i*, ex.: « *Painel, paineis* ».

4) por *il* (paroxytono) deixam cair o *l*, e inserem *e* antes de *i*, ex.: « *Fóssil, fosseis* ».

5) por *il* (oxytono) deixam sómente cair o *l*, ex.: « *Reptil, reptis* ».

6) por *em, im, om, um* trocam o *m* por *n*, ex.: « *Margem, margens—fim, fins—tom, tons—atum, atuns* ».

7) por *x* trocam o *x* por *ce*, ex. : « *Calix, calices* ».

8) por *ão* trocam *ão* por *õe*, ex.: « *Coração, corações* »

Exceptuam-se d estes

a) os que recebem a flexão sem soffrer mais modificações.

São

<i>Alão</i>	<i>khristão</i>
<i>aldeião</i>	<i>mão</i>
<i>ancião</i>	<i>meião</i>
<i>anão</i>	<i>pagão</i>
<i>castellão</i>	<i>soldão</i>
<i>coimbrão</i>	<i>vão</i>
<i>comarcão</i>	<i>villão</i>
<i>cortezão</i>	<i>vulcão</i>
<i>grão</i>	<i>chão</i>
<i>irmão</i>	

<i>Alão</i>	faz	tambem	no	plural	<i>alães e alões</i>
<i>aldeião</i>	»	»	»	»	<i>aldeães e aldeões</i>
<i>ancião</i>	»	»	»	»	<i>anciães e anciões</i>
<i>cortezão</i>	»	»	»	»	<i>cortezões</i>
<i>soldão</i>	»	»	»	»	<i>soldães</i>
<i>villão</i>	»	»	»	»	<i>villães e villões</i>
<i>vulcão</i>	»	»	»	»	<i>vulcães e vulcões</i>

b) os que para receber a flexão trocam *ão* por *õe*. São

<i>Alemão</i>	<i>phaisão</i>
<i>capellão</i>	<i>guardião</i>
<i>capitão</i>	<i>guião</i>
<i>catalão</i>	<i>massapão</i>
<i>cão</i>	<i>pão</i>
<i>deão</i>	<i>sakhristão</i>
<i>ermitão</i>	<i>tabelião</i>
<i>escrivão</i>	<i>truão</i>
<i>folião</i>	<i>charlatão</i>

<i>Folião</i>	faz	tambem	no	plural	<i>foliões</i>
<i>phaisão</i>	»	»	»	»	<i>phaisões</i>
<i>guardião</i>	»	»	»	»	<i>guardiões</i>

<i>guião</i>	faz também	no plural	<i>guiões</i>
<i>sakhristão</i>	»	»	<i>sakhristãos</i>
<i>charlatão</i>	»	»	<i>charlatões.</i>

232. O plural dos substantivos compostos subordina-se às seguintes regras:

- 1) Os substantivos compostos formados por dois substantivos ou por um substantivo e um adjectivo recebem a flexão numeral em ambos os elementos quando é uso escreverem-se esses elementos separados por hyphen, ex.: « *Couve-flor, couves-flores—pedreiro-livre, pedreiros-livres* ».

Exceptuam-se os que por uso escrevem-se em uma palavra só, sem discriminarem-se os elementos componentes, ex.: « *Lengalenga—madreperola—madresilva—pontapé—varapau—aguardente—cantochoão—logartenente—rapadura* », que fazem « *Lengalengas, varapaus, aguardentes, rapaduras, etc.* ». « *Padre-nosso* » faz indiferentemente « *padre-nossos* » e « *padres-nossos* ».

- 2) os substantivos compostos formados por um verbo e um substantivo recebem flexão somente no substantivo, ex.: « *Tirapés—guarda-chuvas* ».
- 3) Os substantivos compostos formados por uma preposição e um substantivo recebem flexão somente no substantivo, ex.: « *Sub-chefes* ».
- 4) Os substantivos compostos formados por dois substantivos ligados por preposição recebem a flexão somente no primeiro substantivo, ex.: « *Cabos-de-esquadra* ».

Si o segundo elemento já está com flexão numerica pedida pelo sentido, é claro que ella deve ser conservada, ex.: « *Um mestre de meninos, dous mestres de meninos* ».

- 5) Os substantivos compostos formados por dois verbos recebem a flexão em ambos, ex.: « *Luzes-luzes—ruges-ruges* ».

Exceptuam-se *ganha-perde* e *leva-traz* que não admitem flexão numerica.

A palavra « *vaivem* » fôrma o seu plural de dous modos: no sentido proprio faz « *vaivens* », ex.: « *Dar vaivens á porta* »; no sentido figurado faz « *vais-vens* », ex.: « *Os vais-vens da sorte* ».

- 6) Os substantivos compostos formados por um verbo e um adverbio não recebem flexão numerica, ex.: « *Uma sucia de mija-mansinho* ».
- 7) Os substantivos compostos formados por tres palavras diversas recebem flexão sómente no ultimo elemento, ex.: « *Mal-me-quieres* ».

§ 3 °

Grau

233. A *flexão nominal gradual* consiste na addição de desinencias augmentativas ou diminutivas aos nomes em grau normal.

234. São *desinencias augmentativas* principaes *ão, aço, az, azio, alha, orio e astro* (de uso litterario este ultimo).

235. Para formar o augmentativo

- 1) Os nomes terminados em voz livre pura deixam cahir a vogal que a representa, e assumem uma das desinencias acima, ex.:

de <i>macaco</i>	<i>macacão</i>
» <i>mestre</i>	<i>mestraço</i>
» <i>velhaco</i>	<i>velhacas</i>
» <i>copo</i>	<i>copazio</i>
» <i>muro</i>	<i>muralha</i>
» <i>fino</i>	<i>finorio</i>
» <i>poeta</i>	<i>poetastro</i>

- 2) Os nomes terminados por voz modificada, isto é, por letra alterante, recebem as duas primeiras desinencias acima sem mais modificações, ex.:

de <i>mulher</i>	<i>mulherão</i>
» <i>monsenor</i>	<i>monsenhoraço</i>

A desinencia *orio* só se adapta a nomes terminados por voz livre.

São muitos os augmentativos idiomaticos que se não sujeitam a regras e a classificações regulares, ex.: « *Amigalhão* »

beberrão—beijoca—boqueirão—canzarrão—casarão—corpanzil—espadagão—fradalhão—fradegão—gatarrão—homemzarrão—ladravaz—machacaz—moçalhão—narigão—porcalhão—rapagão—sabichão—santarrão—toleirão—chapeirão ».

Ha ainda *moçoila* de *moça*, *naviarra* de *nau*.

236. São *desinencias diminutivas* principaes *inho*, *ito*.

237. Para formar o diminutivo

- 1) Todos os nomes barytonos terminados por voz livre pura deixam cair a vogal que a representa, e assumem uma das desinencias acima, ex.:

de *gato* *gatinho*
» *moça* *mocita*

- 2) Todos os nomes terminados por voz livre nasal ou por diphthongo, bem como os oxytonos terminados por voz livre pura, inserem um *z* para se encorporarem a desinencia, ex.:

de *irmã* *irmãzinha*
» *pagem* *pagemzinho*
» *marfim* *marfimzinho*
» *som* *somzinho*
» *jejum* *jejumzinho*
» *pae* *paezinho*
» *boi* *boizinho*
» *ladrão* *ladrãozinho*

- 3) Todos os nomes acabados por voz modificada, isto é, por letra alterante, recebem as desinencias sem mais modificação, ex.:

de *colher* *colherinha*
» *nariz* *narizinho*

238. São desinencias diminutivas secundarias *ejo*, *el*, *ello*, *ete*, *eto*, *elho*, *ico*, *im*, *ilho*, *isco*, *ola*, *olo*, *ote*, *oto*, ex.:

de *logar* *logarejo*
» *corda* *cordel*

de <i>porta</i>	<i>portello</i>
» <i>jogo</i>	<i>joguete</i>
» <i>coro</i>	<i>coreto</i>
» <i>folha</i>	<i>folhelho</i>
» <i>abano</i>	<i>abanico</i>
» <i>espada</i>	<i>espadim</i>
» <i>brocado</i>	<i>brocadilho</i>
» <i>pedra</i>	<i>pedrisco</i>
» <i>rapaz</i>	<i>rapazola</i>
» <i>bolinho</i>	<i>bolinholo</i>
» <i>velho</i>	<i>velhote</i>
» <i>perdigão, pico</i>	<i>perdigoto, picoto</i>

A flexão com estas desinências rege-se pelas mesmas leis por que se governa a que foi feita com as principaes. A desinência *olo* ajunta-se as mais das vezes a diminutivos em *inho*, ex.: « de *bolinho*—*bolinholo* ».

239. São diminutivos irregulares

de <i>aguia</i>	<i>aguilhucho</i>	de <i>monte</i>	<i>montezinho</i>
» <i>ave</i>	<i>avezinha</i>	» <i>mulher</i>	<i>mulherinha</i>
» <i>camara</i>	<i>camarazinha</i>	» <i>parte</i>	<i>partezinha</i>
» <i>cão</i>	<i>canito</i>	» <i>povo</i>	<i>populacho</i>
» <i>diabo</i>	<i>diabrete</i>	» <i>rapaz</i>	<i>rapagote</i>
» <i>fonte</i>	<i>fontezinha</i>	» <i>rio</i>	<i>riacho</i>
» <i>frango</i>	<i>franganito</i>	» <i>verão</i>	<i>veranico</i>
» <i>grão</i>	<i>granito</i>	» <i>velho</i>	<i>velhusco</i>
» <i>lobo</i>	<i>lobato e lobacho</i>	» <i>vulgo</i>	<i>vulgacho</i>
» <i>moça</i>	<i>mocinha</i>		

240. Ha ainda

- 1) um diminutivo em *ebre*—*casebre*.
- 2) diminutivos familiares, ex.: « de *pae*, *papae*—*de thio*, *titio* ».
- 3) diminutivos eruditos em *culo*, *olo*, *ulo*, ex.: « *Corpusculo*—*homunculo*—*capreolo*—*nucleolo*—*globulo*—*granulo* ».

4) diminutivos caseiros e irregulares (alguns) de nomes próprios, ex.:

de <i>João</i>	<i>Joãozinho</i>
» <i>Pedro</i>	<i>Pedrinho</i>
» <i>Anna</i>	<i>Nicota</i>
» <i>Francisco</i>	<i>Chico, Chiquinho, etc..</i>
» <i>José</i>	<i>Juca, Juquinha, etc..</i>
» <i>Luiz</i>	<i>Lulú</i>
» <i>Maria</i>	<i>Maricas, Maricota, etc.</i>

241. A cada desinencia gradual masculina corresponde quasi sempre uma desinencia feminina: assim

a <i>ão</i>	corresponde	<i>ona</i>	a <i>ico</i>	corresponde	<i>ica</i>
» <i>aço</i>	»	<i>aça</i>	» <i>ilho</i>	»	<i>ilha</i>
» <i>orio</i>	»	<i>oria</i>	» <i>olo</i>	»	<i>ola</i>
» <i>inho</i>	»	<i>inha</i>	» <i>oto</i>	»	<i>ota</i>
» <i>ejo</i>	»	<i>eja</i>	» <i>culo</i>	»	<i>cula</i>
» <i>ello</i>	»	<i>ella</i>	» <i>eolo</i>	»	<i>eola</i>
» <i>eto</i>	»	<i>eta</i>	» <i>ulo</i>	»	<i>ula, etc.</i>
» <i>elho</i>	»	<i>elha</i>			

Exemplos:

<i>Macacão</i>	de <i>macaco</i>	corresponde	a <i>solteirona</i>	de <i>solteira</i>
<i>senhoraço</i>	» <i>senhor</i>	»	» » <i>senhoraça</i>	» <i>senhora</i>
<i>finorio</i>	» <i>fino</i>	»	» » <i>finoria</i>	» <i>fina</i>
<i>gatinho</i>	» <i>gato</i>	»	» » <i>gatinha</i>	» <i>gata</i>
<i>mocito</i>	» <i>moço</i>	»	» » <i>mocita</i>	» <i>moça</i>
<i>logarejo</i>	» <i>logar</i>	»	» » <i>carqueja</i>	» <i>carque</i>
<i>portello</i>	» <i>porta</i>	»	» » <i>picadella</i>	» <i>picada</i>
<i>coreto</i>	» <i>coro</i>	»	» » <i>maleta</i>	» <i>mala</i>
<i>folhelho</i>	» <i>folha</i>	»	» » <i>quartelha</i>	» <i>quarta</i>
<i>abanico</i>	» <i>abano</i>	»	» » <i>pllica</i>	» <i>pelle</i>
<i>brocadilho</i>	» <i>brocado</i>	»	» » <i>espiguilha</i>	» <i>espiga</i>
<i>bolinhólo</i>	» <i>bolinho, bolo</i>	»	» » <i>casinhola</i>	» <i>casinha, casa</i>
<i>picoto</i>	» <i>pico</i>	»	» » <i>casota</i>	» <i>casa</i>
<i>corpusculo</i>	» <i>corpo</i>	»	» » <i>molecula</i>	» <i>mole</i>
<i>capréolo</i>	» <i>capro</i>	»	» » <i>capréola</i>	» <i>cabra (Latim p)</i>
<i>globulo</i>	» <i>globo</i>	»	» » <i>fórmula</i>	» <i>fórma</i>

A fôrma diminutiva tem por vezes força de superlativo, quer no sentido physico, quer no moral, ex.: « *Vacca chegadinha a parir*, isto é, *muito chegada*—*Um pobrezinho*, isto é, *um homem muito pobre* ».

A facilidade de flexão gradual é um dos elementos da vida energica e da mobilidade graciosa da lingua portugueza: tambem o emprego acertado dessas fôrmas, tão maravilhosamente cambiantes, é de grande, de quasi insuperavel difficuldade para quem não bebeu o conhecimento da lingua com o leite materno. Um exemplo de entre milhares: de *pobre* fôrma-se o diminutivo *pobrete* que apresenta a idéia primitiva burlescamente diminuida; de *pobrete* deriva-se o augmentativo *pobretão* que mais ainda accentúa o ridiculo que já pesava sobre *pobrete*: de *pobretão* obtem-se o diminutivo *pobretãozinho* que vem ajuntar ao ridiculo uma como lastima insultuosa.

Comquanto, rigorosamente fallando, o substantivo não possa admitir esta flexão, que é propria do adjectivo descriptivo, todavia encontram-se as fôrmas—*cousissima*, *irmanissimo*. Na idade média se dizia em Latim barbaro « *dominissima* ». Plauto escreveu: « *O patruè mi patruissime* ».

II

ARTIGO

242. O artigo definido, estrictamente fallando, não tem radical ou thema: é antes uma desinencia prepositiva, cujo fim é, como já se viu, particularisar a significação do substantivo.

243. As flexões ou melhor as variações do artigo definido são:

Singular	masculino	<i>o</i>
»	feminino	<i>a</i>
Plural	masculino	<i>os</i>
»	feminino	<i>as</i>

244. O artigo indefinido admite flexões de genero e de numero: regulam-se ellas pelas mesmas leis que regem as flexões dos substantivos.

Singular	masculino	<i>um</i>
»	feminino	<i>uma</i>
Plural	masculino	<i>uns</i>
»	feminino	<i>umas</i>

III

ADJECTIVO

245. O adjectivo admite flexões de genero, de numero, de grau de significação e de grau de qualificação.

246. Em geral as leis da flexão dos adjectivos são as mesmas que governam a flexão dos substantivos: assim de *bonito* tiram-se *bonitos, bonita, bonitas, bonitoão, bonitona, bonitinho, bonitinha, bonitote, bonitota*, etc..

§ 1.º

Genero

247. Admittem flexão de genero

1) os adjectivos descriptivos terminados

- a) por *o*, os quaes mudam *o* em *a* ex.: « *Branco, branca* ».
- b) por *ez, ol, or, u*, os quaes ajuntam simplesmente a desinencia *a*, ex : « *Camponez, camponeza—hespanhol, hespanhola—defensor, defensora—nu, nua* ».

Exceptuam-se como invariaveis:

- a) dos acabados em *ez—cortez* com seu composto *descartez; montez, pedrez, pescarez, soez*.

Todos os adjectivos em *ez* eram antigamente invariaveis. Lê-se ainda em Diniz (1):

« Quem mais sente as terriveis consequencias
« E' a nossa *portuguez*, casta linguagem ».

b) dos acabados em *ol—rouxinol*.

c) dos acabados em *or—anterior, citerior, exterior, inferior, interior, maior, melhor, peor, posterior, semsabor, superior*.

- c) por *ão*, os quaes mudam *ão* em *ã* ex.: « *Vão, vã* ».

Grão (*gran*, apocope de *grande*) é invariavel.

- d) por *om*, em que *om* troca-se por *oa* ex.: « *bom, boa* (é o unico da classe).

(1) *Hyssope*, Canto V.

- 2) os adjectivos determinativos na seguinte ordem
- os numeraes cardiaes *um, dous*, que fazem *uma, duas*.
 - todos os numeraes ordinaes, ex.: «*Quarto—quinto*, etc. » que fazem regularmente «*quarta—quinta*, etc. ».
 - todos os multiplicativos, ex.: «*Duplo—quadruplo*, etc. » que fazem regularmente «*dupla—quadrupla*, etc. ».
 - todos os demonstrativos, ex.: «*Este—esse*, etc. » que fazem «*esta, essa*, etc. ».
 - o distributivo «*cada um* » que faz regularmente «*cada uma* ».
 - o conjunctivo «*cujo* » que faz regularmente «*cuja* ».
 - os possessivos «*nosso, vosso, proprio, alheio* » que fazem regularmente «*nossa, vossa, propria, alheia* ».
- «*Meu, teu, seu* » fazem irregularmente «*minha, tua, sua* ».
- os indefinidos «*algum, certo, mesmo, muito, outro, pouco, quanto, quejando, tanto, todo* » que fazem o feminino regularmente «*alguma, certa, mesma*, etc. ».

248. Não admitem flexão de genero

- os adjectivos terminados por *e, al, el, il, ul, ar, er, az, iz, oz, m, n, s*, ex.: «*Leve—geral—fiel—subtil—azul—articular — esmoler —efficaz —feliz —feroz—ruim—joven — simples* ».
- os adjectivos determinativos seguintes:
 - os numeraes cardiaes de «*dous* » em diante, ex.: «*Tres—dez*, etc. ».

Exceptuam-se os compostos de «*um* » e «*dous* », ex.: «*Vinte e um—trinta e dous* » que fazem «*vinte e uma — trinta e duas* ».
 - o distributivo «*cada* ».
 - os conjunctivos «*qual, que* ».
 - os indefinidos «*mais, menos, qual, quer, só, tal* ».

§ 2.º

Numero

249. Os adjectivos, tanto descriptivos como determinativos, seguem geralmente na flexão numeral as regras dadas para a flexão numeral dos substantivos.

250. São invariáveis quanto ao numero os determinativos *cada, cada um, mais, menos, que*.

« *Qualquer* » faz no plural « *quaesquer* ».

251. No que diz respeito ao grau de significação (augmentativos e diminutivos) subordinam-se os adjectivos ás mesmas regras estabelecidas para os substantivos.

§ 3.º

Grau

252. Considera-se a qualidade de uma cousa como existindo nella em maior ou em menor grau. O adjectivo póde exprimir essa qualidade em todos os seus graus. Quando a exprime como simplesmente existindo, diz-se que está no grau *positivo* de qualificação, ex.: « *O ouro é pesado* ». Quando a exprime como existindo em grau maior ou menor relativamente a outras cousas que tambem a tenham, diz-se que está no grau *comparativo*, ex.: « *A platina é mais pesada do que a prata, e menos fuzível de que o ouro* ». Quando a exprime como existindo no mais elevado ou no mais diminuto grau relativamente a outras cousas que tambem a tenham, diz-se que esta no *superlativo relativo*, ex.: « *O ouro é o mais pesado dos metaes* ». Quando a exprime como existindo em elevado grau, mas sem estabelecer comparação com outras cousas que tambem a tenham, diz-se que esta no *superlativo absoluto*, ex.: « *O ouro é pesadissimo* ».

253. Só o superlativo absoluto é que se fôrma em Portuguez por meio de flexão.

Ver-se-á na *syntaxe* a maneira de formar os graus de comparação e de superioridade relativa. Todavia *bom, mau, grande, pequeno* têm comparativos flexionaes de radicaes latinos; são: « *Melhor peor, maior, menor* ». « *Junior, major, prior, senior* » e outros comparativos latinos são sempre substantivos em Portuguez, e só remotamente envolvem idéia de comparação.

254. A desinencia gradual de superlatividade absoluta é *issimo*.

255. Para receber esta desinencia os adjectivos terminados

- 1) por *al, il, u* nenhuma modificação experimentam, ex.: « de *essencial, essencialissimo*—de *agil, agilissimo*—de *cru, cruissimo* ».
- 2) por *vel* mudam *vel* em *bil*, ex.: « de *amavel, amabilissimo* ».
- 3) por *um* mudam *m* em *n*, ex.: « de *commum, communissimo* ».
- 4) por *ão* mudam *ão* em *an*, ex.: « de *vão, vanissimo* »
- 5) por *z* mudam *z* em *c* ex.: « de *feraz, feracissimo* ».
- 6) por *e* e *o* deixam cair a vogal, ex.: « de *triste, tristissimo*—de *lindo, lindissimo* ».

256. São superlativos absolutos irregulares, ou antes, formados de radicaes latinos

<i>Acerrimo</i>	de <i>acre</i>	<i>generalissimo</i>	de <i>geral</i>
<i>amicissimo</i>	» <i>amigo</i>	<i>humilissimo ou humilimo</i>	» <i>humilde</i>
<i>antiquissimo</i>	» <i>antigo</i>	<i>liberrimo</i>	» <i>livre</i>
<i>asperrimo</i>	» <i>aspero</i>	<i>magnificentissimo</i>	» <i>magnifico</i>
<i>celeberrimo</i>	» <i>celebre</i>	<i>miserrimo</i>	» <i>miserio</i>
<i>khristianissimo</i>	» <i>khristão</i>	<i>nobilissimo</i>	» <i>nobre</i>
<i>crudelissimo</i>	» <i>cruel</i>	<i>pauperrimo</i>	» <i>pobre</i>
<i>difficilimo</i>	» <i>difficil</i>	<i>sacratissimo</i>	» <i>sagrado</i>
<i>dulcissimo</i>	» <i>doce</i>	<i>sapientissimo</i>	» <i>sabio</i>
<i>facilmo</i>	» <i>facil</i>	<i>saluberrimo</i>	» <i>salubre</i>
<i>fidelissimo</i>	» <i>fiel</i>	<i>similimo</i>	» <i>similhante</i>
<i>frigidissimo</i>	» <i>frio</i>	<i>uberrimo</i>	» <i>ubertoso</i>

Encontram-se todavia frequentemente as fórmulas regulares *amiguissimo, antiquissimo, asperissimo, celebrissimo, cruelissimo, humildissimo*, etc.

257. Os seguintes, formados tambem de radicaes latinos, são superlativos absolutos heterogeneos, isto é, correspondem a positivos de que são morphologicamente diversissimos

<i>Infimo</i>	de	<i>baixo</i>
<i>maximo</i>	»	<i>grande</i>
<i>minimo</i>	»	<i>pequeno</i>
<i>optimo</i>	»	<i>bom</i>
<i>pessimo</i>	»	<i>mau</i>
<i>summo</i>	»	} <i>alto</i>
<i>supremo</i>	»	

Encontram-se frequentemente as fôrmas regulares *baixissimo*, *grandissimo*, *pequenissimo*, *bonissimo*, *altissimo*. *Mau* faz tambem *malissimo*.

IV

PRONOME

258. Os pronomes substantivos ou pessoas, para exprimir as diversas relações (Vide a *syntaxe*), flexionam-se do modo especial seguinte:

SINGULAR			
	1ª Pessoa	2ª Pessoa	3ª Pessoa
Relação subjectiva	<i>eu</i>	<i>tu</i>	<i>elle, ella</i>
» objectiva	<i>me</i>	<i>te</i>	<i>o, a, se</i>
» adverbial	<i>mim, comigo</i>	<i>ti, contigo</i>	<i>si, consigo, elle, ella</i>
» objectiva-adverbial	<i>me</i>	<i>te</i>	<i>lhe, se</i>

PLURAL			
	1ª Pessoa	2ª Pessoa	3ª Pessoa
Relação subjectiva	<i>nós</i>	<i>vós</i>	<i>elles, ellas</i>
» objectiva	<i>nos</i>	<i>vos</i>	<i>os, as, se</i>
» adverbial	<i>nós, connosco</i>	<i>vós, convosco</i>	<i>si, consigo, elles, ellas</i>
» objectiva-adverbial	<i>nos</i>	<i>vos</i>	<i>lhes, se</i>

Lhe, como se vê do eskhema acima, só recebe flexão de numero, e fôrma *lhes*.

Lhes em concurso com *o, a, os, as*, fôrma *lho, lha, lhos, lhas*, ex.:

« O' santas que embalais os berços das crianças,
« E assim **lhos** revestis de floreas esperanças (1) ».

Nos *Lusiadas* encontra-se a cada passo *lhe* como fôrma invariavel, ex. :

« A cidade *correram* e *notaram*
« Muito menos daquillo que *queriam*
« Que os Mouros cautelosos se *guardavam*
« De **lhe** mostrarem tudo que *pediam* (2) ».

(1) GUILHERME BRAGA, *Parnaso Portuguez* de Theophilo Braga, Lisboa, 1877, pag. 121.

(2) Canto II, Est. IX.

O, a, os, as, me, te, se, lhe, nos, vos, lhes chamam-se pronomes *enclíticos* por isto que sempre se acostam ao verbo depois do qual vêm, ex.: « *Viu-a—dizem-me, etc* ».

259. Aos pronomes adjectivos applica-se tudo o que ficou dito sobre a flexão dos adjectivos determinativos.

V

VERBO

260. Ha em Portuguez quatro conjugações que se distinguem pela terminação do presente do infinito:

a primeira tem a terminação do presente do infinito em *ar* ex.: « *Cantar* ».
 » segunda » » » » » » » *er* ex.: « *Vender* ».
 » terceira » » » » » » » *ir* ex.: « *Partir* ».
 » quarta » » » » » » » *ôr* ex.: « *Pôr* ».



A disposição dos verbos nas tabellas seguintes, em columnas correspondentes horisontaes e verticaes, facilita o confronto dos tempos, modos e fórmias nominaes entre si. Póde-se estudar pela ordem vertical, primeiro todo o indicativo, depois o imperativo, e assim por diante. Todavia isso seria apenas uma concessão á rotina: é preferivel estudar-se pela ordem horisontal, primeiro o presente em todos os modos e fórmias nominaes, depois o imperfeito, etc. Além de militar para isso a razão de não serem os tempos dependencias dos modos, mas sim os modos dependencias dos tempos, ha mais a considerar que o estudo por ordem horisontal mostra a perfeita analogia que ha entre os modos de cada tempo—analogia perdida para quem conjuga primeiro todo o indicativo, depois o imperativo, etc..

Tabella N. 1

Conjugação do verbo HAVER

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos				Fórmulas nominaes			
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITIVO		PARTICIPIO	
							Pessoal	Impessoal		
Presente	SINGULAR	1. ^a				Haja	Haver			
		2. ^a	Has	Há		Hajas	Haveres			
		3. ^a	Há			Haja	Haver	Haver		
	PLURAL	1. ^a	Havemos ou hemos			Hajamos	Havermos			
		2. ^a	Haveis ou heis	Havei		Hajais	Haverdes			
		3. ^a	Hão			Hajam	Haverem			
Imperfeito	SINGULAR	1. ^a	Havia ou hia		Haveria ou houvera	Houvesse ou houvera			Havendo	
		2. ^a	Havias ou hias		Haverias ou houveras	Houvesse ou houveras				
		3. ^a	Havia ou hia		Haveria ou houvera	Houvesse ou houvera				
	PLURAL	1. ^a	Havíamos ou híamos		Haveríamos ou houveramos	Houvessemos ou houveramos				
		2. ^a	Havíeis ou híeis		Haveríeis ou houvereis	Houvesseis ou houvereis				
		3. ^a	Haviam ou hiam		Haveriam ou houveram	Houvessem ou houveram				
Perfeito	SINGULAR	1. ^a	Tenho havido		Teria ou tivera havido	Tenha havido	Ter havido		Tendo havido	
		2. ^a	Tens havido		Terias ou tiveras havido	Tenhas havido	Teres havido			
		3. ^a	Tem havido		Teria ou tivera havido	Tenha havido	Ter havido	Ter havido		
	PLURAL	1. ^a	Temos havido		Teríamos ou tiveramos havido	Tenhamos havido	Termos havido			
		2. ^a	Tendes havido		Teríeis ou tiveríeis havido	Tenhais havido	Terdes havido			
		3. ^a	Têm havido		Teriam ou tiveram	Tenham havido	Terem havido			

Aoristo	SINGULAR	1.ª	Houve						
		2.ª	Houveste						
		3.ª	Houve						
	PLURAL	1.ª	Houvemos						
		2.ª	Houvestes						
		3.ª	Houveram						Havido, a, os, as
Plusquam-perfêto	SINGULAR	1.ª	Houvera <i>ou</i> tinha havido				Tivesse <i>ou</i> tivera havido		
		2.ª	Houveras <i>ou</i> tinhas havido				Tivesses <i>ou</i> tiveras havido		
		3.ª	Houvera <i>ou</i> tinha havido				Tivesse <i>ou</i> tivera havido		
	PLURAL	1.ª	Houveramos <i>ou</i> tínhamos havido				Tivéssemos <i>ou</i> tivéramos havido		
		2.ª	Houvereis <i>ou</i> tinheis havido				Tivésseis <i>ou</i> tivéreis havido		
		3.ª	Houveram <i>ou</i> tinham havido				Tivessem <i>ou</i> tiveram havido		
Futuro	SINGULAR	1.ª	Haverei				Houver		
		2.ª	Haverás				Houveres		
		3.ª	Haverá				Houver		
	PLURAL	1.ª	Haveremos				Houvermos		
		2.ª	Havereis				Houverdes		
		3.ª	Haverão				Houverem		
Futuro anterior	SINGULAR	1.ª	Terei havido				Tiver havido		
		2.ª	Terás havido				Tiveres havido		
		3.ª	Terá havido				Tiver havido		
	PLURAL	1.ª	Teremos havido				Tivermos havido		
		2.ª	Tereis havido				Tiverdes havido		
		3.ª	Terão havido				Tiverem havido		

Tabella N. 2

Conjugação do verbo TER

soduL	Número	Pessoa	Modos				Fórmulas nominais		
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNTIVO	INFINITIVO		PARTICÍPIO
							Pessoal	Impessoal	
Presente	SINGULAR	1.ª	Tenho			Tenha	Ter	Ter	Tende
		2.ª	Tens	Tem		Tenhas	Teres		
		3.ª	Tem			Tenha	Ter		
	PLURAL	1.ª	Temos			Tenhamos	Termos		
		2.ª	Tendes	Tende		Tenhais	Terdes		
		3.ª	Têm			Tenham	Terem		
Imperfeito	SINGULAR	1.ª	Tinha		Teria <i>ou</i> tivera	Tivessem <i>ou</i> tivera		Tendo	
		2.ª	Tinhas		Terias <i>ou</i> tiveras	Tivesses <i>ou</i> tiveras			
		3.ª	Tnhamos		Teria <i>ou</i> tivera	Tivesse <i>ou</i> tivera			
	PLURAL	1.ª	Tinheis		Teríamos <i>ou</i> tiveramos	Tivéssemos <i>ou</i> tiveramos			
		2.ª	Tinham		Teríeis <i>ou</i> tiveríeis	Tivésseis <i>ou</i> tiveríeis			
		3.ª	Tenho tido		Teriam <i>ou</i> tiveram	Tivessem <i>ou</i> tiveram			
Perfeito	SINGULAR	1.ª	Tens tido		Teria tido <i>ou</i> tivera tido	Tenha tido	Ter tido	Ter tido	Tendo tido
		2.ª	Tem tido		Terias tido <i>ou</i> tiveras tido	Tenhas tido	Teres tido		
		3.ª	Tem tido		Teria tido <i>ou</i> tivera tido	Tenha tido	Ter tido		
	PLURAL	1.ª	Temos tido		Teríamos tido <i>ou</i> tiveramos tido	Tenhamos tido	Termos tido		
		2.ª	Tendes tido		Teríeis tido <i>ou</i> tiveríeis tido	Tenhais tido	Terdes tido		
		3.ª	Têm tido		Teriam tido <i>ou</i> tiveram tido	Tenham tido	Terem tido		

	Aoristo							
	SINGULAR	PLURAL						
Plusquam-perfêto	SINGULAR	1.ª	Tive					Tido, a, os, as,
		2.ª	Tiveste					
		3.ª	Teve					
	PLURAL	1.ª	Tivemos					
		2.ª	Tivestes					
		3.ª	Tiveram					
Futuro	SINGULAR	1.ª	Tivera <i>ou</i> tinha tido			Tivesse tido <i>ou</i> tivera tido		
		2.ª	Tiveras <i>ou</i> tinhas tido			Tivesseis tido <i>ou</i> tiveras tido		
		3.ª	Tivera <i>ou</i> tinha tido			Tivesse tido <i>ou</i> tivera tido		
	PLURAL	1.ª	Tiveramos <i>ou</i> tínhamos tido			Tivéssemos tido <i>ou</i> tivéramos tido		
		2.ª	Tiverais <i>ou</i> tínheis tido			Tivésseis tido <i>ou</i> tivéreis tido		
		3.ª	Tiveram <i>ou</i> tinham tido			Tivéssem tido <i>ou</i> tiveram tido		
Futuro anterior	SINGULAR	1.ª	Terei			Tiver		
		2.ª	Terás			Tiveres		
		3.ª	Terá			Tiver		
	PLURAL	1.ª	Teremos			Tivermos		
		2.ª	Tereis			Tiverdes		
		3.ª	Terão			Tiverem		
Futuro anterior	SINGULAR	1.ª	Terei tido			Tiver tido		
		2.ª	Terás tido			Tiveres tido		
		3.ª	Terá tido			Tiver tido		
	PLURAL	1.ª	Teremos tido			Tivermos tido		
		2.ª	Tereis tido			Tiverdes tido		
		3.ª	Terão tido			Tiverem tido		

Tabella N. 3

Conjugação do verbo SER

sodtura	Numeros	Pessoas	Modos				Fórmas nominaes		
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITIVO		PARTICPIO
							Pessoal	Impessoal	
Presente	SINGULAR	1.ª	Sou			Seja	Ser	Ser	
		2.ª	És	Sê		Sejas	Seres		
		3.ª	É			Seja	Ser		
	PLURAL	1.ª	Somos			Sejamos	Sermos		
		2.ª	Sois	Sêde		Sejais	Serdes		
		3.ª	São			Sejam	Serem		
Imperfeito	SINGULAR	1.ª	Era		Seria <i>ou</i> fôra	Fosse <i>ou</i> fôra		Sendo	
		2.ª	Eras		Serias <i>ou</i> fôras	Fosses <i>ou</i> fôras			
		3.ª	Era		Seria <i>ou</i> fôra	Fosse <i>ou</i> fôra			
	PLURAL	1.ª	Eramos		Seríamos <i>ou</i> fôramos	Fossemos <i>ou</i> fôramos			
		2.ª	Ereis		Serieis <i>ou</i> fôreis	Fosseis <i>ou</i> fôreis			
		3.ª	Eram		Seriam <i>ou</i> fôram	Fossem <i>ou</i> fôram			
Perfeito	SINGULAR	1.ª	Tenho sido		Teria <i>ou</i> tivera sido	Tenham sido	Ter sido	Ter sido	Tendo sido
		2.ª	Tens sido		Terias <i>ou</i> tiveras sido	Tenhas sido	Teres sido		
		3.ª	Tem sido		Teria <i>ou</i> tivera sido	Tenha sido	Ter sido		
	PLURAL	1.ª	Temos sido		Teríamos <i>ou</i> tiveramos sido	Tenhamos sido	Termos sido		
		2.ª	Tendes sido		Terieis <i>ou</i> tiveres sido	Tenhais sido	Terdes sido		
		3.ª	Têm sido		Teriam <i>ou</i> tiveram sido	Tenham sido	Terem sido		

Aoristo	SINGULAR	1.ª	Foi						
		2.ª	Foste						
		3.ª	Foi						
	PLURAL	1.ª	Fomos						
		2.ª	Fostes						
		3.ª	Fôram						Sido (invariável)
Plusquam-perfeito	SINGULAR	1.ª	Fôra <i>ou</i> tinha sido			Tivesse <i>ou</i> tivera sido			
		2.ª	Fôras <i>ou</i> tinhas sido			Tivesses <i>ou</i> tiveras sido			
		3.ª	Fôra <i>ou</i> tinha sido			Tivesse <i>ou</i> tivera sido			
	PLURAL	1.ª	Fôramos <i>ou</i> tínhamos sido			Tivéssemos <i>ou</i> tivéramos sido			
		2.ª	Fôreis <i>ou</i> tinheis sido			Tivésseis <i>ou</i> tivereis sido			
		3.ª	Fôram <i>ou</i> tinham sido			Tivéssem <i>ou</i> tiveram sido			
Futuro	SINGULAR	1.ª	Serei			Fôr			
		2.ª	Serás			Fôres			
		3.ª	Será			Fôr			
	PLURAL	1.ª	Seremos			Fôrmos			
		2.ª	Sereis			Fôrdes			
		3.ª	Serão			Fôrem			
Futuro anterior	SINGULAR	1.ª	Terei sido			Tiver sido			
		2.ª	Terás sido			Tiveres sido			
		3.ª	Terá sido			Tiver sido			
	PLURAL	1.ª	Teremos sido			Tivermos sido			
		2.ª	Tereis sido			Tiverdes sido			
		3.ª	Terão sido			Tiverem sido			

Tabella N. 4

Conjugação do verbo ESTAR

Modos	Pessoas	Modos				Fórmulas nominais		
		INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITIVO		PARTICÍPIO
						Pessoal	Impessoal	
Presente	SINGULAR	1.ª	Estou			Esteja	Estar	Estante
		2.ª	Estás	Está		Estejas	Estares	
		3.ª	Está			Esteja	Estar	
	PLURAL	1.ª	Estamos			Estejamos	Estarmos	
		2.ª	Estais	Estae		Estejais	Estardes	
		3.ª	Estão			Estejam	Estarem	
Imperfeito	SINGULAR	1.ª	Estava		Estaria <i>ou</i> estivera	Estivesse <i>ou</i> estivera	estando	
		2.ª	Estavas		Estarias <i>ou</i> estiveras	Estivesses <i>ou</i> estiveras		
		3.ª	Estava		Estaria <i>ou</i> estivera	Estivesse <i>ou</i> estivera		
	PLURAL	1.ª	Estávamos		Estariamos <i>ou</i> estiveramos	Estivéssemos <i>ou</i> estiveramos		
		2.ª	Estáveis		Estaríeis <i>ou</i> estiveríeis	Estivésseis <i>ou</i> estiveríeis		
		3.ª	Estavam		Estariam <i>ou</i> estiveram	Estivessem <i>ou</i> estiveram		
Perfeito	SINGULAR	1.ª	Tenho estado		Teria <i>ou</i> tivera estado	Tenho estado	Tendo estado	
		2.ª	Tens estado		Terias <i>ou</i> tiveras estado	Tenhas estado		
		3.ª	Tem estado		Teria <i>ou</i> tivera estado	Tenha estado		
	PLURAL	1.ª	Temos estado		Teríamos <i>ou</i> tiveramos estado	Tenhamos estado		
		2.ª	Tendes estado		Teríeis <i>ou</i> tiveríeis estado	Tenhais estado		
		3.ª	Têm estado		Teriam <i>ou</i> tiveram estado	Tenham estado		

Aoristo	SINGULAR	1.ª	Estive						Estado
		2.ª	Estiveste						
		3.ª	Esteve						
	PLURAL	1.ª	Estivemos						
		2.ª	Estivestes						
		3.ª	Estiveram						
Plusquam-perfeito	SINGULAR	1.ª	Estivera <i>ou</i> tinha estado			Tivesse <i>ou</i> tivera estado			
		2.ª	Estiveras <i>ou</i> tinhas estado			Tivesses <i>ou</i> tiveras estado			
		3.ª	Estivera <i>ou</i> tinha estado			Tivesse <i>ou</i> tivera estado			
	PLURAL	1.ª	Estiveramos <i>ou</i> tínhamos estado			Tivéssemos <i>ou</i> tivéramos estado			
		2.ª	Estiveres <i>ou</i> tinheis estado			Tivésseis <i>ou</i> tivéreis estado			
		3.ª	Estiveram <i>ou</i> tinham estado			Tivéssem <i>ou</i> tiveram estado			
Futuro	SINGULAR	1.ª	Estarei			Estiver			
		2.ª	Estarás			Estiveres			
		3.ª	Estará			Estiver			
	PLURAL	1.ª	Estaremos			Estivermos			
		2.ª	Estareis			Estiverdes			
		3.ª	Estarão			Estiverem			
Futuro anterior	SINGULAR	1.ª	Terei estado			Tiver estado			
		2.ª	Terás estado			Tiveres estado			
		3.ª	Terá estado			Tiver estado			
	PLURAL	1.ª	Teremos estado			Tivermos estado			
		2.ª	Tereis estado			Tiverdes estado			
		3.ª	Terão estado			Tiverem estado			

Tabella N. 5

Conjugação do verbo CANTAR (paradigma da 1.ª Conjugação)

Tempo	Numeros	Pessoas	Modos				Fórmulas nominaes		
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITO		PARTICÍPIO
							Pessoal	Impessoal	
Presente	SINGULAR	1.ª	Canto			Cante	Cantar	Cantar	Cantante
		2.ª	Cantas	Canta		Cantes	Cantares		
		3.ª	Canta			Cante	Cantar		
	PLURAL	1.ª	Cantamos			Cantemos	Cantarmos		
		2.ª	Cantais	Cantae		Canteis	Cantardes		
		3.ª	Cantam			Cantem	Cantarem		
Imperfeito	SINGULAR	1.ª	Cantava		Cantaria <i>ou</i> cantára	Cantasse <i>ou</i> cantára		Cantando	
		2.ª	Cantavas		Cantarias <i>ou</i> cantáras	Cantasses <i>ou</i> cantáras			
		3.ª	Cantava		Cantaria <i>ou</i> cantára	Cantasse <i>ou</i> cantára			
	PLURAL	1.ª	Cantávamos		Cantariamos <i>ou</i> cantáramos	Cantássemos <i>ou</i> cantáramos			
		2.ª	Cantáveis		Cantariéis <i>ou</i> cantareis	Cantásseis <i>ou</i> cantáreis			
		3.ª	Cantavam		Cantariam <i>ou</i> cantaram	Cantassem <i>ou</i> cantaram			
Perfeito	SINGULAR	1.ª	Tenho cantado		Teria <i>ou</i> tivera cantado	Tenha cantado	Tem cantado	Ter cantado	Tendo cantado
		2.ª	Tens cantado		Terias <i>ou</i> tiveras cantado	Tenhas cantado	Teres cantado		
		3.ª	Tem cantado		Teria <i>ou</i> tivera cantado	Tenha cantado	Ter cantado		
	PLURAL	1.ª	Temos cantado		Teríamos <i>ou</i> tiveramos cantado	Tenhamos cantado	Termos cantado		
		2.ª	Tendes cantado		Teríeis <i>ou</i> tiveríeis cantado	Tenhais cantado	Terdes cantado		
		3.ª	Têm cantado		Teriam <i>ou</i> tiveram cantado	Tenham cantado	Terem cantado		

Aoristo	SINGULAR	1.ª	Cantei						Cantado, a, os, as
		2.ª	Cantaste						
		3.ª	Cantou						
	PLURAL	1.ª	Cantámos						
		2.ª	Cantastes						
		3.ª	Cantaram						
Plusquam-perfeito	SINGULAR	1.ª	Cantára <i>ou</i> tinha cantado				Tivesse <i>ou</i> tivera cantado		
		2.ª	Cantáras <i>ou</i> tinhas cantado				Tivesses <i>ou</i> tiveras cantado		
		3.ª	Cantára <i>ou</i> tinha cantado				Tivesse <i>ou</i> tivera cantado		
	PLURAL	1.ª	Cantáramos <i>ou</i> tínhamos cantado				Tivéssemos <i>ou</i> tivéramos cantado		
		2.ª	Cantáreis <i>ou</i> tinheis cantado				Tivésseis <i>ou</i> tivéreis cantado		
		3.ª	Cantaram <i>ou</i> tinham cantado				Tivéssem <i>ou</i> tiveram cantado		
Futuro	SINGULAR	1.ª	Cantarei				Cantar		
		2.ª	Cantarás				Cantares		
		3.ª	Cantará				Cantar		
	PLURAL	1.ª	Cantaremos				Cantarmos		
		2.ª	Cantareis				Cantardes		
		3.ª	Cantarão				Cantarem		
Futuro anterior	SINGULAR	1.ª	Terei cantado				Tiver cantado		
		2.ª	Terás cantado				Tiveres cantado		
		3.ª	Terá cantado				Tiver cantado		
	PLURAL	1.ª	Teremos cantado				Tivermos cantado		
		2.ª	Tereis cantado				Tiverdes cantado		
		3.ª	Terão cantado				Tiverem cantado		

Tabella N. 6

Conjugação do verbo VENDER (paradigma da 2.ª Conjugação)

Tensões	Numeros	Pessoas	Modos				Fórmulas nominais		
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITIVO		PARTICÍPIO
							Pessoal	Impessoal	
Presente	SINGULAR	1.ª	Vendo	Vende		Venda	Vender	Vender	Vendente
		2.ª	Vendes			Vendas	Venderes		
		3.ª	Vende			Venda	Vender		
	PLURAL	1.ª	Vendemos	Vendei		Vendamos	Vendermos		
		2.ª	Vendeis			Vendais	Venderdes		
		3.ª	Vendem			Vendam	Venderem		
Imperfeito	SINGULAR	1.ª	Vendia		Venderia <i>ou</i> vendêra	Vendesse <i>ou</i> vendêra		Vendendo	
		2.ª	Vendias		Venderias <i>ou</i> vendêras	Vendessem <i>ou</i> vendêras			
		3.ª	Vendia		Venderias <i>ou</i> vendêra	Vendesse <i>ou</i> vendêra			
	PLURAL	1.ª	Vendíamos		Venderíamos <i>ou</i> vendêramos	Vendessemos <i>ou</i> vendêramos			
		2.ª	Vendíeis		Venderíeis <i>ou</i> vendêreis	Vendessemos <i>ou</i> vendêreis			
		3.ª	Vendiam		Venderiam <i>ou</i> venderam	Vendessem <i>ou</i> venderam			
Perfeito	SINGULAR	1.ª	Tenho vendido		Teria <i>ou</i> tivera vendido	Tenha vendido	Ter vendido	Ter vendido	Tendo vendido
		2.ª	Tens vendido		Terias <i>ou</i> tiveras vendido	Tenhas vendido	Teres vendido		
		3.ª	Tem vendido		Teria <i>ou</i> tivera vendido	Tenha vendido	Ter vendido		
	PLURAL	1.ª	Temos vendido		Teríamos <i>ou</i> tiveramos vendido	Tenhamos vendido	Termos vendido		
		2.ª	Tendes vendido		Teríeis <i>ou</i> tiveríeis vendido	Tenhais vendido	Terdes vendido		
		3.ª	Têm vendido		Teriam <i>ou</i> tiveram vendido	Tenham vendido	Terem vendido		

	Aoristo		1. ^a Vendi 2. ^a Vendeste 3. ^a Vendeu						
	SINGULAR	PLURAL							
Plusquam-perfêto	SINGULAR	1. ^a	Vendêra <i>ou</i> tinha vendido						Vendido, a, os, as,
		2. ^a	Vendêras <i>ou</i> tinhas vendido						
		3. ^a	Vendêra <i>ou</i> tinha vendido						
	PLURAL	1. ^a	Vendêramos <i>ou</i> tínhamos vendido						
		2. ^a	Vendêreis <i>ou</i> tinheis vendido						
		3. ^a	Venderam <i>ou</i> tinham vendido						
Futuro	SINGULAR	1. ^a	Venderei						
		2. ^a	Venderás						
		3. ^a	Venderá						
	PLURAL	1. ^a	Venderemos						
		2. ^a	Vendereis						
		3. ^a	Venderão						
Futuro anterior	SINGULAR	1. ^a	Terei vendido						
		2. ^a	Terás vendido						
		3. ^a	Terá vendido						
	PLURAL	1. ^a	Teremos vendido						
		2. ^a	Tereis vendido						
		3. ^a	Terão vendido						

Tabella N. 7

Conjugação do verbo PARTIR (paradigma da 3.ª Conjugação)

sodural	Numeros	Pessoas	Modos				Fórmias nominaes			
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITIVO		PARTICÍPIO	
							Pessoal	Impessoal		
Presente	SINGULAR	1.ª	Parto			Parta	Partir			
		2.ª	Partes	Parte		Partas	Partires			
		3.ª	Parte			Parta	Partir	Partir		
	PLURAL	1.ª	Partimos			Partamos	Partimos			
		2.ª	Partis	Parti		Partais	Partirdes			
		3.ª	Partem			Partam	Partirem			
Imperfeito	SINGULAR	1.ª	Partia		Partiria <i>ou</i> partiria	Partisse <i>ou</i> partira				
		2.ª	Partias		Partirieis <i>ou</i> partiras	Partisses <i>ou</i> partiras				
		3.ª	Partia		Partiria <i>ou</i> partiria	Partisse <i>ou</i> partira				
	PLURAL	1.ª	Partíamos		Partiríamos <i>ou</i> partiramos	Partissemos <i>ou</i> partiramos			Partindo	
		2.ª	Partieis		Partirieis <i>ou</i> partíreis	Partisseyis <i>ou</i> partireis				
		3.ª	Partiam		Partiriam <i>ou</i> partiram	Partirssem <i>ou</i> partiram				
Perfeito	SINGULAR	1.ª	Tenho partido		Teria <i>ou</i> tivera partido	Tenha partido	Ter partido			
		2.ª	Tens partido		Terias <i>ou</i> tiveras partido	Tenhas partido	Teres partido			
		3.ª	Tem partido		Teria <i>ou</i> tivera partido l	Tenha partido	Ter partido			
	PLURAL	1.ª	Temos partido		Teríamos <i>ou</i> tiveramos partido	Tenhamos partido	Termos partido		Ter partido	Tendo partido
		2.ª	Tendes partido		Teríeis <i>ou</i> tivereis partido	Tenhais partido	Terdes partido			
		3.ª	Têm partido		Teriam <i>ou</i> tiveram partido	Tenham partido	Terem partido			

	Aoristo						
	SINGULAR	PLURAL					
Futuro anterior	SINGULAR	1.ª	Parti				Partido, a, os, as
		2.ª	Partiste				
		3.ª	Partiu				
	PLURAL	1.ª	Partimos				
		2.ª	Partistes				
		3.ª	Partiram				
Futuro	SINGULAR	1.ª	Partira <i>ou</i> tinha partido			Tivesse <i>ou</i> tivera partido	
		2.ª	Partiras <i>ou</i> tinhas partido			Tivesses <i>ou</i> tiveras partido	
		3.ª	Partira <i>ou</i> tinha partido			Tivesse <i>ou</i> tivera partido	
	PLURAL	1.ª	Partiramos <i>ou</i> tínhamos partido			Tivéssemos <i>ou</i> tivéramos partido	
		2.ª	Partiríeis <i>ou</i> tinheis partido			Tivésseis <i>ou</i> tivereis partido	
		3.ª	Partiram <i>ou</i> tinham partido			Tivéssem <i>ou</i> tiveram partido	
Futuro	SINGULAR	1.ª	Partirei			Partir	
		2.ª	Partirás			Partires	
		3.ª	Partirá			Partir	
	PLURAL	1.ª	Partiremos			Partiremos	
		2.ª	Partireis			Partides	
		3.ª	Partirão			Partirem	
Futuro anterior	SINGULAR	1.ª	Terei partido			Tiver partido	
		2.ª	Terás partido			Tiveres partido	
		3.ª	Terá partido			Tiver partido	
	PLURAL	1.ª	Teremos partido			Tivermos partido	
		2.ª	Terei partido			Tiverdes partido	
		3.ª	Terão partido			Tiverem partido	

Tabella N. 8

Conjugação do verbo PÔR (paradigma da 4.ª Conjugação)

Modos	INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	Fórmias nominaes			
					INFINITIVO		PARTICÍPIO	
					Pessoal	Impessoal		
Pessoas Presente SINGULAR 1.ª Pônho 2.ª Pões 3.ª Põe PLURAL 1.ª Pomos 2.ª Pondes 3.ª Põem								
Imperfeito SINGULAR 1.ª Punha 2.ª Punhas 3.ª Punha PLURAL 1.ª Punhamos 2.ª Punheis 3.ª Punham								
Perfeito SINGULAR 1.ª Tenho posto 2.ª Tens posto 3.ª Tem posto PLURAL 1.ª Temos posto 2.ª Tendes posto 3.ª Têm posto								

	Aoristo		1. ^a Puz	2. ^a Pozeste	3. ^a Poz	1. ^a Pozemos	2. ^a Pozestes	3. ^a Pozeram								Postom, a, os, as		
	SINGULAR	PLURAL																
Plusquam-perfeito	SINGULAR	1. ^a	Pozera ou tinha posto															
		2. ^a	Pozeras ou tinhas posto															
		3. ^a	Pozera ou tinha posto															
	PLURAL	1. ^a	Pozeramos ou tínhamos posto															
		2. ^a	Pozereis ou tinheis posto															
		3. ^a	Pozeram ou tinham posto															
Futuro	SINGULAR	1. ^a	Porei															
		2. ^a	Porás															
		3. ^a	Porá															
	PLURAL	1. ^a	Poremos															
		2. ^a	Poreis															
		3. ^a	Porão															
Futuro anterior	SINGULAR	1. ^a	Terei posto															
		2. ^a	Terás posto															
		3. ^a	Terá posto															
	PLURAL	1. ^a	Teremos posto															
		2. ^a	Tereis posto															
		3. ^a	Terão posto															

Tabella N. 9

Conjugação do verbo SER VENDIDO

Tempo	Número	Pessoas	Modos				Fórmulas nominais		
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITIVO		PARTICÍPIO
							Pessoal	Impessoal	
Presente	SINGULAR	1.ª	Sou vendido			Seja vendido	Ser vendido	Ser vendido	
		2.ª	És vendido	Sê vendido		Sejas vendido	Seres vendido		
		3.ª	É vendido			Seja vendido	Ser vendido		
	PLURAL	1.ª	Somos vendidos			Sejamos vendidos	Sermos vendidos		
		2.ª	Sois vendidos	Sêde vendidos		Sejais vendidos	Serdes vendidos		
		3.ª	São vendidos			Sejam vendidos	Serem vendidos		
Imperfeito	SINGULAR	1.ª	Era vendido		Seria <i>ou</i> fôra vendido	Fosse <i>ou</i> fôra vendido	Sendo vendido		
		2.ª	Eras vendido		Sereis <i>ou</i> fôras vendido	Fosses <i>ou</i> fôras vendido			
		3.ª	Era vendido		Seria <i>ou</i> fôra vendido	Fosse <i>ou</i> fôra vendido			
	PLURAL	1.ª	Eramos vendidos		Seríamos <i>ou</i> fôramos vendidos	Fossemos <i>ou</i> fôramos vendidos			
		2.ª	Ereis vendidos		Serieis <i>ou</i> fôreis vendidos	Fosseis <i>ou</i> fôreis vendidos			
		3.ª	Eram vendidos		Seriam <i>ou</i> fôram vendidos	Fossem <i>ou</i> fôram vendidos			
Perfeito	SINGULAR	1.ª	Tenho sido vendido		Teria <i>ou</i> tivera sido vendido	Tenha sido vendido	Ter sido vendido	Tendo sido vendido	
		2.ª	Tens sido vendido		Terias <i>ou</i> tiveras sido vendido	Tenhas sido vendido			
		3.ª	Tem sido vendido		Teria <i>ou</i> tivera sido vendido	Tenha sido vendido			
	PLURAL	1.ª	Temos sido vendidos		Teríamos <i>ou</i> tiveramos sido vendidos	Tenhamos sido vendidos			
		2.ª	Tendes sido vendidos		Terieis <i>ou</i> tiverdes sido vendidos	Tenhais sido vendidos			
		3.ª	Têm sido vendidos		Teriam <i>ou</i> tiveram sido vendidos	Tenham sido vendidos			

Aoristo	SINGULAR	1.ª	Fui vendido						
		2.ª	Foste vendiso						
		3.ª	Fui vendido						Vendido, a, os, as.
	PLURAL	1.ª	Fomos vendidos						
		2.ª	Fostes vendidos						
		3.ª	Fôram vendidos						
Plusquam-perfeito	SINGULAR	1.ª	Fôra ou tinha sido vendido				Tivesse ou tivera sido vendido		
		2.ª	Fôras ou tinhas sido vendido				Tivesses ou tiveras sido vendido		
		3.ª	Fôra ou tinha sido vendido				Tivesse ou tivera sido vendido		
	PLURAL	1.ª	Fôramos ou tínhamos sido vendidos				Tivéssemos ou tivéramos sido vendidos		
		2.ª	Fôreis ou tinheis sido vendidos				Tivésseis ou tivereis sido vendidos		
		3.ª	Fôram ou tinham sido vendidos				Tivéssem ou tiveram sido vendidos		
Futuro	SINGULAR	1.ª	Serei vendido				Fôr vendido		
		2.ª	Serás vendido				Fôres vendido		
		3.ª	Será vendido				Fôr vendido		
	PLURAL	1.ª	Seremos vendidos				Fôrmos vendidos		
		2.ª	Sereis vendidos				Fôrdes vendidos		
		3.ª	Serão vendidos				Fôrem vendidos		
Futuro anterior	SINGULAR	1.ª	Terei sido vendidos				Tiver sido vendido		
		2.ª	Terás sido vendido				Tiveres sido vendido		
		3.ª	Terá sido vendido				Tiver sido vendido		
	PLURAL	1.ª	Teremos sido vendidos				Tivermos sido vendidos		
		2.ª	Tereis sido vendidos				Tiverdes sido vendidos		
		3.ª	Terão sido vendidos				Tiverem sido vendidos		

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos																		
			INDICATIVO				IMPERATIVO				CONDICIONAL										
			1.ª	2.ª	3.ª	4.ª	1.ª	2.ª	3.ª	4.ª	1.ª	2.ª	3.ª	4.ª							
Presente	SINGULAR	1.ª	o	o	o	onho															
		2.ª	as	es	es	ões	a	e	e	õe											
		3.ª	a	e	e	õe															
	PLURAL	1.ª	amos	emos	imos	omos															
		2.ª	ais	eis	is	ondes	ae	ei	i	onde											
		3.ª	am	em	em	õem															
Imperfeito	SINGULAR	1.ª	ava	ia	ia	unha									aria ou ara	eria ou era	iria ou ira	oria ou oza			
		2.ª	avas	ias	ias	unhas									arias ou aras	erias ou eras	irias ou iras	orias ou ozeras			
		3.ª	ava	ia	ia	unha									aria ou ara	eria ou era	iria ou ira	oria ou oza			
	PLURAL	1.ª	avamos	íamos	íamos	unhamos									ariamos ou aramos	eríamos ou eramos	iríamos ou iramos	oríamos ou ozamos			
		2.ª	aveis	ieis	ieis	unheis									arieis ou áreis	erieis ou eréis	irieis ou iréis	orieis ou ozereis			
		3.ª	avam	iam	iam	unham									ariam ou aram	eriam ou eram	iriam ou iram	oriam ou ozeram			
Aoristo	SINGULAR	1.ª	ei	i	i	uz															
		2.ª	aste	este	este	ozeste															
		3.ª	ou	eu	iu	oz															
	PLURAL	1.ª	ámos	êmos	imos	ozemos															
		2.ª	astes	estes	istes	ozestes															
		3.ª	aram	eram	iram	ozeram															
Plusquam-perfeito	SINGULAR	1.ª	ara	era	ira	ozera															
		2.ª	aras	eras	iras	ozeras															
		3.ª	ara	era	ira	ozera															
	PLURAL	1.ª	aramos	eramos	iramos	ozeramos															
		2.ª	áreis	ereis	ireis	ozereis															
		3.ª	aram	eram	iram	ozeram															
Futuro	SINGULAR	1.ª	arei	erei	irei	orei															
		2.ª	arás	erás	irás	orás															
		3.ª	ará	erá	irá	orá															
	PLURAL	1.ª	aremos	eremos	iremos	oremos															
		2.ª	areis	ereis	ireis	oreis															
		3.ª	arão	erão	irão	orão															

Tabella N. 11

Conjugação do verbo periphrastico promissivo HAVER DE CANTAR

sottul L	Numeros	Pessoas	Modos				Fórmias nominaes		
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITIVO		PARTICPIO
							Pessoal	Impessoal	
Presente	SINGULAR	1.ª	Hei de cantar			Haja de cantar	Haver de cantar	Haver de cantar	
		2.ª	Has de cantar			Hajas de cantar	Haveres de cantar		
		3.ª	Há de cantar			Haja de cantar	Haver de cantar		
	PLURAL	1.ª	Havemos de cantar			Hajamos de cantar	Havermos de cantar		
		2.ª	Haveis de cantar			Hajais de cantar	Haverdes de cantar		
		3.ª	Hão de cantar			Hajam de cantar	Haverem de cantar		
Imperfeito	SINGULAR	1.ª	Havia de cantar		Haveria <i>ou</i> houvera de cantar	Houvesse <i>ou</i> houvera de cantar		Havendo de cantar	
		2.ª	Havias de cantar		Haverias <i>ou</i> houveras de cantar	Houvesse <i>ou</i> houveras de cantar			
		3.ª	Havia de cantar		Haveria <i>ou</i> houvera de cantar	Houvesse <i>ou</i> houvera de cantar			
	PLURAL	1.ª	Havíamos de cantar		Haveríamos <i>ou</i> houveramos de cantar	Houvessemos <i>ou</i> houveramos de cantar			
		2.ª	Haveis de cantar		Haveréis <i>ou</i> houveréis de cantar	Houvesseis <i>ou</i> houveréis de cantar			
		3.ª	Haviam de cantar		Haveriam <i>ou</i> houveram de cantar	Houvessem <i>ou</i> houveram de cantar			
Perfeito	SINGULAR	1.ª							
		2.ª							
		3.ª							
	PLURAL	1.ª							
		2.ª							
		3.ª							

Aoristo	SINGULAR	1. ^a	Houve de cantar						
		2. ^a	Houveste de cantar						
		3. ^a	Houve de cantar						
	PLURAL	1. ^a	Houvemos de cantar						
		2. ^a	Houvestes de cantar						
		3. ^a	Houveram de cantar						
Plusquam-perfeito	SINGULAR	1. ^a	Houvera de cantar						
		2. ^a	Houveras de cantar						
		3. ^a	Houvera de cantar						
	PLURAL	1. ^a	Houveramos de cantar						
		2. ^a	Houvéreis de cantar						
		3. ^a	Houveram de cantar						
Futuro	SINGULAR	1. ^a	Haverei de cantar			Houver de cantar			
		2. ^a	Haverás de cantar			Houveres de cantar			
		3. ^a	Haverá de cantar			Houver de cantar			
	PLURAL	1. ^a	Haveremos de cantar			Houvermos de cantar			
		2. ^a	Havereis de cantar			Houverdes de cantar			
		3. ^a	Haverão de cantar			Houverem de cantar			
Futuro anterior	SINGULAR	1. ^a							
		2. ^a							
		3. ^a							
	PLURAL	1. ^a							
		2. ^a							
		3. ^a							

Tabella N. 12 Conjugação do verbo frequentativo ANDAR CANTANDO

soduaL	Nomes	Pessoas	Modos				Fórmias nominaes		
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNTIVO	INFINITIVO		PARTICÍPIO
							Pessoal	Impessoal	
Presente	SINGULAR	1.ª	Ando cantando			Ande cantando	Andar cantando	Andar cantando	
		2.ª	Andas cantando	Anda cantando		Andes cantando	Andares cantando		
		3.ª	Anda cantando			Ande cantando	Andar cantando		
	PLURAL	1.ª	Andamos cantando			Andemos cantando	Andarmos cantando		
		2.ª	Andais cantando	Andae cantando		Andeis cantando	Andardes cantando		
		3.ª	Andam cantando			Andem cantando	Andarem cantando		
Imperfeito	SINGULAR	1.ª	Andava cantando		Andaria <i>ou</i> andára cantando	Andasse <i>ou</i> andára cantando		Andando cantando	
		2.ª	Andavas cantando		Andarias <i>ou</i> andáras cantando	Andasses <i>ou</i> andáras cantando			
		3.ª	Andava cantando		Andaria <i>ou</i> andára cantando	Andasse <i>ou</i> andára cantando			
	PLURAL	1.ª	Andavamos cantando		Andariamos <i>ou</i> andáramos cantando	Andássemos <i>ou</i> andáramos cantando			
		2.ª	Andáveis cantando		Andásseis <i>ou</i> andáreis cantando	Andásseis <i>ou</i> andáreis cantando			
		3.ª	Andavam cantando		Andariam <i>ou</i> andaram cantando	Andassem <i>ou</i> andáram cantando			
Perfeito	SINGULAR	1.ª	Tenho andado cantando		Teria <i>ou</i> tivera andado cantando	Tenho andado cantando	Ter andado cantando	Ter andado cantando	Tendo andado cantando
		2.ª	Tens andado cantando		Terias <i>ou</i> tiveras andado cantando	Tenhas andado cantando	Teres andado cantando		
		3.ª	Tem andado cantando		Teria <i>ou</i> tivera andado cantando	Tenha andado cantando	Ter andado cantando		
	PLURAL	1.ª	Temos andado cantando		Teríamos <i>ou</i> tiveramos andado cantando	Tenhamos andado cantando	Termos andado cantando		
		2.ª	Tendes andado cantando		Teríeis <i>ou</i> tivereis andado cantando	Tenhais andado cantando	Terdes andado cantando		
		3.ª	Têm andado cantando		Teriam <i>ou</i> tiveram andado cantando	Tenham andado cantando	Terem andado cantando		

Acriso	SINGULAR	1.ª	Andei cantando						
		2.ª	Andaste cantando						
		3.ª	Andou cantando						
	PLURAL	1.ª	Andámos cantando						
		2.ª	Andastes cantando						
		3.ª	Andaram cantando						
Plusquam-perfeito	SINGULAR	1.ª	Andára <i>ou</i> tinha andado cantando				Tivesse <i>ou</i> tivera andado cantando		
		2.ª	Andáras <i>ou</i> tinhas andado cantando				Tivesses <i>ou</i> tiveras andado cant.		
		3.ª	Andára <i>ou</i> tinha andado cantando				Tivesse <i>ou</i> tivera andado cantando		
	PLURAL	1.ª	Andáramos <i>ou</i> tínhamos andado c.				Tivéssemos <i>ou</i> tiveramos andado cant.		
		2.ª	Andáreis <i>ou</i> tinheis andado cantando				Tivésseis <i>ou</i> tivereis andado cant.		
		3.ª	Andaran <i>ou</i> tinham andado cantando				Tivéssem <i>ou</i> tiveram andado cant.		
Futuro	SINGULAR	1.ª	Andarei cantando				Andar cantando		
		2.ª	Andarás cantando				Andares cantando		
		3.ª	Andára cantando				Andar cantando		
	PLURAL	1.ª	Andaremos cantando				Andarmos cantando		
		2.ª	Andareis cantando				Andardes cantando		
		3.ª	Andarão cantando				Andarem cantando		
Futuro anterior	SINGULAR	1.ª	Terei andado cantando				Tiver andado cantando		
		2.ª	Terás andado cantando				Tiveres andado cantando		
		3.ª	Terá andado cantando				Tiver andado cantando		
	PLURAL	1.ª	Teremos andado cantando				Tivermos andado cantando		
		2.ª	Tereis andado cantando				Tiverdes andado cantando		
		3.ª	Terão andado cantando				Tiverem andado cantando		

Tabella N. 13

Conjugação do verbo pronomial QUEIXAR-SE

Modos	INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	Fórmulas nominais			
					INFINITIVO		PARTICÍPIO	
					Pessoal	Impessoal		
Presente	SINGULAR	1.ª	Eu me queixo		Eu me queixe	Queixar-me eu	Queixar-se	Queixante
		2.ª	Tu te queixas	Queixa-te tu	Tu te queixes	Queixares-te tu		
		3.ª	Elle se queixa		Elle se queixe	Queixar-se elle		
	PLURAL	1.ª	Nós nos queixamos		Nós nos queixemos	Queixarmo-nos nós		
		2.ª	Vós vos queixais	Queixae-vos vós	Vós vos queixeis	Queixardes-vos vós		
		3.ª	Elles se queixam		Elles se queixem	Queixarem-se elles		
Imperfeito	SINGULAR	1.ª	Eu me queixava		Eu me queixasse ou me queixára		Queixando-se	
		2.ª	Tu te queixavas		Tu te queixasses ou te queixáras			
		3.ª	Elle se queixava		Elle se queixasse ou se queixára			
	PLURAL	1.ª	Nós nos queixávamos		Nós nos queixássemos ou nos queixáramos			
		2.ª	Vós vos queixáveis		Vós vos queixásseis ou vos queixáreis			
		3.ª	Elles se queixavam		Elles se queixassem ou se queixaram			
Perfeito	SINGULAR	1.ª	Eu me tenho queixado		Eu me tenha queixado	Ter-me eu queixado	Ter-se queixado	Tendo-se queixado
		2.ª	Tu te tens queixado		Tu te tenhas queixado	Teres-te tu queixado		
		3.ª	Elle se tem queixado		Elle se tenha queixado	Ter-se elle queixado		
	PLURAL	1.ª	Nós nos temos queixado		Nós nos tenhamos queixado	Termo-nos nos queixado		
		2.ª	Vós vos tendes queixado		Vós vos tenhais queixado	Terdes-vos vos queixado		
		3.ª	Elles se têm queixado		Elles se tenham queixado	Terem-se elles queixado		

	Aoristo							Queixado	
	SINGULAR	PLURAL							
Plusquam-perfeito	SINGULAR	1.ª	Eu me queixára <i>ou</i> me tinha queixado						
		2.ª	Tu te queixáras <i>ou</i> me tinhas queixado						
		3.ª	Elle se queixára <i>ou</i> se tinha queixado						
	PLURAL	1.ª	Nós nos queixáramos <i>ou</i> nos tínhamos queixado						
		2.ª	Vós vos queixáreis <i>ou</i> vos tinheis queixado						
		3.ª	Elles se queixaram <i>ou</i> se tinham queixado						
Futuro	SINGULAR	1.ª	Eu me queixarei						
		2.ª	Tu te queixarás						
		3.ª	Elle se queixará						
	PLURAL	1.ª	Nos nos queixaremos						
		2.ª	Vos vos queixareis						
		3.ª	Elles se queixarão						
Futuro anterior	SINGULAR	1.ª	Eu me terei queixado						
		2.ª	Tu te terás queixado						
		3.ª	Elle se terá queixado						
	PLURAL	1.ª	Nós nos teremos queixado						
		2.ª	Vós vos tereis queixado						
		3.ª	Elles se terão queixado						
Aoristo	SINGULAR	1.ª	Eu me queixei						
		2.ª	Tu te queixaste						
		3.ª	Elle se queixou						
	PLURAL	1.ª	Nos nos queixámos						
		2.ª	Vos vos queixastes						
		3.ª	Elles se queixaram						
Plusquam-perfeito	SINGULAR	1.ª	Eu me tivesse <i>ou</i> me tivera queixado						
		2.ª	Tu te tivesses <i>ou</i> te tiveras queixado						
		3.ª	Elle se tivesse <i>ou</i> se tivera queixado						
	PLURAL	1.ª	Nós nos tivéssemos <i>ou</i> nos tiveramos queixado						
		2.ª	Vós vos tivésseis <i>ou</i> vos tivereis queixado						
		3.ª	Elles se tivessem <i>ou</i> se tiveram queixado						
Futuro	SINGULAR	1.ª	Eu me queixar						
		2.ª	Tu te queixares						
		3.ª	Elle se queixar						
	PLURAL	1.ª	Nos nos queixarmos						
		2.ª	Vos vos queixardes						
		3.ª	Elles se queixarem						
Futuro anterior	SINGULAR	1.ª	Eu me tiver queixado						
		2.ª	Tu te tiveres queixado						
		3.ª	Elle se tiver queixado						
	PLURAL	1.ª	Nos nos tivermos queixado						
		2.ª	Vos vos tiverdes queixado						
		3.ª	Elles se tiverem queixado						

Tabella N. 14

Conjugação do verbo impessoal TROVEJAR

Tempos	Modos			Fórmulas nominaes	
	INDICATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITIVO (Impessoal)	PARTICÍPIO
Presente	Troveja		Troveje	Trovejar	Trovejante
Imperfeito	Trovejava	Trovejaria <i>ou</i> trovejára	Trovejasse <i>ou</i> trovejára		Trovejando
Perfeito	Tem trovejado	Teria ou tivera trovejado	Tenha trovejado	Ter trovejado	Tendo trovejado
Aoristo	Trovejou				Trovejado
Plusquam-perfeito	Trovejava <i>ou</i> tinha trovejado		Tivesse ou tivera trovejado		
Futuro	Trovejará		Trovejar		
Futuro anterior	Terá trovejado		Tiver trovejado		

Sobre as tabellas *retro* ha a notar:

TABELLA N. 2. O participio presente *Tente* é usado na phrase « *A' mão tente* ».

TABELLA N. 4. O participio presente *Estante* é classico: « Mouros mercadores *estantes* na terra », JOÃO DE BARROS, *Decada I*, Liv. VII, Cap. 9.

TABELLA N. 7. Desta conjugação empregam-se alguns participios presentes, como « *Ouvinte, pedinte, seguinte*, etc. ».

TABELLA N. 9. Estão neste eskhema sómente terminações masculinas do singular e do plural, sendo que a voz passiva admite tambem terminações femininas; a conjugação completa deveria ser: « Indicativo presente—*Sou vendido* ou *vendida*, etc. ».

TABELLA 10. Neste quadro as terminações da quarta conjugação vem acompanhadas de kharacteristicas para se distinguirem das da terceira.

TABELLA N. 11. Como o verbo periphrastico promissivo conjuga-se o periphrastico obrigativo substituindo-se *ter* a *haver*. Fórma-se a voz passiva de ambos estes verbos, trocando-se em todos os tempos, modos e fórmas nominaes a fórma activa do infinito pela correspondente passiva, ex.: « *Hei* ou *tenho* DE LOUVAR » converte-se em "*Hei* ou *tenho* DE SER LOUVADO ».

TABELLA N. 12. O verbo frequentativo só tem de participios o imperfeito e o perfeito. Quando elle é formado por um verbo unico faltam-lhe tambem os tempos em que occorrem flexões homographas: « *Vir vindo* », por exemplo, não tem a segunda fórma do indicativo plusquam perfeito, a qual deveria ser « *Eu tinha vindo vindo* », e nem outras similhantes.



261. São verbos irregulares principaes da primeira conjugação *dar*, *estar*, todos os verbos terminados por *ear* e alguns terminados por *iar*.

1) *Dar*

Indicativo presente—*Dou, dás. dá: damos, dais, dão.*

Indicativo aoristo—*Dei, deste, deu; demos, destes, deram.*

Subjunctivo presente—*Dê, dês, dê: demos, deis, dêm.*

2) *Estar*

Está conjugado por inteiro (Tabella n. 4).

3) Verbos terminados por *ear*

Os verbos terminados por *ear* tomam *i* entre *e* e *a* na primeira, na segunda e na terceira pessoa do singular, e na terceira do

plural do indicativo presente, e comunicam essa irregularidade às mesmas pessoas do subjuntivo presente, e á segunda do singular do imperativo, ex.: *Cear* que faz: Indicativo presente—*Ceio, ceias, ceia; ceiam*. Imperativo—*Ceia*. Subjuntivo presente—*Ceie, ceies, ceie; ceiem*.

Exceptua-se *CREAR* que só é irregular no indicativo presente—*Crio, crias, cria; creamos, creais, criam*, e, conseguintemente, no subjuntivo presente—*Crie, cries*, etc. [Vide adiante a observação n. 2, sobre os verbos irregulares, l)].

4) Verbos terminados por *iar*

Os verbos terminados por *iar* são regulares ex.: *Criar*, que se conjuga *Crio, crias*, etc..

Exceptuam-se *agenciar, anciar, cadenciar, commerciar, mediar, adiar, penitenciar, premiar, remediar, sentenciar*, que, *mutatis mutandis*, tomam um *e* nas mesmas especificações feitas acima sobre os verbos em *ear*, ex.: Indicativo presente—*Agenceio, agenceias, agenceia; agenceiam*. Imperativo—*Agenceia*. Subjuntivo presente—*Agenceie, agenceies, agenceie; agenceiem*.

262. São verbos irregulares principaes da segunda conjugação *cabere, crere, dizer, fazer, haver, jazer, perder, poder, prazer, querer, requerer, saber, ter, trazer, valer, ver*.

1) *Caber*

Indicativo presente—*Caibo, cabes, cabe; cabemos, cabeis, cabem*. Indicativo aoristo—*Coube, coubeste, coube; coubemos, coubestes, couberam*.

2) *Crer*

Indicativo presente—*Creio, crês, crê; cremos, credes, crêm*. Como *crer* se conjuga *ler*.

3) *Dizer*

Indicativo presente—*Digo, dizes, diz; dizemos, dizeis, dizem*. Indicativo aoristo—*Disse, disseste, disse; dissemos, dissestes, disseram*. Indicativo futuro—*Direi, dirás, dirá; diremos, direis, dirão*. Condicional imperfeito—*Diria, dirias; diria; diríamos, dirieis, diriam*.

4) *Fazer*

Indicativo presente—*Faço, fazes, faz; fazemos, fazeis, fazem.*
 Indicativo aoristo—*Fiz, fizeste, fez; fizemos, fizestes, fizeram.*
 Indicativo futuro—*Farei, farás, fará; faremos, fareis, farão.*
 Condicional imperfeito—*Faria, farias, faria; faríamos, farieis, fariam,*

5) *Haver*

Está já conjugado por inteiro (Tabella n. 1).

6) *Jazer*

Indicativo presente—*Jazo, jazes, jaz; jazemos, jazeis, jazem.*
 Indicativo aoristo—Fórma moderna, regular. *Jouve, jousteste, jouve; jouvemos, joustestes, jouveram,* fórma antiga.

7) *Perder*

Indicativo presente—*Perco, perdes, perde; perdemos, perdeis, perdem.*

8) *Poder*

Indicativo presente—*Posso, podes, póde; podemos, podeis, podem.* Indicativo aoristo—*Pude, poudeste, poude; podemos, poudestes, pouderam.* E' melhor orthographia do que—*Podeste, pôde; podemos, podestes, poderam,* porquanto representa-se assim, com o diphthongo portuguez *ou*, a attracção do diphthongo latino *ui* de *potui, potuisti*, etc. Não tem imperativo.

8) *Prazer* (impessoal)

Indicativo presente—*Praz.* Indicativo aoristo—*Prouve.* O composto pronominal *comprazer-se* é quasi perfeitamente regular: só na terceira pessoa do singular do presente do indicativo tem a fórma irregular *compraz.*

10) *Querer*

Indicativo presente—*Quero, queres, quer; queremos, quereis, querem.* Indicativo aoristo—*Quiz, quizeste, quiz; quizemos, quizestes, quizeram.* Não tem imperativo. Subjunctivo presente—*Queira, queiras, queira; queiramos, queirais, queiram.* Tanto a este como ao

17

verbo *poder* deu Vieira imperativo, quando disse: « *Querei* só o que podeis, e sereis omnipotentes. Si quereis ser omnipotentes, *podei* só o justo e o licito (1) ».

11) *Requerer*

Indicativo presente—*Requeiro, requeres, requer; requeremos, requireis, requerem*. Indicativo aoristo—*Requeri, requereste, requireu; requeremos, requerestes, requereram*.

12) *Saber*

Indicativo presente—*Sei, sabes, sabe; sabemos, sabeis, sabem*. Indicativo aoristo - *Soube, soubeste, soube; soubemos, soubestes, souberam*. Subjunctivo presente—*Saiba, saibas, saiba; saibamos, saibais, saibam*.

13) *Ter*

Está já conjugado por inteiro (Tabella n. 2).

14) *Trazer*

Indicativo presente—*Trago, trazes, traz; trazemos, trazeis, trazem*. Indicativo aoristo—*Trouxe, trouxeste, trouxe; trouxemos, trouxestes, trouxeram*. Indicativo futuro—*Trarei, trará, trará; traremos, trareis, trarão*. Condicional imperfeito—*Traria, trarias, traria; trariamos, trarieis, trariam*.

15) *Valer*

Indicativo presente—*Valho, vales, vale ou val; valem, valem, valem*.

16) *Ver*

Indicativo presente—*Vejo, vês, vê; vemos, vedes, vêm*. Indicativo aoristo—*Vi, viste, viu; vimos, vistas, viram*: O verbo derivado *prover* aparta-se em alguns tempos da conjugação de *ver*. Indicativo aoristo—*Provi, proveste, proveu; provemos, provestes, proveram*. Participio aoristo—*Provido*.

(1) *Serm.* tom. IV, edic. mod. pag. 297.

263. São verbos irregulares da terceira conjugação *adherir*, *acudír*, *aggredir*, *cahir*, *cobrir*, *conduzir*, *cortir*, *frigir*, *ir*, *medir*, *parir*, *remir*, *rir vir*.

1) *Adherir*

Indicativo presente—*Adhiro*, *adheres*, *adhere*; *adherimos*, *adheris*, *adherem*. Como *adherir* conjugam-se *advertir*, *comedir*, *compellir*, *competir*, *convergir*, *despir*, *discernir*, *divergir*, *divertir*, *emergir*, *enxerir*, *expellir*, *ferir*, *gerir*, *impellir*, *inherir*, *mentir*, *preterir*, *reflectir*, *repellir*, *repetir*, *seguir*, *sentir*, *servir*, *vestir*. (*Enxerir* também se escreve *inserir*).

Convergir, *divergir*, *emergir* são também da segunda conjugação —*converger*, *diverger*, *emerger*.

2) *Acudir*

Indicativo presente—*Acudo*, *acodes*, *acode*; *acudimos*, *acudis*, *acodem*. Como *acudir* conjugam-se *bulir*, *construir*, *cuspir*, *destruir*, *engulir*, *fugir*, *sacudir*, *subir*, *sumir*, *tussir*.

Os escriptores antigos conservavam sempre o *u* na mór parte destes verbos, escrevendo *acude*, *construe*, *fuge*.

3) *Aggredir*

Indicativo presente—*Aggrido*, *aggrides*, *aggride*; *aggredimos*, *aggredis*, *aggridem*. Como *aggredir* conjuga-se *prevenir*, *progredir*, *transgredir*.

4) *Cahir*

Indicativo presente—*Caio*, *cais*, *cai*; *cahimos*, *cahis*, *caem*. Como *cahir* conjugam-se *sahir*, *trahir*.

5) *Cortir*

Indicativo presente—*Curto*, *curtes*, *curte*; *cortimos*, *cortis*, *curtem*. Como *cortir* conjugam-se *ordir*, *sortir*.

A respeito deste ultimo diz Francisco José Freire (1): « Neste verbo ha uma especial irregularidade que é causa de alguns

(1) *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*, Lisboa, 1842, 2ª parte, pag. 31.

« erros, pronunciando-se em diversas pessoas e linguagens
 « algumas vezes *sor*, e outra *sur*. A regra dos orthographos para o
 « acerto é que, quando depois do *t* se seguir *i*, se diga *sor*, v. g.,
 « *sortiamos, sortis, sortia, sortias*, etc.; e quando depois do *t* se
 « seguir *a* ou *e*, se pronuncie *sur*; por exemplo *surta elle, surte*,
 « *surtem*, etc. ».

6) Cobrir

Indicativo presente—*Cubro, cobres, cobre; cobrimos, cobris, cobrem*. Como *cobrir* conjuga-se *dormir*.

7) Conduzir

Indicativo presente—*Conduzo, conduzes, conduz; conduzimos, conduzis, conduzem*. Como *conduzir* conjugam-se todos os verbos terminados em *uzir*, ex.: « *Induzir* ».

8) Frigir

Indicativo presente—*Frijo, freges, frege; frigimos, frigis, fregem*.

9) Ir

Indicativo presente—*Vou, vais, vai; vamos ou imos, ides, vão*.
 Indicativo imperfeito—*Ia, ias, ia; iam*. Indicativo aoristo—*Fui, foste, foi; fomos, fostes, fôram*. Imperativo—*Vae; ide*, Subjunctivo presente—*Va, vos, va; vamos, vades, vão*,

10) Medir

Indicativo presente—*Meço, medes, mede; medimos, medis, medem*. Como *medir* conjugam-se *ouvir, pedir*.

Sobre os pretendidos compostos deste ultimo diz Francisco José Freire (1): « *Despedir*: grande controversia ha sobre si se ha de « dizer *eu me despido*, ou *eu me despeço*. Esta pronunção é do « uso reinante, mas a primeira é não menos que de Vieira em « mais de um lugar das suas obras. Na 5^a pag. do tom. 1, « escrevendo ao principe D. Theodosio, lhe diz: « *Eia, meu principe*, « *despida-se vossa alteza dos livros* » etc. No tom. 2^o pag. 343, « disse tambem: « *Com esta ultima advertencia vos despido, ou me*

(1) *Obra citada*, pag. 29.

« *despido de vós* » etc. Seguiu este classico a Duarte Nunes de « Leão na sua *Orthographia*, o qual, fazendo um catalogo de « varias pronunciações que se deviam emendar, diz na pag. 70 « *despido-me* e não *despeço-me*. Os rigoristas estão ainda pelos « exemplos de Vieira e outros bons. » *Impedir* nos nossos « melhores auctores acho-o conjugado: *Eu impido, tu impides, elle impide*, etc.. Duarte Nunes, na *Origem da Lingua Portuguesa*, pag. 124, diz: « *Adherencia é a que entre nós impide fazer-se justiça* » etc. Fundados neste exemplo e em « outros de diversos classicos, especialmente de Vieira, é que « ainda alguns não querem fazer irregular este verbo, dizendo: « *impido, impedes, impede*, etc., como hoje diz a maior parte dos « modernos (1).

11) *Parir*

Indicativo presente—*Pairo, pares, pare; parimos, paris, parem*.

12) *Remir*

Indicativo presente—*Redimo, redimes, redime; remimos, remis, redimem*. Imperativo—*Redime; remi*.

13) *Rir*

Indicativo presente—*Rio, ris, ri; rimos, rides, riem*.

14) *Vir*

Indicativo presente — *Venho, vens, vem; vimos, vindes, vêm*. Indicativo imperfeito—*Vinha, vinhas, vinha; vinhamos, vinheis, vinham*. Indicativo aoristo—*Vim, vieste, veiu; viemos, viestes, vieram*. Imperativo—*Vem; vinde*.

Observação n. 1.) Os verbos compostos conjugam-se exactamente como os simples de que se derivam. Por não attenderem a isto é que pessoas, aliás doudas, conjugam os verbos *avir* e *desavir* com as flexões de *haver*, dizendo « *Elle tem de se haver comigo—Os socios se deshouveram* », devendo ser « *Elle tem de se avir comigo—Os socios se desavieram* ». Moraes e Constancio erram, procurando explicar a phrase incorrecta « *Havel-o com alguém* » a qual deve ser emendada « *Avil-o com alguém* ».

(1) Os verbos *despedir* e *impedir* só têm com *pedir* semelhança de forma: sua origem e sua significação são diversissimas das deste ultimo.

Comprazer, prover, requerer afastam-se de seus simples *prazer, ver, querer*, como fica consignado na lista dos verbos irregulares da segunda conjugação.

Observação n. 2.) Na conjugação dos verbos irregulares attenda-se com muito cuidado às regras seguintes

- 1) Quando um verbo é irregular na forma da primeira pessoa do singular do indicativo presente, comunica essa irregularidade a todas as formas do subjunctivo presente, ex.: « *Medir* » Indicativo presente—*Meço*, subjunctivo presente—*Meça, meças, meça; meçamos, meçais, meçam*.

Exceptuam-se *dar, estar, haver, ir, querer, saber, que*, fazendo no indicativo presente *dou, estou, hei, vou, quero, sei*, fazem no subjunctivo presente—*Dê, esteja, haja, va, queira, saiba*, como ficou consignado nos logares respectivos.

- 2) Quando um verbo é irregular nas formas da segunda pessoa tanto do singular como do plural do indicativo presente, comunica essa irregularidade às formas das pessoas correspondentes do imperativo, ex.: « *Remir* » Indicativo presente, segunda pessoa do singular—*Redimes*; segunda pessoa do plural—*remis*: Imperativo, segunda pessoa do singular—*Redime*; segunda pessoa do plural—*remi*.

- 3) Quando um verbo é irregular na forma da terceira pessoa do indicativo aoristo, comunica essa irregularidade às formas em *ra* do indicativo plusquam perfeito e do condicional imperfeito, a todas do subjunctivo imperfeito e às do subjunctivo futuro, ex.: « *Trazer* » Indicativo aoristo – *Trouxeram*, indicativo plusquam perfeito, condicional imperfeito e subjunctivo imperfeito em *ra*—*Trouxera, trouxeras, trouxera; trouxeramos, trouxeis, trouxeram*: Subjunctivo imperfeito (1º forma) *Trouxesse, trouxesses, trouxesse; trouxessemos, trouxesseis, trouxessem*: Futuro — *Trouxer, trouxeres, trouxer: trouxermos, trouxerdes, trouxerem*.

- 4) Todos os verbos regulares e irregulares comunicam o radical de suas formas do infinito presente impessoal a todas as formas do indicativo futuro, do condicional imperfeito e do infinito presente pessoal, ex.: « *Valer* » Indicativo futuro—*Valerei, valerás, valerá; valeremos, valereis, valerão*: Condicional imperfeito—*Valeria, valerias, valeria; valeríamos, valerieis, valeriam*: Infinito presente pessoal — *Valer, valeres, valer; valermos, valerdes, valerem*.

Exceptuam-se *dizer, fazer, trazer*, que, por uma contracção especial no indicativo futuro, fazem—*Direi, dirás, dirá; diremos, direis, dirão*: *Farei, farás, fará; faremos, fareis, farão*: *Trarei, trará, trará; traremos, trareis,*

trarão; e no condicional imperfeito—*Diria, dirias, diria; diríamos, dirieis, diriam*: *Faria, farias, faria; fariamos, farieis, fariam*: *Traria, trarias, traria; trariamos, trarieis, trariam*.

Observação n. 3.) Os verbos chamados por muitos grammaticos « accidentalmente irregulares » são verbos perfeitamente regulares: as suas pretendidas irregularidades desaparecem, si se presta a devida attenção ás regras da orthographia.

Sobre tal assumpto diz sensatamente Soares Barbosa (1): « Nunca « se devem confundir as consonancias com as consoantes, isto é, os « sons elementares das consoantes, com as letras consoantes que « nossa orthographia usual empregou para os exprimir na « escriptura. Si um som elementar sôa sempre o mesmo ao « ouvido, quer se escreva de um modo, quer de outro, para que se « ha de fazer da irregularidade da escriptura uma irregularidade « na conjugação?

« Por exemplo: as letras *c, g* antes de *a, o, u*, dão a mesma « consonancia que *qu, e gu* antes de *e e i*. Não se devia, portanto, « dar por irregular uma caterva de verbos portuguezes terminados « em *car e gar*, como: *ficar, julgar*, etc., pela razão de nossa « orthographia se servir, não já destas figuras, mas de *qu e gu*, « para exprimir a mesma consonancia antes de *e* no perfeito (aoristo) « *fiquei, julguei*, e no presente do subjunctivo *fique, julgue*, etc..

« Da mesma sorte a letra *g* antes de *e e i* representa ao ouvido « a mesma consonancia que exprime o nosso *j* consoante antes de « qualquer vogal. Os verbos, pois, em *ger e gir*, como *eleger, « fingir*, e infinitos outros desta especie, não deviam ser contados « por nossos grammaticos na classe dos irregulares, por se « escreverem com *j* em logar de *g*, quando se lhe segue *a, o*, « como: *elejo, eleja; finjo, finja*. A anomalia, assim como a « analogia, está sempre nos sons da lingua, e não em sua « orthographia, e, si de uma cousa se póde argumentar para outra, « é desta para aquella e não daquella para esta. Só esta observação « restitue á classe dos regulares um grande numero de verbos, « excluidos della sem razão por nossos grammaticos.

« Pelo mesmo principio já estabelecido não são também « irregulares os verbos *attrahir, cahir*, e seus compostos « *contrahir, distrahir, recahir*, etc., *sahir*, e outros semelhantes. « Porque, si o *h*, com que ora se escrevem, é para separar as duas « vogaes em ordem a não fazerem diphthongo, e mostrar que o *i* é « longo e agudo; muito melhor faziam isto os nossos antigos dobrando « o *i*, e escrevendo *caiir, saiir*; e nós ainda melhor, accentuando

(1) *Obra citada*, pag. 187.

« o mesmo *i*, deste modo « *caír, saír* »; e tirando o accento « quando faz diphthongo no presente do indicativo e do « subjunctivo, como *caio, caia, saio, saia*, etc. ».

264. São defectivos

- 1) Os verbos *brandir, carpir, feder, fruir, fulgir, ganir e latir* que se não empregam nas fórmãs em que ao thema se deveria seguir *a* ou *o*. Assim, não se póde dizer— *brando, branda; carpo, carpa; fedo, feda; fruo, frua; fuljo, fulja; gano, gana; lato, lata*, etc..
- 2) Os verbos *abolir, addir, adir, banir, colorir, delinquir, delir, demolir, emollir, empedernir, exinanir, exaurir, extorquir, fallir, florir, munir, polir, precaver, renhir, retorquir, submergir*, que se não empregam nas fórmãs em que ao thema se deveria seguir *a* e *o*. Assim não se póde dizer *addo, ado, bana, demole*, etc..

O correctissimo escriptor, sr. Ramalho Ortigão, usou da fórmula *colorem* do verbo *colorir*.

- 3) O verbo *rehaber* que não é usado no indicativo presente, no imperativo e no subjunctivo presente.

265. Muitos verbos têm dous participios aoristos, um regular e outro irregular: este ultimo é contracção do primeiro, ou então vem immediatamente do verbo latino. Os participios aoristos irregulares são mais usados como adjectivos verbaes, e é por isso que os vemos quasi sempre depois de *ser e estar*.

E' digno de ler-se o que escreve Leoni (1) sobre este assumpto: « Os participios, que têm fórmula regular, são geralmente os que se « conjugam com os verbos *ter e haver*, porque denotam uma « acção feita ou executada; pelo contrario os irregulares, sendo « apenas meros adjectivos verbaes, designam somente qualidade, « como todos os adjectivos. Assim, não podemos dizer: *Temos « afflicto a quem*, em vez de *temos affligido*: porque *afflicto* póde « ser um estado não promovido ou causado por outrem; e « *affligido* » « quer dizer « *feito afflicto* »; pelo que, « *Temos affligido* » « significa « *Temos feito o acto de affligir*, ou *temos feito com que « a quem ficasse afflicto* ».

(1) *Genio da Lingua Portuguesa*, Lisboa, 1858, tom. I, pag. 244.

1) Primeira conjugação

INF. PRES.	PART AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Acceitar,	Acceitado,	Acceito;
Afeiçoar,	Afeiçoado,	Affecto;
Annexar,	Annxado,	Annexo;
Apromptar,	Apromptado,	Prompto;
Arrebatat,	Arrebatado,	Rapto, <i>ant.</i> ;
Bemquistar,	Bemquistado,	Bemquisto;
Botar, <i>embotar</i>	Botado,	Boto;
Captivar,	Captivado,	Captivo <i>ou</i> Capto;
Cegar,	Cegado,	Cego;
Circuncidar,	Circuncidado,	Circunciso;
Compaginar,	Compaginado,	Compacto;
Completar,	Completado,	Completo;
Concretar,	Concretado,	Concreto;
Condensar,	Condensado,	Condesso;
Confessar,	Confessado,	Confesso;
Cultivar,	Cultivado,	Culto;
Curvar,	Curvado,	Curvo;
Densar,	Densado,	Denso;
Descalçar,	Descalçado,	Descalço;
Despertar,	Despertado,	Desperto;
Dispersar,	Dispersado,	Disperso;
Entregar,	Entregado,	Entregue;
Enxugar,	Enxugado,	Enxuto;
Estreitar,	Estreitado,	Estreito;
Exceptuar,	Exceptuado,	Excepto, <i>usado hoje como preposição</i> ;
Excusar,	Excusado,	Excuso, <i>ant.</i> ;
Exemptar,	Exemptado,	Exempto;
Expressar,	Expressado,	Expresso;
Expulsar,	Expulsado,	Expulso;
Extremar,	Extremado,	Extreme, <i>ant.</i> ;
Faltar,	Faltado,	Falto;
Fartar,	Fartado,	Farto;
Findar,	Findado,	Findo;
Fixar,	Fixado,	Fixo;
Ganhar,	Ganhado,	Ganho;
Gastar,	Gastado,	Gasto;
Ignorar,	Ignorado,	Ignoto;
Infectar,	Infectado,	Infecto;
Infestar,	Infestado,	Infesto;
Inficionar,	Inficionado,	Infecto;
Inquietar,	Inquietado,	Inquieto;

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Juntar,	Juntado,	Junto;
Lesar,	Lesado,	Leso;
Libertar,	Liberdade,	Liberto;
Limpar,	Limpado,	Limpo;
Livrar,	Livrado,	Livre;
Malquistar,	Malquistado,	Malquisto;
Manifestar,	Msnfestado,	Manifesto;
Misturar,	Misturado,	Misto;
Molestar,	Molestado,	Molesto;
Morrer,	Morrido,	Morto;
Murchar,	Murchado,	Murcho;
Occultar,	Occultado,	Occulto;
Pegar,	Pegado,	Pêgo;
Professar,	Professado,	Professo;
Quietar,	Quietado,	Quieto;
Rejeitar,	Rejeitado,	Rejeito, <i>ant.</i> ;
Requisitar	Requisitado,	Requisito;
Safar, <i>tirar fóra ou</i> <i>desembaraçar,</i>	Safado,	Safo;
Salvar,	Salvado,	Salvo;
Seccar,	Seccado,	Secco;
Segurar,	Segurado,	Seguro;
Sepultar,	Sepultado,	Sepulto, <i>ant.</i> ;
Situar,	Situado,	Sito;
Soltar,	Soltado,	Sôlto;
Sujeitar,	Sujeitado,	Sujeito;
Suspeitar,	Suspeitado,	Suspeito;
Suxar,	Suxado,	Suxo;
Vagar,	Vagado,	Vago;
Voltar,	Voltado,	Vôlto;

2) Segunda Conjugação

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Absolver,	Asolvido,	Absolto <i>ou</i> absoluto;
Absorver,	Absorvido,	Absorto;
Accender,	Accendido,	Acceso;
Agradecer,	Agradecido,	Grato;
Arreponder,	Arrependido,	Arrepeso, <i>ant.</i> ;
Attender,	Attendido,	Attento;
Bemquerer,	Bemquerido,	Bemquisto;
Benzer,	Benzido,	Bento;
Colher,	Colhido,	Colheito, <i>ant.</i> ;
Comer,	Comido,	Comesto, <i>ant.</i> ;

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Conceder,	Concedido,	Concesso, <i>ant.</i> ;
Conhecer,	Conhecido,	Cognito;
Conter,	Contido,	Conteudo, <i>ant.</i> ;
Convencer,	Convencido,	Convicto;
Converter,	Convertido,	Converso;
Corromper,	Corrompido,	Corrupto;
Cozer,	Cozido,	Cozeito, <i>ou</i> coito, <i>ant.</i> ;
Defender,	Defendido,	Defeso;
Desenvolver,	Desenvolvido,	Desenvolto;
Despender,	Despendido,	Despeso;
Deter,	Detido,	Deteuo, <i>ant.</i> ;
Dissolver,	Dissolvido,	Dissoluto;
Devolver,	Devolvido,	Devoluto;
Eleger,	Elegido,	Eleito;
Encher,	Enchido,	Cheio;
Escolher,	Escolhido,	Escolhito, <i>ant.</i> ;
Esconder,	Escondido,	Escuso;
Escorrer,	Escorrido,	Escorreito, <i>termo popular</i> ;
Escurecer,	Escurecido,	Escuro;
Extender,	Extendido,	Extenso;
Immerger,	Immergido,	Immerso;
Incorrer,	Incorrido,	Incurso;
Interromper,	Interrompido,	IntERRUPTO, <i>pouco usado</i> ;
Involver,	Involvido,	Involto;
Manter,	Mantido,	Mantendo, <i>ant.</i> ;
Nascer,	Nascido,	Nado <i>ou</i> Nato;
Pender,	Pendido,	Penso;
Perverter,	Pervertido,	Perverso;
Prender,	Prendido,	Preso;
Propender,	Propendido,	Propenso;
Querer, <i>querer bem</i> ,	Querido,	Quisto;
Reconhecer,	Reconhecido,	Recognito;
Recozer,	Recozido,	Recoito, <i>ant.</i> ;
Refranger,	Refrangido,	Rafracto;
Remover,	Removido,	Remoto;
Reprehender,	Reprehendido,	Reprehenso;
Resolver,	Resolvido,	Resoluto;
Reter,	Retido,	Reteudo, <i>ant.</i> ;
Retorcer,	Retorcido,	Retorto;
Revolver,	Revolvido,	Revôlto;
Romper,	Rompido,	Roto;
Solver,	Solvido,	Soluto;
Submeter,	Submettido,	Submisso;
Surprehender,	Surprehendido,	Surpreso;

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Suspende,	Suspendido,	Suspenso;
Tanger,	Tangido,	Tacto;
Tender,	Tendido,	Tenso;
Ter,	Tido,	Teudo, <i>ant.</i> ;
Tolher,	Tolhido,	Tolheito, <i>ant.</i> ;
Torcer,	Torcido,	Torto;
Volver,	Volvido,	Vôlto;

2) Terceira Conjugação

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Abstrahir,	Abstrahido,	Abstracto;
Adquirir,	Adquirido,	Acquisto;
Affligir,	Affligido,	Afflicto
Aspergir,	Aspergido,	Aserso;
Assumir,	Assumido,	Assumpto;
Cingir,	Cingido,	Cincto;
Circunduzir,	Circunduzido,	Circumducto;
Coagir,	Coagido,	Coacto;
Compellir,	Compellido,	Compulso;
Comprimir,	Comprimido,	Compresso;
Concluir,	Concluido,	Concluso;
Confundir,	Confundido,	Confuso;
Contrahir,	Contrahido,	Contracto;
Contundir,	Contundido,	Contuso;
Convellir,	Convellido,	Convulso;
Corrigir,	Corrigido,	Correcto;
Diffundir,	Diffundido,	Diffuso;
Diluir,	Diluido,	Diluto;
Digerir,	Digerido,	Digesto;
Dirgir,	Dirigido,	Directo;
Distinguir,	Distinguido,	Distincto;
Distrahir,	Distrahido,	Distracto;
Dividir,	Dividido,	Diviso, <i>pouco usado</i> ;
Erigir,	Erigido,	Erecto;
Excluir,	Excluido,	Excluso;
Exhaurir,	Exhaurido,	Exhausto;
Eximir,	Eximido,	Exempto;
Expellir,	Expellido,	Expulso;
Exprimir,	Exprimido,	Expresso
Extinguir,	Extinguido,	Extincto;
Extorquir,	Extorquido,	Extorto;
Extrahir,	Extrahido,	Extrato;
Fingir,	Fingido,	Ficto;

INF. PRES.	PART. AOR.REG.	PART. AOR. IRR.
Frigir,	Frigido,	Frito;
Haurir,	Haurido,	Hausto;
Illudir,	Illudido,	Illuso;
Incluir,	Incluido,	Incluso;
Induzir	Induzido,	Inducto;
Infundir,	Infundido,	Infuso;
Inserir,	Inserido,	Inserto;
Instruir,	Instruido,	Instructo, <i>pouco usado</i> ;
Introduzir,	Introduzido,	Introducto;
Obtundir,	Obtundido,	Obtuso;
Omittir,	Omittido,	Omisso;
Opprimir,	Opprimido,	Oppresso;
Possuir,	Possuido,	Possesso;
Recluir,	Recluido,	Recluso;
Remittir,	Remittido,	Remisso;
Repellir,	Repellido,	Repulso;
Reprimir,	Reprimido,	Represso, <i>pouco usado</i> ;
Restringir,	Restringido,	Restricto;
Submergir,	Submergido,	Submerso;
Supprimir,	Supprimido,	Suppresso, <i>pouco usado</i> ;
Surgir,	Surgido,	Surto;
Tingir,	Tingido,	Tincto;

266. Alguns verbos ha cujas fôrmas regulares do participio aoristo antiquaram-se, servindo as irregulares tanto de adjectivos verbaes, como de verdadeiros participios na formação dos tempos compostos, São

1) Primeira Conjugação

INF. PRES.	PART. AOR. REG. <i>Antiq.</i>	PART. AOR. IRR. <i>usado</i>
Pagar,	Pagado,	Pago.

2) Segunda Conjugação

INF. PRES.	PART. AOR. REG. <i>Antiq.</i>	PART. AOR. IRR. <i>usado</i>
Escrever,	Escrevido,	Escripto;
Descrever,	Descrevido,	Descripto;
Prescrever,	Prescrevido,	Prescripto, etc..

3) Terceira Conjugação

INF. PRES.	PART. AOR. REG. <i>Antiq.</i>	PART. AOR. IRR. <i>usado</i>
Abrir,	Abrido,	Aberto;
Cobrir,	Cobrido,	Coberto;

INF. PRES.	PART. AOR. REG. <i>Antiq.</i>	PART. AOR. IRR. <i>usado</i>
Descobrir,	Descobrido,	Descoberto;
Encobrir,	Encobrido,	Encoberto;
Imprimir,	Imprimido,	Impresso.

VI

ADVERBIO

267. No admittir graus de comparação (*lindamente, mais lindamente, lindissimamente*) revela o adverbio ter sido palavra flexional nas antigas linguas indo-germanicas, fontes da portugueza. Como já ficou dito (191), marca elle a transição das palavras variaveis para as invariaveis.

SECÇÃO TERCEIRA

ETYMOLOGIA

268. *Etymologia* é o conjuncto das leis que presidem á derivação das palavras nas diversas linguas.

Lexeogenia seria termo preferivel a *Etymologia*. Comtudo este ultimo tem em seu favor desde seculos a consagração universal: não póde, pois, ser substituido.

Bem como as especies organicas que povôam o mundo, as linguas, verdadeiros organismos sociologicos, estão sujeitas á grande lei da lucta pela existencia, á lei da selecção. E é para notar-se que a evolução linguistica se effectua muito mais promptamente do que a evolução das especies: nenhuma lingua parece ter vivido por mais de mil annos, ao passo que muitas especies parece terem-se perpetuado por milhares de seculos.

E' admiravel o seguinte confronto (1):

A SELECÇÃO

nas especies

nas linguas

- | | |
|--|--|
| 1) As especies têm suas variedades, obra do meio ou de causas physiologicas. | 1) As linguas têm seus dialetos, obra do meio ou dos costumes. |
| 2) As especies vivas descendem geralmente das especies mortas do mesmo paiz. | 2) As linguas vivas descendem geralmente das linguas mortas do mesmo paiz. |

(1) ÉMILE FERRIERE, *Le Darwinisme*, Paris, pag. 121 a 223.

- | | |
|---|---|
| 3) Uma especie em um paiz isolado passa por menos variações. | 3) Uma lingua em um paiz isolado passa por menos variações. |
| 4) Variações produzidas pelo cruzamento com especies distintas ou estrangeiras. | 4) Variações produzidas pela introdução de palavras novas, devidas ás relações exteriores, ás sciencias, á industria. |
| 5) A superioridade das qualidades phisicas que asseguram a victoria dos individuos de uma especie, causa da selecção. | 5) O genio litterario e a instrucção publica centralisada, causas de selecção. |
| 6) A belleza da plumagem ou a melodia do canto, causa da selecção. | 6) A brevidade ou a euphonia, causa da selecção. |
| 7) Lacunas numerosas nas especies extinctas. | 7) Lacunas numerosas nas linguas extinctas. |
| 8) Probabilidade de duração de uma especie em o numero dos individuos que a compõem. | 8) Probabilidades de duração de uma lingua em o numero dos individuos que a faltam. |
| 9) As especies extinctas não reaparecem mais. | 9) As linguas extinctas não reaparecem mais. |
| 10) Progresso nas especies pela divisão do trabalho physiologico. | 10) Progresso nas linguas pela divisão do trabalho intellectual. |

CLASSIFICAÇÃO GENEALOGICA

*nas especies**nas linguas*

- | | |
|--|--|
| 1) Constancia de estrutura; orgams de alta importancia physiologica; orgams de importancia variada. | 1) Constancia de estrutura; radicaes de alta importancia; flexões de importancia variada. |
| 2) Vestigios de estructura primordial: orgams rudimentares ou atrophiadados: estructura embryonaria. | 2) Vestigios de estructura primordial: letras rudimentarias ou atrophiadadas: phase embryonaria. |
| 3) Uniformidade de um conjunto de kharacteres. | 3) Uniformidade de um conjunto de kharacteres. |
| 4) Cadeia de affinidades nas especies vivas ou extinctas. | 4) Cadeia de affinidades nas linguas vivas ou extinctas. |

269. As palavras da lingua portugueza derivam-se

- 1) de palavras da lingua latina considerada mãe;
- 2) de outras palavras da mesma lingua portugueza;
- 3) de palavras de linguas estrangeiras antigas e modernas.

A lingua latina, transformando-se, produziu sete linguas chamadas *novo-latinas* ou *romanicas*—*O Portuguez, o Hespanhol, o Francez, o Provençal, o Italiano, o Ladino e o Romano.* (1)

(1) HOVELACQUE, *La Linguistique*, Paris, 1877, pag. 317.

O Portuguez é fallado em seu territorio europeu, nas colonias portuguezas da Africa, da Asia e da Oceania, e em todo o Imperio do Brazil.

Na transformação do Latim em Portuguez, bem como em outras linguas romanicas, nota-se

- 1) a persistencia do accento tonico latino, ex.: « *amico,—fêmea de fêmea,—hómem de homine,—pállido de pállido* ».
- 2) a suppressão das vogaes breves que precedem a syllaba accentuada, ex.: « *bondade de bonitate* (suppressão de *i*) —*relogio de hōrologio* (suppressão de *hō*) ».
- 3) queda de letras alterantes medias e até de syllabas inteiras, ex.: *alugar* de *adlocare* (queda de *d*) —*boi* de *bove* (queda de *v*) —*dedo* de *dígito* (queda de *gi*) —*dono* de *domino* (queda de *mi*) —*mãe* de *matre* (queda de *tr*) —*trigo* de *tritico* (queda de *ti*) ».
- 4) em geral a substituição de sons fortes por brandos, ou vice-versa, especialmente
 - a) de *b* por *v*, ex.: « de *nube—nuvem* »;
 - b) de *c* por *s*, ex.: « de *dicere—dizer* »;
 - c) de *f* por *v*, ex.: « de *aurifex—ourives* »;
 - d) de *l* por *r* ou *d*, ex.: « de *lilio—lirio*; de *scalla—escada* »;
 - e) de *p* por *b*, ex.: « de *lupo—lobo* ». A transformação de *p* em *v* effectua-se por intermedio de *b*, ex.: de *scopa—scoba*; de *scoba—escova* »;
 - f) de *r* por *l*, ex.: « de *arbitrio—alvitre* »;
 - g) de *s* por *z*, ex.: « de *rosa* (pronuncia-se *rossa*) —*rosa* (pronuncia-se *roza*); tambem em *j*, ex.: « de *caseo—queijo* »;
 - h) de *ss* por *x* ex.: « de *passione—paixão* »;
 - i) de *t* por *d*, ex.: « de *rota—roda* »;
 - j) de *x* por *s*, ex.: « de *examine* (pronuncia-se *egzúmine*) —*exame* (pronuncia-se *ezame*) »; também em *ch*, ex.: « de *luxo* (pronuncia-se *lucso*) —*luxo* (pronuncia-se *lucho*) ».

A queda de sons, bem como o seu abrandamento têm por causa capital a tendencia organica de todo o homem, como de todo o animal, a empregar « o menor esforço possível » na realização de actos physiologicos (1): é por causa desta tendencia accentuadissima

(1) O principio biologico que, conjunctamente com a acção dos meios produz a contracção dos sons vogaes e a permutação das alterantes, chama-se o—*principio da minima acção*,—isto é, do menor esforço a fazer para pronunciar.

Baseia-se neste principio a celebre—LEI DE GRIMM—que se pôde assim resumir: « Estando verificado, como está, que o alphabeto primitivo de

nos climas enervadores dos paizes intertropicaes que as linguas européas tanto se têm adoçado e corrompido em certas partes da America.

- 5) a obliteração do genero neutro.
- 6) o apparecimento dos artigos *o, a, os, as, um, uma, uns, umas*.
- 7) a suppressão dos casos e a passagem da declinação para o estado analytic por meio de preposições ex.:

<i>O (os) servo, os</i> <i>do (dos) servo, os</i> <i>ao (aos) servo, os</i> <i>o (os) servo, os</i> <i>o servo, os</i> <i>pelo (pelo) servo,</i> <i>os</i>	}	em vez de	{	<i>Servus, i</i> <i>servi, orum</i> <i>servo, is</i> <i>servum, os</i> <i>serve, i</i> <i>servo, is</i>
--	---	-----------	---	--

- 8) a passagem da conjugação para o estado analytic por meio de auxiliares, ex. :

<i>Eu terei amado</i> <i>eu teria amado</i> <i>eu sou amado</i> <i>eu seria amado</i>	}	em vez de	{	<i>Amabor</i> <i>amavissem</i> <i>amor</i> <i>amabor</i>
--	---	-----------	---	---

- 9) construcção direita da phrase na ordem logica actual do pensamento, ex.:

<i>Escreverei a vida</i> <i>de D. João de</i> <i>Castro, varão ainda</i> <i>maior que o seu</i> <i>nome, maior que as</i> <i>suas victorias.</i>	}	confrontado a	{	<i>Facturusne opera</i> <i>pretium sim, si a</i> <i>primordio Urbis</i> <i>res Populi Romani</i> <i>perscripserim, nec</i> <i>satis scio, nec si</i> <i>sciam dicere ausim.</i>
J. FREIRE DE ANDRADE				TITUS LIVIUS.

nossos idiomas só comporta as alterantes—*k, g, gh; t, d, dh; p, b, bh; n, m; r, l; j, v; s*—segue-se que:

as	—sonoras,	<i>surdas,</i>	<i>aspiradas,</i>	—originaes
são	— <i>surdas,</i>	<i>aspiradas,</i>	<i>sonoras,</i>	—em Gothico
e	— <i>aspiradas,</i>	<i>sonoras,</i>	<i>surdas</i>	—em Alto Allemão.

Exemplo tomado dos sons dentaes:

Sankrito	<i>Danta</i> (dente)
Latim	<i>Dentis</i>
Grego	<i>Odóntos</i>
Gothico	<i>Tunthus</i>
Inglez	<i>Tooth</i>
Alto Allemão	<i>Zand</i>
Allemão	<i>Zahn</i>

I

SUBSTANTIVO

§ 1.º

Substantivos portugueses derivados de substantivos latinos

270. Os substantivos portugueses derivam-se dos substantivos latinos em ablativo do singular, ex.: « *Filha, servo, edade, exercito, especie* » vêm de « *Filia, servo, atate, exercitu, specie* ».

A' medida que a linguagem latina popular foi desconhecendo a importancia dos casos, foram-se estes reduzindo aos que, com mais sensível diferença de flexão, exprimiam as relações mais urgentes do pensamento. Por preencher a ambos estes requisitos triumphou o ablativo. Mas, o que aconteceu com relação ao plural? A ignorancia do povo, ou antes, o seu bom senso, não se podia accomodar com as fórmulas diversissimas e, na apparencia, irregulares—*Filiabus, servis, atatibus, exercitibus, speciebus*. Foi, pois, adoptada a mais regular, a mais homologa, a menos complexa de todas, o accusativo plural, cuja flexão resumia-se quasi sempre em acrescentar um simples *s* ao ablativo singular—de *Filia, filias*; de *servo, servos*; de *atate, atates*; de *exercitu, exercitus*; de *specie, species*.

Os nomes acabados em *ão* constituem á primeira vista uma excepção a esta regra tão simples e tão logica da formação do plural. Basta, porém, um olhar aos seguintes eskhemas para que, resalte a perfeita regularidade do que é aparentemente uma irregularidade:

<i>Ancião</i> <i>castellão</i> <i>cortezão</i> <i>grão</i> <i>irmão</i> <i>vão</i>	Terminação singular do substantivo popular latino	do	Terminação plural do substantivo popular latino	do	Terminação singular do substantivo popular portuguez	Terminação plural do substantivo portuguez				
							ano	anos	ão	ãos

O *n* não se perdeu na passagem do Latim popular para o Portuguez: existe como nasalação do *a*, e é representado graphicamente pelo til (Vide 55).

<i>Capitão</i> <i>cão</i> <i>deão</i> <i>guião</i> <i>pão</i> <i>truão, etc..</i>	Terminação	do	Terminação	do	Terminação	do	Terminação	do
	singular		plural		singular		plural	
	substantivo		substantivo		substantivo popular		substantivo popular	
	popular latino		popular latino		portuguez		portuguez	
	ane		anes		ão		ães	

Tambem neste caso não se perdeu o *n* ao passar o Latim popular para o Portuguez: existe como nasalação do *a*, e é representado graphicamente pelo til.

Resta agora saber como a terminação *ane* do singular se converteu em *ão*. A terminação *ane* pela quédia do *e* final reduziu-se a *an*, e este som era representado por *am*, ex.: « *Cam, pam* ». Ora mais tarde *am* leu-se *ão*, e dahi resultou a confusão e a homologação de fórmulas diversas por origem (1). *Capitan, gran*, etc.. em Hespanhol; *Capitaine, graine*, etc.. em Francez, nos mostram a fórmula em sua pureza primitiva. A mesma corrupção de *an* em *ão* se nota em *grão, são*, (*gran, san*) apocopes de *grande, santo*.

Grand (com *d* etymologico) escreve-se em *grandalmirante, grandofficial* etc.. *Sant* (com *t* etymologico) usa-se em Sant'Iago. Hoje usam-se mais as fórmulas completas *grande, santo*.

<i>Acção</i> <i>dicção</i> <i>facção</i> <i>habitação</i> <i>prelecção</i> <i>supposição</i> <i>etc.</i>	Terminação	do	Terminação	do	Terminação	do	Terminação	do
	singular		plural		singular		plural	
	substantivo		substantivo		substantivo		substantivo	
	popular latino		popular latino		popular portuguez		popular portuguez	
	one		ones		ão		ões	

Ainda neste terceiro caso não se perdeu o *n* ao passar o Latim popular para Portuguez: existe como nasalação do *a*, e é representado graphicamente pelo til.

(1) O facto de terem muitos nomes em *ão* pluraes anti-historicos e até mais de um plural, vem de que as combinações *am* e *om*, com que se representavam os derivados de substantivos da baixa latinidade em *ane, ano* e *one*, passaram com o volver do tempo a serem lidas da mesma maneira *ão*.

A conversão de *one* em *ão* é devida á mesma causa acima exposta. *One* pela queda de *e* final reduziu-se a *on*, ortographado *om*, e lido *ão*. O plural, pois, em *ãos*, *ães*, *ões*, em vez de ser uma anomalia, é o fio que tem o linguista para penetrar neste labirinto etymologico.

Dos tres generos que havia em Latim, masculino, feminino e neutro, só os dous primeiros passaram para o Portuguez; o neutro obliterou-se.

Eis em resumo a analyse destes factos:

- 1) Os substantivos latinos masculinos conservaram-se masculinos em Portuguez: assim *Mundus*, *murus*, *filius* deram *Mundo*, *muro*, *filho*. Os substantivos femininos portuguezes *Cor*, *dor*, *flor* vêm dos masculinos latinos *Color*, *dolor*, *flos*: esta anomalia é devida á influencia do Francez, em que só com tres excepções são femininos os substantivos de cousas inanimadas, derivadas de substantivos latinos masculinos em *or*. Na palavra *Honra* mudou-se o genero do radical *Honor* por influencia da terminação accidental feminina *a*.
- 2) Os substantivos latinos femininos conservaram-se femininos em Portuguez : assim *Rosa*, *luna*, *filia* deram *Rosa*, *lua*, *filha*.
- 3) Os nomes neutros latinos filiaram-se em Portuguez ora entre os masculinos, ora entre os femininos.

O povo romano não conservou por muito tempo a intuição das razões que o tinham levado a dar de preferencia o genero neutro a taes ou taes substantivos: pouco a pouco os substantivos neutros se foram passando para o genero masculino. Este erro, que os grammaticos romanos consignam como usual sob o Imperio, encontra-se frequentemente nas inscrições, em que gravadores iguorantes puzeram « *Templus*, *membrus*, *brachius* » em vez de « *Templum*, *membrum*, *brachium* ». Dahi os masculinos portuguezes « *Templo*, *membro*, *braço* ». Mais tarde, por occasião da queda do Imperio, a força sempre crescente da analogia deu logar a um engano ainda mais grosseiro: tomou-se o plural neutro em *a* por um nominativo singular da primeira declinação, e assim « *Folia*, *pira*, *poma* », pluraes de « *Folium*, *pirum*, *pomum* » foram declinados como *rosa*, apparecendo em certos textos de Latim merovingio fórmas monstruosas como *Pecoras*, *folias*, etc.. E' por isto que temos em Portuguez os substantivos femininos « *Folha*, *pêra*, *poma* » etc, derivados dos substantivos « *Folium*, *pirum*, *pomun* etc. ».

§ 2.º

Substantivos derivados de palavras da lingua portuguesa

271. Além dos substantivos que constituem o fundo do Portuguez e dos de tekhnologia moderna, que se vão multiplicando

com o progredir das sciencias, outros lia que se derivam quotidianamente dos substantivos, adjectivos e verbos já existentes na lingua.

Affixos

272. Com as palavras existentes consideradas como radicaes (Vide 190) formam-se novas palavras por meio de affixos.

273. Affixo é a palavra que, ajunctada a uma palavra já existente ou ao seu radical, modifica-lhe a significação por meio de uma idéia accessoria que lhe accrescenta, ex.: « *de Fórma, refórma* (fórma nova)—*de guerra, guerreiro* (homem que faz a guerra) »,

274. Dividem-se os affixos em prepositivos (que se põem antes do radical) e pospositivos (que se põem depois do radical).

275. Os affixos prepositivos chamam-se prefixos; os pospositivos chamam-se *suffixos*.

Prefixos ha que não alteram a significação do radical; chamam-se *expletivos*, ex.: « *Atambor* ».

276. As palavras formadas de outras por meio de affixos chamam-se *derivadas-compostas*.

Prefixos

277. Os prefixos portuguezes são tomados em sua quasi totalidade do Latim e do Grego.

278. Alguns são tomados do Latim com pequena alteração, e outros sem nenhuma.

- 1) *a* (expletivo)—*Abarracamento, ametade*.
- 2) *a, ab, abs*, (apartamento)—*Aversão, abjuração, abstracção*.
- 3) *a, ad*, (logar onde, com palavras que significam estado quietação; logar para onde, com palavras que exprimem tendencia, movimento)—*Abordagem, adjuncção*.

Antes *de c, f, g, l, n, p, r, s, t*—*ad* homóloga o *d*, ex.: « *Accaso, afeição, agravação, allusão, annuncio, approvação, arrumação, assenso, attenção* ».

- 4) *ante* (situação anterior, prioridade de tempo)—*Antebraço, antedata*.
- 5) *bem* (exito feliz, perfeição)—*Bemaventurança, bemcasado, bemfeitoria*.

- 6) *bis* (repetição)—*Bisavô, bissecção*.
 7) *circum* (contorno)—*Circunferencia, circumloquio*.

Antes de letra vogal *circum* deixa cair o *m*: ex.:
 « *circuito* »; conserva-o todavia em « *circumambiente* ».

- 8) *com* (concurso, concomitancia)—*Coacção, conjectura, compaixão*.

Com

- a) antes de *b, m, p* conserva-se inalterado, ex.: « *Combatimento, commettimento, compadre* ».
 b) antes de *c, d, f, g, j, n, q, s, t, v* muda o *m* em *n*, ex. : « *Concordia, conducção, confrade, conglobação, conjuiz, connexão, conquista, consogro, conturbação, convergencia* ».
 c) antes de *l* e *r* homóloga o *m*, ex. : « *Collocação, correlação* ».
 d) antes de letra vogal deixa cair o *m*, ex.: « *Coherdeiro, cooperação* ».
- 9) *contra* (situação fronteira, oposição)—*Contrabateria, contrabando*.
 10) *de* (principio, origem)—*Decurso, degradação*.
 11) *des* (negação)—*Desfavor, desventura*.
 12) *dis* (separação)—*Discordancia, disjunção*.

Dis

- a) antes de *c, p, s, t*, conserva-se inalterado, ex.:
Discrepancia, disposição, dissecção, distracção.
 b) antes de *f* homóloga o *s*, ex.: « *Difamação, difusão* ».
 c) antes de *g, l, m, r, v* deixa cair o *s*, ex.: « *Digestão, dilúvio, dimensão, direciona, diversão* ».
- 13) *e* (extracção)—*Elucidação, emersão*.
 14) *ex* (logar donde, cessação) *Extracção, exuberancia*.

Antes de *f*—*ex* homóloga o *x*, ex.: « *Efeito* »
 Converte-se frequentemente em *is*, ex.: « *Isenção* ».

- 15) *in* (logar onde, com palavras que significam estado, quietação; lugar para onde, com palavras que significam tendencia, movimento ; negação)—*Incisão, influencia, injustiça*.

In

- a) antes de *b, p* muda o *n* em *m*, ex.: « *Imbibição, impiedade* ».
 b) antes de *l, m, r* homóloga o *n*, ex.: « *Illapso, immundicia, irrupção* ».
 c) *in*, ás mais das vezes, converte-se em *en*, e antes de *b, m, p* em *em*, ex.: « *Encarecimento, embaraço, emmadeiramento, empino* ».

16) *inter* (situação media)—*Interposição, intersecção*.

Inter, ás mais das vezes, converte-se em *entre*, ex.: « *Entrecasca, entreferro* ».

17) *intro* (tendencia para logar interno)—*Introdução, introversão*.

18) *mal* (mau exito, imperfeição)—*Malandança, malfeitoria*.

19) *manu* (obra de mãos)—*Manufactura, manuscripto*

Manu converte-se algumas vezes em *mam* e *mani*, ex.: « *Mamosteiro, manistergio* ».

20) *meio* (dimidiação)—*Meiodia, meio-relevo*.

21) *não* (negação)—*Não-conformidade, não-razão*.

22) *ob* (situação fronteira, opposição)—*Objecto, obstaculo*.

Ob antes de *c, f, p* homóloga o *b*, ex.: « *Occurencia, officio, oppugnação* ».

23) *per* (logar por onde, superlatividade)—*Perseguição, perfeição*.

24) *post* (successão)—*Postcommunio, posthumaria*.

Antes de letras alterantes *post*, ás mais das vezes, deixa cahir o *t*, ex.: « *Pospello, posposição* ».

25) *pre* (antecedencia)—*Preposição, previsão*.

26) *preter* (omissão, excesso)—*Pretermissão, preternaturalidade*.

27) *pro* (patrocínio, substituição)—*Promoção, pronotario*.

28) *re* (repetição, regresso)—*Retoque, repulsão*.

29) *retro* (regresso)—*Retrogradação*.

30) *salvo, a* (isenção)—*Salvoconducto, salvaguarda*.

31) *se* (apartamento)—*Seducção, segregação*.

- 32) *semi* (demidação)—*Semicirculo, semicupio*.
 33) *soto, a* (inferioridade)—*Sotomestre, sotavento*.
 34) *sub* (inferioridade)—*Subchefe, submissão*.

Antes de *c, f, g, p*—*sub* homóloga o *b*, ex.: « *Succursal, suffusão, sugestão, suposição* ». Converte-se frequentemente em *soc, sof, sor*, com o *b* homologado, ex.: « *Socorro, sofrimento, sorriso* »: ainda nesta conversão perde algumas vezes o *b*, ex.: « *Socava* ».

- 35) *subter* (inferioridade)—*Subterfugio*,
 36) *super* (superioridade)—*Superabundancia, superfluidade*.
 37) *trans* (mutação, passagem)—*Transfiguração, transgressão*.

Trans converte-se frequentemente em *tra, tras, tres*, ex.: « *Tradução, Trasladação, tresvario*. Antes de *s* deixa cair o *s*, ex.: « *Transcrição* ».

- 38) *tris* (triplicação)—*Trisavô*.

Antes de letra alterante *tris* deixa, cair o *s*, ex.: « *Trifolio* » Converte-se frequentemente em *tres*, ex.: « *Tresdobro* ».

- 39) *ultra* (situação além, excesso)—*Ultramar, ultraromantismo*.
 40) *vice* (substituição com inferioridade)—*Vice-almirante, vice-rei* (antigamente *viso-rei*).

Vice deixa às vezes cair o *e*, mudando o *c* em *s*, ex.: « *Visconde* ».

279. São tomados do Grego

- 1) *a* ou *an* (privação)—*Aphonia, anarkhia*.
- 2) *amphi* (dualidade)—*Amphisbena*.
- 3) *ana* (elevação)—*Analogia*.
- 4) *anti* (oposição)—*Antipathia*.
- 5) *apo* (apartamento)—*Apogeu*.
- 6) *kata* (abaixamento)—*Catastrophe*.
- 7) *dia* (intermediação)—*Diametro*.
- 8) *ec* ou *ex* (apartamento)—*Ecstasis, exodo*.
- 9) *en* (tendencia)—*Enema*.
- 10) *endo* (internação)—*Endomose*.
- 11) *epi* (superposição)—*Epilogo*.

- 12) *exo* (externação)—*Exosmose*.
- 13) } *hyper* (excesso)—*Hyperbole*.
- 14) *hypo* (submissão)—*Hypothese*.
- 15) *meta* (transposição)—*Metathese*.
- 16) *para* (cognação) —*Paraphrase*.
- 17) *peri* (circuito)—*Perimetro*.
- 18) *pro* (anteposição)—*Prothese*.
- 19) *pros* (tendencia)—*Prosphonema*.
- 20) *syn* (conjuncção)—*Syntaxe*.

Antes de *l* e *m* —*syn* homóloga o *n*, ex. : « *Syllaba, symmetria* ». Antes de *h* e *p* converte o *n* em *m*, ex.: « *Symbolo, sympathia* ».

Suffixos

280. Os suffixos portuguezes são numerosos, uns derivados das fórmas latinas, outros das fórmas augmentativas, diminutivas e pejorativas do genio da lingua. Destes ultimos já tudo ficou dito na *Kampenomia* (233 a 241).

A) Suffixos que se junctam ao radical de substantivos

- 1) *aço*: para nomes que exprimem percussão, golpe, ex.: « *Lançaço, pistolaço* ».

Esta formação é muitissimo usada no Rio-Grande do Sul por influencia do Hespanhol das republicas limitrophes.

- 2) *ada*: para a maior parte dos nomes que exprimem a idéia de percussão e acto, como: « *Estocada, facada, pedrada, rapaziada* ».

Este suffixo é muito peculiar da lingua portugueza, no sentido indicado. Exprime tambem a idéia de porção, e de tempo, ex.: « *Alvorada, barrigada, caldeirada, mesada, noitada, pratada, temporada, tigellada* ».

- 3) *ade*: nos substantivos derivados da terceira deelinção latina, cuja fórma se fixou; como em *Mortandade, tempestade, cidade (civitate)*.

Por analogia, muitos nomes tomaram este sufixo: *amizade* (*amicitia*), *ceguidade* (G. VIC, II. 354), *mansidade* (ID., III, 389, *mansuetudine*, mansidão), *soledade* (*solitudine*, *solidão*). Este sufixo exprime sobretudo qualidades abstractas consideradas em si, como: *Dilatabilidade*, *fusibilidade*, *impenetrabilidade*, *impressionabilidade*, *sensibilidade*.

- 4) *ado*: exprime dignidade, profissão, tal e qual como no Latim o sufixo *atus*, ainda conservado no Portuguez litterario em *ato*; taes são: *Condado*, *consulado*, *ducado*, *episcopado*, *marquezado*, *mestrado*, *professorado*.
- 5) *al*: exprime collecção quantidade das cousas significadas pelos substantivos a que se junctam, ex.: « *Areial*, *colmeal*, *faval*, *feijoal*, *laranjal*, *olival*, *tojal* ».
- 6) *agem*: para denotar reunião, multidão; é derivado do sufixo latino *aticum* contrahido em *at'cum*, porque o *t* antes de *e* ou *i* não accentuados teve o som de *z* e *g*; ex.: « *Portaticum* (portagem), *viaticum* (viagem), *plumagem*, *folhagem*, *passagem*, *contagem*, *cabotagem*, *tonelagem*, *matalotagem*, *camaradagem* ».
- 7) *ão*: designa especialmente pessoas, quando derivado do sufixo latino *anus*; ex.: « *Irmão* de *germanus*, *romão* (ant.) de *romanus*, *capellão*, *castellão*, *cirurgião*, *comarcão*, *hortelão* ».
- 8) *aria*: exprime sobretudo estabelecimento e aglomeração, ex.: « *Hospedaria*, *ourivesaria*, *padaria*, *pastellaria*, *escadaria*, *rataria*, *vozeria* ».
- 9) *ato*: esta fórma erudita ainda se encontra em « *Baronato*, *canonicato*, *cardinalato*, *curato*, *generalato*, etc. ».
- 10) *dura*: exprime collecção completa das cousas significadas pelos substantivos a que se juncta, ex.: « *Cercadura*, *dentadura*, *pregadura* ».
- 11) *edo*, *eda*: exprime plantio regular dos vegetaes significados pelos substantivos a que se junctam, ex.: « *Alameda*, *arvoredado*, *figueiredo*, *olivedo*, *vinhedo* ».
- 12) *eiro*: proveniente do sufixo latino *arius*, exprimindo a idéia de officio, ex.: « *Carpinteiro* (*charpente*, em Francez; perdeu-se o radical em Portuguez), *ferreiro*, *padeiro*, *sapateiro*,

vaqueiro ». Exprime também instrumentos e receptáculo: « *Areiro, brazeiro, lanceiro, marteiro* (ant.), *taboleiro, tinteiro* ».

O mesmo se entende para os suffixos em *eira*, especialmente para os nomes de plantas; ex.: « *Figueira, giesteira, laranjeira, nespereira, pereira* ».

- 13) *ena*: designa especialmente os números colectivos; ex.: « *Centena, dezena, novena, onzena, quarentena, trezena, vintena* ».
- 14) *essa, eza* e *iza*: o suffixo latino *issa* dá estas três formas portuguesas de substantivos femininos, ex.: « *Abbadessa, condessa, baroneza, duqueza, marqueza, princeza, prioreza, poetiza, prophetiza, sacerdotiza* ».
- 15) *ia*: exprime emprego, cargo, e também o lugar em que se exerce emprego, cargo, ex. : « *Abbadia, freguezia, prelazia, primazia, recebedoria, sakhristia, thesouraria* ».
- 16) *io*: designa ajuntamento. ex. : « *Rapazio, mulherio* ».
- 17) *ismo*: designa a generalização do significado do substantivo primitivo, ex.: « *Heroismo, khristianismo, materialismo, organismo, positivismo, transformismo* ».
- 18) *ista*: designa pessoas, e ao mesmo tempo seu emprego profissão, estado, modo de ser; derivado do Latim barbaro *ista*, ex.: « *Banhista, especialista, evangelista, oculista, pensionista, psalmista* ».
- 19) *mento*: este suffixo é derivado do Latim *mentum*, que designava meio, instrumento, coisa própria para um fim; designa acção, progressão, ex.: « *Pensamento, andamento* ».

Uma grande parte dos substantivos que hoje têm o suffixo em *ão*, tinham no século XV o suffixo em *mento*, ex.: « *Perdimento* (perdição), *salvamento* (salvação) ».

- 20) *ume*: exprime acumulação, concretização em um todo das cousas significadas pelos nomes a que se junctam, ex.: « *Cardume, queixume, tapume* ».

B) Suffixos que se junctam ao radical de adjectivos.

281. Na língua portuguesa formam-se substantivos derivados de adjectivos por meio dos seguintes suffixos:

- 1) *aria*; ex.: « *Porcaria, enfermária* »
- 2) *encia*; ex.: « *Assistencia, continencia, prudencia* ».
- 3) *eza*; « *Certeza, firmeza, frieza, justeza, redondeza, simpleza* ».
- 4) *ice*; ex.: « *Damice* (JORG. FERR, Aul.), *doudice, gulosice* (guloseima), *mouquice, velhice* ».
- 5) *idade*; ex.: « *Fidelidade, fragilidade, mortalidade, mundanidade, pouquidade* (J. FERR., Euf., 289), *sensibilidade, simplicidade* ».
- 6) *ismo*; ex.: « *Atavismo, culteranismo, gallicismo, germanistno, latinismo, maneirismo, pedantismo* ».
- 7) *mento*; ex.: « *Contentamento, sacramento* ».
- 8) *ura*; ex.: « *Amargura, friura, loucura, mixtura, negrura secura, verdura* ».

C) Suffixos que se junctam ao radical dos verbos.

282. São numerosos os suffixos que dão ao radical dos verbos terminações que lhes modificam o sentido e os convertem em substantivos; taes são entre outros:

- 1) *ação*; ex.: « *Fixação, ocupação* ».
- 2) *ada*; ex.: « *Andada, caminhada, cavalgada, mixturada* ».
- 3) *ança*; ex.: « *Cobrança, matança, vingança* ».
- 4) *ancia*; ex.: « *Ambulancia, discrepancia, importancia, observancia, vigilancia* ».
- 5) *dor*; ex.: « *Andador, cantador, causador, componedor, operador* ».
- 6) *ciro*; ex.: « *Cavouqueiro, marinheiro* ».

A's vezes insere *d* precedido de *a*, ex.: « *Cantadeira, travadeira* »

- 7) *ella*; ex.: « *Aparadella, cortadella, espremedella, varredella* ».

Insere sempre *d* precedido de *a*.

- 8) *ença*; ex.: « *Avença, crença, nascença, pertença* (fórma syncopada).
- 9) *iz*; ex.: « *Chamariz* ».

10) *mento*; ex.: « *Abatimento, avantamento* (J. P. RIB., IV, 155), *chamamento, consentimento, defendimento, doutoramento, emprehendimento, esquecimento, incitamento, passamento* ».

11) *orio e ouro*; ex.: « *Dormitorio, fallatorio, palratorio; escorregadouro, matadouro, sangradouro* ».

Vem, por deslocação de *r*, de *orio*, fôrma ablativa do suffixo latino *orius*, e insere sempre *t* ou *d*.

12) *udo*; ex.: « *Conteudo* ».

13) *ura*; ex.: « *Assadura, cozedura, ferradura, maladura, pintura* ».

Insere um *d*.

Substantivos derivados de verbos

283. A lingua portugueza fôrma substantivos dos verbos, por tres modos :

- 1) ajunctando suffixos ao radical dos verbos (282).
- 2) empregando a terceira pessoa do singular do modo indicativo presente dos verbos da primeira conjugação, ex.: « *A apanha da azeitona—Fazer a degola dos carneiros—A malha do centeio—Apanhar uma molha—esfrega—apara—emenda—extrema—penhora—paga—melhora—peita—os pertences—baixa—a cresta do sol—Fazer uma espera—os comes e bebes* » etc. Ou empregando a primeira pessoa, ex.: « *O amanho da terra—reclamo—açaimo—latido—reparo—aparo*, etc. ».
- 3) empregando o infinito, o participio presente e o participio aoristo.

284. Os substantivos verbaes da segunda categoria são de uso popular, e bastante frequentes.

285. O infinito do verbo, fôrma verdadeiramente nominal, facilmente se converte em substantivo por meio do artigo, ex.: « *O comer, o dormir, o jantar, o passear, os dizeres* ».

Alguns destes verbos subsistem unicamente como substantivos, ex.: « *Porvir, prazer (placere)* ».

De *prazer* encontram-se as fôrmas *praz* e *prouce* [262,9]

286. Os participios do presente convertem-se em substantivos depois de terem sido tomados como adjectivos, ex.: « Assistente (de assistir), *amante, negociante, constituinte, presidente, imperante, aspirante* ».

287. Os participios aoristos nas suas duas fórmãs, e especialmente na do genero feminino, são das principaes fontes de derivação do substantivo, ex.: *Vista, revista, reducto* (de reduzir), *queimada, producto* (de produzir), *entrada, partida, sahida, chamada, progresso* (de progredir), *retrocesso* (de retroceder) ».

Algumas vezes o verbo tem-se perdido, e só se conserva o participio; ex.: « *Defuncto, transumpto, excerpto* ».

§ 3.º

Substantivos derivados de linguas estrangeiras

288. Além dos substantivos derivados da lingua latina, considerada mãe, como já se disse ha em Portuguez substantivos derivados das seguintes linguas estrangeiras

Antigas

- | | |
|-------------|-------------------------------|
| 1) Phenicio | ex.: « <i>Atum—mamona</i> ». |
| 2) Hebraico | » « <i>Abbade—kherubim</i> ». |
| 3) Arabe | » « <i>Alcova—matraca</i> ». |
| 4) Celtico | » « <i>Dolmen—legua</i> ». |
| 5) Grego | » « <i>Armão—thio</i> ». |
| 6) Gothico | » « <i>Guerra—marechal</i> ». |

Modernas

- | | |
|--------------|------------------------------------|
| 1) Provençal | ex.: « <i>Ballada—menestrel</i> ». |
| 2) Francez | » « <i>Barricada—Rotina</i> ». |
| 3) Hespanhol | » « <i>Almoço—chocolate</i> ». |
| 4) Italiano | » « <i>Gazeta—sentinella</i> ». |
| 5) Euskara | » « <i>Esquerdo—saia</i> ». |
| 6) Inglez | » « <i>Doca—pudim</i> ». |
| 7) Allemão | » « <i>Obuz—zinco</i> ». |
| 8) Persico | » « <i>Bazar—derviche</i> ». |
| 9) Indico | » « <i>Bengala—pagode</i> ». |
| 10) Turco | » « <i>Caftã—sultão</i> ». |

- 11) Slavo ex.: « *Polka-steppe* ».
 12) Bunda e Congo » « *Inhame-urucungo* ».
 13) Tupy » « *Caipora-piracema* ».

Claro está que só uma grammatica especialmente historica e um dicionario etymologico poderão tratar detidamente das palavras portuguezas oriundas de todas estas fontes, e quiçá de outras.

Todavia, como a sciencia moderna tem com suas nomenclaturas resuscitado e universalizado o Grego antigo, é de utilidade uma lista das palavras gregas radicaes mais vulgarmente usadas.

E entra essa lista aqui, na secção dos substantivos, por isso que são substantivos a mór parte dos derivados, os quaes, constituídos por seu turno em palavras radicaes, dão origem a outros substantivos, a adjectivos, a verbos e a adverbios, ex.: « de *phôs*, *photôs* e *graphô* tira-se *photographia*, de que vêm *photographo*, *photographico*, *photographar*, *photographicamente* ».

289. Lista das palavras gregas radicaes mais vulgarmente usadas

- 1) A, B, ALPHA, BETA: alfabeto.
- 2) ACOUO, *eu ouço*: acustica.
- 3) ACROS, *summidade, topo*: acrostico, acropolis.
- 4) ADELPHOS, *irmão*: Philadelphia, Adelphos.
- 5) AER, *ar*: aeronauta, aeroscapho.
- 6) AGOGE, *condução, acto de guiar*: synagoga.
- 7) AGOGOS, *guia*: demagogo, pedagogo.
- 8) AGON, *luta*: agonia, antagonista.
- 9) ANER, ANDROS, *homem, varão*: monandria, pentandria.
- 10) ANGELOS, *mensageiro*: anjo, angelico.
- 11) ANTHOS, *flor*: anthologia, polyantho.
- 12) ANTHROPOS, *homem, ser humano*: misanthropia, philanthropia.
- 13) ARITHMOS, *numero*: arithmetica, logarithmo.
- 14) ARISTOS, *o melhor*: aristocracia.
- 15) ARKHO, *em governo*: monarkhia, arkhonte.
- 16) ARKTOS, *urso, norte*: arctico, Arcturo.
- 17) ASTRON, *estrella*: astrologia, astronomia.
- 18) ATHLETES, *lutador*: athleta, atletico.
- 19) ATMOS, *exhalação*: atmospheria.
- 20) AULOS, *canudo*: hydraulica.
- 21) AUTOS, *o mesmo, identico*: autobiographia, autocrata.
- 22) BALLO, *eu atiro, lanço*: symbolo, hyperbole.
- 23) BAROS, *peso*: barometro.
- 24) BIBLION, *livro*: Biblia, bibliotheca.
- 25) BIOS, *vida*: biologia, amphibio.
- 26) DAIMOX, *genio, espirito mau*: demonio, pandemonio.
- 27) DECA, *dez*: decalogo, decalidro.
- 28) DEMOS, *povo*; democrata, philodemo.
- 29) DENDRON, *arvore*: lepidodendro, toxicodendro.
- 30) DIS, *duas vezes*: diptero, dioptica.
- 31) DOXA, *opinião, louvor*: orthodoxia, heterodoxia.
- 32) DOGMA, *opinião, preceito*: dogma, dogmatico.

- 33) DRAMA, *representação*: drama, melodrama
- 34) PROMOS, *carreira*: hippódromo, dromedario.
- 35) DYNAMIS, *força*: dynamica, dynamite.
- 36) EIDOS, *fôrma*: sphoroide, kaleidoscopio.
- 37) EREMOS, *deserto*: eremita, ermida, ermitão.
- 38) ERGON, *trabalho*: cirurgião, metallurgia.
- 39) ETHOS, *kharacter*: ethica, estethica.
- 40) GAMOS, *casamento*: bigamia, polygamia.
- 41) GASTER, *estomago*: gastronomia, epigastrio.
- 42) GE, *terra*: geologia, geometria,
- 43) GENEÁ, *genesis*: descendencia: genealogia, Genesis,
- 44) GENOS, *especie*: heterogeneo, homogeneo.
- 45) GIGNOSKO, *eu conheço*: prognostico, gnostico.
- 46) GLOTTA, GLOSSA, *lingua*: polyglota.
- 47) GLYPHO, *eu gravo*: hieroglypho, triglypho.
- 48) GONIA, *angulo*: polygono, trigonometria.
- 49) GRAMMA, GRAMMATOS, *letra*: grammatica, diagramma.
- 50) GRAPHO, *eu escrevo*: graphico, telegrapho.
- 51) GYMNO, *nu*, GYMNAZO, *eu exercito-me*: gymnasio, gymnastica.
- 52) HECTO, *vem*: hectogramma, hectolitro.
- 53) HEDRA, *assento*: cathedra, octaedro.
- 54) HELIOS, *sol*: helioetro, Heliopolis.
- 55) HEMERA *dia*: ephemeride, ephemero.
- 56) HEMI, *meio*: hemicyclo, hemispherio.
- 57) HEPTA, *sete*: heptagono, heptarkha,
- 58) HEX, *seis*: hexagono, hexametro.
- 59) HIEROS, *sagrado*: hierophante, hieroglypho.
- 60) HIPPOS, *cavallo*: hippopotamo, hippódromo, Hippolyto.
- 61) HODOS, *caminho*: methodo, exodo.
- 62) HOMALOS, *regular*: anomalia.
- 63) HOMOS, *identico*: homologo, homocopathia.
- 64) HORIZO, *limite, extrema*: horizonte, arhorismo.
- 65) HYDOS, *agua*: hydraulica, hydrogeneo.
- 66) HYGROS, *humido*: hygrometro.
- 67) IDIOS, *peculiar*: idiopathico, idioma.
- 68) IKHTHYS, *peixe*: ikhthyologia, ikhthyophagos.
- 69) ISOS, *igual*: isosceles, isokhromo.
- 70) KALOS, *bello*: calligraphia, vallisthenico.
- 71) KALEPTO, *eu escondo*: apocalypse, eucalypto.
- 72) KAMPE, *flexão*: kampenomia, kempelogia.
- 73) KENOS, *vazio*: venotaphio,
- 74) KERAS, *chifre*: rhinoceronte, moncero.
- 75) KHEIR, *mão*: khirographia, khiromancia.
- 76) KHILLOT, *mil*: khilogramma.
- 77) KHOLE, *bilis*: kholera, melankholia,
- 78) KHRISTOS, *ungido*: Kkristo, khristandade.
- 79) KHRONOS, *tempo*: khronologia, anakhronismo.
- 80) KOSMOS, *mundo*: microcosmo, cosmographia.
- 81) KRATOS, *governo*: autocracia, theocracia.
- 82) KRINO, *eu separo, decido*: crise, critica.
- 83) KYKLOS, *circulo*: cyclo, encyclica.
- 84) LAMBANO, *eu tomo*: SYLLABE, *ação de tomar conjuntamente*:
syllaba (isto é, os elementos phonicos que são tomados
conjuntamente para constituir um emissão de voz).
- 85) LAOS, *povo*: Laodicéa, leigo.
- 86) LEPSIS, *acção de apoderar-se*: epilepsia, catalepsia

- 87) LEXIS, *palavra*: lexeologia, lexeogenia.
 88) LITHOS, *pedra*: lithographia, lithotomia.
 89) LOGOS, *discurso*, adenda: khronologia, geologia.
 90) LYSIS, *perda*: analyse, paralysisia.
 91) MACHOS, *alto*: macrologia.
 92) MANIA, *loucura*: bibliomania, monomania.
 93) MANTELA, *adivinhação*: khiromancia, nigromante.
 94) MARTYR, *testemunho*: martyr, martyrologio.
 95) MATHEMA, *sciencia*: mathematica.
 96) MEGAS, *grande*: omega, micromegas.
 97) MEKHANE, *engenho*: makhina, mekhanica.
 98) MELAS, *preto*: melanckholia.
 99) MELOS, *canto*: melodia, melodrama.
 100) METER, *mãe, utero*: metropole, metrorrhagia.
 101) METRON, *medida*: metronomo, metrologia.
 102) MICROS, *pequeno*: microscopio, micromegas.
 103) MIMOS, *imitador*: pantomima, mimica.
 104) MISEO, *eu odeio*: misanthropo, misogamia.
 105) MNEME, *memoria*: mnemonica, Mnemosine.
 106) MONOS, *só*: monarkha, monandria.
 107) MORPHE, *fórmula*: morphologia, metamorphose.
 108) MYRIA, *dez mil*; myriametro.
 109) MYTHOS, *fabula*: mytho, mythologia.
 110) NAUS, *navio*: nau, nauta, aeronauta.
 111) NEGROS, *morto*: nigromante, necrologio.
 112) NEOS, *novo*: neophyto, neologismo,
 113) NESOS, *ilha*: Peloponeso, Polynesia.
 114) NOMOS, *lei*: astronomia, economia.
 115) ODE, *canto*: prosodia, psalmodia.
 116) OICOS, *casa*: economia, diocese.
 117) OLIGOI, *poucos*: oligarkhia.
 118) ONOMA, *nome*: anonymo, synonymo.
 119) OPLON, *arma*: panoplia.
 120) OPTOMAI, *eu vejo*: optica, synopse.
 121) OPHTHAMOS, *olho*: ophthalmia, ophthalmologia.
 122) ONAO, *eu vejo*: diorama, panorama.
 123) ORNIS, ORNITHOS, *passaro*: ornithologia, ornithorinco.
 124) ORTHOS, *direito*: orthographia, orthodoxia.
 125) OXYS, *agudo*: oxygenio, oxalico.
 126) PAIDEIA, *educação*: encyclopedia, Cyropedia.
 127) PAIS, PAIDOS, *menino*: pedagogo, pedagogia.
 128) PAN, PANTOS, *todo*: pantheon, pantheismo.
 129) PATHOS, *sentimento*: sympathia, pathetic.
 130) PENTE, *cinco*: pentagono, pentametro.
 131) PETALON, *folha de corolla de flor*: monopetalo, polypetalo.
 132) PHAGO, *eu como*: anthropophago, sarcophago.
 133) PHANTAZO, *eu faço aparecer*: phantazia, phantasma.
 134) PHAINOMAI, *eu apareço*: phenomeno, epiphania.
 135) PHARMACOX, *remedio*: pharmacia.
 136) PHEMI, *eu digo*: emphase, prophacia.
 137) PHERO, *eu trago*: phosphoro, metaphora.
 138) PHILOS, *amigo*: philosopho, philanthropo.
 139) PHONE, *voz*: phonetica, euphonia.
 140) PHOS, PHOTOS, *luz*: photosphera, phosphoro.
 141) PHRASIS, *modo de falar*: methaphrase, antiphrase.
 142) PHREN, PHRENOS, *cerebro*: phrenologia, phrenesi.

- 143) PHTHONGOS, *som*: diphtongo, triphthongo.
 144) PHYSIS, *natureza*: physica, physiologia.
 145) PHYTON, *planta*: phytographia, zoophyto.
 146) PLANAOMAL, *eu vagueio*: planeta.
 147) PNEUMA, *espírito*, *sopro*: pneumatica, pneumonia.
 148) POIEO, *eu faço*: poeta, pharmacopéia.
 149) POLEMOS, *guerra*: polemica, polemista.
 150) POLEO, *eu vendo*: monopolio.
 151) POLIS, *cidade*: metropole, Constantinopla.
 152) POLITES, *cidadão*: metropolitana, politica.
 153) POLYS, *muitos*: polygraphia, polypetalo.
 154) POTAMOS, *rio*: hippopotamo, potamologia.
 155) POUS, *podos, pé*: polypo, antipoda.
 156) PROTOS, *primeiro*: protogonista, protomartyr.
 157) PSALLO, *eu canto*: psalmodia, psalmo.
 158) PSEUDES, *falso*: pseudonymo, pseudophilosopho.
 159) PSYKHE, *alma*: psychologia, metempsychose.
 160) PTERON, *aza*: kheiroptero, diptero.
 161) PYR, *fogo*: pyrotekhnico, pyramide.
 162) RHETOR, *orador*: rhetorica.
 163) RUIS, RHINOS, *nariz*: catarrhinio, rhinoplastia.
 164) RHODON, *rosa*: rhododentro.
 165) SARX, SARKOS, *carne*: sarcophago.
 166) SKELOS, *perna*: isosceles.
 167) SKEPTOMAI, *eu examino*: sceptico.
 168) SCOPEO, *eu vejo*, *examino*: microscopio, telescopio.
 169) SPAO, *eu puxo*: espasmo.
 170) SPHAIRA, *bola*: hemispherio, esphera.
 171) STASIS, *estação, posição*: apostasia, ecstase.
 172) STELLO, *eu mando para fóra*: apostolo, epistola.
 173) STENOS, *estreito, pequeno*: estenographia.
 174) STUENOS, *força*: hypersthenização, hyposthenizante.
 175) STIKHOS, *verso*: acrostico, hemistikhio.
 176) STROPHE, *volta*: catastrophe, apostrophe.
 177) TAPHOS, *tumulo*: epitaphio, cenotaphio.
 178) TASSO, *eu ponho em ordem*: tactica, syntaxe.
 179) TEKHNE, *arte*: tekhnico, polytekhnico.
 180) TELE, *ao longe*: telegrapho, telegramma.
 181) TEMNO, *eu corto*: anatomia, epitome.
 182) THEAOMAI, *eu olho*: teatro.
 183) THEOS, *deus*: atheismo, theologia.
 184) THERMOS, *quente*: termometro, isothermico.
 185) THESIS, *logar, posição*: hypothese, synthese.
 186) TONOS, *tensão*: monotono, tonico.
 187) TOPOS, *logar*: topographia, topico.
 188) TOXICON, *veneno*: toxicologia, toxico.
 189) TREPO, *eu viro*: tropico, tropo.
 190) ZOON, *animal*: zoologia, zoophyto.

II

ARTIGO

289. O artigo definido portuguez, cujas fômas flexionaes ou melhor variantes são *o, a, os, as*, deriva-se de *hoc, hac, hos, has*,

fórmulas do ablativo singular e do acusativo plural (270) do demonstrativo latino *Hic, hæc, hoc*.

Como já ficou dito (134), o Latim clássico não tinha artigo, e era tal falta uma causa de frequentes obscuridades no dizer. Nos fins quasi do Império, o povo, para clareza da phrase, começou a juntar aos substantivos os demonstrativos *ille, hicce, hic*, e esse uso é a origem do artigo romanico. *Ille* deu *le, la, les* em Francez; *el, lo, la*, em Hespanhol; *il, lo, la* em Italiano, etc.. *Hicce* deu *ce*, usado ainda no dialecto picardo (*ch'curé, ch'marichau*). *Hic* deu em Portuguez *o, a*, derivados dos ablativos do singular *hoc, hac*, pela queda do *c*; e *os, as*, derivados dos accusativos do plural *hos, has*: em documentos antigos e mesmo em escriptos relativamente modernos encontram-se as fórmulas *ho, ha, hos, has*, escriptas com *h*. (1).

É singular que quasi todos os etymologistas tenham desacertado a respeito da origem do artigo definido portuguez: Diez (2) entende que elle tem certa apparencia particular, quasi anti-romanica, e quer a fina força identificational-o com o *el, lo, la* hespanhol. Constancio (3) fal-o vir do Grego. José Alexandre Passos (4) segue a Constancio, e entra em explicações que tocam ao ridiculo. A origem do artigo acima exposta é intuitiva, e Leoni (5), comquanto cerebrino em suas lucubrações philologicas, andou com muito criterio neste ponto.

Todavia não se póde negar que houve no Portuguez e no Gallego *luta pela existencia* entre as formas *lo, la, los, las* e *o, a, os, as*. Encontram-se em Portuguez antigo exemplos das primeiras: « *A los alcades* (*F. Guard., 410*);—*Sobre lo pam* (*F. Bej., 417*);—*Sobre los santos* (*F. Sant., 571*); etc. » As segundas, que prevalecem hoje, remontam tambem a grande antiguidade: já se encontram exemplos dellas em uma carta de 1207 (*Esp. Sagr. XLI, 251*). Os exemplos « *todolos, todalas* » explicam-se pela antithese euphonica do *s* em *l*, bem como as fórmulas ainda vivas « *pelo, pela, pelos, pelas* » em que o *r* de *per* abrandou-se em *l*. Diante da palavra *rei* o estylo de chancellaria tem conservado *el*. Em Gallego *el* vive ainda a par de *o*.

(1) O erudito Plinio o Moço, escriptor do 1.º seculo da Era Khristã, entendia que o pronome *hic, hæc, hoc*, empregado como determinativo deveria ser reconhecido como verdadeiro artigo (PROBUS, *Art. Gram.*, Edição de Lindeman. § 572, pag. 349). Nas escolas do Imperio do Occidente usavam os grammaticos romanos de *hic, hæc, hoc*, para designar o genero dos nomes, como o continua uma passagem de Prisciano (EGGER, *Appollonius Dyscolus*. Paris. MDCCCLIV. pag. 134-135).

(2) *Obra citada*, 2.º vol., pag. 29.

(3) *Diccionario*, « Introdução Grammatical », pag. XVIII.

(4) *Obra citada*, pag. 37—38.

(5) *Genio da Lingua Portugueza*, Lisboa, 1858, 1.º vol. pag. 201—202.

291. O artigo indefinido portuguez, cujas formas são *um, uma, uns, umas*, vem do numerai latino *unus*.

Antigamente escreviam-se estas fórmias sem *h*, como hoje de novo se faz: até bem pouco tempo empregava-se o *h*. Em nossas cedulas de 1\$000 estava escripto « *Hum* »: só nas das ultimas séries, de fabrico americano, foi que se corrigiu « *Um* ».

III

§ 1.º

Adjectivos descriptivos

292. Os adjectivos descriptivos portuguezes formam-se como os latinos

- 1) por meio de prefixos ajunctados a outros adjectivos
- 2) por meio de suffixos ajunctados
 - a) ao radical de substantivos;
 - b) ao radical de outros adjectivos:
 - c) ao radical de verbos:
- 3) considerando-se como adjectivos os participios do presente e do aoristo de certos verbos:
- 4) pela combinação de dous adjectivos entre si, ou de um adverbio e de um adjectivo.

293. Prefixos principaes que se junctam aos adjectivos para formar outros adjectivos

- 1) *des* : « *Desagradavel, descuidoso* ».
- 2) *in* : « *Infeliz, injusto* ».
- 3) *ob* : « *Obcecado, obscuro* ».
- 4) *sobre* : « *Sobrehumano, sobrevivente* ».
- 5) *sub* : « *Subjacente, submettido* ».

294. Suffixos principaes que se junctam ao radical dos substantivos para formarem-se adjectivos

- 1) *al* : « *Especial, mortal* ».

Vem de *ali*, fórmula ablativa do suffixo latino *alis*.

- 2) *ano* : « *Espartano, mundano* ».

Vem de *ano*. fórmula ablativa do suffixo latino *anus*, empregado especialmente na formação de adjectivos geographicos.

- 3) *ar*: « *Articular, familiar* ».
Vem de *ari*, fôrma ablativa do suffixo latino *aris*.
- 4) *ario*: « *Parlamentario, voluntario* ».
Vem de *ario*, fôrma ablativa do suffixo latino *arius*.
Em Portuguez antigo este suffixo soffre quasi sempre uma metathese « *Adversairo, contrairo* ».
- 5) *atico*: « *Lunatico, magestatico* ».
Vem de *atico*, fôrma ablativa do suffixo latino *aticus*.
E' de uso erudito.
- 6) *eiro*: « *Embusteiro, interesseiro* ».
Vem por metathese de *erio*, fôrma ablativa do suffixo latino *erius*.
- 7) *ento*: « *Ferrugento, praguento* ».
Vem de *ento*, fôrma ablativa do suffixo latino *entus*.
- 8) *enho*: « *Extremenho, ferrenho* ».
Vem por nasalisação de *eno*, fôrma ablativa do suffixo latino *enus*.
- 9) *ico*: « *Mythico, typico* ».
Vem de *ico*, fôrma ablativa do suffixo latino *icus*.
- 10) *ifero*: « *Estellifero, soporifero* ».
Vem de *ifero*, fôrma ablativa do suffixo latino *iferus*.
- 11) *il*: « *Febri, viril* ».
Vem de *ili*, fôrma ablativa do suffixo latino *ilis*.
- 12) *ino*: « *Matutino, vespertino* ».
Vem de *ino*, fôrma ablativa do suffixo latino *inus*.
- 13) *olico*: « *Parabolico, symbolico* ».
Vem de *olico*, fôrma ablativa do suffixo latino *olicus*.
- 14) *onho*: « *Enfadonho, medonho* ».
Vem de *onio*, fôrma ablativa do suffixo latino *onius*.
- 15) *oso*: « *Formoso, gibboso* ».
Vem de *oso*, fôrma ablativa do suffixo latino *osus*. E' o suffixo de maior uso em Portuguez.

16) *udo* : « *Cabelludo, peitudo* ».

Vem por abrandamento de *t* em *d*, de *uto*, forma ablativa do suffixo latino *utus*.

17) *undo* : « *Furibundo, meditabundo* ».

Vem de *undo*, forma ablativa do suffixo latino *undus*, desinencia de participios arkaicos com força de participios presentes (1).

295. São suffixos que se junctam ao radical de adjectivos para formarem-se outros adjectivos

1) *ete*: « *Trigueirete* ».

2) *onho* : « *Tristonho* ».

3) *orio* : « *Finorio* ».

4) *ote* : « *Grandote* ».

Sobre estes e outros suffixos diminutivos veja-se o tractado da flexão de grau (236—341).

296. São suffixos que junctam-se ao radical de verbos para formarem-se adjectivos

1) *ando, endo* : « *Doutorando, tremendo* ».

Vem dos participios do futuro da voz passiva latina. Alguns não tem verbo correspondente em Portuguez, ex.: « *Despiciendo* ».

2) *avel*: « *Amavel, palpavel* ».

Vem por abrandamento de *b* em *v*, de *abili*, forma ablativa do suffixo latino *abilis*.

3) *evel*: « *Indelevel* ».

Vem por abrandamento de *b* em *v*, de *ebili*, forma ablativa do suffixo latino *ebilis*.

4) *iço*: « *Espantadiço, fugidiço* ».

Vem de *icio*, forma ablativa do suffixo latino *iciud*.

5) *ivel*: « *Crivel, sofrivel* ».

Vem por abrandamento de *b* em *v*, de *ibili*, forma ablativa do suffixo latino *ibilis*.

6) *ivo*: « *Pensativo, repressivo* ».

Vem de *ivo*, forma ablativa do suffixo latino *ivus*

(1) GUARDIA ET WIERZEYSKI, *Obra citada*, pag. 272.

7) *ovel*: « *Movel* ».

Vem por abrandamento de *b* em *v*, de *obili*, fôrma ablativa do suffixo latino *obilis*.

8) *uvel*: « *Soluvel, voluvel* ».

Vem por abrandameoto de *b* em *v*, de *ubili*, fôrma ablativa do suffixo latino *ubilis*.

E' de notar que em muitos pontos de Portugal o povo ainda pronuncia as palavras acabadas em *l* e *r* com o *i* etymologico: « *Amavili, fatali, possivili, articulari, familiari, beberi, comeri, entenderi, etc.* ».

Além destes adjectivos descriptivos ba outros muitos de fôrma erudita, tomados directamente dos correspondentes latinos, ex.: « *Caudato, famelico, etc.* »; e mesmo uma grande parte dos que constituem o fundo da lingua conservam os radicaes latinos, ex.: « *Sagittario, voluntario, etc.* ».

Muitas palavras latinas ao passarem para as linguas romanicas tomaram duas fômas, uma popular, outra erudita. A fôrma popular, producto fatal da evolução que transforma as linguas, tem sempre um cunho verdadeiramente nacional em cada idioma: a fôrma erudita, introduzida pelos escriptores versados em latinidade classica, apesar de acceita e naturalisada, conserva quasi sempre seu ar estrangeirado.

Taes palavras constituem as chamadas *duplas* (1) em philologia. Exemplos de duplas

	FÓRMA POPULAR	FÓRMA ERUDITA	LATIM
DE SUBSTANTIVOS	bésta	balista	<i>balista</i>
	chamma	flamma	<i>flamma</i>
	chave	clave	<i>clavis</i>
	deão	decáno	<i>decanus</i>
	escada	escala	<i>scala</i>
	mister	ministerio	<i>ministerium</i>
	molde	módulo	<i>modulus</i>
DE ADJECTIVOS	sello	sigillo	<i>sigillum</i>
	ancho	amplo	<i>ampluz</i>
	cheio	pleno	<i>plenus</i>
	delgado	delicado	<i>delicatus</i>
	estreito	estricto	<i>strictus</i>
	ensosso	insulso	<i>insulsus</i>
	nedio	nitido	<i>nitidus</i>
	redondo	rotundo	<i>rotundus</i>
rijo	rigido	<i>rigidus</i>	

(1) Em Francez *doublet*.

297. Os participios do presente e do aoristo são considerados também como adjectivos, ex.: « *Amante, mordente, ouvinte; amado, mordido, ouvido* ».

298. Pela combinação de dous adjectivos entre si formam-se novos adjectivos, ex.: « *Albi-nitente, luso-britannico* ».

299. Pela combinação de um adverbio e de um adjectivo formam-se novos adjectivos, ex.: « *Bem-feito, malavindo* ».

§ 2.º

Adjectivos determinativos

300. Os adjectivos deierminativos portuguezes derivam-se em sua quasi totalidade, de seus correspondentes latinos.

<i>Um, dous, tres, quatro, etc.</i>	vem de	<i>uno, duos, tres, quatuor (1), etc..</i>
<i>primeiro, segundo, terceiro, etc.</i>	» »	<i>primario, secundo, tertiaro, etc., [307,1)3]</i>
<i>duplo, triplo, quadruplo, etc.</i>	» »	<i>duplo, triplo, quadruplo, etc..</i>
<i>este, esse, aquelle, est'outro, ess'outro aquell'outro</i>	» »	<i>iste, hic ille, iste alter, hic ille alter.</i>
<i>que, qual, cujo,</i>	» »	<i>qui, quali, cujo.</i>
<i>meu, teu, seu, nosso, vosso,</i>	» »	<i>meo, tuo, suo, nostro, vestro,</i>
<i>proprio, alheio</i>	» »	<i>proprio, alieno.</i>
<i>algum certo, mas, menos, mesmo, muito, nenhuma, outro, pouco, quanto, só, tal, tanto, todo</i>	vem de	<i>aliqu'uno, certo, magis, minus, melipsimus, (contracção de melipsissimus), multo, null'uno, altero, pauco, quanto, solo, tali, tanto, toto</i>

301. Os seguintes têm origens diversas:

<i>Cada</i>	vem de	<i>kata</i> , preposição grega que significa individuação de escolha e sucessão
-------------	--------	---

(1) Para facilidade do confronto empregam-se as fórmulas do ablativo singular e do accusativo plural, matrizes das palavras portuguezas.

<i>cada um</i>	vem de	<i>cada e um</i> , raízes já portuguesas
<i>qualquer</i>	» »	<i>qual e quer</i> , raízes já portuguesas
<i>quejando</i>	» »	<i>que e jando</i> (do Francês antigo <i>gent</i> , gentil, bello)

IV

PRONOME

§ 1.º

Pronomes substantivos

302. Os pronomes substantivos e suas variações são de pura origem latina.

Eu é o abrandamento da forma romanica *eo*, em que se converteu o pronome latino *ego*. Em um documento gallego do século XIII já se lia « *E eo dê illis carta de meu seelu seelada* (1) ». No celebre juramento de Luiz o Germanico, prestado em Strasburgo no anno de 842, já se vê *ego* transformado em *jeo* ou *ieo*: « *Si salvara IEO ciste meon frade Karlo* ».

Me, tu, te, se, nós, nos, vós, vos são fôrmas latinas inalteradas. *Mim* vem de *mi*, contracção classica do dativo latino *mihi*, usado em vez do ablativo ; antigamente a forma portuguez a era *mi*, e ainda hoje o é em poesia, si a rima assim o exige. O povo nasalou o *i* por euphonia, e a forma nasalada foi a que prevaleceu na lingua.

Ti, si vem dos dativos latinos *tibi, sibi* pela queda de *b* e pela contracção de *ii* em *i*.

Comigo, comtigo, comsigo, comnosco, comvosco, vêm das fôrmas latinas compostas *mecum, tecum, secum, nobiscum, vobiscum*, ás quaes o povo antepoz pleonasticamente a preposição *com*, já existente na posposição de *cum* ás fôrmas primitivas.

Elle, ella, elles, ellas vem de *ille, illa, illis, illas*, fôrmas de *ille*.

Lhe, lhes, cujas fôrmas primitivas na lingua eram *lhi, lhis*, vem dos dativos latinos *illi, illis*.

Sobre as fôrmas objectivas *o, a, os, as* veja-se a etymologia do artigo (290—291).

(1) HELFERRICH, *Les Ianques néo-latines en Espagne*, pag. 37.

§2.º

Pronomes adjectivos

303. A etymologia dos pronomes adjectivos é a mesma que a dos adjectivos de terminativos.

Ha as seguintes excepções:

<i>Quem</i>	contração de	<i>que homem</i> (<i>qu'homem</i> , fôrma conjectural intermedia).
<i>alguem</i>	» »	<i>algum homem</i> (<i>alg'homem</i> , fôrma conjectural intermedia).
<i>ninguem</i>	» »	<i>nem alguem</i> (<i>nenh'alguém</i> , fôrma conjectural intermedia).
<i>al</i>	» »	<i>aliud</i> .
<i>nada</i>	» »	<i>nat, natz</i> , Frances antigo, do Celtico <i>na</i> , cousa nenhuma.
<i>beltrano</i>		origem incerta. Constancio entende que <i>fulano</i> é o termo arabe <i>folano</i> (1): a ser assim, talvez que a attracção da rima creasse os termos oppostos <i>beltrano</i> e <i>sicrano</i> . <i>Beltrano</i> parece ser o substantivo proprio <i>Beltrão</i> , empregado para indicar pessoa que se não quer nomear, do mesmo modo porque se empregam para fim identico os substantivos proprios <i>Sancho</i> e <i>Martinho</i> . Nas <i>Fabulas</i> de Lafontaine encontram-se muitos exemplos de <i>Bertrand</i> usado neste sentido (2). Em Portuguez mesmo temos o adagio: « Quem ama a <i>Beltrão</i> » « ama ao seu cão ».
<i>fulano</i>	» »	
<i>sicrano</i>		

(1) *Obra citada*, art. FULANO.

(2) «*Bertrand avec Baton, l'un singe, l'autre chat*». *Fables*, Edition de Hachette, Paris, 1849, Liv. IX, Fab. 17.

V

VERBO

304. O Portuguez é a lingua romanica que tem conservado com mais feldade as fórmulas da conjugação latina.

305. Tabella comparativa das desinencias (1) da voz activa em Latim e Portuguez :

	Todos os modos excepto o Imperativo		Imperativo		
	LATIM	PORTUGUEZ	LATIM	PORTUGUEZ	
S.	1. ^a Pessoa	<i>m, o, i</i>	<i>ou, o, a, ei, i, e, r</i>		
	2. ^a Pessoa	<i>s, sti,</i>	<i>s, ste</i>	<i>a, e, i, to</i>	<i>a, e</i>
	3. ^a Pessoa	<i>t</i>	<i>a, e, i, ou, eu, iu, á, r</i>	<i>to</i>	
P.	1. ^a Pessoa	<i>mus</i>	<i>mos</i>		
	2. ^a Pessoa	<i>tis</i>	<i>is, es</i>	<i>te, tote</i>	<i>e, i</i>
	3. ^a Pessoa	<i>nt</i>	<i>am, ão, em</i>		

306. Estudo historico das fórmulas do verbo SER.

O verbo *Ser* foi apropriado do verbo latino *esse*; encontra-se, porém, em varias inscrições e diplomas do século VII até o século IX, a fórmula romanica « *essere* », assim como, a par de « *posse* », encontra-se « *potere* », e, a par de « *offerre* », « *offerere* ». Segundo Brachet (2) a desinencia « *re* » do infinito era para dar mais corpo á palavra. A fórmula italiana usual « *essere* », a provençal « *esser* » e a franceza antiga « *estre* » explicam esta fórmula do infinito portuguez que é também a do hespanhol.

A conjugação actual do verbo « *Ser* » em Portuguez sofreu algumas modificações

(1) Nesta tabella não se toma a palavra *desinencia* em sua rigorosa accepção philologica: na mór parte dos casos significa ella aqui antes sons terminativos de desinencias do que verdadeiras desinencias.

(2) *Nouvelle Grammaire Française*, Paris, 1878, pag. 121.

I) *Indicativo*

1) Presente

	LATIM	PORTUGUEZ
S.	1 ^a Pessoa <i>Sum</i>	<i>Sou</i>
	2 ^a » <i>Es</i>	<i>Es</i>
	3 ^a » <i>Est</i>	<i>E'</i>
P.	1 ^a » <i>Sumus</i>	<i>Somos</i>
	2 ^a » <i>Estis</i>	<i>Sois</i>
	3 ^a » <i>Sunt</i>	<i>São.</i>

- a) Singular, 1.^a Pessoa.—Encontram-se nos *Livros de Linhagens*, na tradução da *Historia Geral de Hespanha* e na *Chronica de Guiné* as fórmulas « *som* » e « *san* »; no *Cancioneiro da Ajuda* acha-se « *soou* »; no *Cancioneiro da Vaticana*, « *soò* »; no *Cancioneiro de Resende*, « *sam* » e « *san* »; em Gil Vicente (1) « *Tres annos ha que sam seu* ». No latim vulgar já se acham as fórmulas *su* e *so* que, attenta a tendencia do Portuguez para deixar cahir a desinencia da primeira pessoa do singular, explica a fixação da fórmula « *sou* » que já apparece em um documento de 1265 (2). Em Gil Vicente e tambem nos cancioneros encontra-se « *sejo* » em vez de « *sou* », por confusão com « *sedeo* ».
- b) 2.^a Pessoa.—A segunda pessoa do singular conservou-se inalterada porque, como se vê da tabella (305), a terminação *s* não se altera. Em Gil Vicente encontra-se a fórmula « *ses* ».
- c) 3.^a Pessoa.—A terceira pessoa do singular, conservou-se na linguagem poetica dos Cancioneiros Provençães « *Est o praso salido* ». Em Dom Diniz acha-se « *Tal est o meu sen—Melhor est e mais será o meu bem* ». O Castelhana ficou com « *es* » como fórmula desta pessoa; mas em Portuguez o *s*, sendo desinencia da 2.^a pessoa, cahiu, e ficou constituida e vigente a fórmula « *é* » (3).
- d) Plural, 1.^a Pessoa.—A primeira pessoa do plural, como se vê da tabella (305), conservou-se inalterada com a ligeira mudança orthographica de *u* em *o*.
- e) 2.^a Pessoa.—A segunda pessoa do plural, foi substituida pela correspondente do presente do subjunctivo « *sitis* », que produziu « *sondes, soedes, sodes* » que, quando

(1) *Obras de Gil Vicente*, Hamburgo, 1834, VOL. III, PAG. 6.

(2) J. P. RIBEIRO, I, 292.

(3) ADOLPHO COELHO, *Obra citada*, PAG. 82.

se não podia dar a homonymia com « *soeis* » (do verbo *soer*, em Latim *solere*), syncopou-se em « *sois* ». Encontram as fórmulas « *sondes* (1), *sodes* (2), *soees* (3), *soes* ». (4).

- f) 3.^a Pessoa.—A terceira pessoa do plural, por apocope do *t* deu « *sum* » (5), depois « *som* » (6), e « *som* » (7). e ultimamente « *sam* » e « *são* », formas analogicas com as das terceira pessoas do plural de todos os verbos portugueses, e que tem a vantagem de evitar a homonymia com « *sum* », fórmula da primeira pessoa do singular. A fórmula « *sunt* » encontra-se ainda em um documento de 1298 (8).

2) Imperfeito

	LATIM	PORTUGUEZ	
S.	1. ^a Pessoa	<i>Eram</i>	<i>Era</i>
	2. ^a »	<i>Eras</i>	<i>Eras</i>
	3. ^a »	<i>Erat</i>	<i>Era</i>
P.	1. ^a »	<i>Eramus</i>	<i>Eramos</i>
	2. ^a »	<i>Eratis</i>	<i>Ereis</i>
	3. ^a »	<i>Erant</i>	<i>Eram</i>

- a) Singular, 1.^a Pessoa.—A primeira pessoa do singular passou para o Portuguez só com a alteração de apocopar o *m*, « *era* ».
- b) 2.^a Pessoa.—A segunda pessoa do singular passou inalterada para o Portuguez, « *eras* ».
- c) 3.^a Pessoa.—A terceira pessoa do singular passou para o Portuguez só com a alteração de apocopar o *t*, « *era* ». Encontra-se « *sia* » como fórmula dessa pessoa. « *Eo dito Juiz que presente sia perguntou...* » (9). A explicação deste facto resalta da synonymia entre *esse*, *stare*, e *sedere* (*ser*, *estar* e *ter assento*). « *Sia* » vem de « *sedet* » por queda de consoantes e contracção de vogaes.
- d) Plural, 1.^a Pessoa.—A primeira pessoa do plural, em Latim *erāmus*, passou para o Portuguez, deslocando o

(1) GIL VICENTE, *Obras citadas*, vol. III, pag. 75.

(2) *Côrtes de D. Fernando*, 1363, art. 18.

(3) FREI JOÃO CLARO, *Opusculos*, 234.

(4) JOÃO DE BARROS, *Grammatica*.

(5) *Regra de S. Bento*, cap. 78.

(6) J. P. RIBEIRO, *Documento de 1303*, Diss. I, 292.

(7) *Cancioneiro da Ajuda*.

(8) J. P. RIBEIRO, *Diss. I*, 285.

(9) » » » *Documento de 1364*, Diss. IV, 155.

accento tonico e com a ligeira mudança orthographica de *u* em *o*, *éramos*.

- e) 2.^a Pessoa.—A segunda pessoa do plural passou para o Portuguez syncopando o *t*, e abrandando *a* em *e*. Encontra-se a fôrma « *erades* » (1).
- f) 3.^a Pessoa.—A terceira pessoa do plural passou para o Portuguez por apocope do *t*.

3) Aoristo

	LATIM (perfeito)	PORTUGUEZ (aoristo)
S.	1 ^a Pessoa <i>Fui</i>	<i>Fui</i>
	2 ^a » <i>Fuisti</i>	<i>Foste</i>
	3 ^a » <i>Fuit</i>	<i>Foi</i>
P.	1 ^a » <i>Fuimus</i>	<i>Fomos</i>
	2 ^a » <i>Fuistis</i>	<i>Fostes</i>
	3 ^a » <i>Fuerunt</i>	<i>Foram</i>

Por um processo identico ao já explicado na passagem das fôrmas do presente e do imperfeito, passou para aoristo portuguez o perfeito latino, como se pôde verificar pelo simples confronto das fôrmas acima. Encontra-se a fôrma arkhonica « *seve* » (2).

4) Plusquam perfeito

	LATIM	PORTUGUEZ
S.	1 ^a Pessoa <i>Fueram</i>	<i>Fôra</i>
	2 ^a » <i>Fueras</i>	<i>Fôras</i>
	3 ^a » <i>Fuerat</i>	<i>Fôra</i>
P.	1 ^a » <i>Fueramus</i>	<i>Fôramos</i>
	2 ^a » <i>Fueratis</i>	<i>Fôreis</i>
	3 ^a » <i>Fuerant</i>	<i>Fôram</i>

Como para o tempo acima, basta o simples confronto das fôrmas respectivas para o estudo da passagem do plusquam perfeito latino para o portuguez.

5) Futuro

O futuro do indicativo portuguez, bem como o imperfeito do condicional, formaram-se por um processo paraphrastico, peculiarmente romanico, que adiante será explicado [307,1)5) ; III].

(1) *Cancioneiro de D. Diniz*, pag. 24.

(2) DOM DINIZ, n. 125.

II) *Imperativo*

As fómas da segunda pessoa do singular e da do plural « *sê, sêde* » provêm da confusão synonymica, já acima notada, entre *esse* e *sedere* [306,1) 1) a)].

III) *Subjunctivo*

1) Presente

	LATIM (arkhaico)	PORTUGUEZ
S.	1ª Pessoa <i>Siem</i>	<i>Seja</i>
	2ª » <i>Sies</i>	<i>Sejas</i>
	3ª » <i>Siet</i>	<i>Seja</i>
P.	1ª » <i>Siamus</i>	<i>Sejamos</i>
	2ª » <i>Statis</i>	<i>Sejais</i>
	3ª » <i>Sient</i>	<i>Sejam</i>

As fómas latinas arkhaicas confrontadas com as portuguesas explicam a passagem deste tempo. Encontra-se a fórmula « *seiaees* » (1).

2) Imperfeito

	LATIM	PORTUGUEZ
S.	1ª Pessoa <i>Fuissem</i>	<i>Fosse</i>
	2ª » <i>Fuisses</i>	<i>Fosses</i>
	3ª » <i>Fuisset</i>	<i>Fosse</i>
P.	1ª » <i>Fuissemus</i>	<i>Fossemos</i>
	2ª » <i>Fuissetis</i>	<i>Fosseis</i>
	3ª » <i>Fuisset</i>	<i>Fossem</i>

O imperfeito do subjunctivo portuguez vem do plusquam perfeito latino pelo mesmo processo dos outros tempos. Encontra-se a fórmula « *focedes* » (2).

3) Futuro

	LATIM	PORTUGUEZ
S.	1ª Pessoa <i>Fuerim</i>	<i>Fôr</i>
	2ª » <i>Fueris</i>	<i>Fôres</i>
	3ª » <i>Fuerit</i>	<i>Fôr</i>
P.	1ª » <i>Fuerimus</i>	<i>Fôrmos</i>
	2ª » <i>Fueritis</i>	<i>Fôrdes</i>
	3ª » <i>Fuerint</i>	<i>Fôrem</i>

(1) FREI JOÃO CLARO, 28,

(2) IDEM, Cap. 3.º

O confronto das formas latinas e portuguesas explica a passagem do tempo. Encontram-se as formas « *sever* » (1), « *severim* » (2).

IV) *Infinito presente*

Encontram-se as formas « *seer* » (3) e « *soer* » (4).

V) *Participio*

1) Presente

Encontra-se deste participio a forma *seente* (5)

2) Imperfeito

O participio imperfeito « *sendo* », como não tinha analogo no verbo latino *esse*, foi tomado do verbo *sedere*. Encontra-se a forma « *seendo* » (6).

3) Aoristo

Tambem por não haver forma especial no verbo esse foi creado analogicamente o particaipio aoristo « *sido* ».

307. Estudo historico da conjugação regular portugueza

I) *Indicativo*

1) Presente

		1ª CONJUGAÇÃO	2ª	3ª	4ª
S.	1ª Pessoa	<i>Cant-O</i>	<i>Vend-O</i>	<i>Part-O</i>	<i>P-onh-O</i>
	2ª »	<i>Cant-AS</i>	<i>Vend-ES</i>	<i>Part-ES</i>	<i>P-õ-ES</i>
	3ª »	<i>Cant-A</i>	<i>Vend-E</i>	<i>Part-E</i>	<i>P-õ-E</i>
F.	1ª »	<i>Cant-AMOS</i>	<i>Vend-EMOS</i>	<i>Part-IMOS</i>	<i>P-o-MOS</i>
	2ª »	<i>Cant-AIS</i>	<i>Vend-EIS</i>	<i>Part-IS</i>	<i>P-on-DES</i>
	3ª »	<i>Cant-AM</i>	<i>Vend-EM</i>	<i>Part-EM</i>	<i>P-õ-EM</i>

Até os fins do seculo XIV a segunda pessoa do plural deste tempo nas tres primeiras conjugações conservou abrandando em *d* o *t* da terminação latina *tis* « *mata-DES*, *perde-DES*, *quere-DES* (7) ». Todavia no *Cancioneiro Geral* já encontram-se as formas *guarda-YS*, *dirye-IS*, *quisere-YS*. Em uma carta de Affonso V (8), vêem-se as formas *habe-IS*, *pode-IS*, *sabe-IS*. A partir dos meados do seculo XV

(1) *F. Guard.* 422.

(2) » » 401.

(3) *Doc. das Bentas do Porto*, 1318.

(4) *Cancioneiro da Vaticana*, Canc. n. 509.

(5) *Documento da Cam. Secul. de Viseu*, 1304.

(6) *Cod. Alf. Livro III*, Tit. 53, § V.

(7) *Cancioneiro Inedito*, e DOM DINIZ.

(8) 1481.

foi que prevaleceu esta fôrma syncopada: João de Barros fixou-a (1). Na quarta conjugação, bem como em alguns verbos irregulares, conserva-se o *t* abrandado em *d*: « *pon-DES, ri-DES, ten-DES, vin-DES* ». Sobre esta conservação diz Frederico Diez (2): « Apoiado no *n* conservou-se em alguns verbos o *d* primitivo, e em geral no futuro do subjunctivo e no infinito conservou-se apoiado sobre o *r* (*cantardes*). Regularmente, porém, tal *d* cahiu, e o *a* que o precedia, quando não fortificado pelo accentto, converteu-se em *i* (*cantâis, cantaríeis*) ». É curioso o estudo das formas da quarta conjugação. O infinito presente latino *ponere* deu *pôer* (com *e* breve) que contrahiu-se mais tarde em *pôr*. O confronto das fôrmas do presente do indicativo latino com as do portuguez elucida a formação portugueza, aparentemente irregular e todavia regularíssima.

	LATIM	PORTUGUEZ
S.	1ª Pessoa <i>Pon-O</i>	<i>P-onh-O</i>
	2ª » <i>Pon-IS</i>	<i>P-õ-ES</i>
	3ª » <i>Pon-IT</i>	<i>P-õ-E</i>
P.	1ª » <i>Pon-IMUS</i>	<i>P-o-MOS</i>
	2ª » <i>Pon-ITIS</i>	<i>P-on-DES</i>
	3ª » <i>Pon-UNT</i>	<i>P-õ-EM</i>

O *n* nasalou-se ao passar para o Portuguez, e essa nasalção é representada por *nh* na primeira pessoa do singular e por *~* na segunda e terceira do singular, e na terceira do plural. Na primeira pessoa do plural houve queda da syllaba *ni*, e na segunda conservou-se, como já ficou dito, o *d* etymologico: o estar nestas pessoas a syllaba nasalada anteposta a *m* e *d* faz com que não seja necessario representar graphicamente a nasalção.

2) Imperfeito

	1.ª CONJUGAÇÃO	2ª	3ª	4ª
S.	1ª Pass. <i>Cant-AVA</i>	<i>Vend-IA</i>	<i>Part-IA</i>	<i>P-unha-A</i>
	2ª » <i>Cant-AVAS</i>	<i>Vend-IAS</i>	<i>Part-IAS</i>	<i>P-unha-AS</i>
	3ª » <i>Cant-AVA</i>	<i>Vend-IA</i>	<i>Part-IA</i>	<i>P-unha-A</i>
P.	1ª » <i>Cant-ÁVAMOS</i>	<i>Vend-ÍAMOS</i>	<i>Part-ÍAMOS</i>	<i>P-unha-AMOS</i>
	2ª » <i>Cant-ÁVEIS</i>	<i>Vend-ÍEIS</i>	<i>Part-ÍEIS</i>	<i>P-unha-EIS</i>
	3ª » <i>Cant-AVAM</i>	<i>Vend-IAM</i>	<i>Part-IAM</i>	<i>P-unha-AM</i>

Sobre a passagem deste tempo do Latim para o Portuguez ha a notar, como facto mais importante, a deslocação

(1) *Grammatica*, 1540.

(2) *Obra citada*, vol. II, pag. 170.

do accento na primeira e na segunda pessoa do plural—CANTABÁMUS, *cantávamos*, CANTABÁTIS, *cantáreis*. Os imperfeitos latinos em abam passaram para o Portuguez, mudando simplesmente o *b* em *v*. Nos imperfeitos em *ebam* syncopou-se o *b*, e o *e* converteu-se em *i*: assim de *vendebam* veio *vendéa*, *vendia*.

Nos imperfeitos em *iebam* tambem syncopou-se o *b*, e *ie* contraiu-se em *i*: assim de *vestiebam* veio *vestiea*, *vestia*. A respeito das fórmãs *punha*, *tinha*, *vinha*, escreve Diez (1): « O imperfeito do indicativo nos tres verbos *pôr*, *ter*, *vir*, apresenta flexões inteiramente particulares *punha*, *tinha*, *vinha*, com deslocação do accento e mudança da vogal radical. É de supôr que se tenha recuado o accento para melhor consolidar o « *n* » radical que, sem isso, teria cahido como no infinito: empregou-se a fórmula *pónia* (escripta *ponha*) para que se não perdesse o « *n* », e trocaram-se « *o* » e « *e* » por « *u* » e « *i* », para distinguir este tempo do presente do subjunctivo. Todavia existiam outrora variantes usadas sem *n*, como *teeya* a par de *tinha*, *via*, a par de *vinha*. (SANTA ROSA) ».

3) Aoristo

	1ª CONJUGAÇÃO	2ª	3ª	4ª
S.	1ª Pess. <i>Cant-EI</i>	<i>Vend-I</i>	<i>Part-I</i>	<i>Puz-(i)</i>
	2ª » <i>Cant-ASTE</i>	<i>Vend-ESTE</i>	<i>Part-ISTE</i>	<i>Poz-ESTE</i>
	3ª » <i>Cant-OU</i>	<i>Vend-EU</i>	<i>Part-IU</i>	<i>Poz-(i)</i>
P.	1ª » <i>Cant-ÁMOS</i>	<i>Vend-EMOS</i>	<i>Part-IMOS</i>	<i>Poz-EMOS</i>
	2ª » <i>Cant-ASTES</i>	<i>Vend-ESTES</i>	<i>Part-ISTES</i>	<i>Poz-ESTES</i>
	3ª » <i>Cant-ARAM</i>	<i>Vend-ERAM</i>	<i>Part-IRAM</i>	<i>Poz-ERAM</i>

A diversidade de fórmãs do perfeito latino desaparece quasi totalmente em Portuguez: toma esta lingua para typo o aoristo derivado do perfeito dos verbos latinos em *avi*, *evi*, *ivi*, e com esse typo, modificado phonicamente, conforma quasi todos os aoristos, tanto dos verbos primitivos, como dos derivados. Na fórmula em *avi* o *v* foi syncopado de accordo com a tendencia que já se dava no Latim vulgar—*probai* por *probavi*; *probaisti* por *probavisti*; *probat* por *probavit*. A mudança de *ai* em *ei* é peculiar ao Portuguez, como se vê em *celleiro*, *primeiro*, de *cellairo*, *primairo*, metatheses de *cellario*, *primario*, formas ablativas de *cellarius*, *primarius*. A syncope de *ve* na terceira pessoa do plural já se encontra no Latim classico—*amarunt* por *amaverunt*.

(1) *Obra citada*, vol. II, pag. 178.

Nos aoristos derivados de perfeitos latinos em *evi* e *ivi*, a syncope de *v* deu *ei* e *ii* que se contrahiram em *í*: por analogia syncoparam-se também outros sons figurativos, e realizou-se a mesma contracção—de *vendidi* veio *rendii* contraindo em *vendi*. Na terceira pessoa do singular nota-se que *vi* latino se converteu em *u*, mudando-se na primeira conjugação *a* em *o*—*amavit* deu *amou*. Trata-se de saber como de *vi* nasceu *u*. Em Latim acha-se *fautor* por *favitor*; *lautum* por *lavitum*; *nauta* por *navita*, etc: em taes fórmulas houve syncope de um *i*—*fautor* por *favitor*.— Ora o *v* consoante juncto ao *t* formava um grupo de sons anti-latino; teve pois o *v* de se dissolver na voz livre correspondente *u*. Foi por processo identico que de *navis* tiramos *nau*. A mudança de *a* em *o* na primeira conjugação « *amavit*, amou » está no genio do Portuguez, e tem nelle muitas analogas: *ouro* de *aurum*, *louro* de *laurus*, *mouro* de *maurus*, *thesouro* de *thesaurus*, etc.. Os perfeitos latinos em *ui* conservaram-se nos aoristos portuguezes modificados phonicamente: a vogal da primeira syllaba attrahiu o *u* da terminação.

1. *Capui* (em vez de *cepi*) deu *caupe*, *caube* e depois *coube*.
2. *Habui* deu *haube*, *hoube* e depois *houve*.
3. *Posui* deu *pouse*, *pous*, *puz*.
4. *Potui* deu *poute*, *poude*, *pude*.
5. *Sapui* deu *saupe*, *soupe*, *soube*, *sube*.
6. *Traxui* (em vez de *traxi*) deu *trauxe*, *trouxe*, *truxe* (fórma popular).

A mudança de *ou* em *u* na primeira pessoa do singular (*pude* por *poude*) teve por fim distinguir essa fórma da da terceira pessoa do singular. De *houve*, *houveste*, *houve*, etc., encontram-se as fórmulas (1) *ouvi*, *uvi*, *ouve*, *ovi*, *ove*, *ouvo*, *ouveste*, etc.. De *puz*, *pozeste*, *poz*, etc. encontram-se, as fórmulas (2) *puge*, *pugi*, *pugy*, *pos*, *pose*, *pusi*, *pusy*, etc. De *pude*, *poudeste*, *poude*, etc., encontram-se as fórmulas (3) *podí*, *puyd'*, *podo*, *pudo*, etc. O preterito *quíz*, *quizeste*, *quíz*, etc., vem de *quæsi*, *quæsi*. Encontram-se as fórmulas (4) *quige*, *quigi*, *quizo*, etc. O aoristo *tive*

(1) *Trovas e Cantares*. Madri, 1849, 32, 246. DOM DINIZ, 72, 81, 118, 182. J. P. RIBEIRO, I, 273.

(2) J. P. RIBEIRO, T, 297. *Actos dos Apostolos*, 13, 47. *Trovas e Cantares*, 42. DOM DINIZ, 17. *Regra de S. Bento*, 6. *Memória das Rainhas de Portugal*, pag. 254. *Livros de Linhagens*, II, 216.

(3) *Trovas e Cantares*, 246, 285. DOM DINIZ, 58, 63. *Fors de Castello Rodrigo*, 869, 895.

(4) DOM DINIZ, 49, 72. GIL VICENTE, I, 135. *Trovas e Cantares*, 56.

vem de *tenui*: o *n* cahiu por syncope, deu *teui*; e, para evitar-se hiato, o *u* converteu-se em *v*; por metathese o som forte *i* passou para o primeiro logar afim de obviar á confusão entre as fórmãs da primeira e da terceira pessôa do singular: a segunda pessôa do singular e todas as do plural conservaram por analogia esse som, No Portuguez antigo encontram-se a cada passo fórmãs puras em que não ha troca de som— *teverom* (1) *teverõ* (2) *tevera* (3), etc.

Este aoristo *tive*, *tiveste*, *teve*, etc. serviu de typo a duas formações novas, a saber *estive*, *estiveste*, *esteve*, etc. aoristo de *estar*; e a *seve*, *severom*, etc. fórmãs arkhaisas de *ser*. Em *trouxe*, *trouxeste*, *trouxe*, etc. o *x* é pronunciado como *s*, e por isso apparece mudado em *g*, *trouge*; acha-se syncopado nas fórmãs *trouve*, *trouveste*, *trouveram*, *trouverão* (*no*), *trouvesse*, *trouvessem* (4). A fórmula em *x* hoje vigente, é mais arkhaisa do que estas, e raro apparece nos antigos documentos portuguezes.

4) Plusquam perfeito

	1ª CONJUGAÇÃO	2ª	3ª	4ª
S.	1ª Pess. <i>Cant-ARA</i>	<i>Vend-ERA</i>	<i>Part-IRA</i>	<i>Poz-ERA</i>
	2ª » <i>Cant-ARAS</i>	<i>Vend-ERAS</i>	<i>Part-IRAS</i>	<i>Poz-ERAS</i>
	3ª » <i>Cant-ARA</i>	<i>Vend-ERA</i>	<i>Part-IRA</i>	<i>Poz-ERA</i>
P.	1ª » <i>Cant-ÁRAMOS</i>	<i>Vend-ÉRAMOS</i>	<i>Part-ÍRAMOS</i>	<i>Poz-ÉRAM</i>
	2ª » <i>Cant-ÁREIS</i>	<i>Vend-ÉREIS</i>	<i>Part-ÍREIS</i>	<i>Poz-ÉREIS</i>
	3ª » <i>Cant-ARAM</i>	<i>Vend-ERAM</i>	<i>Part-IRAM</i>	<i>Poz-ERAM</i>

Este tempo vem do plusquam perfeito latino já syncopado no periodo classico—*cantaram* por *cantaveram*. Na primeira e na segunda pessôa do plural soffre deslocação do accentu—CANTARÁMUS, *cantáramos*; CANTARÁTIS, *cantáreis*.

5) Futuro

	1ª CONJUGAÇÃO	2ª	3ª	4ª
S.	1ª Pess. <i>Cant-EI</i>	<i>Vend-EI</i>	<i>Part-EI</i>	<i>Poz-EI</i>
	2ª » <i>Cant-RÁS</i>	<i>Vend-ÁS</i>	<i>Part-ÁS</i>	<i>Poz-ÁS</i>
	3ª » <i>Cant-Á</i>	<i>Vend-Á</i>	<i>Part-Á</i>	<i>Poz-Á</i>
P.	1ª » <i>Cant-EMOS</i>	<i>Vend-EMOS</i>	<i>Part-EMOS</i>	<i>Poz-ÉMOS</i>
	2ª » <i>Cant-EIS</i>	<i>Vend-EIS</i>	<i>Part-EIS</i>	<i>Poz-EIS</i>
	3ª » <i>Cant-ÃO</i>	<i>Vend-ÃO</i>	<i>Part-ÃO</i>	<i>Poz-ÃO</i>

(1) *Chronica da Guiné*, 33.

(2) *Historia Geral de Hespanha*, prologo.

(3) FERNÃO LOPES, 26.

(4) GIL VICENTE, I, 132. 257. *Livros de Linhagens*, I, 161, 171. *Actos dos Apostolos*, 23, 25, 26. FERNÃO LOPES, 6.

Tendo-se ensurdecido e até extinguido nos fins do periodo classico as desinencias alterantes das flexões latinas (270), tornou-se summamente difficil aos illiteratos distinguir de prompto o imperfeito *amabam, amabas, amabat*, etc.; por exemplo, do futuro *amabo, amabis, amabit*, etc.; o futuro *tegam, tegas, tegat*, do presente do subjunctivo *tegam, tegas, tegat*, etc. A necessidade da clareza obrigou o povo romano a procurar uma nova fórmula de futuro. *Habere* juncto ao infinito do verbo servia muitas vezes para exprimir o desejo de fazer alguma cousa em um tempo futuro. Cicero disse: « *Habeo ad te scribere—Quid habes igitur dicere de Gaditano fædere?* » Em Santo Agostinho acha-se « *Venire habet* » por « *veniet* ». Destas fórmulas ao futuro actual portuguez ou antes romanico (1) ha apenas um passo. O presente do verbo *haver* agglutinou-se aos infinitos, e constituiu o futuro—*amar-hei, vender-has, partir-ha*, etc.. *Hemos, heis* são contracções ainda usadas de *havemos, haveis*. Vê-se que, propriamente fallando, não é o futuro um tempo simples, isto é, um tempo que venha directamente de um correspondente latino, mas sim um tempo composto de um verbo e de um auxiliar. As duas partes, porém, acham-se de tal sorte soldadas entre si (*amarei, venderás, partirás*, etc..) que seria impossivel classificar tal tempo entre os compostos.

Os infinitos *dizer, fazer, trazer*, em ligação com *hei, has, ha*, para exprimir o futuro, soífrerain syncope do *z* e contracção das vogaes postas em contacto pela syncope: assim em vez de *dizerei, fazerás, trazerás*, etc, existem as fórmulas *direi, farás, trará*s, etc..

Esta formação do futuro romanico foi reconhecida primeiramente no Hespanhol por Antonio de Nebrixa (2), e depois no Portuguez por Duarte Nunes de Leão (3).

II) Imperativo

	1ª CONJUGAÇÃO	2ª	3ª	4ª
S. 2ª Pess.	<i>Cant-A</i>	<i>Vend-E</i>	<i>Part-E</i>	<i>P-õ-E</i>
P. 2ª »	<i>Cant-AE</i>	<i>Vend-EI</i>	<i>Part-I</i>	<i>P-on-de</i>

Este tempo tem duas fórmulas suas, derivadas ambas das correspondentes latinas—a segunda pessoa do singular e a segunda do plural. As outras que alguns grammaticos

(1) Todas as linguas romanicas, excepto o Valakio ou Romano, aproveitaram esta construção latina para exprimir o futuro.

(2) 1492.

(3) 1600.

Ihe costumam jiniciar, a saber—a terceira pessôa do singular e primeira e terceira do plural—foram tomadas do presente do subjunctivo, *Ter, ir, rir, vir, pôr*, na segunda pessôa do plural, conservam abrandado em *d* o *t* etymologico : *Tende, ide, ride, vinde, ponde*.

III) *Condicional imperfeito.*

	1ª CONJUGAÇÃO	2ª	3ª	4ª
S.	1ª Pess. Cantar-IA	Vender- IA	Partir- IA	Por- IA
	2ª » Cantar- IAS	Vender- IAS	Partir- IAS	Por- IAS
	3ª » Cantar- IA	Vender- IA	Partir- IA	Por- IA
P.	1ª » Cantar-ÍAMOS	Vender- ÍAMOS	Partir- ÍAMOS	Por- ÍAMOS
	2ª » Cantar-ÍEIS	Vender-ÍEIS	Partir-ÍEIS	Por- ÍEIS
	3ª » Cantar-IAM	Vender-IAM	Partir-IAM	Por- IAM

A formação deste tempo que, não existindo em Latim, era supprido pelo imperfeito do subjunctivo, é em tudo identica á formação do futuro do indicativo, substituído o auxiliar presente *hei, has ha*, etc., pelo auxiliar imperfeito *hia*, *Idas Ma*, etc, contracções ainda usadas de *havia, havias, havia*, etc..

IV) *Subjunctivo*

1) Presente

	1ª CONJUGAÇÃO	2ª	3ª	4ª
S.	1ª Pess. Cant-E	Vend- A	Part- A	P-onh- A
	2ª » Cant- ES	Vend- AS	Part- AS	P-onh- AS
	3ª » Cant- E	Vend- A	Part- A	P-onh- A
P.	1ª » Cant-EMOS	Venr- AMOS	Part- AMOS	P-onh- AMOS
	2ª » Cant-EIS	Vend-AIS	Part-AIS	P-onh- AIS
	3ª » Cant-EM	Vend-AM	Part-AM	P-onh- AM

Este tempo segue exactamente o seu correspondente latino, e fórma-se pelos processos geraes de derivação já conhecidos.

2) Imperfeito

	1ª CONJUGAÇÃO	2ª	3ª	4ª
S.	1ª Pess. Cant-ASSE	Vend- ESSE	Part- ISSE	Poz- ESSE
	2ª » Cant-ASSES	Vend- ESSES	Part- ISSES	Poz-ESSES
	3ª » Cant- ASSE	Vend- ESSE	Part- ISSE	Poz-ESSE
P.	1ª » Cant-ÁSSEMOS	Venr- ÉSSEMOS	Part- ÍSSEMOS	Poz-ESSEMOS
	2ª » Cant-ÁSSEIS	Vend-ÉSSEIS	Part-ISSEIS	Poz-ESSEIS
	3ª » Cant-ASSEM	Vend-ESSEM	Part-ISSEM	Poz-ESSEM

Deriva-se este tempo do plusquam perfeito latino já syncopado no período classico—*cantassem* por *cantavissent*. Esta formação é commum a todas as linguas romanicas.

3) Futuro

	1ª CONJUGAÇÃO	2ª	3ª	4ª
S.	1ª Pess. <i>Cant-AR</i>	<i>Vend-ER</i>	<i>Part-IR</i>	<i>Poz-ER</i>
	2ª » <i>Cant-ARES</i>	<i>Vend-ERES</i>	<i>Part-IREs</i>	<i>Poz-ERES</i>
	3ª » <i>Cant-AR</i>	<i>Vend-ER</i>	<i>Part-IR</i>	<i>Poz-ER</i>
P.	1ª » <i>Cant-ARMOS</i>	<i>Vend-ERMOS</i>	<i>Part-IRMOS</i>	<i>Poz-ERMOS</i>
	2ª » <i>Cant-ARDES</i>	<i>Vend-ERDES</i>	<i>Part-IRDES</i>	<i>Poz-ERDES</i>
	3ª » <i>Cant-AREM</i>	<i>Vend-EREM</i>	<i>Part-IREM</i>	<i>Poz-EREM</i>

Este tempo simples, tanto no Portuguez como no Hespanhol é kharacteristico das transformações do verbo nas linguas romanicas, e, segundo Diez (1), provém do futuro perfeito latino. A.s fórmulas hespanholas antigas aproximam este tempo da sua origem (*podiero—potuero*) pela sua terminação em um *o* final: no Portuguez a falta de vogal na flexão aproxima-o do infinito impessoal na primeira e na terceira pessoa do singular..

V) Infinito

1ª CONJUGAÇÃO	2ª	3ª	4ª
<i>Cant-AR</i>	<i>Vend-ER</i>	<i>Part-IR</i>	<i>P-ô-R</i>

O infinito Portuguez tem a particularidade kharacteristica de poder apresentar todas as flexões do futuro do subjunctivo [Veja-se supra, IV), 3)].

VI) Participios

1) Presente

1ª CONJUGAÇÃO	2ª	3ª	4ª
<i>Cant-ANTE</i>	<i>Vend-ENTE</i> (pouco usado)	<i>Part-INTE</i> (desusado)	<i>Po-ENTE</i> ou <i>Pon-ENTE</i>

O participio presente é hoje exclusivamente usado como mero adjectivo. Todavia nos documentos antigos encontram-se a cada passo exemplos deste participio com toda a força que tinha em Latim— « *Filhantes a saia, leixam o*

(1) *Obra citada*, vol. II, pag. 157.

manto (1). *Os despresintes Deus caem, no inferno* (2). »
Mesmo em Camões ainda se lê:

« Férias ricas e imitantes
« A côr da aurora (3).

2) Imperfeito

1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
<i>Cant</i> -ANDO	<i>Vend</i> -ENDO	<i>Part</i> -INDO	<i>P-on</i> -DO

O participio imperfeito é derivado da forma ablativa do gerundio latino *amando*, *monendo*, etc.

3) Aoristo

1. ^a CONJUGAÇÃO	2. ^a	3. ^a	4. ^a
<i>Cant</i> -ADO, A	<i>Vend</i> -IDO, A	<i>Part</i> -IDO, A	<i>Post</i> -O, A

O participio aoristo foi tomado do participio perfeito da voz passiva latina, em *ado* (*atus*) para a primeira conjugação; em *ido* (*itus*) para a terceira: para a segunda nas linguas romanicas foi adoptado o suffixo *utus*, contracção da forma *uitus*. Assim no Portuguez antigo encontram-se as duas formas de participios em *udo* e *ido*. Nos *Foros de Boja* acha-se *movudo* por *movido*; *conheçudo* por *conhecido*, e conjunctamente *vendudo* e *vendido*. Esta forma em *utus* não deixava confundir os participios da segunda conjugação com os da terceira; na forma *uitus*, contrahida, veiu a prevalecer a vogal accentuada, e por isso se transformou em *ido*. No Portuguez moderno ainda se acha a forma *udo*, mas isso em alguns participios que perderam o kharacter verbal, e ficaram puros adjectivos: *Teudo*, *manteudo*, *conteudo*, *sanhudo*. Em uma *Ordenação* de D. Duarte, lê-se: « *Assim como era conteudo no dito termo* (4) ».

Sendo geralmente passivos os participios aoristos variaveis, alguns todavia tem significação, ora activa. ora passiva, ex.: « *Homem atraídoado*, homem que atraíçoa, ou que é atraídoado; *homem lido*, que tem lido inuito, instruido, erudito; *carta lida*, a carta que foi lida ».

(1) *Regra de S. Bento*, I, pag. 260.

(2) *Ibidem*, pag. 263.

(3) *Lusiadas*, Cant. X. Est. CIL.

(4) J. P. RIBEIRO, IV, 15

Os principais participios aoristos que se subordinam a este uso são:

Acautelado	Desconfiado	Ousado
Acreditado	Desenganado	Parecido
Agradecido	Desesperado	Pausado
Atrevido	Despachado	Precatado
Arriscado	Determinado	Prezado
Arrufado	Dissimulado	Presumido
Calado	Encolhido	Recatado
Cansado	Engraçado	Trabalhado
Comedido	Entendido	Sabido
Confiado	Esforçado	Sentido
Conhecido	Fingido	Soffrido
Considerado	Lido	Valido
Costumado	Moderado	Vigiado
Crescido	Ocupado	

Além destas tres fôrmas regulares dos participios, existem outras de origem erudita, e em geral immobilizadas no adjectivo (295).

VII) *Tempos compostos*

A mais profunda diferença que separa a conjugação latina da portugueza é —que os tempos de acção incompleta da voz passiva e todos os da activa exprimem-se em Latim por desinencias (*amor, amarer*): ao passo que em Portuguez exprimem-se pelo participio aoristo precedido de *ter* na voz activa, e de *ser* na passiva. Esta criação dos auxiliares para serviço da conjugação que, á primeira vista, pareça extranha ao genio da lingua latina, não foi um facto isolado ou uma innovação sem precedentes: já existia ella em germen no fallar dos Romanos. Cicero dizia: « *De Caesare satis dictum habeo por dixi— Habebas scriptum por scripseras* ». E Cesar: « *Vectigalia parvo pretio redempta habet em vez de redemit—Copias quas habebat paratas em vez de paraverat* ». A' medida que se foram desenvolvendo as tendencias analyticas da lingua, foi prevalecendo o uso desta segunda fôrma, e, a partir do seculo VI, os textos latinos apresentam numerosos exemplos della. O mesmo aconteceu com as flexões da voz passiva: o Latim vulgar as substituiu pelo verbo *sum* juncto ao participio passado—*sum amatus*, em vez de *amor*. Nas collecções de diplomas merovingios encontram-se a todo o momento estas fôrmas novas « *Omnia*

24

quæ ibi sunt aspecta por *aspectantur*—*Hoc volo esse donatum* por *donari* ». A nova lingua que se ia constituindo, assim como tinha abandonado as desinencias dos casos [269, 7] para as substituir por preposições, tambem abandonou na conjugação as fórmias verbaes dos tempos compostos para as substituir por verbos auxiliares, consecuencia natural da necessidade que impellia a lingua latina a passar do estado synthetico para o analytico (1).

308. Os verbos portugueses formam-se, segundo o mesmo processo dos nomes, por derivação e por composição.

309. Por derivação formam-se verbos

- 1) de substantivos: de *trabalho*, *traballar*; de *dama*, *damejar* (J. FERR., *Aul.*, 42, V); de *caminho*, *caminhar*, de *numero*, *numerar*; de *purpura*, *purpurar*; de *pavão*, *pavonear*, etc..
- 2) de adjectivos, ou com a simples terminação verbal, ou tambem com o prefixo *a* ou *e*: de *doce*, *adoçar*; de *vermelho*, *avermelhar*; de *francez*, *afrancezar*. (Do baixo Latim *izgre*) *senhorizar* (J. P. Ribeiro, IV), *bemfeitorizar*, *poetizar*, *prophetizar*. De *lucido*, *elucidar*, etc..
- 3) de verbos já existentes : de *escrever*, *escrevinhar*; de *cantar*, *cantarolar*; de *tremar*, *tremelicar*; de *comer*, *comichar*; de *beber*, *bebericar*; de *gerar*, *gemelicar*. Estes verbos têm sempre um sentido peiorativo e frequentativo; ex.: « *Namoriscar*, *namorejar* ».

310. Por composição verbos já existentes fórmiam outros, juntando-se

- 1) com um substantivo, ex.: « *Manobrar*, *manter* ».
- 2) com um adjectivo, ex.: « *Purificar* ».
- 3) com um adverbio, ex.: « *Transluzir*, *ultrapassar*, *entreatbrir* ».
- 4) com os prefixos que entram na composição dos nomes, ex.: « *Dispôr*, *repôr*, *compôr*, *suppôr*, etc. ».

Pertencendo á primeira conjugação todos os verbos que se vão diariamente creando em Portuguez, é essa primeira conjugação considerada como conjugação viva; as outros tres, pôr se não prestarem á formação de novos verbos, são consideradas *mortas*.

(1) BRACHET, *Obra citada*, 119

Os verbos portugueses da primeira conjugação orçam por 8.000, ao passo que os das outras tres não chegam a 500.

VI

PREPOSIÇÃO

311. As preposições portuguesas derivam-se

- 1) de preposições latinas simples.
- 2) de duas preposições latinas reunidas,
- 3) de palavras ou de grupos de palavras do proprio cabedal da lingua portugueza.

312. São derivadas de preposições latinas simples

<i>A</i>	que	vem	de	<i>ad</i>
<i>ante</i>	»	»	»	<i>ante</i>
<i>após (pós)</i>	»	»	»	<i>post</i>
<i>atrás (trás)</i>	»	»	»	<i>trans</i>
<i>até (té)</i>	»	»	»	<i>hactenus</i>
<i>com</i>	»	»	»	<i>cum</i>
<i>contra</i>	»	»	»	<i>contra</i>
<i>de</i>	»	»	»	<i>de</i>
<i>em</i>	»	»	»	<i>in</i>
<i>entr</i>	»	»	»	<i>inter</i>
<i>para</i>	»	»	»	<i>per ad</i> [baixo Latim (1)]
<i>per</i>	»	»	»	<i>per</i>
<i>por</i>	»	»	»	<i>pro</i>
<i>por (em favor de)</i>	»	»	»	<i>pro</i>
<i>sem</i>	»	»	»	<i>sine</i>
<i>sob</i>	»	»	»	<i>sub</i>
<i>sobre</i>	»	»	»	<i>super</i>

As preposições *latinas extra, infra, pós (t), pro, supra, trans, ultra*, são usadas em composições de palavras, ex.: « *Extraordinario, transatlantico* ».

Trans deixa algumas vezes cahir o *n*, ex.: « *Traspassar* ». *Post* deixa sempre cahir o *t*, ex.: « *Pospôr* »,

(1) « *Lectos PER AD pauperes (Espana Sagrada, Madrid, 1747, XIX, 332, ann. 996)—Post egressum domini PER AD Romam (Ibidem, XL, 22, ann. 934.)*. Os antigos classicos portuguezes escreviam mais etymologicamente « *pera* ».

313. São derivadas de duas preposições latinas reunidas algumas preposições portuguesas, ex.: « *Deante, perante* » que vêm de « *De ante, per ante* ».

314. São derivadas de palavras ou de grupos de palavras que já fazem parte do proprio cabedal da lingua muitissimas preposições portuguesas, ex.: « *Excepto, salvo, defronte, emfrente* ».

315. Quasi todas, si não todas, as locuções prepositivas portuguesas são formadas por grupos de palavras que já fazem parte do cabedal proprio da lingua, ex.: « *Em cima de, a cavalleiro de* ».

VII

CONJUNÇÃO

316. As conjunções portuguesas derivam-se

- 1) de conjunções e de outras palavras latinas mais ou menos correspondentes.
- 2) de palavras ou de grupos de palavras do cabedal proprio da lingua.

317. São derivadas de conjunções e de outras palavras latinas mais ou menos correspondentes

<i>Como</i>	que	vem	de	<i>cum</i>
<i>e</i>	»	»	»	<i>et</i>
<i>mas</i>	»	»	»	<i>magis</i>
<i>ora</i>	»	»	»	<i>hora</i>
<i>ou</i>	»	»	»	<i>aut</i>
<i>pois</i>	»	»	»	<i>post</i>
<i>quando</i>	»	»	»	<i>quando</i>
<i>que</i>	»	»	»	<i>quam, quod</i>
<i>si</i>	»	»	»	<i>si</i>

318. Quasi todas, si não todas as outras conjunções, bem como as locuções conjunctivas, são oriundas de palavras ou de grupos de palavras já pertencentes ao cabedal proprio da lingua, ex.: « *Outrosim, todavia* ».

VIII

ADVERBIO

319. Os advérbios portugueses derivam-se

- 1) de advérbios e de locuções adverbiais da língua latina, mais ou menos correspondentes.
- 2) de adjetivos que, empregados invariavelmente na forma masculina, tornam-se advérbios.
- 3) de adjetivos a cuja forma feminina junta-se o sufixo *mente*.
- 4) de locuções do cabedal próprio da língua, empregadas adverbialmente.

320. Derivam-se de advérbios e de locuções adverbiais da língua latina, mais ou menos correspondentes :

<i>Acaso</i>	que vem de	<i>ad casum</i>
<i>acima</i>	» » »	<i>ad cimam</i>
<i>acólá</i>	» » »	<i>hac illac</i>
<i>adrede</i>	» » »	<i>ad recte</i>
<i>agora</i>	» » »	<i>hac hora</i>
<i>ahi</i>	» » »	<i>ad hic</i>
<i>ainda (inda)</i>	» » »	<i>ad inde</i>
<i>algures</i>	» » »	<i>aliquis oris</i>
<i>alhures</i>	» » »	<i>aliis oris</i>
<i>alli</i>	» » »	<i>ad illic</i>
<i>amanhã</i>	» » »	<i>ad mane</i>
<i>antes</i>	» » »	<i>ante</i>
<i>aqui</i>	» » »	<i>hac hic</i>
<i>arriba</i>	» » »	<i>ad ripam</i>
<i>assás</i>	» » »	<i>ad satis</i>
<i>avante</i>	» » »	<i>ab ante</i>
<i>bem</i>	» » »	<i>bene</i>
<i>cá (em Hesp. acá)</i>	» » »	<i>hac hac</i>
<i>cedo</i>	» » »	<i>cito</i>
<i>como</i>	» » »	<i>cum</i>
<i>dentro</i>	» » »	<i>de intro</i>
<i>depois</i>	» » »	<i>de post</i>

<i>donde</i>	que vem de	<i>de unde</i>
<i>eis</i>	» » »	<i>ecce</i>
<i>então</i>	» » »	<i>intune</i>
<i>fóra</i>	» » »	<i>foras</i>
<i>hoje</i>	» » »	<i>hodie</i>
<i>hontem</i>	» » »	<i>hodie ante</i>
<i>já</i>	» » »	<i>jam</i>
<i>jámais</i>	» » »	<i>jam magis</i>
<i>lá</i>	» » »	<i>illac</i>
<i>logo</i>	» » »	<i>loco (no logar, como em Francez sur-le-champ)</i>
<i>longe</i>	» » »	<i>longe</i>
<i>mais</i>	» » »	<i>magis</i>
<i>mal</i>	» » »	<i>male</i>
<i>menos</i>	» » »	<i>minus</i>
<i>muito</i>	» » »	<i>multo</i>
<i>não</i>	» » »	<i>non</i>
<i>nunca</i>	» » »	<i>nuquam</i>
<i>onde</i>	» » »	<i>unde</i>
<i>ora</i>	» » »	<i>hora</i>
<i>perto</i>	» » »	<i>praesto</i>
<i>pouco</i>	» » »	<i>pauco</i>
<i>quão</i>	» » »	<i>quam</i>
<i>quando</i>	» » »	<i>quando</i>
<i>quanto</i>	» » »	<i>quanto</i>
<i>sempre</i>	» » »	<i>semper</i>
<i>sim</i>	» » »	<i>sic</i>
<i>só</i>	» » »	<i>solum</i>
<i>tão</i>	» » »	<i>tam</i>
<i>tanto</i>	» » »	<i>tanto</i>
<i>tarde</i>	» » »	<i>tarde</i>
<i>trás (atrás)</i>	» » »	<i>trans</i>

Ao transformar-se o Latim sob as influencias variadas que cooperaram na criação das linguas romanicas, muitas palavras, em razão de sua euphonia triumpharam na luta pela existencia, e passaram a ter accepção diversa da primitiva; assim, *unde* supplantou a *ubi*, e ficou servindo para exprimir logar *onde*. A necessidade de clareza e de *perspicuidade* no dizer creou os

grupos barbaros como *hac hac*, *de post*, *ad satis*, etc. que se perpetuaram nos novos idiomas.

Aquém e além estão na lingua hodierna por *aqui ende*, *alli ende*. *Ende* do Latim *inde* é uma velha palavra que significa *delle della*, etc. ex.: « *Ganham herdamentos nos meus reguengos e fazem ende honras* (1) ». *Ende* tem seu correspondente no Francez velho *ent*, e no Francez actual *en*.

321. Os adjectivos são empregados adverbialmente na fôrma masculina, ex.; « *Fallar alto, gostar immenso* ».

Em Gil Vicente encontra-se « *Fallo mui doce cortes* (2) ». Já no Latim classico era corrente este uso, tomando o adjectivo a fôrma neutra: « *Dulce ridentem Lalagen amabo, dulce loquentem* (3) ».

322. Muitos adverbios, com especialidade os de modo, fôrma-se pela junção do suffixo *mente* á fôrma feminina dos adjectivos, ex.: « *Primeiramente, pudicamente* ».

Conhece-se bem a origem, desta formação adverbial. Os suffixos *e*, *ter* que serviam para formar adverbios (*docte*, *prudenter*) desapareceram, por isso que não estavam sob o accento, e o Portuguez, para crear uma classe de palavras com o cunho grammatical de adverbios, teve de recorrer a outro suffixo: adoptou para tal fim *mente*, ablativo de *mens*, que já mesmo entre os escriptores do Imperio tomára a accepção de *modo*, *maneira*, *feitio*, etc. Acha-se em Quintiliano « *Bona mente factum* »; em Claudiano « *Devota mente tuentur* »; em S. Gregorio de Tours « *Iniqua mente concupiscit* ».

323. Ha muitos adverbios portuguezes que são formados pela agglutinação de palavras do cabedal proprio da lingua, ex.: *outrora*, *talvez*, *tampouco* ».

Quiçá vem do Italiano « *Chi sa*, (quem sabe) ».

IX

INTERJEIÇÕES

324. A interjeição, verdadeiro grito animal, mais clamor instinctivo do que signal de idéia (185). não está sujeita ás leis

(1) FREI BERNARDO DE BRITO, *Monarchia Lusitana*, Tomo IV, pag. 319.

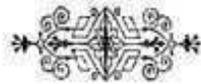
(2) *Obras citadas*, II, 497.

(3) HORATIUS, Lib. I, *Od.* 22.

do pensamento, não se governa pela grammatica, não tem derivação. As verdadeiras interjeições são sempre as mesmas em todas as linguas.

Coragem, eia, sus e outras semelhantes exclamações, claras ellipses de phrases completas, são empregadas interjectivamente, mas não são interjeições.

Estas locuções interjectivas têm derivação; *Apaga, eia, sus*, vêm do Latim; *Oxalá* é o Arabico *Inshalla* (Deus o queira); *Coragem, avante*, etc, são tomadas do cabedal proprio da lingua.



PARTE SEGUNDA

SYNTAXE

GENERALIDADES

325. A *syntaxe* considera as palavras como relacionadas umas com outras na construção de sentenças, e considera as sentenças no que diz respeito á sua estrutura, quer sejam simples, quer se componham de membros ou de clausulas.

326. *Sentença* é uma coordenação de palavras ou mesmo uma só palavra formando sentido perfeito, ex.: « *As abelhas fazem mel—Os cães ladram—Morro* ».

Sentença do Latim *sententia* (pensamento, juízo, expressão completa) é denominação preferível a *periodo*. Com effeito, o termo *periodo*, do Grego *periodos* (caminho em volta, rodeio) não traduz bem a noção de pensamento, de juízo. Aristoteles (1) e Cicero (2) empregaram-no com a significação de « sentença rhetorica », figurada, ornada.

Por « formar sentido perfeito » entende-se—dizer alguma cousa a respeito de outra de modo completo.

327. Relativamente á sua significação as sentenças são declarativas, imperativas, condicionaes, interrogativas e exclamativas.

328. *Sentença declarativa* é a que declara ou assevera uma cousa, ex.: « *O dia está quente* ».

A sentença declarativa chama-se

1) *affirmativa* quando assevera que uma cousa é, ex.: « *O dia está quente* ».

(1) *Rhetorica*. 3, 9, 3.

(2) *Orator*, LXI.

- 2) negativa quando assevera que uma coisa não é, ex.:
« *O dia não está quente* ».

Estes dous generos de sentenças são identicos em fórmula e construção grammatical, com quanto directamente oppostos em significação. Para converter-se uma sentença affirmativa em negativa basta ajuntar-se-lhe o adverbio *não*; e, vice versa, para converter-se uma sentença negativa em affirmativa é sufficiente a subtracção do mesmo adverbio.

329. *Sentença imperativa* é aquella por meio da qual se ordena, se requer ou se pede que se faça alguma coisa. Seu kharacteristico é o uso do verbo no modo imperativo, ex.: « *Traze fogo—Despacha-me esta petição—Livra-me deste susto* ».

330. *Sentença condicional* é a que assevera uma coisa mediante uma condição, ex.: « *Pedro, si fôr avisado, escapará da cilada* ».

331. *Sentença interrogativa* é a que se emprega para fazer perguntas, ex.: « *Está chovendo?* ».

332. *Sentença exclamativa* é a que exprime um sentimento ou opinião relativa, asseverada ou por asseverar, ex.: « *Quão estúpido é elle!—Que guerra vai haver!* ».

As sentenças exclamativas são desconexas relativamente ao discurso em que occorrem, e podem ser consideradas como phrases interjeccionaes.

333. Toda a sentença consta de dous elementos

- 1) o que representa a coisa a cujo respeito se falla: chama-se *sujeito*.
- 2) o que representa o que se diz a respeito do sujeito: chama-se *predicado*.

Este segundo elemento subdivide-se em dous outros:

- a) a idéia que se liga ao sujeito: chama-se *predicado propriamente dito*.
- b) o laço que prende o predicado propriamente dito ao sujeito: chama-se *copula*.

Neste exemplo « *Rosas são flores* » « *Rosas* » é o sujeito; « *são* » a copula; « *flores* », o predicado.

Neste outro « *Pedro ama* » « *ama* » decompõe-se em « *é amante* », e todo o exemplo analysa-se como acima.

O acto da mente pelo qual o predicado se liga á noção expressa pelo sujeito chama-se *juízo*.

O resultado de um juízo é um *pensamento*.

A expressão do pensamento é a *sentença*.

334. Quando uma sentença se compõe de duas ou de mais asserções, cada uma dessas asserções chama-se *membro*.

Nesta sentença: « *O plano foi bem concebido, e produziu o efeito desejado* » as duas partes « *O plano foi bem concebido* » e « *produziu o efeito desejado* » são os membros da sentença,

335. Chamam-se *clausulas* os membros da sentença quando são tão connexos entre si que um depende do outro, e até o modifica.

Nesta sentença: « *Foge o veado, si o acossa o cão* », « *Foge o veado* » é uma clausula; « *si o acossa o cão* », outra..

336. *Phrase* é uma combinação de palavras coordenadas entre si, mas sem formar sentido perfeito.

Nesta sentença: « *O orador excedeu a expectação do publico* » as palavras coordenadas « *excedeu a expectação do publico* » formam uma phrase.

337. A phrase construida com um infinito chama-se *phrase infinitiva* ex.: OBEDECER Á LEI é *dever do cidadão*—*Sirva-nos de lenitivo á derrota* O TERMOS RESISTIDO *com valentia*.

338. A phrase construida com um participio chama-se *phrase participial*, ex.: « *Negreiros são TRAFICANTES DE ESCRAVOS—Patrid, ENVOLVENDO-SE NA BANDEIRA HOLLANDEZA, saltou ao mar—TENDO MORRIDO O GENERAL, as tropas dispersaram-se—MORTO CESAR, os conjurados sahiram de Roma* ».

339. Divide-se a syntaxe em syntaxe lexica e syntaxe logica.

LIVRO PRIMEIRO

SYNTAXE LEXICA

340. A *syntaxe lexica* considera as palavras como relacionadas umas com outras na coustrucção de sentenças.

SECÇÃO PRIMEIRA

RELAÇÃO DAS PALAVRAS ENTRE SI

341. Cinco são as relações que têm entre si as palavras ou os grupos de palavras, a saber;

1) Relação subjectiva.

- 2) Relação predicativa.
- 3) Relação attributiva.
- 4) Relação objectiva.
- 5) Relação adverbial.

342. *Relação subjectiva* é a relação em que o sujeito de uma sentença está para com o seu predicado.

Póde estar em relação subjectiva um nome, um pronome, uma parte da oração substantivada, uma clausula, uma sentença.

Nestas sentenças: « *Pedro é rico—Eu sou nervoso—« Vires » verbo—E' verdade que não fui a Roma* »—« *Pedro* », « *eu* », « *vives* » e « *QUE NÃO FUI A ROMA* » estão em relação subjectiva.

343. *Relação predicativa* é a relação em que o predicado de um sentença está para com o seu sujeito.

A relação predicativa póde ser expressa, ou por um verbo somente, quando é completa a sua predicação; ou por um verbo de predicação incompleta juncto com o seu complemento.

São verbos de predicação completa os que não necessitam de palavra complementar para fazer sentido perfeito, ex.: « *O vegetal vive* ».

São verbos de predicação incompleta os que necessitam de palavra complementar para fazer sentido perfeito; taes são: o verbo substantivo *ser*; *estar*; alguns intransitivos como *ficar*, *parecer*, etc.; todos os transitivos como *amar*, *cantar*, etc, ex.: « *Eu sou rico—Antonio está doente—Pedro está pobre—A Frana parece rejuvenescida—O rei ama-nos—Lincoln cortava lenha* ».

Nesta sentença « *O menino corre* » o verbo « *corre* » está em relação predicativa com o sujeito « *menino* ». Nesta outra « *A mesa é redonda* » não somente o verbo « *é* » está em relação predicativa com o sujeito « *mesa* », mas tambem o está o adjectivo « *redonda* ».

344. *Relação attributiva* é a relação em que a palavra que representa alguma qualidade, alguma circumstancia da cousa de que se falla, está para com a palavra que representa tal cousa, isso sem que haja asserção, sem que se faça uso do verbo para mostrar a connexão entre ambas existentes.

Nesta sentença « *Homens prudentes procedem ás vezes com imprudencia* » o adjectivo « *prudentes* » está em relação attributiva para com o substantivo « *homens* »: o attributo que esse adjectivo denomina é tomado como pertencente ao substantivo « *homens* », porém não afirmado a respeito d'elle. Si fôr dito « *Os homens são sabios* »

haverá asserção, e o adjectivo *sabios* estará então em relação predicativa para com o substantivo « *homens* ». Na sentença « *Socrates foi homem sabio* » o adjectivo « *sabio* » está em relação attributiva para como substantivo « *homem* », e a phrase « *homem sabio* » está em relação predicativa para com o substantivo « *Socrates* ».

Como attributos só podem pertencer a cousas, só com substantivos podem as palavras ou grupos de palavras estar em relação attributiva.

A relação attributiva é expressa

- 1) por um artigo, ex.: « *O homem—UM homem* ».
- 2) por um substantivo apposto, ex.: « *Epaminondas, GENERAL—Affonso, REI* ». O substantivo a que se appõe outro substantivo chama-se *fundamental*
- 3) por um adjectivo descriptivo, ex.: « *Maçã GRANDE* ».
- 4) por um adjectivo determinativo, ex.: « *ESTE livro—CADA casa—MINHA lousa—ALGUM homem* ».
- 5) por um participio, ex.: « *O soldado FERIDO* ».
- 6) por um substantivo precedido de preposição, ex.: « *A casa DE PEDRO* ».
- 7) por uma clausula adjectivo (Vide 374—375), « *A carta QUE EU ESCREVI* ».

As palavras ou clausulas que estão em relação attributiva para com um substantivo chamam-se *adjunctos attributivos* desse substantivo.

345. Relação objectiva é a relação em que está para com um verbo de acção transitiva o objecto a que se dirige, ou sobre que se exerce essa acção.

Nesta sentença « *O cão levantou a cabeça* » o substantivo « *cabeça* » está em relação objectiva para com o verbo « *levantou* ».

A palavra que está em relação objectiva para com um verbo chama-se *objecto* ou *paciente* desse verbo.

Como uma acção só póde ser exercida sobre uma cousa, só podem tambem servir de objecto substantivos ou então palavras, phrases, clausulas e sentenças tomadas como taes, isto é, substantivadas.

A relação objectiva não é indicada por preposições, salvo quando para evitar amphibologias usa-se da preposição *a*, ex.: « *Enéas venceu A Turno* », ou quando por idiotismo da lingua empregam-se preposições expletivas, ex.: « *Pegar DA lança—Puxar PELA espada* » em vez de « *Pegar a lança—Puxar a espada* ».

346. *Relação adverbial* é a relação em que está para com um substantivo, adjectivo, verbo ou adverbio a palavra que modifica a natureza das relações entre elles existentes.

A relação adverbial é expressa

- 1) por um adverbio, ex.: « *Elle combateu ESFORÇADAMENTE* ».
- 2) por um substantivo precedido de preposição, ex.: « *Paulo gosta DE FRUCTAS—Pedro escreve COM GOSTO* ».

O infinito de um verbo póde ser usado neste caso visto que é por sua natureza verdadeiro substantivo (Vide 207), ex.: « *Farto DE BRINCAR* ». Também se póde empregar uma clausula substantivo (Vide 372), ex.: « *Os homens gostam dee QUE SE LHES LISONGEIE O ORGULHO* ».

- 3) pelos pronomes substantivos em relação apropriada ao caso.

São relações apropriadas ao caso

- a) a relação adverbial ex.: « *Pedro reiu COMIGO* ».
- b) a relação objectiva dos pronomes pessoas usada, por idiotismo da lingua, em vez da relação adverbial, ex.: « *Paulo deu-ME um livro* » em vez de « *Paulo deu A MIM um livro* ».

A relação objectiva dos pronomes substantivos, assim empregada, chama-se relação *objectiva-adverbial*.

- 4) por uma clausula adverbio (376), ex.: « *Antonio estava lendo QUANDO EU CHEGUEI* ».

As palavras ou sentenças que estão em relação adverbial para com outras chamam-se *adjunctos adverbias*. A mór parte dos adjunctos adverbias incluem-se na seguinte classificação:

Adjunctos adverbias

- 1) *de tempo*
- 2) *de logar*
- 3) *de ordem*
- 4) *de modo*
- 5) *de conclusão*
- 6) *de quantidade*
- 7) *de afirmação*
- 8) *de negação*
- 9) *de duvida*
- 10) *de exclusão*
- 11) *de designação*

As palavras que na construcção de sentenças já estejam em diferentes relações, podem estar em qualquer relação para com outras.

SECÇÃO SEGUNDA

PARTICULARIDADES DO SUJEITO, DO PREDICADO E DO OBJECTO

I

SUJEITO

347. O sujeito de uma sentença é simples, composto ou complexo :

- 1) é *simples* quando consta de um só substantivo, de um pronome ou de um infinito de verbo, ex.: « CESAR conquistou as Gallias—EU sou ignorante—ERRAR é proprio do homem ».
- 2) é *composto* quando consta de dous ou de mais substantivos, pronomes ou infinitos de verbos, ex. : « CESAR E POMPEU foram rivaes—EU E TU estamos ricos—COMER E DORMIR são cousas diversas ».
- 3) é *complexo* quando consta de uma clausula substantivo, de uma phrase, on de uma citação qualquer, ex.: « QUE ELLE O DISSE é certo— « POR TODA A PARTE » é uma phrase usada por Luiz de Camões—O « AMAE-VOS UNS AOS OUTROS » do Evangelho derribou os templos pagãos ».

348. Chama-se *sujeito ampliado* o sujeito a que se liga um adjuncto attributivo, ex. : « **O** general morreu—Affonso, REI DE HESPANHA, casou-se—A carta QUE ME ESCREVESTES chegou hoje ».

O sujeito, si é um infinito de verbo, póde ser ampliado pelo objecto ou por um adjuncto adverbial, ex.: « Perdoar INJURIAS é dever do sabio—Brincar COM FOGO é perigoso ».

II

PREDICADO

349. O predicado de uma sentença é simples ou complexo:

- 1) é *simples* quando expresso por um só verbo. ex.: « A virtude FLORESCE—O homem MORRE ».
- 2) é *complexo* quando expresso por um verbo de predicação incompleta acompanhado por seu complemento.

350. Quando um verbo de predicação incompleta é intransitivo ou está na voz passiva, o complemento do predicado, substantivo ou adjectivo, fica em relação predicativa para com o sujeito

da sentença, ex.: « *Eu sou chamado ANTONIO—Este homem parece RICO* ».

351. Quando um verbo de predicação incompleta é transitivo ou está na voz activa, o complemento do predicado fica em relação attributiva para com o objecto do verbo, ex.: « *Comprei o panno VERMELHO—Chamei-o MENTIROSO* ».

352. Quando o complemento do predicado é um verbo no modo infinito como « *Eu posso ESCREVER—Devo MANDAR* », o objecto da sentença está as mais das vezes ligado a esse infinito dependente, ex.: « *Eu posso escrever UMA CARTA—Devo mandar UM AVISO* ».

353. Chama-se *predicado ampliado* o predicado a que se liga um objecto ou um adjuncto adverbial.

- 1) Ampliação do predicado por meio de um objecto: « *Moyés feriu A PEDRA—Deus chamou á luz DIA* ».
- 2) Ampliação do predicado por meio de um adjuncto adverbial : « *O menino anda DEPRESSA— Cheguei HONTEM* ».
- 3) Pode-se combinar estes dous modos de ampliação em uma só sentença, ex.: « *Dá-ME O LIVRO—Comi HONTEM TRES MAÇÃS* ».

III

OBJECTO

354. O objecto de um verbo é simples, composto ou complexo. Estas distincções são as mesmas que já se fizeram relativamente ao sujeito (347).

355. Chama-se *objecto ampliado* o objecto a que se liga um adjuncto attributivo, um outro objecto ou um adjuncto adverbial, ex.: « *Ouvi um CANTOR CELEBRE—Quero ESTUDAR O SANSKRITO—Vejo UM HOMEM COM UMA ESPINGARDA* ».

LIVRO SEGUNDO

SYNTAXE LOGICA

356. A *syntaxe logica* considera as sentenças no que diz respeito á sua estrutura, quer sejam ellas simples, quer sejam compostas.

357. *Sentença simples* é a que contém uma só asserção, sejam ou não ampliados seu sujeito e seu predicado, ex.: « *Abelhas fazem mel* ».

A sentença simples chama-se também *oração* ou *proposição*.

358. *Sentença composta* é a que contem mais de uma asserção, ex.: « *Pedro é feliz, porém eu sou desgraçado—Si me abandonas considero-me perdido—Estou certo de que Napoleão teria vencido os aliados em Waterloo, si Grouchy tivesse chegado no tempo devido* ».

359. Duas são as relações que podem manter entre si os membros de uma sentença composta:

- 1) relação de coordenação;
- 2) relação de subordinação.

SECÇÃO PRIMEIRA

COORDENAÇÃO

360. Os membros de uma sentença composta estão em relação recíproca de *coordenação* quando, relativamente á sua força de expressão, são independentes entre si, formando proposições separadas quanto ao sentido, unidas apenas gramaticalmente por palavras connectivas, ex.: « *Pedro é rico e Antonio é trabalhador* ».

361. Si os membros de uma sentença composta não estão em opposição uns aos outros, mas simplesmente ligados, a relação de coordenação entre elles existente chama-se *copalativa*, ex.: « *Pedro é tenente e Antonio é capitão* ».

362. Si os membros de uma sentença composta, além de acharem-se ligados, exprimem ainda opposição, a relação de coordenação entre elles existente chama-se *adversativa*, ex.: « *Pedro é conservador e Antonio é liberal* ».

363. Quando as sentenças coordenadas têm ou o mesmo sujeito, ou o mesmo predicado, ou o mesmo adjuncto adverbial, acontece frequentemente ser a parte commum expressa uma só vez. Taes sentenças chamam-se *contractas*, ex.: « *Pedro furtou um relógio e foi pilhado em flagrante, isto é, Pedro furtou um relógio; Pedro foi pilhado em flagrante—Pedro está bebedo e Antonio louco, isto é, Pedro está beébedo e Antônio está louco—*

Herculano pensava e escrevia bem —isto é— *Herculano pensava bem, e Herculano escrevia bem* ».

Certas conjunções coordenativas entre as varias partes de uma sentença nem sempre indicam que seja ella contracta: assim, « *Pedro e Paulo são gemeos* » não é uma sentença contracta; equivale perfeitamente a « *Estes dous rapazes são gemeos* ». A possibilidade da coexistencia de muitos inclividuos como partes de um todo, de muitos attributos em um mesmo objecto, servirá de guia para bem se distinguirem as sentenças contractas das que o não são. A conjunção *ou*, envolvendo sempre idéia de exclusão de uma das partes connexas, indica tambem sempre sentença contracta.

364. A relação de coordenação é sempre expressa por conjunções coordenativas.

365. Do principio que rege a coordenação dos membros da sentença deduz-se—que as conjunções coordenativas só podem ligar palavras e membros que estejam na mesma relação com as outras partes da sentença.

366. Encontram-se muitas vezes sentenças que, estando a par umas de outras, todavia não se acham ligadas por conjunção alguma. Taes sentenças chamam-se *collateraes*, ex.: « *Vim, vi, venci* ».

- « Qual do cavallo vôa, que não desce;
- « Qual, co'o cavallo em terra dando, geme;
- « Qual vermelhas as armas faz de brancas:
- « Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas (1) ».

367. As sentenças *collateraes* podem ser ao mesmo tempo contractas, ex.: « *As boas letras criam a adolescencia, recreiam a velhice, adornam os successos prosperos, servem de asylo na adversidade, divertem-nos em casa, não nos embaraçam por fora, velam connosco, nas jornadas nos seguem, no campo nos acompanham (2)* ».

368. Ao seguirem-se muitas sentenças *collateraes*, contractas ou não, o uso geral é que por meio da conjunção « *e* » se desfaça a *collateralidade* entre as duas ultimas, ex.:

- « *Mas o de Luso, arnez, couraça E malha*
- « *Rompe, corta, desfaz, abola E talha (3)* ».

(1) *Lusiadas*, Cant. VI, Est. LXIV.

(2) CICERO, *Pro Archia*, trad. de BORGES DE FIGUEIREDO

(3) *Lusiadas*, Cant. III, Est. LL.

SECÇÃO SEGUNDA

SUBORDINAÇÃO

369. Si um ou mais membros de uma sentença composta dependem de outro membro da mesma sentença, ha relação de *subordinação*.

370. Na sentença composta o membro de que dependem outros membros chama-se *clausula principal*; ao membro ou membros dependentes dá-se o nome de *clausulas subordinadas*, ex.: « *Eu não quiz que Antonio partisse sem que tivesse chegado o correio* » « *Eu não quiz* » clausula principal; « *que Antonio partisse* » e « *sem que tivesse chegado o correio* » clausulas subordinadas.

371. As clausulas subordinadas são de tres especies: clausulas substantivos, clausulas adjectivos, clausulas adverbios.

I

CLAUSULAS SUBSTANTIVOS

372. *Clausula substantivo* é aquella que, em sua relação com o resto da sentença, equivale a um substantivo.

A clausula substantivo póde ser

- 1) sujeito do verbo da clausula principal, ex. : « *QUE EU CAHISSE NO LAÇO era o que elle desejava* ».
- 2) objecto desse verbo, ex. : « *Eu disse-te QUE FOSSES* ».
- 3) predicado d'elle, ex. : « *Pedro é exactamente O QUE PARECE SER* ».
- 4) adjuncto attributivo do sujeito ou do objecto do mesmo verbo, ex. : « *A idéia DE QUE PARTIRÁS SEM MIM tortura-me o coração—Tenho um presentimento DE QUE NÃO VIVEREI MUITO* ».
- 5) complemento de uma preposição, ex. : « *Arrependo-me DE QUE LHE TIVESSE DITO* ».

373. A clausula substantivo começa sempre pela conjuncção *que*, ou pela preposição *de*, ou por uma palavra interrogativa.

Nos escriptos classicos muitas vezes omitta-se a conjuncção, ex.: « *A grande reputação que Gil Vicente adquiriu entre seus contemporaneos e a celebridade que ainda hoje seu nome gosa entre os litteratos, juncto á singularidade de suas obras, PARECE DEVERIAM*

ter animado a algum zeloso de nossa litteratura a emprehender uma nova edição deste nosso antigo escriptor (1) ».

Os caipiras de S. Paulo praticam frequentemente a mesma omissão, dizendo : « *Podia ELLE VIESSE hoje* », etc..

II

CLAUSULAS ADJECTIVOS

374. *Clausula adjectivo* é aquella que em sua relação com o resto da sentença equivale a um adjectivo.

375. A *clausula adjectivo* está sempre em relação attributiva com um substantivo expresso ou subentendido, ao qual se prende por meio de um pronome relativo, ex.: « *Veja este lenço QUE EU BORDEI* ».

III

CLAUSULAS ADVERBIOS

376. *Clausula adverbio* é aquella que, em sua relação com o resto da sentença, equivale a um adverbio.

377. A *clausula adverbio* está sempre em relação adverbial para com um substantivo (346), para com um adjectivo, ou para com um verbo, ex.: « *Bayard, leão QUANDO COMBATIA, era cordeiro QUANDO VENCIA—Amarei a Lalage formosa QUANDO RI, formosissima QUANDO CHORA—Pedro estava te escrevendo uma carta QUANDO CHEGASTE* ».

Ha *clausulas adverbios*

- 1) *de tempo.*
- 2) *de logar.*
- 3) *de ordem.*
- 4) *de modo.*
- 5) *de duvida.*

378. As *clausulas adverbios de tempo* começam por adverbios ou por locuções adverbias de tempo, ex.: « *Pedro estava lendo QUANDO os ladrões lhe assaltaram a casa—ANTES QUE chegue elle parto eu* ».

379. As *clausulas adverbios de logar* começam por adverbios ou por locuções adverbias de logar, ex.: « *ONDE quebraste o pote procura a rodilha—ONDE quer que vás has de ter trabalhos* ».

(1) BARRETO FEIO, *Prologo á edição de Gil Vicente.*

380. As clausulas adverbios de ordem começam por locuções adverbias de ordem, como *antes que*, *depois que*, etc., ex.: « ANTES QUE *cases olha o que fazes*—DEPOIS QUE *tiveres passado passarei eu* ».

381. As clausulas adverbios de modo começam pelo adverbio *como*, por alguma locução composta com elle, e pelas conjunções e locuções conjunctivas causaes, ex. : « *Sahiu o negocio COMO eu o queria*, ou ASSIM COMO *eu o queria* ».

Em rigor poder-se-ia admittir clausulas adverbios de *causa* e de *effeito*: exemplo de *causa* « *Ricardo fugiu PORQUE TEVE MEDO* »; de *effeito* « *Antonio está tão fraco QUE TROPEÇA A CADA PASSO* ». Por uniformidade de classificação incluem-se estas duas classes na de *modo*.

382. As clausulas adverbios de duvida começam pelas conjunções e locuções conjunctivas de subordinação, ex.: « *Si tu fores, Pedro ficará*—*Antonio é feliz SI BEM QUE seja pobre* ».

LIVRO TERCEIRO

REGRAS DE SYNTAXE

I

SUBSTANTIVO

383. Um substantivo apposto concorda sempre com o fundamental em relação, isto é, o apposto estará em relação subjectiva, predicativa, attributiva, objectiva ou adverbial, conforme o está o seu fundamental.

384. Sempre que é possível concorda o apposto com o seu fundamental em genero e numero, ex. : « *Alexandre, imperador da Russia—Victoria, imperatriz das Indias—Os Gregos, leões da Europa—As Musas, filhas de Jupiter* ».

385. Si o apposto não tem flexão de genero, ou si é usado em um unico numero, prescinde-se da concordancia, ex. : « *Lucrecia, exemplo de honestidade—Albuquerque, algemas da Asia* ».

386. Sempre que é possível, o substantivo usado predicativamente concorda, com o sujeito em genero e numero. ex.: « *Antonio é rei—Maria é rainha—Os Hespanhoes são fidalgos—As moças são leãs* ».

387. Si o substantivo usado predicativamente não tem flexão de genero, ou si é usado em um único numero, prescinde-se da concordancia, ex.: « *As legiões romanas eram o terror do mundo—As palavras de Pedro são ouro sem liga* ».

388. Omite-se muitas vezes a preposição antes de um substantivo em relação attributiva de possessão, ex.: « *Rio Amazonas—O nome Pedro—Casa Garraux* » em vez de « *Rio das Amazonas— O nome do Pedro—A casa de Garraux* ».

II

ARTIGO

§ 1.º

Concordancia do artigo

389. O artigo está sempre em relação attributiva para com um substantivo, ou para com uma palavra qualquer, uma phrase, um membro, uma clausula, uma sentença, tomados substantivamente.

390. O artigo concorda sempre em genero e numero com o substantivo cuja significação particularisa, ex.: « *O homem—A mulher—Os homens—As mulheres* ».

Uma palavra qualquer, uma phrase, um membro, uma clausula, uma sentença tomada substantivamente é considerada como sendo do genero masculino, ex.: « *Terrivel cousa é UM não—Os comes e bebes—A V. Exc. devo o terem me tratado bem—Admiro o « está consummado » de Jesus* ».

§ 2º

Uso do artigo definido antes de um só substantivo

391. Para particularisar a significação de modo certo antepõe-se o artigo definido

1) aos substantivos appellativos

a) quando, estando em relação subjectiva, são tomados em toda a sua extensão, ex.: « *O homem é mortal— O cavallo é solipede—O ferro é duro* »,

- b) quando modificados por adjuncto attributivo, ex.: « *O rico lavrador —O filho de Pedro —O elephante que hontem vimos* ».

A adjuncto póde estar occulto: em « *O homem veiu* » subentende-se—*de que fallámos, que esperavamos, etc.*

- 2) ás palavras, phrases, membros, clausulas e sentenças substantivadas, ex.: « *O SETE de espadas* »—*Espero o SIM* —*O « pois eu fui » de Camões*—*O « morra e vingue-se de Vieira* ».
- 3) a qualquer substantivo de logar ou de tempo, quando tenha tambem como adjuncto attributivo *todo*, que por via de regra o precede, ex.: « *Por toda a parte—Por todo o anno—Por todo o mez* ».

Estas e outras phrases analogas podem soffrer uma inversão, ex.: « *Toda a casa está cheia de ratos* ou *A casa toda está cheia de ratos* ». Quando *todo* equivale a *cada*, é facultativo o emprego do artigo, ex.: « *Todo homem sensato* ou *Todo o homem sensato despreza a ostentação* ». No plural é sempre obrigatorio o uso do artigo, ex.: « *Todos os homens sensatos desprezam a ostentação* ».

- 4) aos substantivos proprios de pessoas
- a) quando modificados por um adjuncto attributivo que os preceda, ex.: « *O destemido Rabello—O sentencioso Sancho* ».
- b) quando appellidos ou alcunhas, ex.: « *O Caramurú—O Pato Macho* ».
- c) quando designam individuos de celebridade universal, ex.: « *O Khristo—O Dante—O Ryron* ».
- d) em estylo familiar, ex.: « *O Joaquim casa com a Thereza* ».
- 5) aos substantivos proprios
- a) das cinco partes do mundo e de grandes regiões, ex.: « *A Europa—A America—O Sahara—A Nigricia* »

Antigamente dizia-se « *Africa, Asia, etc.* », sem artigo.

- b) de paizes, ex.: « *O Brasil—O Tyrol* ». Exceptuam-se *Portugal, Castella* e talvez poucos mais, que não levam artigo, a não ser quando modificados por um adjuncto attributivo, ex.: « *Portugal é rico—Castella é orgulhosa—O Portugal de D. José I deu leis á Inglaterra* ».
- c) de provincias e de divisões analogas, ex.: « *O Ceará—O Minho—O Yorkshire—As Boccas do Rhodano* ».

Esta regra tem numerosas excepções que só pela leitura de bons escriptores de geographia se poderão conhecer, ex.: « *Goyaz—Matto-Grosso—Minas—Pernambuco—Santa Catharina—S. Paulo— Trás-os-Montes, etc.* » que nunca levam artigo.

- d) de montanhas, ex.: « *Os Andes—Os Pyreneus—O Olympo* ».
- e) de promontorios e cabos. ex.: « *O Ortegal—O Passaro* ».
- f) de mares, ex.: « *O Atlantico—O Mediterraneo* ».
- g) de estreitos, ex.: « *O Bosphoro — O Sund* ».

Exceptuam-se *Gibraltar, Jenikalé* e alguns outros.

- h) de rios, ex.: « *O Amazonas—O Tejo* ».
- i) de obras primas artisticas e litterarias, ex.: « *A Alhambra—A Batalha—O Laocoonte—Os Lusidas* ».
- j) de navios, ex.: « *O Great Eastern—A Bahiana* ».
- k) de homens, quando tomados adjectivamente, ex.: « *Camões é o Virgilio portuguez—Os Alexandres são raros* ».
- 6) muitas vezes aos adjectivos possessivos, ex.: « *A minha casa — Os meus amigos* ».

Nestes casos o ouvido é que decide do emprego ou da omissão do artigo; todavia o uso moderno propende mais para a omissão.

- 7) aos nomes de parentesco e de objectos possuidos em vez dos adjectivos possessivos, isto quando o sentido da phrase é tão claro que não deixa duvida sobre o possuidor, ex.: « *Este menino perdeu a mãe—Rapaz, que é da gravata* » ?
- 8) a *Senhor, Senhora*, etc, quando nos dirigimos a alguém sem accrescentar mais nomes de tratamento, ex.: « *O Senhor quer pão ?—A Senhora vai sahir* » ?

9) aos pronomes possessivos, ex.: « *Este livro é meu; o teu é melhor* ».

392. Omitte-se o artigo definido

- 1) geralmente, antes de todos os substantivos próprios não precedidos de adjuncto attributivo, ex.: « *Minerva plantou a oliveira—Paris em civilização leva de vencida todas as capitães do mundo* »
- 2) particularmente, antes dos nomes próprios de ilhas, cidades e astros, ex.: « *Ceylão é rica e Java é bella—Lisboa é limpa, e Constantinopla é immunda—Jupiter é maior do que Mercurio* ».

Exceptuam-se os nomes próprios de ilhas, cidades e constellações, quando procedentes de substantivos communs, ex.: « *A Madeira por si só vale tanto como os Açores—O Porto é mais rico do que o Havre—Já vi o Cruzeiro do Sul e as Ursas* ».

- 3) antes dos termos principaes de ditos sentenciosos, ex.: « *Pobreza não é villeza* ».
- 4) antes do substantivo capital de uma definição, ex.: « *Biologia é a sciencia da vida* ».
- 5) antes das palavras em apostrophe, ex.: « *Surgi, povos, vinde a juizo!* ».
- 6) nas pbrases exclamativas, ex.: « *Bella criança!—Lindo menino!* ».
- 7) antes dos substantivos que constituem uma enumeração de partes, ex.: « *Tudo quanto appetecemos na vida, glorias, honras, riquezas, não nos satisfaz* ».
- 8) antes dos adjectivos possessivos seguidos de um nome de parentesco, ex.: « *Minha mãe—Meus thios* ».

Quando, porém, se quer distinguir com maior particularisação um parente por meio de uma palavra determinativa ou qualificativa, antepõe-se o artigo, ex.: « *O meu filho Jorge—A minha cunhada solteira* ».

- 9) antes dos nomes de tratamento precedidos de *Senhor*, *Senhora*, etc, quando nos dirigimos ás pessoas a quem os damos, ex.: « *Que diz a isto, Senhor Barão?—Toma café, Senhora Condessa?* ».

Todavia, por uma especie de emphase. emprega-se o artigo quando os nomes de tratamento indicam cargo, dignidade jurisdiccional, relação social, ex.: « *Que diz a isto o nobre Promotor?— Que decidem os Senhores Representantes do povo?—Nunca accusarei o meu amigo...* ». Por vezes usa-se tambem da mesma construcção quando a *Senhor, Senhora* seguem nomes proprios, ex.: « *Que quer o Sr. João Gonçalves?—Veja isto a Sra. D. Thereza* ».

- 10) antes dos pronomes conjunctivos empregados interrogativamente, ex.: « *Que queres?—Que te parece?* ».

« *O que queres?—O que te parece?* » e outras construcções idênticas são incorrectas. Nos escriptores classicos abundam exemplos do uso acertado:

« *Pois de ti, Gallo indigno, QUE direi ?* »

CAMÕES.

« *E QUE vos parece que fazamos ?* »

VIEIRA.

« *O' homem, QUE fizeste?* »

SOUSA CALDAS.

« *QUE havia de fazer?* »

BOCAGE.

« *QUE é o que ouço?* »

FRANCISCO MANUEL.

§ 3.º

Uso do artigo indefinido antes de um só substantivo

393. Para particularisar a significação de modo vago antepõe-se o artigo indefinido.

- 1) aos substantivos appellativos, ás palavras, phrases, membros, clausulas e sentenças substantivadas, ex.: « *Chamei um homem— Ouvi hoje um* » « Por entre as trevas da

noute » *desafinadissimo*—Um « cumpra-se » do rei vale muito ».

2) aos substantivos próprios

a) quando tomados adjectivamente, ex.: « José Estevam foi um Cicero ».

b) quando empregados appellativamente para dar mais força ao discurso, ex.: « Que foi um Afonso de Albuquerque no Oriente? ».

394. Omite-se o artigo indefinido

1) antes dos substantivos, das palavras, phrases, membros, clausulas e sentenças substantivadas, quando em relação predicativa, sem adjuncto attributivo, ex.: « Virgilio foi poeta—Aquelles gritos são vivas ».

Observação n. 1.) Vindo um adjuncto attributivo que modifique o predicado pôde-se exprimir ou não o artigo, ex.: « Virgilio foi um poeta de Roma—Aquelles gritos são uns vivas muito extemporaneos » ou « Virgilio foi poeta de Roma—Aquelles gritos são vivas muito extemporaneos ».

Observação n. 2.) Quando se quer dar intimativa á expressão emprega-se o artigo antes do predicado, embora não seja este acompanhado de adjuncto attributivo, ex.: « Antonio é um saltimbanco—Bayard foi um cavalleiro ».

2) antes de substantivos appostos, ex.: « Lucullo, cidadão romano—Paulo, tyranno da Russia ».

3) antes de muitos substantivos que tomados em sentido geral, servem de complemento a certos verbos com os quaes constituem phrases peculiares da lingua, ex.: « Assignar termo—Fazer face—Pedir perdão ».

4) algumas vezes depois do adverbio de comparação como, e das palavras que lhe são synonymas, ex.: « Como menino—Como paciente ovelha—Qual cervo foge elle ».

5) depois do adverbio tão, ex.: « Tão perfeito estribeiro—Nunca vi tamanha cousa ».

§ 4.º

Uso dos artigos antes de substantivos consecutivos

395. Si o primeiro de dous ou de mais substantivos consecutivos é precedido de artigo, a repetição ou a omissão delle antes

do outro ou dos outros é geralmente facultativa. Exemplo de repetição: « *Que cousa são as honras E AS dignidades sinão fumo?* ». Exemplo de omissão: *De Troia disse Ovidio que onde ella tinha estado já maduravam searas. E o mesmo podemos dizer DAS planicies, valles e montes donde se levantavam ás nuvens aquelles vastissimos corpos de casas, muralhas e torres* ».

396. E' de rigor a repetição

- 1) antes de termos que tenham entre si sentido opposto, ex.: « *O dia e a noute—As obras boas e as más* ».
- 2) antes dos membros de uma gradação, ex.: « *A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessario para o sustento da vida é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio que despoticamente domina sobre todos os que vivem* ».

397. E' de rigor a omissão

- 1) antes de termos synonymos, ex.: « *O fumo, tabaco ou betum é uma planta originaria da America—A mudança e variedade das linguas do Brazil é sem duvida curiosa—Os homens compassivos e bons—As mulheres ajuizadas e prudentes* ».
- 2) antes de termos relativos ao mesmo individuo, ex.: « *O rei da Prussia e imperador da Allemanha—O cunhado e socio de Pedro* ».

III

ADJECTIVO

§ 1.º

Concordancia do adjectivo

398. O adjectivo está sempre em relação attributiva ou em relação predicativa para com um substantivo, ou para com uma palavra qualquer, uma phrase, um membro, uma clausula, uma sentença, tomados substantivamente.

399. Geralmente o adjectivo concorda em genero e numero com o substantivo a que se refere, ex.: « *O homem branco—A mulher branca—Os homens brancos—As mulheres brancas* ».

400. O adjectivo substantivado é do genero masculino, ex.: « *O bello do negocio—O difficil da questão* ».

O adjectivo *pouco*, si está collocado antes de um substantivo feminino, pôde assumir, apezar de estar substantivado, a flexão do feminino, ex.: « *Uma pouca de palha — Uma pouca de agua* ».

401. Concorrendo dous ou mais substantivos do mesmo genero e do numero singular, o adjectivo toma a flexão do genero commum a todos e do numero plural, ex. : « *Improbos eram o ardor e esforço empregados—Validas eram a coragem e a esperança* ».

402. Concorrendo dous ou mais substantivos do singular, de genero e de significações diferentes, o adjectivo toma em geral a flexão do genero masculino e do numero plural, ex.: « *A noute e o dia eram claros* ».

403. Concorrendo dous ou mais substantivos do singular, de genero diferente e de significação semelhante, o adjectivo concorda com o ultimo, ex.: « *O amor e a amizade verdadeira—ou—A amizade e o amor verdadeiro* ».

E' vicioso empregar um substantivo no plural e fazer concordar com elle adjectivos no singular: estas e outras phrases, por exemplo, são incorrectas: « *O primeiro e segundo juizes de paz—A grammatica franceza e a portugueza* ». Deve-se dizer: « *O primeiro juiz de paz e o segundo—A grammatica franceza e a portugueza* ».

Cumpra todavia notar que muitos grammaticos não são desta opinião: Diez (1), por exemplo, auctorisa esta concordancia de adjectivos no singular com um substantivo no plural, que até se dá em Latim. Camões escreveu: « *O quarto e quinto Affonsos* (2) ».

404. Concorrendo dous ou mais substantivos do plural, de genero diferente, o adjectivo concorda com aquelle de que está mais próximo, ex.: « *Seus temores e esperanças eram vãs—Vãos eram seus temores e esperanças* ».

Alguns escriptores fazem o adjectivo assumir sempre a flexão masculina de genero, ex.: « *Vinham vestidos de pennas, com as faces, beiços, narizes e orelhas cheios de grossos pendentos* ».

(1) *Obra citada*, vol. III, pag. 88.

(2) *Lusiadas*, Cant. I, Est. XIII.

405. Concorrendo um ou mais substantivos do plural com outro ou outros do singular e, sendo os de um numero diferentes em genero dos do outro, o adjectivo concorda em genero com aquelle ou aquelles que estiverem no plural, ex. : « *As fazendas e o dinheiro eram muitas* ».

Alguns escriptores fazem o adjectivo assumir sempre neste caso a flexão do masculino plural, ex.:

« Porque essas honras vãs, esse ouro puro
« Verdadeiro valor não dão á gente:
« Melhor ó merecel-*os* sem *os* ter,
« Que possuil-*os* sem *os* merecer ».

CAMÕES.

« De branca seda leva o kharo esposo
« As calças e o jubão de ouro *lavrados* ».

CÔRTE REAL.

Outros fazem o adjectivo concordar somente com o ultimo substantivo, ex.:

« *Era este Lazaraque um tyranno que, com manhas e astucia sua, se veiu a fazer tão grande, que teve poder para deserdar os dous filhos de El-Rei Buçaide de Fez.*

DUARTE NUNES DE LEÃO ».

406. Anteposto a dous ou mais substantivos o adjectivo concorda sómente com o primeiro, ex.: « *Com quanta prudencia, agrado e modestia se defende de todos—Cada um delles trazia seu arco e frechas* ».

407. Nas phrases de tratamento, como *Vossa Senhoria, Sua Alteza, Sua Magestade*, etc, os adjectivos possessivos inseparaveis concordam em genero com o substantivo honorifico, ao passo que os adjectivos descriptivos separaveis assumem o genero da pessoa a quem ou de quem se falla, ex.: « *Vossas Senhorias, Senhores Vereadores, são cordatos e justos—Suas Altezas (os principes) são magnanimos e bons— Sua Magestade (a rainha) é illustradissima* ».

A concordancia em numero é regular.

E' uma das muitas extravagancias do estylo de chancellaria o conservarem-se nas phrases de tratamento as fórmãs do adjectivo

possessivo da segunda pessoa do plural « *vossa, vossas* » quando o genio da lingua portugueza quer que se dirija em terceira pessoa ao individuo ou individuos com quem se falla.

408. Nos adjectivos compostos a concordancia tanto em genero como em numero cabe a ambos os componentes, quando em cada um se manifesta o sentido adjectival, ex. : « *Meninos surdos-mudos—Outras tantas meninas* ».

409. Nos adjectivos compostos a concordancia só cabe ao ultimo componente quando o primeiro ou os primeiros têm um como sentido adverbial, ex. : « *No cerrado das hostes palpitavam gloriosas as bandeiras auri-verdes do Brazil—Os exercitos austro-hungaros—A esquadra anglo-turco-franceza* ».

§ 2.º

Posição do adjectivo

410. Os adjectivos descriptivos antepõem-se ou pospõem-se aos substantivos conforme o genio da lingua, o estylo da composição, e o gosto do escriptor: não se póde estabelecer regras positivas a este respeito. Todavia nota-se

- 1) que alguns adjectivos de poucas syllabas como *bello, bom* são mais commummente antepostos, ex.: « *Um bello homem— Um bom livro* ». Não seria, porém, erro dizer-se « *Um homem bello—um livro bom* ».
- 2) que se antepõem os adjectivos descriptivos aos substantivos proprios, ex.: « *O sublime Goethe—O mystico Dante* ».

Póde-se pospôr o adjectivo descriptivo ao substantivo proprio quando se quer insistir sobre este, ou distinguil-o de seus homonymos, ex.: « *Raphael, o divino—Afonso, o sabio* » : mas neste caso o adjectivo é quasi sempre precedido de artigo.

- 3) que se pospõem aos substantivos os adjectivos descriptivos que exprimem relações externas e estados corporaes, ex.: « *Opinião commum—Mulher doente* ».

E' de rigor a posposição com adjectivos descriptivos derivados de substantivos proprios, ex.: « *A escola allemã—O estylo florentino* ». Todavia em estylo elevado ainda

neste caso pôde-se antepôr os adjectivos, ex.: « *Nada temem brasileiros corações—Luso valor* ».

- 4) que os adjectivos de propriedades materiaes como *côr*, *fôrma*, *gosto*, etc, pospõem-se geralmente, ex. : « *Uma gravata vermelha—Uma mesa redonda—Um vinho doce* ».
Bocage escreveu

« Contam que certa raposa,
« Andando muito esfaimada
« Viu *roxos maduros* cachos
« Pendentes de alta latada ».

- 5) que alguns adjectivos variam de significação conforme são antepostos ou pospostos, ex.: « *Uma pobre viuva; Uma viuva pobre —Um novo livro; Um livro novo* ».

Em geral o adjectivo posposto tem sentido proprio; e o anteposto, figurado.

411. O adjectivo determinativo antepõe-se ao substantivo, ex.: « *Este homem—Aquella mulher* ».

Observação n. 1.) Os adjectivos determinativos numeraes ordinaes

- 1) quando indicam meramente a ordem, são antepostos, ex. : « *O primeiro livro* ».
2) quando indicam uma divisão, são pospostos, ex.: « *O livro primeiro* ».

Observação n. 2.) Quando um adjectivo determinativo numeral cardinal encontra-se com um ordinal, é indifferente collocar-se antes um ou outro, ex.: « *Os primeiros dez livros—Os dez primeiros livros* ».

Observação n. 3.) Os adjectivos determinativos demonstrativos *este*, *esse*, *aquelle* pospõem-se em algumas sentenças exclamativas, ex.: « *Que homem este!—Que pensamento esse!—Que mulher aquella!* ».

Observação n. 4.) Os adjectivos determinativos possessivos *meu*, *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso*, e os indefinidos *algum*, *nenhum*, *qualquer*, *tal*, *tanto*, *todo*, pospõem-se algumas vezes aos seus substantivos, ex.: « *O Mero meu—poder nenhum* ». *Alheio* e *proprio* pospõem-se frequentemente. Cumpre notar que estes dous possessivos e muitos dos indefinidos como *certo*, *mesmo*, *muito*, *pouco*, etc, assumem repetidas vezes o kharacter de verdadeiros adjectivos descriptivos e que, como taes, subordinam-se á regra geral (410).

§ 3.º

Repetição e omissão do adjectivo determinativo antes de um ou de mais substantivos

412. Em geral militam para a repetição ou para a omissão do adjectivo determinativo antes de um só substantivo, ou de substantivos consecutivos, as regras acima exaradas para a repetição ou para a omissão do artigo.

§ 4.º

Adjectivos numeraes

413. Na computação khronologica por seculos emprega-se o adjectivo numeral ordinal anteposto, e o numeral cardinal posposto, ex.: « *No decimo sexto seculo—No seculo dezeseis* ».

414. Na computação dos dias do mez emprega-se o adjectivo numeral cardinal, ex.: « *A dous de Maio* » Ha uma excepção: é o *dia primeiro*; diz-se « *Primeiro de Maio* » e não « *Um de Maio* ».

415. Na enumeração dos reis e personagens celebres do mesmo nome usa-se do numero ordinal até *dez* e do cardinal dahi em diante, ex.: « *Carlos IX—Luiz XVI* » lêem-se « *Carlos nono—Luiz dezeseis* ».

416. Interpõe-se a conjuncção e entre os adjectivos numeraes cardiaes que constituem um cardinal composto, ex.: « *Mil E oitocento—Quinhentos E quarenta E sete* ».

Nos numeros extensos depois do adjectivo *mil* supprime-se a conjuncção; e bem assim depois dos substantivos de numero como *milhão*, *bilhão*, etc, ex.: « *Duzentos MILHÕES TREZENTOS e cincoenta e quatro MIL QUINHENTOS e oitenta e dous* ».

Os numeros entre *cem* e *duzentos* são expressos por *cento* e não por *cem*; assim diz-se « *Cento e um—cento e noventa e nove* » e não « *Cem e um—cem e noventa e nove* ».

§ 5.º

Adjectivos conjunctivos

417. Os adjectivos conjunctivos referem-se sempre a um nome da clausula principal: esse nome chama-se *antecedente*.

O adjectivo conjunctivo *qual* póde admittir depois de si uma repetição do antecedente que, assim repetido, toma o nome de *subsequente*, ex.: « *São perdidos os dias nos quaes DIAS não fazemos algum bem* ».

Esta construcção é quasi desusada, e emprega-se só em casos especialissimos, quando é ella absolutamente indispensavel á clareza do sentido.

O adjectivo conjunctivo *cujo*, equivalente exacto de « *do qual, da qual, dos quaes, das quaes* », por isso que tem significação restrictiva possessiva, quer sempre claro depois de si o substantivo a que restringe, ex.: « *O homem cujo filho aprende comigo—Vi a mulher cujas filhas casaram-se hontem* ».

Ao envez do que succede com « *qual* » o subsequente de *cujo* é sempre um substantivo diverso do antecedente.

O emprego de *cujo* sem antecedente e subsequente immediatos, si bem que classico, é arkhatico, ex.: « *Cujas são estas arvores? —Eu sei cujo é o gado* ».

§ 6.º

Formação dos comparativos e dos superlativos

418. Fórma-se geralmente um comparativo de inferioridade, collocando-se o adjectivo descriptivo entre as particulas *menos* e *que*, ex.: « *Pedro é MENOS rico QUE Antonio* ».

419. Fórma-se geralmente um comparativo de egualdade, collocando-se o adjectivo descriptivo entre as particulas *tão* e *como*, ex.: « *Pedro é TÃO alto COMO José* ».

420. Fórma-se geralmente um comparativo de superioridade, collocando-se o adjectivo descriptivo entre as particulas *mais* e *que*, ex.: « *Antonio é MAIS rico QUE Pedro* ».

421. Fórma-se geralmente um superlativo relativo, collocando-se o adjectivo descriptivo entre o *mais* e *de*, ex.: « *Antonio é o MAIS rico DE todos* ».

422. Fórma-se um superlativo absoluto antepondo-se ao adjectivo descriptivo *muito*, *extremamente*, ou qualquer outro adverbio de quantidade ou de modo, que, indicando exalçamento, não tenha significação relativa, ex.: « *Pedro é MUITO rico—Antonio é EXTREMAMENTE pobre* »-

Observação n. 1) Nos comparativos de inferioridade e de superioridade, em vez de *que* depois do adjectivo descriptivo, quero

uso que se empregue do *que*, ex.: *Pedro é menos alto DO QUE Antonio—Paulo é mais rico DO QUE José* ».

Observação n. 2.) Nos comparativos de igualdade, quando é esta estabelecida entre duas ou mais qualidades do mesmo ou de diversos sujeitos, em vez de *como* póde usar-se de *quão* ou de *quanto*, ex.: « *Pedro é tão rico quão generoso—Antonio é tão altivo quanto cortez—Paulo é tão bravo quanto covarde é Philipe* ».

Observação n. 3.) Em vez de *tão grande* póde-se empregar *tamanho*. Camões (1) escreveu : « Ora vê, Rei, *quamanha* terra andámos », *Quamanho* equivale a *quão grande*: na linguagem hodierna é desusado.

Observação n. 4.) Em virtude do seu sentido já de si absoluto não admitem graus os adjectivos descriptivos *eterno*, *exangue*, *immenso*, *infinito*, *innumero*, *omnipotente* e outros semelhantes.

Observação n. 5.) Vê-se com frequencia darem-se graus a superlativos tomados directamente do Latim. « *Mais pessimo*, *muito uberrimo*, *optimissimo* » ouve-se a cada canto. Vasco Mousinho de Quevedo (2) escreveu: « *A mais suprema parte da torre* ». Si bem que fosse esse o uso dos antigos que até diziam « *mui muito* », taes construcções no estado actual da lingua são erros deploraveis.

Observação n. 6.) Por imitação da syntaxe latina servem muitas vezes os superlativos absolutos de superlativos relativos, ex.: « *O optimo de todos—O prudentissimo dos conselhos* » em vez de « *O melhor de todos—O mais prudente dos conselhos* ».

Observação n. 7.) Os substantivos tomados adjectivamente assumem todos estes graus, ex. : « *Pedro é mais esculptor do que poeta—Eu sou tão homem como tu—Elle é muito meu irmão* ».

§ 7.º

Adjectivos correlativos

423. Adjectivos determinativos ha que em certas clausulas comparativas exigem o emprego de outros da mesma natureza: chamam-se *correlativos*. *Tal* é correlativo de si proprio e de *qual*: *quanto de tanto*, etc, ex. : « *TAL pae, TAL filho—TAL mulher me fosse ella QUAL marido lhe eu sou —TANTAS cabeças QUANTAS sentenças* ».

(1) *Lusiadas*, Cant. VI Est. LXIX

(2) *Affonso Africano*, edição de 1611. pag 216.

IV

PRONOME

§ 1.º

Pronomes substantivos em relação adverbial

424. Os pronomes substantivos em relação adverbial são sempre regidos por uma preposição, ex.: « *A mim—De ti—Por si—Com elle* ».

425. *Migo, tigo, sigo, nosco, vosco* são sempre regidos pela preposição *com*.

§ 2.º

Pronomes substantivos em relação objectiva adverbial

426. Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial equivalem sempre a pronomes substantivos em relação adverbial, servindo de complementos ás preposições *a* e *de*.

Assim

<i>me</i>	equivale a	<i>a mim</i>	ou a	<i>de mim</i>
<i>te</i>	» »	<i>a ti</i>	» »	<i>de ti</i>
<i>se</i>	» »	<i>a si</i>	» »	<i>de si</i>
<i>nos</i>	» »	<i>a nós</i>	» »	<i>de nós</i>
<i>vos</i>	» »	<i>a vós</i>	» »	<i>de vós</i>
<i>se</i>	» »	<i>a si</i>	» »	<i>de si</i> .

427. Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial equivalem algumas vezes aos adjectivos possessivos *meu, teu, seu*, etc, ex.: « *Elle me é pae—Amigas te somos—Não lhe sou tutor* » em vez de « *Elle é pae meu—Amigas tuas somos—Não sou tutor seu* ».

§ 3.º

Posição e influencia dos pronomes substantivos em relação subjectiva, objectiva e objectiva adverbial

428. A collocação dos pronomes sujeitos nas sentenças effectua-se de accordo com os seguintes preceitos:

- 1) No indicativo e no condicional, nas sentenças affirmativas e nas negativas, nos tempos simples e nos compostos, o

pronome sujeito antepõe-se geralmente ao verbo, ex.: « Nós *queremos*—Nós *desejaríamos*—Vós *não sabeis*—Elles *teriam vindo* ».

Todavia, por emphase, para maior intimação no dizer pospõe-se muitas vezes o pronome sujeito, ex.: « *Estavamos* NÓS *em Paris*—*Tinha* ELLE *chegado* ».

Dá-se o mesmo ainda quando o sujeito não é representado por pronome, ex.: « *Brilhava* A LUA *em céu sem nuvens*—*Vinha desfilando* O EXERCITO ».

- 2) Nas sentenças interrogativas pospõe-se o pronome sujeito ao verbo, ex.: « *Queres* TU *vir almoçar comigo?* ».

Cumprе notar que, principalmente no Brazil, vai-se estabelecendo o uso de construir as sentenças interrogativas em ordem direita, deixando-se o seu sentido de pergunta a cargo somente da inflexão da voz, ex.: « TU *queres vir almoçar comigo?* ».

- 3) Com verbos no imperativo o pronome sujeito, si vem claro, pospõe-se, ex.: « *Dize* TU—*Correi* VÓS ».

Observa-se ainda o mesmo nas sentenças negativas em que o imperativo é substituído pelo subjunctivo presente, ex.: « *Não digas* TU—*Não corrais* VÓS ».

- 4) Com verbos no subjunctivo, si é expressa a conjunção de subordinação, o sujeito, quer seja representado por pronome, quer por substantivo, antepõe-se geralmente, ex.: « *Desejo* QUE ELLE *venha* ANTES QUE OS CRIADOS *tenham sahido* ». Si fica occulta a conjunção o sujeito pospõe-se, ex.: « *Oxalá tenha* ELLE *vida!*—*Assim o quisesse* DEUS! ».

- 5) Com verbos no infinito e no participio pospõe-se o sujeito, ex.: « *Fallares* TU *assim é indecoroso*—MORTO PEDRO *ninguém mais reinará* ».

- 6) Com verbos no infinito perfeito o sujeito, pronome ou substantivo, fica geralmente entre o auxiliar e o participio aoristo, ex.: « *Ter* EU *faltado á palavra*—*Terem* OS FRANCEZES *chegado tarde* ».

- 7) Servindo a phrase infinitiva ou participial de complemento a uma preposição (1), antepõe-se geralmente o sujeito, ex.: « *Para* EU *comer*—*Em* PAULO *chegando* ».

429. A collocação dos pronomes objectos nas sentenças effectua-se de accordo com os preceitos seguintes:

- 1) Com verbo no indicativo o pronome objecto
 - a) nos tempos simples, excepto o futuro, antepõe-se ou pospõe-se indifferentemente, ex.: « *Eu* TE *amo* ou *amo-TE* ».
 - b) no futuro antepõe-se, ex.: « *Tu* ME *verás* ».
 - c) nos tempos compostos, excepto o futuro anterior, antepõe-se ou pospõe-se ao auxiliar, ex.: « *Nós* o *temos visto* ou *temol-o visto* ».
 - d) no futuro anterior antepõe-se sempre ao auxiliar, ex.: « *Tu* NOS *terás visto*—*Elle* o *terá querido* ».
 - e) nos tempos simples dos verbos pronominaes, e em todas as pessoas verbaes que têm o accento tonico sobre a ultima ou sobre a penultima syllaba, exceptuado sempre o futuro, antepõe-se ou pospõe-se, comtanto que não resulte equivoco ou collisão de sons, ex.: « *Eu* ME *queixei* ou *queixei-ME*—*Eu* ME *queixo* ou *queixo-ME* ».

Estas construcções « *Vos queixais-VOS*—*Nós queixavamos-NOS* » offendem o ouvido: deve-se dizer « *Vós VOS queixais*—*Nós NOS queixavamos* ».
 - f) nas sentenças negativas geralmente antepõe-se, ex.: « *Elle não* ME *quer* ».
- 2) Com verbos no imperativo o pronome objecto
 - a) em sentenças affirmativas pospõe-se sempre, ex.: « *Mata-ME*—*Julgae-ME* *vós* ».
 - b) em sentenças negativas, em as quaes o imperativo é substituído pelo subjunctivo, antepõe-se, continuando posposto [425, 3)] o pronome sujeito, ex.: « *Não* ME *descubras* TU ».
- 3) Com verbos no condicional, o pronome objecto antepõe-se sempre, ex.: « *Tu* ME *matarias*—*Vós* ME *julgarieis* ».

(1) O participio imperfeito é o unico que, em accepção propria, póde se regido por preposição: a unica preposição que o rege é *em*.

- 4) Com verbos no subjuntivo o pronome objecto antepõe-se sempre, seja a sentença affirmativa, seja negativa, ex.: « *Que elle ME veja—Si nós o soubessemos—Si elles não NOS tivessem avisado—Quando elles não ME tenham visto* ».

Ha a notar que nas sentenças negativas, em todos os modos e tempos, colloca-se o pronome objecto entre a negação e o verbo; todavia, nos tempos do subjuntivo precedidos de *quando, como, si*, etc., encontra-se não raro o pronome objecto antes da negação, ex.: « *Si tu ME não me tivesses dito—Quando eu o não descubra* ».

- 5) Com o verbo no infinito pessoal o pronome objecto antepõe-se ao sujeito, ex.: « *Descobrires-ME tu* ».

Si, porém, a phrase do infinito pessoal é complemento de uma preposição, o sujeito antepõe-se ao pronome objecto, e ambos ao verbo, ex.: « *Para TU ME descobrires—Sem VÓS ME verdes* ». Póde-se também dizer, deixando o sujeito depois do verbo « *Sem o vemos NÓS* ».

- 6) O pronome objecto e a particula apassivadora *se* nunca devem começar a sentença: seria incorrecto dizer « *TE vejo sempre—SE contam cousas horriveis* ». Deve-se dizer « *Vejo-TE sempre—Contam-SE cousas horriveis* ».
- 7) Com verbos no indicativo futuro e no condicional imperfeito, usa-se de uma construcção especial: insere-se por tmese o pronome objecto entre o radical do verbo e a sua terminação, ex.: « *Amar-TE-á—Ver-TE-ia* ».

Si o sujeito do verbo neste casos está claro e é representado por pronome substantivo, melhor será construir « *ELLE TE amará—Elle TE veria* ».

- 8) Nas sentenças negativas, estando o sujeito occulto, o pronome objecto antepõe-se sempre, ex.: « *Não TE espero mais—Não ME fallarias assim—Si o não quizerem* ».
- 9) Com o verbo no infinito pessoal, estando o sujeito occulto, é indifferente antepôr ou pospôr o pronome objecto, ex.: « *Sem o ter ou sem tel-o* ».
- 10) Com dous verbos no infinito colloca-se o pronome objecto antes do primeiro, ou depois do segundo, ou entre ambos, ex.: « *Sem NOS poder ver, ou Sem poder ver-NOS, ou Sem poder NOS vêr* ».

11) Nunca se colloca o pronome objecto depois do participio aoristo de tempo composto: assim, não se diz « *Havendo visto-TE* » mas sim « *Havendo-TE visto* ».

430. Os pronomes substantivos em relação objectiva ou objectiva adverbial que seguem o verbo são considerados enclíticos, e ligados por um hyphen ex.: « *Ama-me—Dei-te um livro* ».

431. Quando, completando a significação de um verbo, vêm dous pronomes substantivos, um em relação objectiva e outro em relação objectiva adverbial, este, que representa o dativo latino, vai em primeiro logar; ambos são considerados enclíticos e presos ao verbo por hyphens, ex. : « *Vendeu-mo (vendeu-me-o)—Tomou-lha (tomou-lhe-a)* ».

432. Vindo, porém, *se* na construcção, é elle que sempre occupa o primeiro logar, embora esteja em simples relação objectiva, ex.: « *Converte-se-me o filho—Imputa-se-me um erro* ».

433. *O, a, os, as*, vindo depois de uma fôrma de verbo terminada em *r, s*, ou *z* fazem com que qualquer dessas modificações se mude em *l*, ex.: « *Amal-o—amamol-o—fil-o* » por « *Amal-o—amamos-o—fiz-o* ».

434. *O, a, os, as*, tambem convertem era *l* o *s* das fôrmas *nos, vos*, ex.: « *Nol-o—Vol-a* » por « *Nos-o—Vos-a* ».

435. *O, a, os, as*, vindo depois de um verbo terminado por voz ou por diphthongo nasal, exigem a intercalação de um *n* euphónico, ex.: « *Tem-no—Dizem-no—Dão-no—Amavam-no* ».

436. *O, a, os, as*, absorvem o *e* das fôrmas *me, te, lhe*, ex.: « *Mo—ta—lhos* » por « *Me-o—te-a—lhe-os* ».

437. *O, a, os, as*, em concurso com *lhes* exigem a queda do *s*, absorvem o *e*, e formam « *Lho-Lha—Lhos—Lhas* (258) ».

438. *Nos, vos*, quando seguem immediatamente as fôrmas verbaes em *mos*, exigem a queda do *s* dessas fôrmas, ex.: « *Amamos—Queremo-vos* » por « *Amamos-nos—Queremos-vos* ».

§ 4.º

Emprego pleonastico de pronomes substantivos

439. Com os verbos *parecer* e *querer-parecer* (composto) empregam-se pleonasticamente e de modo como que anti-grammatical

os pronomes substantivos da primeira pessoa do singular e do plural em relação subjectiva, ex.: « *Eu parece-me que Pedro é rico—Nós quer-nos parecer que não vamos* ».

Este uso, auctorizado pelo fallar do povo e mesmo por escriptores como Garrett, não exige grande somma de attenção para ser entendido: é um jogo de rhetorica instinctiva. A pessoa que falla faz uma reticencia depois do pronome e muda de phrase. Este modo de expressão torna-se clarissimo assim pontuado: « *Eu... parece-me que Pedro é rico—Nós... quer-nos parecer que não vamos* ». Em vez, pois, de ser erro, é uma figura cheia de naturalidade e bellissima.

440. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação objectiva como explanação de um ou de mais substantivos já expressos, ex.: « *A lingua dessa terra não a sabiam—Pinturas e pelejas melhor é vêl-as de longe* ».

441. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial como explanação de adjectivos determinativos possessivos já expressos, ex.: « *Seu pae delle—Sua formosura dellas—Dos santos não me mato em seus louvores (1)* ».

Pelo que se póde illidir dos exemplos classicos este uso só se dá com os pronomes substantivos da terceira pessoa do singular e do plural.

442. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial como explanação de outros pronomes substantivos já expressos em relação objectiva, ex.: « *Eu feri-me a mim—Vós os vistes a elles* ».

443. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial como explanação de pronomes substantivos já expressos em relação objectiva adverbial, ex.: « *Parece-me me a mim—Dei-lhes um livro a elles* ».

444. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação objectiva adverbial como explanação de um ou de mais substantivos já expressos: ex.: « *Ao doente não se lhe ha de fazer a vontade* ».

Estes processos pleonasticos, que contribuem muito para a clareza e elegancia da expressão, encontram-se em varias linguas

(1) SÁ DE MIRANDA, I, 266.

románicas, em Latim bárbaro, em Latim clássico, em Grego moderno, em velho Alto Alemão, em Inglês, em Dinamarquês, em Sueco. Diz-se, por exemplo, em Espanhol: « *Las ramas que lo peso de la nieve las desgaja—A mi hermano le parece* »; em Latim bárbaro: « *Ipsam civitatem restauramus eam* (1) »; em Latim clássico: « *Quem neque fides neque jusjurandum neque illum misericordia repressit* (2) ».

§ 5.º

Uso particular de alguns pronomes demonstrativos

445. Os pronomes adjetivos demonstrativos *este, esse, aquela* prestam-se a uma construção elíptica e comparativa que, revestindo o pensamento de uma forma vaga, dá-lhe grande beleza. Em vez de dizer-se por exemplo, « *Esta coisa que parece ninho—Essas coisas que parecem astros—Aquellas coisas que parecem estrelas* », diz-se: « *Este como ninho—Esses como astros—Aquella como estrelas* ». O pronome toma o género e o número do termo da comparação.

446. O artigo indefinido presta-se também á construção semelhante, e assume então verdadeiro carácter de pronome demonstrativo. A concordância é também com o termo de comparação, ex.: « *Um como ninho—Uma como nuvem* ».

Em Francez existe uma construção analoga a esta, com a diferença, porém, de vir o artigo depois de *comme*, ex.: « *J'aperçuz comme une forêt de mâts de vaisseaux* (3) ».

§ 6.º

Pronomes conjunctivos

447. *Que, quem* referem-se sempre a um nome da cláusula principal. Esse nome chama-se *antecedente*: póde ser masculino ou feminino; do singular ou plural.

448. Nas sentenças interrogativas o pronome *que* admitti depois de si o nome a que se refere, ex.: « *Que homem é este?—Que casas são aquellas?* ».

(1) *España Saqrada*, XL, 365.

(2) TERENTIUS, *Adephi*. Act. III, Se. 2.

(3) FÉNÉLON. *Télémaque*, Livre II.

449. *Quem*, equivalente exacto de *homem que, mulher que, pessoa que, homens que, mulheres que, pessoas que*, por isso que encerra em si o seu antecedente, não póde ter antes ou depois de si nome a que se refira, ex.: « *Conheço quem escreveu o artigo—Vi quem quiz offender-me* ».

Todavia, sendo *quem* governado por uma preposição, póde referir-se a um antecedente que é sempre nome de pessoa, ex.: « *O homem a quem demos o livro—As mulheres de quem comprámos fructas* ».

450. *Cujo, cuja, cujos, cujas* equivalem perfeitamente a *de que, de quem, do qual, da qual, dos quaes, das quaes*, e, por consequencia, só devem ser empregados quando podem ser substituidos por esses equivalentes, ex.: « *O menino cujo mestre sabe ensinar—As meninas cuja mestra é indolente* ».

O pronome *cujo*, tomado em todas as suas flexões do genitivo latino *cujus*, conserva a força plena do caso originario, e só póde ser empregado em phrases restrictivas. O uso de *cujo* como predicado e sem ter antecedente claro, si bem que classico e correcto, é arkaico, ex.: « *Cujo é o gado?—Cujas são estas arvores?* O uso actual de *cujo* é fazel-o servir de sujeito, de objectivo de verbo ou de regimen de preposição, dando-lhe antecedente claro, e fazendo-o seguir immediatamente do nome com que concorda (Vide 417).

§ 7.º

Pronomes indefinidos

451. *Alguem* é equivalente exacto de *alguma pessoa*.

452. *Ninguem* é equivalentente exacto de *nenhuma pessoa*.

453. *Outrem* é equivalente exacto de *outra pessoa* e só se emprega como regimen de preposição.

V

VERBO

§ 1.º

Sujeito

454. Toda a palavra que serve de sujeito a um verbo põe-se em relação subjectiva.

Como em Portuguez não se declinam os substantivos, a applicação desta regra só se torna patente quando o sujeito é um pronome substantivo, ex.: « EU vejo as arvores—TU queres pão ».

Ha a notar as seguintes excepções:

- 1) O pronome, substantivo sujeito de um verbo no infinito dependente de um verbo no finito (1) põe-se em relação objectiva, ex.: « Eu vi-o caminhar ás pressas—Deixa-o ir ».

Esta syntaxe, commum a varias linguas romanicas, é tomada directamente do Latim, em o qual o sujeito do verbo no infinito vai para accusativo. E' erro vulgar no Brazil usar-se em casos taes da relação subjectiva; diz-se, por exemplo, « Vi ELLE caminhar ás pressas—Deixa ELLE ir ».

- 2) Quando o infinito de um verbo transitivo que governa um objecto ou uma phrase equivalente a um objecto, se constróe com os verbos *deixar*, *fazer*, *ouvir*, *ver*, o sujeito desse infinito, si é um pronome substantivo, pôde-se por em relação adverbial, e também em relação objectiva adverbial, ex.: « Deixa AO vento levar maguas—Fiz A muitos verter lagrymas—Ouvi-LHE dizer que não vinha—Veja-ME erguer este peso ».

Todas estas sentenças contêm dous verbos com duas pessoas activas, das quaes uma, em sua qualidade de sujeito, *deixa*, *faz*, *ouve*, *vê*, e outra opera em relação á vontade ou á sensação da primeira. Si por parte da segunda pessoa não ha acção usa-se de qualquer outro torneio de phrase (2).

455. Os pronomes substantivos em relação adverbial nunca podem servir de sujeitos, nem mesmo nas phrases infinitivas que vêm depois de uma preposição. Em taes casos usa-se da relação subjectiva, ex.: « Esta laranja é para EU comer ». No Brazil pecca-se contra este preceito dizendo-se « Para MIM comer, etc. ».

456. O sujeito, mórmente quando pronome substantivo, pôde e até deve ser omitido, sempre que de tal omissão não resultar escuridade do sentido.

457. Não se pôde em geral fazer omissão do sujeito, ainda mesmo sendo elle pronome substantivo,

- 1) nas clausulas oppostas, ex.: « Eu RIO e tu CHORAS—Si tu FICAS eu PARTO ».

(1) Chamam-se *finitos* os quatro modos, indicativo, imperativo, condicional e subjunctivo.

(2) DIEZ, *Obra citada*, vol. III, pag. 122—123.

2) nas sentenças emphaticas e nas intimativas, ex.: « EU SEI que Pedro tem dinheiro—Nós te ORDENAMOS que vas ».

458. Os pronomes adjectivos indefinidos *mais, menos, quanto, tanto*, nunca estão em relação subjectiva e, conseqüentemente, nunca podem servir de sujeitos.

§ 2.º

Predicado

459. A palavra que serve de predicado ao sujeito de um verbo, si é pronome substantivo, assume a relação flexional desse sujeito, isto é, toma a flexão da relação subjectiva, ex.: « *Eu não sou tu—Si tu fosses elle* ».

460. O predicado, quando é representado por um pronome substantivo da terceira pessoa, referente a um ou mais substantivos mencionados na sentença ou na clausula anterior, assume a flexão da relação objectiva, ex.: « *E's tu o rei? Eu o sou—Estarás tu cançado? Não o estou* ».

Sobre a concordancia destes pronomes substantivos da terceira pessoa em relação predicativa, é digna de lêr-se a seguinte elucidação de Brachet (1), elucidação que, substituído *illud* por *hoc*, pôde-se applicar sem restricções ao Portuguez:

« *O*, quando não designa pessoas, mas sim cousas, como nesta « phrase « *A Polonia perecerá, eu o prevejo* », significa *isso*, vem « do Latim *illud* e nos representa quasi o unico resto do genero « neutro que possuímos ainda em Francez. Eis o que nos explica « porque ás perguntas « *Sois vós a mãe deste menino?* » ou « *Sois vós a doente?* » torna-se necessario responder « *Eu a sou* », isto « é, *Eu sou a pessoa de que fallais* »; ao passo que ás perguntas « « *Sois vós mãe?—Estais vos doente?* » a resposta deve ser « *Eu o sou—Eu o estou, ILLUD* », isto é, « *eu sou isso; é assim que eu estou; é o que me tendes perguntado; possuo a qualidade de mãe; estou em estado de doença* ».

461. O predicado quando é representado por um substantivo que não tem flexão de genero, ou que é usado em um unico numero prescinde da concordancia com o sujeito, ex.: « *Nós somos a directoria da sociedade—Albuquerque, tu foste as algemas da Asia* ».

(1) *Obra citada*, pag. 93.

§ 3.º

Objecto

462. Toda a palavra que serve de objecto a um verbo põe-se em relação objectiva.

Como em Portuguez não se declinam os substantivos, a applicação desta regra só se toma patente quando o objecto é representado por um pronome substantivo, ex.: « *Eu O vejo—Queres-ME muito* ».

Pôr em relação subjectiva o pronome substantivo que serve de objecto a um verbo é erro comezinho no Brazil, até mesmo entre os doutos: ouvem-se a cada passo as locuções incorrectas « *Eu vi elle—Espere eu* ».

463. Para evitar ambiguidade de sentido põe-se em relação adverbial o objecto de um verbo, quando esse objecto representa pessoa ou ser vivo em geral, ex.: « *Cesar venceu a Pompeu—A mulher ama ao marido—O caçador matou ao leão* ».

Esta regra, quasi de rigor na lingua hespanhola, não o é tanto em Portuguez: Camões escreveu « *Quando Augusto o capitão venceu—Gente que segue o torpe Mafamede* ».

464. Alguns verbos como *achar, considerar, crer, deixar, dizer, eleger, escolher, fazer, julgar, nomear, saber, tornar, trazer, chamar*, admittem, além do objecto, um attributo d'elle em relação objectiva, o qual póde ser substantivo ou adjectivo, ex.: « *Achei-O Presidente—Elegeram-ME juiz—Julgo-o rico—Tornaram-no louco* ».

465. Com os verbos *conhecer* e *ter* esse attributo do objecto póde ser posto em relação adverbial por meio da preposição *por*, ex.: « *Eu conheço-o por Pedro—Tenho-o por filho* ».

466. O attributo do objecto dos verbos acima mencionados (464—465) presta-se também a ser construído com *como*, ex.: « *Achei-o como Presidente—Conheço-o como Pedro—Tenho-o como filho* ».

Estas tres ultimas construcções (464—465—466) também têm logar, estando o verbo na voz passiva, ex.: « *Fui eleito juiz—Elle é conhecido por Pedro—Sou tido como filho* ».

Todavia a construcção de verbos como *conhecer* e *ter* (465) em voz passiva com a preposição *por* dá logar a uma ambiguidade de sentido que seria conveniente evitar.

§ 4.º

Significação transitiva e significação intransitiva

467. Os verbos transitivos, si são tomados em sentido geral, dispensam o objecto, e tornam-se intransitivos, ex.: « *Este crítico louva muito—Antonio come pouco—Pedro não estuda* ».

468. Muitos verbos transitivos assumem significação intransitiva, e a palavra que representa o objecto põe-se então em relação adverbial por meio de uma preposição. Taes são entre muitos outros verbos *consentir, crer, dominar, emular, encontrar, esperar, gosar, guerrear, habitar, equalar*. Diz-se igualmente « *Consinto isso ou nisso—Creio o que dizes ou no que dizes—Pedro emula-me ou emula comigo—Habitar a terra ou na terra* ».

469. Muitos verbos intransitivos assumem significação transitiva, isto é, a actividade de muitos verbos, restringida originariamente ao sujeito, pôde ser dirigida para um objecto externo. Pertencem principalmente a esta classe os verbos que têm sua causa nesse objecto externo, taes como *escarnecer, gritar, anhelar, trabalhar, chorar*, e até o verbo *calar* que é de todo destituído de actividade. Tambem filiam-se nesta classe os verbos que significam locomoção como *andar, subir, correr, dansar, saltar, passear, navegar*. Na construcção destes ultimos o logar em que se produz a actividade toma ares de ser o objecto della. Diz-se por exemplo « *Escarnecer o amor—Gritar o cão—Anhelar o enlace—Chorar amigos mortos—Calar motivos—Andar terras extranhas—Subir morros—Correr valles—Saltar fossos—Passear cidades—Navegar mares* ».

470. Muitos verbos intransitivos assumem significação transitiva, quando têm sentido ficticio, isto é, quando o sujeito suscita no objecto a actividade expressa pelo verbo, sendo que essa actividade pertence ao objecto, limitando-se o sujeito a provocar apenas a manifestação della. Taes verbos são, entre outros muitos, *cessar, correr, crescer, demorar, descer, desesperar, entrar, levantar, montar, parar, passar, resurgir, resuscitar, subir, tocar, tombar, chegar*, ex. : « *Cessamos o fogo—As ruas corriam sangue—Cresci-lhe o ordenado—Entramos estacas na terra—O general montou toda a infantaria* ». A construcção ordinaria destes exemplos seria « *Fizemos cessar o fogo—Fiz-lhe crescer o ordenado, etc.* ».

471. O participio aoristo do verbo *morrer* póde ser empregado com significação transitiva, ex.: « *O leão tem morto muitos carneiros* ».

472. Muitos verbos intransitivos para animar ou reforçar a expressão se fazem acompanhar de um substantivo do mesmo radical em relação objectiva: esse substantivo pleonastico apparece raras vezes só na sentença; de ordinario é acompanhado de um attributo que lhe determina a significação. Taes são entre muitos outros, *brincar, caminhar, cavalgar, contar, ferir, morrer, sonhar, suar, vestir, viver*. Diz-se « *Brincar maus brinquedos—Caminhar longo caminho—Cavalgar bons cavallos—Contar contos incriveis—Ferir largas feridas—Morrer morte affrontosa, etc.* ».

Ha exemplos deste uso com substantivos não identicos, mas apenas analogos em significação, ex.: « *Dormir somnos—Ferir golpes—Ir caminho—Temer medos—Chorar lagrymas* ».

473. Os verbos intransitivos *dormir e viver* assumem significação transitiva, tomando por objecto o substantivo que representa o tempo durante o qual se dormiu, viveu, ex.: « *Dormi duas horas—Viverei muitos annos* ».

Alguns grammaticos querem que haja nestas sentenças ellipses de por: « *Dormi POR duas horas—Viverei POR muitos annos* ».

474. O verbo intransitivo *passar* presta-se a identico uso, e toma por objecto substantivos de tempo, de logar e mesmo de circumstancias, ex.: « *Passamos dias felizes—Passamos a ponte—Passámos frios—Passámos fomes* ».

475. Os verbos intransitivos *custar, valer*, quando seguidos de substantivos que representam o custo, o valor, assumem significação transitiva, tomando por objectos esses mesmos substantivos de custo, de valor, modificados ou não por adjunctos attributivos, ex.: « *Esta espingarda custou 30 libras—Este litro vale vinte mil réis—Esta posição custou trabalho—Essa lição vale ouro* ».

§ 5.º

Voz activa e voz passiva

476. Os verbos intransitivos não se empregam na voz passiva. Todavia, os verbos intransitivos, tornados transitivos em

virtude das regras do paragrapho antecedente, são susceptíveis de construcções em voz passiva, ex.: « *As noutes mal dormidas—Os golpes feridos—A ponte passada* ».

477. Quando o verbo transitivo ou intransitivo, tomado transitivamente, está na voz passiva o agente é representado por um substantivo posto em relação adverbial por meio da preposição *por*, ex.: « *O veado foi dilacerado pelo leão—As lagrymas choradas por Antonio* ».

Com alguns verbos emprega-se, *de* em lugar de *por*, ex.: « *Acompanhado DE muitos amigos—Tomado DE medo* ».

O caso agente do verbo passivo era representado em Latim por ablativo regido de *a* ou *ab*, por accusativo regido de *per*, e por dativo: destas tres construcções só passou para o Portuguez a do accusativo regido de *per*, preposição que se conservou inalterada até o seculo XVI, e que dahi em diante foi-se pouco a pouco convertendo em *por*, unica actualmente em uso (1) (Vide 555—556).

478. O Portuguez não tem fórmula especial para a voz passiva: supre-se esta falta com tempos do verbo *ser* e participios aoristos, da maneira indicada na tabella n.9.

479. Nas phrases de sentido geral, quando não é necessario pôr claro o agente, apassivam-se verbos nas terceiras pessoas do singular e do plural por meio do pronome *se*, considerado então como MERA PARTICULA APASSIVADORA, ex.: « *Queima-se o campo—Concertam-se relogios* ».

Grande debate tem suscitado esta particula *se* entre os grammaticos portuguezes: a ultima palavra sobre a questão foi dita pelo eminente linguista, sr. Aldolpho Coelho (2), que, estribado nas doudas investigações dos mestres allemães, elucidou-a cabalmente, filiando este processo portuguez de conjugação no puro processo latino.

Cumpre todavia notar que por meio de *se* só se apassivam verbos cuja acção não possa neste caso ser exercida pelo sujeito. E a razão é que, podendo o sujeito exercer a acção, dar-se-ia ambiguidade de sentido: com efeito « *O homem feriu-se* » não é o mesmo que « *O homem foi ferido* », porque o homem poderia

(1) *Per*, a não ser como prefixo, só se conserva na locução adverbial « *de per si* ».

(2) *Theoria da conjugação em Latim e Portuguez*, pag. 48—56.

ter-se ferido a si proprio. Em « *Concertam-se relógios* » não se dá ambiguidade; tal phrase equivale exactamente a « *Relógios são concertados* », porquanto relógios não podem concertar-se a si proprios.

480. O infinito dos verbos transitivos póde em certos casos exprimir um sentido absolutamente passivo, de modo que a palavra que representa o agente desse infinito póde ser posta em relação adverbial por meio da preposição *por*. Isto tem logar:

- 1) com o infinito simples depois dos verbos *deixar, fazer, ouvir, ver*, ex.: « *Deixei comer o toucinho pelo gato—Fizemol-os carregar pela cavallaria—Ouvi-o louvar por todos—Vi-o derribar por Pedro* ».
- 2) com o infinito acompanhado de preposição
 - a) depois dos verbos *estar, ser, levar, trazer*, ex.: « *A carta está por escrever—E' para admirar que elle não queira ir—Leva pão para comer—Traze agua para beber* ».
 - b) quando depende de adjectivos descriptivos que indicam aptidão em maior ou em menor grau, taes como *agradavel, bello, bom, digno, difficil, duro, facil, mau, ruim*, etc., ex.: « *Cousa agradavel de ver—Peixe bom para comer—Osso duro de roer—Massa facil de corromper* ».

§ 6.º

Modos

1

Indicativo e Subjunctivo

481. O indicativo mostra que é *real* a relação entre duas idéias: o subjunctivo apresenta essa relação como *hypothetica*. Assim, o verbo da clausula subordinada se põe no indicativo quando o verbo da clausula principal (370) exprime alguma causa de positivo, de affirmativo; e põe-se no subjunctivo quando o verbo

da clausula principal exprime alguma cousa de indeciso, de duvidoso.

Deste principio decorrem as seguintes regras:

1.^a

- 1) o verbo da clausula subordinada põe-se no indicativo quando o verbo da clausula principal exprime modo de pensar, crença, apparencia, affirmação, etc, ex.: « *PENSO que vós sereis nomeados hoje—CREIO que tres e dous são cinco—PARECE que ella vive bem—ASSEGURO-te que perderemos dinheiro* ».
- 2) o verbo da clausula subordinada põe-se no subjunctivo quando o verbo da clausula principal exprime surpresa, admiração, vontade, desejo, consentimento, prohibição, negação, duvida, receio, apprehensão, ordem, etc, ex.: « *ADMIRA-me que estejas rico—QUERO que vas—PROHIBO-te que lhe falles—NEGO que ella seja pobre* ».

2.^a

O verbo da clausula subordinada põe-se no subjunctivo quando o verbo da clausula principal é verbo impessoal ou impessoalmente tomado, ex.: « *CONVEM que estejas aqui hoje—IMPORTA que não falteis hoje á lição—E' IMPOSSIVEL que vejas agora a lua—BASTA que endosse elle a letra* ».

Exceptuam-se *acontecer, resultar, seguir-se* e os verbos em cuja composição entra palavra que exprime idéia positiva como *é evidente, é certo, é verdade*, e o verbo *ser* tomado impessoalmente, ex.: « *ACONTECE que o rei TEM de passar aqui hoje—E' VERDADE que lhes NEGAMOS soccorros—E' que elles não QUEREM* ».

3.^a

Quando a clausula subordinada está ligada á clausula principal por um dos pronomes conjunctivos *que, qual, cujo*, tem-se de examinar si a clausula subordinada exprime

cousa positiva ou cousa incerta: no primeiro caso usa-se do indicativo; no segundo do subjunctivo, ex.:

<i>Quero a casa que me</i> AGRADA.	<i>Quero casa que me</i> AGRADE.
<i>Hei de ir para um</i> <i>retiro onde</i> HEI DE ESTAR SOCEGADO.	<i>Hei de ir para um retiro</i> <i>onde</i> ESTEJA SOCEGADO.
<i>Vou dizer-te cousas que</i> te HÃO DE DIVERTIR.	<i>Vou, dizer-te cousas que</i> te DIVIRTAM.
<i>Mostra-me o caminho</i> <i>que</i> VAI dar no rio.	<i>Mostra-me um caminho</i> <i>que</i> VÁ dar no rio.
<i>Enviaram deputados</i> <i>que</i> EXPRESSAM a vontade do povo.	<i>Enviaram deputados que</i> EXPRESSEM a vontade do povo.
<i>Vou plantar alli</i> <i>arvores cuja sombra</i> É <i>espessa.</i>	<i>Vou plantar alli arvores</i> <i>cuja sombra</i> SEJA espessa.

Põe-se no indicativo o verbo da clausula subordinada que começa pelo pronome conjunctivo *que*

- 1) quando *que* tem por antecedente um substantivo modificado por um superlativo relativo, ex.: « *A doutrina da evolução é o maior presente que a sciencia TEM FEITO á humanidade* ».
- 2) quando *que* tem por antecedente um substantivo acompanhado ou representado pelos adjectivos ordinaes *primeiro, segundo, ultimo*, etc., ex.: « *Este leão é o primeiro que MATO—Esta pedra estriada é a segunda que VEJO—E' esta a ultima arvore que PLANTO* ».
- 3) quando o verbo da clausula subordinada não póde ser substituido por construcção do infinito sem que o sentido fique alterado, ex.: « *Vi o pintor que FEZ estes frescos—Conheço o advogado que LAVROU este protesto* ».

Põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada que começa pelo pronome conjunctivo *que* quando o verbo da clausula subordinada póde, com leve troca de palavras, ser substituido por construcção do infinito sem que o sentido fique alterado, ex.: « *Tive gente que POSSE por mim—Acharei artista que me DÊ conta deste trabalho* ».

Quem, sendo, como é, equivalente de *homem que*, etc., (449) subordina-se às disposições desta regra 3.^a, ex.: « *Vi quem FEZ estes frescos—Conheço quem, LAVROU o protesto—Tive quem FOSSE por mim—Acharei quem, me DÊ conta desse trabalho* ».

4.^a

Depois da conjunção *si* põe-se no indicativo o verbo da clausula subordinada

- 1) quando a clausula subordinada exprime uma coisa positiva, actual, ex.: « *Eu, SI VOU ao teatro, é porque gosto de representações dramaticas—Eu sei SI SOU pobre ou não* ».
- 2) quando a clausula subordinada exprime uma coisa futura, cuja realisação tem de ser determinada por motivo extranho á vontade da pessoa que falla, ex.: « *Não sei SI PODEREMOS ir hoje ao teatro—Só em vista da, fazenda é que decidiremos SI FICAMOS com ella ou, não* ».

Depois da conjunção *si* põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada

- 1) quando é condicional a sentença, ex.: « *SI Pedro FOSSE eu iria—SI João FÔR eu não irei*.

Por uso da lingua as sentenças condicionaes do futuro têm ás vezes no presente do indicativo os verbos tanto da clausula principal como da subordinada ex.: « *SI João VAI eu não VOU* ».

- 2) quando a clausula subordinada exprime uma coisa duvidosa, futura, cuja realisação tem de ser determinada pela vontade da pessoa que falla, ex.: « *Não sei SI VÁ hoje ao teatro—Estou em duvida SI ENDOSSE ou não esta letra* ».

5.^a

Depois das conjunções *embora* e *quer* põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada, ex.: « *EMBORA SEJA pobre, Pedro ha de obter o que deseja—QUER Paula VENHA, quer não, Sancho irá* ».

6.^a

Depois das conjunções *porque*, *como* põe-se o verbo da clausula subordinada já no indicativo, já no subjunctivo, ex.: « *Não sei PORQUE ARRISCA* (ou ARRISQUE) *elle tamanhos capitães—Eu COMO ENTENDI* (ou COMO ENTENDESSE) *o que elles estavam dizendo...*

7.^a

Depois das locuções conjunctivas *ainda que*, *antes que*, *caso*, *comquanto*, *comtanto que*, *para que*, *por mais... que*, *sem que*, *si bem que*, etc., põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada, ex.: « AINDA QUE *eu seja rico não farei despesas loucas—ANTES QUE cases olha o que fazes* ».

8.^a

Nas sentenças de sentido concessivo, desiderativo, imprecativo e comminativo, põe-se no subjunctivo o verbo da clausula principal, ex.: « DIAGNOSTIQUE *quem puder*, CURE *quem quizer—DÊ-me Deus vida e saude—PARTA-me um raio—DIGA-me elle isso* (1) ».

A generalidade dos grammaticos, não admittindo clausula principal sem verbo no indicativo, explicam estas construcções por meio de ellipses (2). E' uma doutrina metaphysica que a sciencia já não acceta hoje: as theorias deduzem-se dos factos, e não os factos das theorias.

(1) Não é pretensão do auctor que estas regras abranjam todos os casos possiveis do uso do subjunctivo. Este uso nas linguas aryanas, mórmente nas indicas, hellenicis e italicis, é um verdadeiro Proteu: quando o grammatico julga tel-o sob si vencido, atado, captivo, eil-o que se escapa fremente, livre, indomavel. O uso do subjunctivo é uma cousa instinctiva, como que o producto de uma facultade criada no individuo pelo meio linguistico que o rodeia desde a infancia. Entre nós ouvem-se a escravos e a *caipiras* analphabets formulas complicadas e correctissimas do subjunctivo portuguez, ao passo que estrangeiros litteratos, versados em grammatica e philologia, após longos annos de residencia no paiz, naufragam quase sempre quando as têm de empregar.

(2) GIRALD DUVIVIER, *Obra citada*, pag. 689—690.

2

Imperativo

482. O imperativo só tem duas fórmãs em Portuguez: uma para a segunda pessoa do singular; outra para a segunda do plural.

A não ser em estylo solemne ou em estylo familiar dá-se em Portuguez ás segundas pessoas o tratamento de terceiras.

Não tendo o imperativo fórmãs para as terceiras pessoas, suppre-se a deficiencia com as terceiras pessoas do presente do subjunctivo, ex.: « *Vá, meu amigo—Fiquem, senhores* ».

483. Nas sentenças de negação, em vez do imperativo usa-se do subjunctivo, ex.: « *Não faças a outrem o que não quizeras que te fizessem a ti* ».

Contra esta regra peccou o douto lexicographo Portuguez, F.S. Constancio, que, na « *Introducção Grammatical* » do seu *Diccionario* (1), escreveu « *Não faze a outrem, etc.* ».

Em Hespanhol é identica a construcção: « *No firmes carta que no leas, ni bebas agua que no veas* ». Em Italiano substitue-se o imperativo pelo infinito presente: « *Non ti scordar di me* ». Em Francez emprega-se só o imperativo: « *Ne faites pas des folies* ». Em Latim usa-se quasi indifferentemente do imperativo ou do subjunctivo presente: « *Ne concupisce ou ne concupiscas* ».

3

Condicional

484. O condicional representa a relação entre duas idéias como dependente de uma condição. Seu emprego não oferece difficuldades.

§ 7.º

Fórmãs nominaes do verbo

1

Infinito

485. O infinito portuguez tem a particularidade de poder flexionar-se, e divide-se, conseguintemente, em *infinito pessoal* e *infinito impessoal*.

(1) Pag. XXI.

Esta particularidade da flexão do infinito, notada já nos mais antigos documentos da língua portuguesa, encontra-se também no dialecto gallego, ex.: « *Para sairem e entrarem* » (1). Nenhuma outra língua a possui. Gil Vicente commetteu o erro de escrever em Hespanhol « *Teneis gran razon de LLORARDES cuesto mal* » (2). Alguns poetas do *Cancioneiro Geral* (3) cahiram no mesmo engano. Camões que muito escreveu em Hespanhol foi sempre correcto.

486. Emprega-se o infinito pessoal

- 1) quando a clausula do infinito póde eximir-se da dependencia em que está para com o verbo principal, isto é, quando póde ser substituida por outra do indicativo ou do subjunctivo.
- 2) depois de verbos no imperativo, ex.: « *Dize-lhes terem chegado hoje os navios* (4) ».
- 3) por vezes arbitrariamente nos escriptos antigos, ex.: « *De morrermos desejando* (5)—*Nam curees de mays chorardes* (6) ». E também o contrario « *Não cures de te queixar* (7) ».

Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou no impessoal é indifferente que elle tenha ou não sujeito proprio.

Exemplos em que o sujeito do infinito pertence só a elle:

- 1) *E' tempo de partires* (isto é, *de que partas*).
- 2) *Deus te desembarace o juizo para que te emendes* (isto é, *para que te emendes*).
- 3) *Basta sermos dominantes* (isto é, *que sejamos*).
- 4) *Não me espanto de fallardes tão ousadamente* (isto é, *de que falleis*).
- 5) *Viu nascerem duas fontes* (isto é, *que nasciam*).

Exemplos em que o sujeito do infinito também o é do verbo de que elle depende

- 1) *Não tens vergonha de ganhares a tua vida tão torpemente* (isto é, *de que ganhes*).
- 2) *Todos estão alegres por terem paz* (isto é, *porque têm*).

(1) *España Sagrada*, XLI, 351, carta de 1207.

(2) GIL VICENTE, II, 71.

(3) GESSNER, *Das Altteonesische*, pag. 26.

(4) Esta construcção não é usual: seria preferivel dizer « *Dize-lhes que chegaram hoje os navios* ».

(5) *Cancioneiro Geral*, I, 293.

(6) *Ibidem*, I, 289.

(7) BERNARDIM RIBEIRO, *Obras*, Lisboa, 1852, pag. 309.

- 3) *Não o podeis levar sem me matardes* (isto é, *sem que me mateis*).
- 4) *Folgarás de veres a policia* (isto é, *de que vejas*).
- 5) *Verdade sem trabalhares e padeceres não a verás tu jamais* (isto é, *sem que trabalhes e padeças*).

487. Emprega-se o infinito impessoal

- 1) quando o verbo no infinito não póde eximir-se da dependencia em que está para com o verbo principal. Acontece isto especialmente com os verbos que exprimem virtualidades, volições do espirito, taes como *poder, saber, desejar, intentar, pretender, querer*, etc., ex.: « *Não podemos emprestar dinheiro—Sabeis fazer as cousas—Desejamos partir cedo—Intentais comprar casas—Os mouros pretendem levar-nos de vencida* ».
- 2) quando com tal emprego não se prejudica a clareza do sentido, muito embora possa a clausula ser tambem construida com infinito pessoal, ex.: « *Napoleão via seus batalhões CAHIR feridos* ».

Esta é a doutrina de F. Diez (1), deduzida dos factos, positiva, simples, satisfactoria. As regras cerebrinas que na differença de sujeitos baseiam Soares Barbosa, Sotero e cem outros, só servem para gerar incerteza no espirito de quem estuda. Segundo taes regras os escriptos de Camões, de Frei Luiz de Souza, de Vieira, de Herculano, estão inçados de erros !!!

O infinito, quando não é empregado como substantivo appoia-se sempre sobre outra palavra. O infinito independente só se tolera no discurso apaixonado, nas phrases exclamativas, ex.: « *Mentir eu?!—Morreremos nós?!—Padeecer assim varão de taes virtudes!* ».

2

Participios

488. O participio presente usado hoje exclusivamente como adjectivo [307, VI,1)] não admite flexão de genero, e só concorda em numero com o substantivo a que se refere, quer como adjuncto attributivo, quer como predicado, ex.: « *Homem amante, mulher amante, homens amantes, mulheres amantes—Este estylo é*

(1) *Obra citada*, vol. III, pag. 202—203.

brilhante, esta pedra é brilhante, estes estylos são brilhantes, estas pedras são brilhantes ».

489. O participio imperfeito, substituto em Portuguez do participio presente latino, para formar clausulas participaes, serve de adjectivo accional, e funciona tambem como elemento de formação do verbo frequentativo [167, 7)]. E' sempre invariavel. Precedido de *em* o participio imperfeito indica um facto que vai ser seguido immediatamente de outro, ex.: « *Eu, em recebendo o dinheiro, pago-lhes* ».

490. O participio perfeito empregado sómente em clausulas participaes é sempre invariavel.

491. O participio aoristo é empregado como adjectivo quando elemento de formação de tempos compostos, e serve para formar clausulas participaes; empregado como adjectivo, isto é, como mero adjuncto attributivo, concorda em genero e numero com o substantivo a que se refere, ex.: « *Homem amado, mulher amada; homens amados, mulheres amadas* ».

Empregado como elemento de formação de tempos compostos é invariavel, ex.: *Tenho comprado cavallos—Tenho visto mulheres* ».

Empregado como elemento de formação de tempos compostos da voz passiva concorda em genero e numero com o sujeito, ex.: « *O homem é amado—As mulheres são vendidas* » (Vide Tabella n. 9).

A concordancia ou não concordancia deste participio auxiliar com o objecto do verbo é uma das grandes dificuldades da lingua franceza; o Italiano e o Hespanhol movem se mais livremente; o Portuguez emancipou-se de uma vez, e tornou invariavel o participio. Todavia, os antigos classicos o faziam concordar, ex.: « *Votos que em adversidades e doencas tinha FEITOS para remissão de quantas culpas tinham COMMETTIDAS* (1)—*Porque sempre o achara bom servidor e leal e muito ditoso nos serviços que lhe tinha FEITOS* (2). Ainda em Camões lê-se « *E do Jordão a areia tinha VISTA* (3) ».

Nas phrases « *Ter occupados os sentidos—Ter casadas as filhas* » o participio concorda porque não está como elemento de tempo composto, mas sim como mero adjuncto attributivo.

(1) FERNÃO MENDES PINTO; *Peregrinação*, Lisboa, 1829, Tomo II, pag. 347.

(2) FERNÃO LOPES, *Historia da Índia*, Tomo I, cap. 1.º

(3) *Lusíadas*, Canto III, Est. 27.

492. O participio imperfeito e o aoristo, quando não são empregados como adjunctos attributivos, nem como elementos de formação nos tempos compostos da voz activa e da passiva, e nos verbos frequentativos formam clausulas participaes absolutas, equivalentes de outras do modo indicativo e do subjunctivo. Taes clausulas participaes, bem como as que se formam com o participio aoristo, correspondem exactamente aos ablativos absolutos latinos.

§ 8.º

Substituição dos tempos dos verbos uns pelos outros

493. Os tempos dos verbos determinam a actualidade, ou os diferentes graus de anterioridade ou posterioridade, com que se relacionam duas idéias (208).

494. Para dar mais viveza e colorido á narrativa emprega-se frequentemente o presente do indicativo

- 1) em logar do aoristo do indicativo, ex.: « *Ao amanhecer de 11 de Junho a esquadra ACCENDE as fornalhas, LEVANTA ferros, SOBE o rio, e, por sob avalanchas de balas, por entre balcões de fumo, heroica, temeraria, PASSA Humaytá e ANCÓRA além, atirando aos ares as notas guerreiras do hymno nacional* ».
- 2) em logar do futuro do indicativo, ex.: « *Amanhã É domingo—Nós VAMOS na semana que vem* ».
- 3) em logar do imperfeito do subjunctivo, ex.: « *Si SEI, não lhe tinha dado o dinheiro* ».
- 4) em logar do futuro do subjunctivo, ex.: « *Si AVANÇAS, morres* ».

495. Por uso popular emprega-se o imperfeito do indicativo em vez do imperfeito do condicional, ex.: « *Eu não as VIA si m'as não tivesses mostrado—Vossas excellencias PODIAM ficar para jantar hoje comnosco* ».

496. Por um arrojio de linguagem emprega-se ás vezes o aoristo do indicativo em vez do futuro, ex.:

- « —*Onde está o passaro?*
—*Alli, naquelle galho torto. Vê?*
—*Vejo. Vou atirar-lhe, e já MORREU* ».

497. Nas sentenças dubitativas emprega-se algumas vezes

- 1) o futuro do indicativo em vez do presente, ex.: « *Quantos não ESTARÃO hoje sem um tecto!* ».
- 2) o futuro anterior do indicativo em vez do perfeito do indicativo, ex.: « *Quantos não terão já feito aquilo mesmo que hoje tão acicamente reprovam?* ».

498. As fórmãs em *ra* do plusquam perfeito do indicativo, do imperfeito e perfeito do condicional, e do imperfeito e plusquam perfeito do subjunctivo eram muitissimo usadas pelos classicos: hoje as outras fórmãs são geralmente preferidas.

§ 9º

Correspondencia dos tempos dos verbos entre si

499. A correspondencia dos tempos dos verbos entre si effectua-se da maneira seguinte:

- 1) Ao presente do indicativo correspondem
 - a) todos os tempos do indicativo, ex.:

« Digo { que fazes bem,
que fazias bem,
que tens feito,
que fizeste bem,
que tinhas feito bem,
que farás bem,
que terás feito bem ».

- b) os dous tempos do condicional, ex.:

« Digo { que farias bem,
que terias feito bem ».

- c) o presente, o perfeito e o plusquam perfeito do subjunctivo, ex.:

« Estimo { que venhas,
que tenhas vindo,
que tivesses vindo ».

- d) os dous tempos do infinito pessoal, ex.:

« Creio { chegarem elles hoje,
terem elles chegado hontem ».

2) Ao imperfeito do indicativo correspondem

a) o imperfeito e o plusquam perfeito do indicativo, ex.:

« Dizia { que fazia bem,
que tinhas feito bem ».

b) os dous tempos do condicional, ex.:

« Eu julgava { que virias,
que terias vindo ».

c) o imperfeito e o plusquam perfeito do subjunctivo, ex.:

« Eu julgava { que viesses,
que tivesses vindo ».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex.:

« Eu sabia { terem elles dinheiro,
tem elles tido dinheiro ».

Estas duas fórmulas bem como outras analogas são pouco usadas.

3) Ao perfeito do indicativo correspondem

a) todos os tempos do indicativo, ex.:

« Tenho dito { que tu és rico,
que tu eras rico,
que tu tens sido rico,
que tu foste rico,
que tu tinhas sido rico,
que tu serás rico,
que tu terás sido rico ».

b) os dous tempos do condicional, ex.:

« Tenho dito { que tu farias bem,
que tu terias feito bem ».

c) o presente, o perfeito e o plusquam perfeito do subjunctivo, ex.:

Tenho estimado { que tu venhas,
que tu tenhas vindo,
que tu tivesses vindo ».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex.:

« Tenho dito { ser elle rico,
ter sido elle rico ».

4) Ao aoristo do indicativo correspondem

a) todos os tempos do indicativo, ex.:

« Eu disse { que tu és rico,
que tu eras rico,
que tu tens sido rico,
que tu foste rico,
que tu tinhas sido rico,
que tu serás rico,
que tu terás sido rico ».

b) os dous tempos do condicional, ex.:

« Eu disse { que tu irias,
que tu terias ido ».

c) o imperfeito e o plusquam perfeito do subjunctivo, ex.:

« Julguei { que tu viesses,
que tu tivesses vindo ».

d) os dous tempos do infinito, ex.:

« Julguei { estar elle aqui,
ter elle estado aqui ».

5) Ao plusquam perfeito do indicativo correspondem

a) o imperfeito e o plusquam perfeito do indicativo, ex.:

« Eu tinha dito { que o amava,
que o tinha amado ».

b) os dous tempos do condicional, ex.:

« Eu tinha dito { que tu virias,
que tu terias vindo ».

c) o imperfeito e o plusquam perfeito do subjunctivo, ex.:

« Eu tinha desejado { que elles viessem,
que elles tivessem vindo ».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex.:

« Eu tinha { virem elles armados,
estimado { terem elles vindo armados ».

6) Ao futuro do indicativo correspondem

a) todos os tempos do indicativo, ex.:

« Direi { que tu vens,
que tu vinhas,
que tu tens vindo,
que tu vieste,
que tu tinhas vindo,
que tu virás,
que tu terás vindo ».

b) os dous tempos do condicional, ex.:

« Direi { que tu irias,
que tu terias ido ».

c) o presente, o perfeito, o futuro e o futuro anterior do subjunctivo, ex.:

« Direi { que venhas,
quando tenhas vindo,
quando vieres,
quando tiveres vindo ».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex.:

« Estimarei { vires tu,
teres tu vindo ».

7) Ao futuro anterior do indicativo correspondem

a) todos os tempos do indicativo, ex.:

« Eu terei dito { que tu vens,
que tu vinhas,
que tu tens vindo,
que tu vieste,
que tu tinhas vindo,
que tu virás,
que tu terás vindo ».

b) os dous tempos do condicional, ex.:

« Eu terei dito { que tu virias,
que tu terias vindo ».

c) o presente, o perfeito, o futuro e o futuro anterior do subjuntivo, ex.:

« Pouco se terá perdido { quando tu venhas,
quando tu tenhas vindo,
quando tu vieres,
quando tu tiveres vindo ».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex.:

« Ter-se-á dito { vires tu armado,
teres tu vindo armado ».

8) A' excepção do perfeito e do plusquam perfeito do subjuntivo, ao presente do imperativo correspondem todos os tempos que correspondem ao presente do indicativo, e correspondem mais o futuro e o futuro anterior do subjuntivo, ex.:

« Dize { que eu venho,
que eu vinha,
que eu tenho vindo,
que eu vim,
que eu tinha vindo,
que eu virei,
que eu terei vindo,
que eu viria,
que eu teria vindo,
quando eu venha,
si eu vier,
si eu tiver vindo,
vir eu,
ter eu vindo ».

9) Ao imperfeito e ao perfeito do condicional correspondem

a) todos os tempos do indicativo, ex.:

« Eu diria *ou* teria dito { que vens,
que vinhas ».

« Eu diria *ou* { que tens vindo,
 teria dito { que vieste,
 que tenhas vindo,
 que virás,
 que terás vindo ».

b) elles proprios, ex.:

« Eu diria *ou* { que virias,
 teria dito { que tereias vindo ».

c) o imperfeito e o plusquam perfeito do subjunctivo,
 ex.:

« Eu diria *ou* { que viesses,
 teria dito { que tivesses vindo ».

d) os dous tempos do infinito, ex.:

« Eu diria *ou* { vires tu,
 teria dito { teres tu vindo ».

10) A todos os tempos do subjunctivo correspondem todos
 os tempos do indicativo, do condicional e do infinito, ex.:

« Quando eu diga { que vais,
 « Si eu dissesse { que ias,
 « Quando eu { que tens ido,
 tenha dito { que foste,
 « Quando eu { que tinhas ido,
 tivesse dito { que irás,
 « Quando eu { que terás ido,
 disser { que irias,
 « Quando eu { que terias ido,
 tiver dito { ireis
 teres ido ».

11) Os tempos do subjunctivo correspondem-se entre si da
 maneira seguinte:

a) ao presente corresponde elle proprio, ex.: « *Quando
 mesmo eu diga que faças...* ».

b) ao imperfeito e plusquam perfeito correspondem elles
 proprios, ex.:

« Si eu dissesse { que Pedro fosse,
 ou tivesse dito { que Paulo tivesse ido ».

- 12) Nas verdades positivas, provadas, a todos os tempos de todos os modos e fórmias nominaes corresponde o presente do indicativo, ex.:

« Tu dizes
 Tu dizias
 Tu tens dito
 Tu disseste
 Tu tinhas dito
 Tu dirás
 Tu terás dito
 Dize
 Tu dirias
 tu terias dito
 Caso tu digas
 Si tu dissesse
 Quando tu tenhas dito
 Si tu tivesses dito
 Si tu disseres
 Si tu tiveres dito
 Dizeres tu
 Teres tu dito
 Dizer
 Ter dito
 Dizendo tu
 Tendo tu dito
 Dito

} que a materia é eterna ».

- 13) Aos dous tempos do infinito pessoal correspondem todos os tempos dos modos e fórmias nominaes quando elementos de clausulas substantivos que porventura lhes sirvam de objecto.

500. Os participios, quando não empregados como adjunctos attributivos, nem como elementos de formação em tempos compostos e em verbos frequentativos, não entram em relação com os tempos dos quatro modos e do infinito por isso que, como já ficou dito (492), formam clausulas absolutas, independentes.

§ 10.

Ser e Estar

501. A diferenciação entre *ser* e *estar* é uma das maiores dificuldades que encontram os estrangeiros na aprendizagem da língua portuguesa: preciso é, pois, discriminar bem estes dois verbos.

- 1) O verbo *ser* serve de auxiliar da voz passiva em todas as frases que podem passar para a voz activa sem mudança de tempo, ex.: « *O cabo Tormentorio FOI DESCOBERTO por Bartholomeu Dias* »; na voz activa « *Bartholomeu Dias DESCOBRIU o cabo Tormentorio* ».
- 2) O verbo *estar* parece tomar algumas vezes um sentido passivo: neste caso, porém, elle exprime antes um estado do sujeito do que uma acção sobre elle recahida, ex.: « *A ordem ESTAVA FIRMADA pelo general* ».

Passando-se esta phrase para a voz activa sem mudar o tempo do verbo, prova-se o que acima fica dito, porquanto altera-se-lhe o sentido. Com effeito « *O general FIRMAVA a ordem* » não é equivalente exacto da primeira phrase, em que não se dava a entender que « *o general ESTAVA FIRMANDO a ordem* » mas que « *já a TINHA firmado* ».

- 3) Para ligar ao sujeito uma idéia que lhe é propria, que lhe é inherente, usa-se de *ser* ex.: « *A materia é indestructivel—A agua do mar é salgada* ».
- 4) Para ligar ao sujeito uma idéia que indica apenas estado, situação, posição, usa-se de *estar*, ex.: « *Estou triste—Estou em Roma—Estou deitado* ».

Milita esta regra ainda mesmo quando seguem-se outras palavras que apresentam o estado, a situação, a posição do sujeito como cousa habitual, permanente, ex.: « *Pedro tem estado doente toda sua vida—Estas montanhas estão sempre cobertas de neve* ».

- 5) O verbo *ser* pode ligar immediatamente ao sujeito um infinito, ex.: « *Vender com fraude é furtar* ».

6) O verbo *estar*, em virtude da sua significação intransitiva, por isso que indica sempre estado, situação, posição, liga imediatamente ao sujeito adjectivos e participios, mas não pôde sem auxilio de particula ligar-lhe um infinito. Assim não se pôde dizer « *Pedro está dormir* » mas sim dir-se-á « *Pedro está dormindo* » ou « *Pedro está a dormir* ».

7) O verbo *ser* exprime

a) a origem, a proveniencia	ex.: « <i>Este vinho é de Xerez</i> »,
b) a propriedade	» « <i>A casa é de Paulo</i> »,
c) a participação	» « <i>Vasco é da armada</i> »,
d) o destino	» « <i>Este livro é para José</i> »,
e) a dimensão	» « <i>A cidade é pequena</i> »,
f) a côr	» « <i>O lenço é azul</i> »,
g) a fôrma	» « <i>A mesa é redonda</i> »,
h) a materia	» « <i>O anel é de ouro</i> »,
i) as qualidades inherentes proprias	» « <i>A neve é fria</i> »,
j) as qualidades physiologicas	» { « <i>Pedro é robusto</i> », « <i>Paulo é intelligente</i> »,
k) o attributo expresso por substantivo ou infinito	» { « <i>Paulo é imperador</i> », « <i>Viver sem amor é vegetar</i> ».

8) O verbo *estar* exprime

a) o estado	ex.: { « <i>Estou feliz</i> », « <i>Estou a ver navios</i> », « <i>Estou sem fazer nada</i> »,
b) a maneira de estar	» « <i>Estou sentado</i> »,
c) a existencia em um lugar	» « <i>A espingarda está na caixa</i> »,
d) a situação	» « <i>A casa está em um alto</i> ».

9) O mesmo predicado pôde exprimir uma qualidade propria da natureza do sujeito e tambem pôde exprimir apenas um estado, uma situação, uma posição. Como já ficou dito emprega-se no primeiro caso o verbo *ser*, no segundo o verbo *estar*. Facil é, pois, estabelecer a differença que existe entre as seguintes phrases:

Pedro é alegre (por indole). *Pedro está alegre*
(actualmente).

O chá é caro (é sempre artigo caro). *O chá está caro* (actualmente)
João foi feito eleitor (é possível que ainda esteja no desempenho do cargo). *João esteve feito eleitor* (já não exerce mais as funções do cargo).

- 10) Casos ha em que parece poder-se empregar igualmente o verbo *ser* e o verbo *estar*. ex.: « *Isso é claro—Isso está claro* ». A razão é que a phrase póde ser encarada tanto no sentido de um verbo, como no de outro; ou então porque são quasi imperceptiveis os matizes que nestes casos distinguem *ser* de *estar*. Com effeito, no primeiro exemplo diz-se que a cousa *é clara* por si propria; no segundo que ella *está apresentada com clareza*. Qualquer delles serve perfeitamente para manifestar o pensamento.
- 11) O verbo *estar*, seguido da preposição *de* e de um substantivo de emprego ou de profissão, indica que o sujeito desempenha os encargos desse emprego, dessa profissão. Assim « *Paulo está de consul em Paris* » significa que Paulo está exercendo em Paris as funcções de consul, o que póde até acontecer sem que elle seja realmente consul.
- 12) O verbo *estar* seguido da preposição *de* e de um substantivo qualquer, indica um estado actual que póde durar ou não, ex.: « *Pedro está de cama—Antonio está de espingarda—Francisco está de luto—Maria está de filho* ».
- 13) Casos ha todavia de difficil fixação, em que a escolha de *ser* ou de *estar* parece ter sido determinada unicamente pelo uso. Para taes casos o guia unico é a leitura de bons escriptos portuguezes.
- 14) *Ser* e *estar* podem ser empregados em sentido impessoal, ex.: « *E' que nós não queremos—Ora está que não vamos* ».
- 15) Na linguagem antiga *ser* era frequentemente usado por *estar*, ex.: « *Já sois chegados*. (CAMÕES) ». Alguns escriptores modernos seguem ainda este uso, mas somente em estylo elevado, ex.: « *Eu era mudo e só na rocha de granito*. (GUERRA JUNQUEIRO) ».

§ 11.

Verbos impessoaes

502. O verbo impessoal, verdadeiro verbo defectivo, porque só é usado na terceira pessoa do singular, encerra em si um como sujeito impessoal que se não exprime.

Todavia, uma outra idéia impessoal, uma clausula substantivo, por exemplo, um pronome de sentido neutro, podem, neste caso, desempenhar tambem as funcções de sujeito.

503. O verbo impessoal ou entra em construcção só, de modo absoluto, ex.: « *chove—Troveja* »; ou toma um adjuncto adverbial apropriado, ex.: « *Chore a cantaros—Troveja horrorosamente* ».

504. São verdadeiramente impessoaes certos verbos que indicam a realização de phenomenos astronomicos e meteorologicos, taes como *amanhecer, anoitecer, gear, nevar, relampejar, trovejar, ventar, chover, etc.*

Estes verbos são empregados figuradamente quer como transitivos, quer como intransitivos, ex.: « *A espada lusitana chove estragos—Citarem bombas sobre a cidade* ».

505. Sem que sejam impessoaes por sua natureza muitos verbos são usados impessoalmente. Taes são, entre outros, *acontecer, bastar, convir, constar, correr, costumar, cumprir, dar, dever, doer, estar, fazer, haver, importar, occorrer, parecer, pegar, poder, poder ser* (composto), *querer parecer* (composto), *relevar, ser, soer, succeder, etc.*

A excepção de *dar, fazer e haver*, estes verbos, quando usados impessoalmente, têm quasi sempre por sujeito uma clausula substantivo, ou um dos pronomes *isto, isso, aquillo*, etc, ex.: « *Convem ao general que os soldados observem a disciplina—Deve haver gente lá—Peza-me ter-te ofendido—Estes homens parece estarem doentes—Da India é que nos vieram as tradições—Quer-me parecer que estamos burlados—Ora está que não vamos—Isto convem—Sucedeu isso hoje—Aquillo não parece bem* ».

Emprega-se tambem impessoalmente qualquer verbo na terceira pessoa do plural, ex.: « *Em Paris dar-lhe-ão cabo da pelle—Mataram o Presidente* ».

506. O verbo *dar* empregado na sentença « *Já deu dez horas* » e em outras idênticas, conservando-se transitivo, assume o kharacter de verdadeiro verbo impessoal, e não pôde ter sujeito claro.

507. O verbo *fazer* empregado em sentenças como « *Faz annos que estou aqui—Faz mezes que nos vimos* », conservando-se transitivo, assume o kharacter de verdadeiro verbo impessoal, e não pôde ter sujeito claro (1).

Em Hespanhol e em Francez ha construcções idênticas, ex.: « *Hace diez años—Il fait des éclairs* ». Gregorio de Tours escreveu em Latim (2): « *Gravem hyemem facit* ». Si é authentica a passagem, e si a verdadeira lição não é « *Gravis hyems fuit* », como traz um unico manuscrito, este uso do verbo *facere* é antiquissimo.

508. O verbo *haver* em sentenças como « *Ha homens—Ha fructas—Ha leis* », conservando-se transitivo, assume o kharacter de verdadeiro verbo impessoal, e não pôde ter sujeito claro [Vide 167, 4)].

Em Italiano, Hespanhol, Francez e Provençal encontram-se construcções idênticas, ex.: « *Ha quindici giorni—Diez años ha—Il a des femmes—Non a tan fin aman cum me* ». Ha a notar que em Francez moderno a construcção requer sempre o emprego do adverbio de logar *y*, e que em Italiano, Hespanhol, Provençal e Francez antigo ora apparece ella com um advérbio de logar, ora não.

Em Portuguez antigo empregava-se tambem o adverbio, ex.: « *Não ha hi quem me soccorra* (3)—*Que geração tão dura ha hi de gente?* (4). Hoje não é mais usado tal adverbio.

As palavras requeridas pelo verbo *haver* nesta construcção representam o accusativo latino, e estão, conseguintemente, em relação objectiva. A prova disso são as seguintes passagens em que a flexão indica o caso original.

Provençal — « *MANS JOCS y a* » (5)

(1) GRIVET, *Obra citada*, pag. 158—161.

(2) III, 37.

(3) *Chronica do Condestabre*, Lisboa, 1526, cap. 58.

(4) CAMÕES, *Lusiadas*, Cant. II, Est. LXXXI.

(5) *Choix des poésies originales de Troubadours*. Paris, 1816, Tomo III, pag. 211.

Francez velho — « AGUAIT *ad e* TRAÏSUN » (1)
 Portuguez — « *Mas ahi não os houve mais homens* (2)
 — *Bom vinho! Si o haverá tão maduro e*
tão cerceal em Salamanca » (3).

E', pois, dislate a doutrina de Argote assim formulada por Vergueiro e Pertence (4): « O verbo *haver* empregado no sentido de existir usa-se nas terceiras pessoas do singular ainda que o sujeito seja da terceira pessoa do plural ».

Tambem não passa de subtileza metaphysica, condemnada pelos factos linguisticos, a explicação que desenvolvidamente dá Sotero dos Reis (5): « O verbo unipessoal *haver*, cuja significação é a mesma de « *existir* emprega-se ordinariamente com o sujeito grammatical « *oculto—classe, genero, especie, porção, quantidade, numero, tempo, espaço, etc.—e um complemento expresso desse sujeito precedido da preposição *de*, tambem occulta. Ex.:*

« Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
 « Alguns traidores houve algumas vezes »
 (CAMÕES)

« A syntaxe regular neste caso é —Dizei-lhe que tambem
 « numero de alguns traidores portuguezes, ou de entre os Portuguezes,
 « houve algumas vezes ».

Como a de Sotero pecca ainda por metaphysica e falsa a doutrina de Moraes, exposta pelo sr. Dr. Freire da Silva nos seguintes termos (6): « Muitos grammaticos chamam o verbo *haver* « de unipessoal, quando empregado, como nas phrases seguintes: « *Ha homens extraordinarios—Havia iguarias—Si houver tempo, irei visita-lo* ». E' elle, ao contrario, o mesmo verbo *haver* « pessoal e transitivo, com a significação de *ter* ou *possuir*, « derivado de *habere* que, em tal caso, é elegantemente usado no « singular com o sujeito occulto, o qual facilmente se subentende « pelo sentido, como se vê das mesmas phrases que em seguida se « acham repetidas com os sujeitos claros: « *Ha homens extraordinarios, isto é, O mundo HA ou TEM homens extraordinarios—Havia iguarias, isto é, a mesa HAVIA ou TINHA iguarias—Si houver tempo, irei visita-lo, isto é, Si eu HOUVER ou TIVER tempo, irei visita-lo* ».

(1) LE ROUX DE LANCY, *Les Quatre Livres des Rois*, Paris, 1841, pag. 337.

(2) BERNADIM RIBEIRO, *Obras citadas*, pag. 19.

(3) GARRETT, *Arco de Sanct'Anna*, Tomo I, pag. 78.

(4) *Obra citada*, pag. 85.

(5) *Postillas de Grammatica Geral*, 2.^a edic. Maranhão, MDCCCLVIII pag.58—59.

(6) *Compêndio de Grammatica Portugueza*, S. Paulo, 1879, pag. 150.

A verdade é que em taes construcções o verbo haver conserva-se transitivo, e assume o kharacter de verdadeiro verbo impessoal; e que não necessita mais de sujeito claro do que *chove, troveja*, ou outro qualquer.

Os *caipiras*, fieis aos usos arkaicos da lingua, como sóe sel-o a gente do povo, exprimem-se de modo analogo ao dos francezes: põem claro um pronome que represente o sujeito neutro e impessoal dos verbos impessoaes. Dizem: « ELLE *chove muito lá*—ELLE *hai ainda alguas frutas*—ELLE *corre por ahí que o rei vem vindo* (1) ».

Substituem tambem *ter* a *haver* e dizem: « TEM *muita gente na igreja*—Agora TEM *muito peixe no tanque* ». Este uso vai-se tornando geral no Brazil até mesmo entre as pessoas illustradas.

Empregam ainda *haver* como synonymo de existir, dizendo: « No tempo da revolução eu ainda não HAVIA—Quando eu me casei elle já HAVIA ». Só no imperfeito do indicativo é que usam deste verbo com esta accepção.

509. O verbo *parecer* emprega-se impessoalmente em sentenças taes como « *Estes homens PARECE estarem doentes* ». Todavia tambem se póde dizer « *Estes homens PARECEM estar doentes* ».

510 O verbo *poder*, além de sua significação propria, tem tambem a de *ser possivel* (2): neste caso assume o kharacter de impessoal, ex.: « PÓDE *haver muitas mortes*, isto é, E' POSSIVEL *haver muitas mortes* ».

Os *caipiras* accentuam muito esta significação, dizendo: « PÓDE *que chova*—PÓDE *que elles venham* ».

511. *Ser*, ao assumir kharacter de verbo impessoal, deixa de ser mero verbo de copula entre o sujeito e o predicado; toma a significação absoluta de existencia que também tem *esse* em Latim, ex.: *Da India É que nos vieram as tradições*—É EXISTE, TEM REALIDADE ».

512. O verbo *estar*, ao assumir kharacter de verbo impessoal, comporta-se exactamente como *ser*, com a diferença apenas de que include em sua significação um matiz da idéia de elevação,

(1) Parece ser tambem este o uso corrente em Portugal. Garrett o põe na bocca da gente do povo que faz entrar em suas composições: « *Tambem vós, Gertrudinhas! ELLE era o que faltava* (*Arco de Sanct'Anna*, Tomo I, pag. 120) ». E só assim explica-se a existencia de tal uso no fallar da gente rude brasileira: é um legado dos colonisadores.

(2) ROQUETTE, *Diccionario Portuguez-Francez*, Paris, 1855. Art. *Poder*, v. n.

de posição erecta que tem o Latim *stare*; o Grego *stáo, istêmi*; a raiz sanskrita *STHA*; o Inglez *stand*; ex.: « *Ahi está o que eu previa, isto é, ahi existe erecto o fado que eu previa* ».

§ 12.

Concordancia do verbo com o sujeito

513. O verbo concorda com o sujeito em numero e pessoa, ex.: « *O homem é mortal—Eu sou estimado* ».

514. O verbo na voz passiva também concorda em genero com o sujeito, ex.: « *Tu eras casada—As filhas de Loth não foram poupadas* ».

515. Uma sentença, um membro ou uma clausula de sentença, uma phrase qualquer que sirva de sujeito, exige o verbo no singular, ex.: « *E' verdade QUE SOMOS RICOS—PODER E NÃO QUERER é preferivel a querer e não poder* ».

516. Quando uma sentença tiver dous sujeitos, um da primeira pessoa e outro da segunda ou da terceira, irá o verbo para a primeira do plural, ex.: « *Eu e tu ficaremos aqui (eu e tu, isto é, nós)* ».

517. Quando uma sentença tiver dous sujeitos, um da segunda pessoa do singular e outro da terceira, irá o verbo para a segunda do plural, ex.: « *Tu e ella passais bem (tu e ella, isto é, vós)* ».

518. Quando na sentença concorrerem dous ou mais sujeitos, todos da terceira pessoa do singular, irá o verbo, ou para a terceira do plural a concordar com todos, ou para a terceira do singular a concordar com cada um de per si, ex.: « *A justiça e a providencia de Deus onde estão?* » ou « *Onde está a justiça e a providencia de Deus?* ».

519. Quando o sujeito fôr um colectivo geral seguido da preposição *de* e de um substantivo no plural, o verbo irá para o singular, concordando com o colectivo e não com o substantivo do plural, ex.: « *O exercito dos alliados ficou inteiramente derrotado* ».

520. Quando o sujeito é um colectivo geral só ou seguido da preposição *de* e de um substantivo no singular, o adjectivo e o verbo ficarão no singular, concordando com o colectivo, ou irão para o

plural, concordando com um substantivo que represente todos os indivíduos compreendidos na collecção, ex.: « *Ditosa gente que não é maltratada ou que não são maltratados de ciúmes* ».

521. Quando o sujeito é um colectivo partitivo seguido da preposição *de* e de um substantivo no plural claro ou occulto, o adjectivo e o verbo devem empregar-se no plural, ex.: « *A maior parte dos homens são analfabetos* ».

522. Quando dous ou mais sujeitos estão separados pelas conjunções *e*, *nem*, *ou*, póde-se empregar o verbo no singular concordando com cada um, ou no plural concordando com todos, ex.: « *Ao adejar a victoria sobre um dos campos, TERÁ DESCIDO sobre o outro o SILENCIO e o REPOUSO do aniquilamento ou TERÃO DESCIDO, etc..—NEM A PESCA NEM A CAÇA o DIVERTE OU o DIVERTEM—OU A CAÇA Ou A PESCA o DIVERTE ou o DIVERTEM* ».

523. Dando-se, porém, a alternativa, isto é, não podendo o facto expresso pelo verbo caber sinão a um só, irá o verbo para o singular, ex.: « *Ou o pae ou o filho será eleito presidente* ».

524. Representando as palavras componentes do sujeito differentes pessoas, o verbo irá para o plural, e concordará em pessoa com a que tiver prioridade, ex.: « *Desta vez ou eu ou tu seremos presidente da camara* ».

525. Quando na sentença ha dous ou mais sujeitos, e o primeiro está ligado aos outros pela preposição *com*, póde empregar-se o verbo no singular ou no plural, ex.: « *O general com todos os seus soldados padecia ou padeciam grande fome* ». Mas si o verbo precede o primeiro sujeito do singular, deve empregar-se no singular, ex.: « *Padecia o general com todos os seus grande fome* ».

526. Quando o sujeito é *um e outro* ou *nem um nem outro*, póde empregar-se o verbo no singular ou no plural, ex.: « *Um e outro é meu irmão, ou um e outro são meus irmãos. Nem um nem outro é meu irmão, ou nem um nem outro são meus irmãos* ».

527. *Tudo e nada*, postos depois de muitos sujeitos continuados, levam commumente o verbo ao singular, ex.: « *O ouro, as perolas e os diamantes, tudo é terra. « Jogos e espectaculos, nada o tirava do seu retiro* ».

Tudo, tendo depois de si como predicados substantivos do plural leva o verbo ao plural, ex.: « *Tudo são sonhos de Scipião, enredos de Palmeirim, gigantes de palha* ».

528. O pronome conjunctivo *que*, quando está precedido de um pronome pessoal, é sempre da mesma pessoa desse pronome, ex.: « *Sou eu que tenho—E's tu que tens—E' elle que tem—Somos nós que temos*, etc. ». Mas quando, em vez de *que*, se empregar *quem*, como esta palavra equivale neste caso a *homem que, mulher que, homens que, mulheres que*, deve-se empregar o verbo na terceira pessoa, ex.: « *Sou eu quem tem—E's tu quem tem—Somos nós quem têm*, etc. ».

Assim, pôde-se indifferentemente dizer: « *Fui eu que comprei ou quem comprou este livro* »; ou com inversão: « *Quem comprou este livro fui eu* ».

529. Quando o predicado do verbo *ser* é um substantivo acompanhado de *que*, o verbo seguinte pôde concordar em pessoa como sujeito desse verbo *ser*, ou com o predicado, devendo-se comtudo preferir a concordancia com o sujeito, ex.: « *Eu sou um homem que ainda não vendi*, ou, *que ainda não vendeu a consciencia—Eu sou uma dona que venho ou que vem aqui* ».

VI

NEGAÇÕES

530. São palavras negativas *não, nem, nada, nenhum, ninguém, nunca*; e tambem conforme a phrase *algum, jamais*.

531. *Não* é a palavra de negação perfeita, ex.: « *NÃO posso—NÃO dou—NÃO* ».

Em algumas provincias do Brazil, como Bahia, Minas, *não* duplica-se, ex.: « *NÃO posso, NÃO. NÃO dou, NÃO* ».

Nas sentenças exclamativas *não* emprega-se como particula intensiva para reforçar a expressão, ex.: « *Quantos a estas horas NÃO estão mortos!* —

*Que poeta que NÃO era
Da linda Ignez o cantor!* ».

532. *Nem*, emprega-se

1) apoiando-se em uma clausula em que já exista *não*, ex.: « *NÃO como, NEM quero ver comer* ».

- 2) reforçada pela repetição, ex.: « NEM *tenho*, NEM *quero* TER TAL *cousa em casa* ».
- 3) só; mas isto raras vezes e com sentido dubitativo, ex.: « *Deixei-o*, NEM *sei si morto* ».
- 4) reforçada por *não* na mesma clausula, mas só em estylo familiar, ex.: « NÃO *tenho* NEM *um vintem que possa dar a este homem* ».

533. *Nada, nenhum, ninguém, nunca* empregam-se

- 1) sós na clausula si precedem o verbo, ex.: « NADA *tenho* — NENHUM *veio*—NINGUEM *vemos*—NUNCA *estudamos* ».
- 2) reforçados por *não*, si estão depois do verbo, ex.: « NÃO *tenho* NADA—NÃO *veiu* NENHUM—NÃO *vemos* NINGUEM —NÃO *estudamos* NUNCA ».
- 3) reforçados por *nem* em estylo familiar, ex.: « NÃO *vi festas*, NEM *nada*—NEM NENHUM *tenho*—NEM NINGUEM *veio*—NEM NUNCA *estudamos* ».

E' este o uso actual da lingua: os classicos reforçavam com a negativa *não* a *nada, nenhum, ninguém, nunca*, estivessem muito embora antes do verbo, ex.: « Para que NINGUEM NÃO *saiba* ». Empregavam ás vezes como reforço, sinão como pleonasmio, uma triplice negação, ex.: « *Eu* NÃO VOU NUNCA *á casa de* NINGUEM (1) ». Os *caipiras* dizem: « NÃO *deixa de* NÃO *fazer mal*—NÃO *deixa de* NÃO *atrapalhar* » em vez de « *Não deixa de fazer mal*—*Não deixa de atrapalhar* ». O preceito de grammatica latina—*duas negativas equivalem a uma affirmativa*—preceito aliás falso em muitas construcções latinas, não passou para as linguas romanicas.

534. *Jamais* emprega-se em logar de *nunca*, ex.: « *Eu* JAMAIS *poderei ser rico* ». E' tambem reforçado pela negativa principal *não* no mesmo caso em que o é *nunca*, ex.: « NÃO *descançou* JAMAIS ». Encontram-se exemplos classicos de *nunca jamais*, ex.: « *Os maiores apparatus de guerra que* NUNCA JAMAIS *se viram* (2) ».

535. *Algum* emprega-se ás vezes no fim da phrase em logar de *nenhum*, ex.: « *Eu por maneira* ALGUMA *consentirei* ».

536. Em estylo faceto empregam-se como intensivas da negação as palavras *boia, cuminho, fava, figo, gota, mique, nada*,

(1) DIEZ, *Obra citada*, vol. III, pag. 390.

(2) MORAES, *Diccionario*, edição citada, Art. *jamais*.

pataca, patavina, pitada, rasto, sombra, chique, etc., ex.: « *Não entende patavina—Não sabe pitada—Não vi rosto—Não ha nem sombra—Nem chique, nem mique, nem nada* (1) ».

O uso de palavras intensivas para negar com vehemencia era muito frequente em Latim: *circum, granum, micam, passum, punctum, unguem* e muitas outras eram a cada passo empregadas pelos melhores escriptores como reforço da negação. *Passum* e *punctum* introduziram-se no Francez e sob as fórmãs *pas* e *point* fazem hoje parte do fundo da lingua, ex.: « *Je ne veux PAS—Je ne vais POINT* ». Em Gil Vicente lê-se

« *Triste pranto até Belem*
« *Nem PASSO não se esquecia* (2) ».

Mica, miga, encontram-se no Italiano, ex.: « *Ni mica trovo il mio ardente disio—Se sa miga* ». Gil Vicente usou em Portuguez do derivado *migalha*: « *Não me presto ne migalha* (3) ». A antiga palavra *rem* foi tambem muito usada, como intensiva, ex.: « *Nao valeu rem* (4) ». As palavras latinas *nil, nihil, nihilum*, e as inumeras que dellas se derivam, devem o ser ao uso das intensivas: com effeito, *nil, nihil, nihilum* equivalem a *ne hilum* (5) ».

VII

PREPOSIÇÃO

§ 1.º

A

537. A preposição *a* (do Latim *ad* que exprime essencialmente o movimento para um ponto determinado) indica

- 1) a direcção, ex.: « *Estar a oeste—Jazer a leste—Ir a Lisbôa—Vir a Madrid* ».
- 2) a contiguidade, ex.: « *Estar á janella—Estar á porta—Estar á beira do rio* ».
- 3) a exposição, ex.: « *Viver ao sol—Estar á chuva* ».

(1) GIL VICENTE, *Obras*, edição citada, vol. I, pag.127.

(2) *Ibidem*, vol III pag 350.

(3) GIL VICENTE, vol. II, pag. 501.

(4) *Nobiliario do Conde D.Pedro*, Roma, pag. 288.

(5) « *Hilum* » significa « o olho preto da fara ».

- 4) o tempo em que, ex.: « *A 4 de Janeiro—A oito dias precisos* ».
- 5) a tendencia, ex.: « *Incitar á ira—Guiar á loucura* ».
- 6) a hora, ex.: « *A's tres horas—A uma hora e cinco minutos* ».
- 7) o modo, ex.: « *Vender a retalhos—Comprar a pedaços—Andar á moda—Vestir á Luiz XV—Matar a sopapos—Ferir a lançadas—Beber a sorvos—Chorar a potes* ».
- 8) a distancia, ex.: « *A tres léguas—A doze milhas—A dezoito khilometros—A trinta passos—A cincoenta braças* ».
- 9) o instrumento, ex.: « *Bater-se a espada—Matar a pistola—Carregar a bala—Passaro morto a chumbo—Pintar a pincel* ».
- 10) a materia, ex.: « *Bordar a ouro—Pintar a oleo* ».
- 11) o fim, ex.: « *Antonio vai a capitão, e Pedro a bispo* ».
- 12) a realisação em futuro muito proximo, ex.: « *Antonio está a chegar—A vacca está a parir* ».
- 13) o preço distributivo, ex.: « *Vendo carneiros a dez mil réis—Compro vaccas a quinze moedas—Dou os figos a vintem* ».
- 14) a taxa de juros, ex.: « *Dinheiro a dez por cento—Tomei um conto de réis a cinco por cento* ».

538. A preposição *a* serve (Vide 463) para pôr em relação adverbial o objecto de um verbo afim de evitar ambiguidade, ex.: « *Milão matou a Clodio* ».

539. Unida aos artigos *o, os*, a preposição *a* encorpora-se e fórma com elles uma palavra só—*ao, aos*.

540. Unida a *a, as, aquelle*, etc, *aquillo* a preposição *a* desaparece, e um accento agudo indica essa desaparição, ex.: « *á—ás—áquelle*, etc.—*áquillo* ».

541. A preposição *a* liga-se por vezes ao nome que rege, de modo que fórma com elle um todo susceptivel de ser regido por outra preposição, ex.: « *Vou de a pé—Andamos de a cavallo* ».

Estas locuções usadissimas entre nós pelos caipiras constituem um romanicismo extreme, que tambem se encontra no Hespanhol, ex.: « *Mozos de hasta veinte años—Rimas de a seis versos* ». A construcção franceza do chamado artigo partitivo *du, de la, des* outra cousa não é sinão o mesmo romanicismo, ex.: « *Avec du sucre—Sans de la farine* ».

§ 2.º

Ante

542. A preposição *ante* (do Latim *ante*), bem como a sua composta *perante*, indica confronto, comparecimento, ex.: « *Ante mim estás tu—Perante o príncipe* ».

§ 3.º

Após, pós

543. As preposições *após, pós* (do Latim *post*) indicam posição, seguimento, ex.: « *Após o exercito—Pós elles* ». *Pós* é hoje pouco usada.

§ 4.º

Até, té

544. As preposições *até, té* (do Latim *hactenus*) indicam o termo local ou temporal preciso, exacto, ex.: « *Até Paris—Até aqui—Até hoje—Até hontem á noute* ». *Té* é pouco usada em prosa.

§ 5.º

Com

545. A preposição *com* (do Latim *cum*) indica

- 1) a companhia, ex.: « *Estou com Pedro—Antonio está com o rei* ».
- 2) a permanência sob o domínio ou em poder de alguém, ex.: « *Esse moço está comigo—Meu dinheiro está com João* ».
- 3) a adjuncção, a mixtura, ex.: « *Topar com alguém—Cal com areia* ».
- 4) o termo de acção, ex.: « *Usa caridade com os inimigos—Sê brando comigo* ».
- 5) a comparação, ex.: « *Antonio parece com Pedro* ».
- 6) o modo, ex.: « *Andar com pressa—Responder com altivez* ».
- 7) o meio, ex.: « *Elle ganha dinheiro com seus romances* ».
- 8) o motivo, ex.: « *Grilar com dores* ».

- 9) o instrumento, ex.: « *Matar com faca—Ferir com espada* ».
 10) o preço, ex.: « *Comprar com vinte mil réis* ».
 11) a opposição, ex.: « *Arcar com os males—Atraver-se com os elementos* ».

546. A preposição *com* precedida de *para* significa em relação, ex.: « *Para com ella minha alma é de cera—Elle se tem portado bem para comigo* ».

§ 6.º

Contra

547. A preposição *contra* (do Latim *contra*) indica

- 1) opposição, ex.: « *Pelejar contra os Mouros* ».
- 2) posição fronteira, ex.: « *Dista cinco leguas de Diu contra a ilha de Bet* ».

§ 7.º

De

548. A preposição *de* (do Latim *de*, que primitivamente exprimia a descida e depois o afastamento em geral) indica

- 1) o lugar donde, ex.: « *Venho de Roma—Parto de Stockolmo* ».
- 2) a extracção, a origem, ex.: « *Sou de Ravenna—Somos de Obidos* ».
- 3) a possessão, ex.: « *Casa de Pedro—Servo de Paulo* ».
- 4) a limitação, a restricção, ex.: « *O reino de Napoles—A cidade de Coimbra* ».
- 5) a posição, ex.: « *Estou de frente—Estou de costas* ».
- 6) o estado, ex.: « *Antonio está de sitio—Francisca está de parto* ».
- 7) a separação, ex.: « *Limpar o trigo do joio—Apartar cabras de ovelhas* ».
- 8) o ponto de partida em relação a lugar e a tempo, ex.: « *De Vianna para cá—De hoje em diante* ».
- 9) o tempo em que, relativamente aos phenomenos astronomicos, ex.: « *De madrugada—De manhã—De dia—De tarde—De noute—De verão—De inverno* ».

- 10) a participação, ex.: « *Comer deste pão—Beber deste vinho—Ser dos nossos* ».
- 11) a materia, ou constituinte, ou componente, ou conteuda, ex.: « *Livro de ouro—Bolo de milho—Cacho de uvas—Feixe de cannas—Calix de liquor—Copo de vinho* ».
- 12) o assumpto, ex.: « *Fallar de guerras—Murmurar do rei* ».
- 13) a mudança de estado, ex.: « *De leão está feito ovelha—Liberto de servo que era* ».
- 14) o agente do verbo passivo, ex.: « *Lavores gastos do tempo—Bemdito de Deus—O mar que só dos feios phocas se navega* ».
- 15) o motivo, ex.: « *Morrer de medo—Chorar de alegria—Escumar de bravo* ».
- 16) o meio, ex.: « *Cercar de muros—Nutrir-se de fructas* ».

De encontra-se aqui com a instrumental *cum*, si bem que a primeira particula propriamente só accrescente um complemento a certas idéias verbaes, ao passo que a segunda accrescenta uma circumstancia especial ás idéias mais diversas, porquanto a concepção não é a mesma quando se diz, por exemplo « *Sustentar-se de peixe* » e « *Sustentar alguém com dous peixes* ». No estado mais antigo da lingua popular romanica *de* tinha uma força instrumental illimitada, de sorte que, sob este ponto de vista, substituía absolutamente o ablativo, e designava por isso o instrumento até que *cum* lhe disputasse essa accepção. Pelo menos em Latim baixo *de* é muitas vezes empregado com esse valor. Eis uma lista de empregos diversos desta *de* instrumental: « *Emi de mea pecunia* (BREQUIGNY ET THEIL, *Diplomata, chartæ, epistolæ et alia monumenta ad res franciscas spectantia*, Paris, 1791, 2.^a ann. 475)—*De anulo nostro subtersigillare*, (*Ibidem*, 27.^a ann. 528)—*De radicibus alebatur* (GREGORIO DE TOURS, 6, 8)—*Vittam de auro exornatam* (BREQUIGNY, *Op. cit.*, 86.^b, ann. 590)—*De manus suas excorticatas* (*Vetera analecta, formulæ Mabillonii*, Paris, 1723, 24)—*De línguas eorum dixerunt* (*Formulæ veferes Marculphi Monachi aliorum que auctorum*, Paris, 1765, app, 33)—*Alveus de cadaveribus repletus* (*Gesta Regum Francorum*, Paris, 1739, Tome II du Recueil des Historiens de la Gaule et de la France, 37.)—*De ramis celare* (*Lex salica*, Tit. LXVIII)—*De nostris opibus subvenire* (TIRABOSCHI. *Storia della badia di*

Nonantolo, Modena. 1785, 7.^b, ann. 753)—*De ignibus concremaverunt* (*España Sagrada*, Madrid, 1747, XIX, 384, ann. 995) ». O sentido oposto de despojar exige também *de*: em Italiano, por exemplo, « *Spogliare, privare, difraudare, sgombrare, scaricare, sfornire d'una cosa* ». Em Latim baixo « *De pecoribus denudare* (GREGORIO DE TOURS, 4, 45)—*Eracuare de hominibus* (*Ibidem*, 6, 31) (1) ».

- 17) a determinação, ex.: « *Estar bem de saude—Prompto de mãos—Formoso de rosto—Ruivo de cabelos* ».
- 18) o modo, ex.: « *Estar de lucto—Pôr-se de joelhos—Vir de carro* ».
- 19) a intermediação entre o verbo e o adjectivo que representa a natureza ou a propriedade physica ou moral de uma pessôa, ex.: « *Acoimar de feio—Chamar de coxo—Fazer de ignorante—Tractar de pobre* ».
- 20) a medida, ex.: « *Fosso de cinco palmos—Fita de trinta pés* ».
- 21) a quantidade, ex.: « *Corpo de vinte soldados—Esquadra de trinta vasos* ».

Expletivamente, para dar força á expressão empregase a preposição *de* entre o adjectivo descriptivo e o substantivo ou pronome, ex.: « *O bom do homem—Pobre de mim* ».

§ 8.º

Desde, des

549. As preposições *desde e des* (sem origem immediata latina) indicam precisamente o ponto de partida, quer local, quer temporal, ex.: « *Desde Sevilha—Desde hontem á noute até hoje pelas cinco horas* ».

§ 9.º

Em

550. A preposição *em* (do Latim *in*) indica

- 1) o logar onde, ex.: « *Estou em Roma—Moro em Milão* ».
- 2) o tempo em que, ex.: « *Em 1814—No terceiro dia* ».

(1) DIEZ, *Obra citada*, vol. III, pag. 152.

Frequentemente occulta-se esta preposição quando ella indica tempo, ex.: « *Vim Domingo—Dou um baile esta semana* ».

- 3) o modo, ex.: « *Braços em cruz—Gente em circulo—Andar em guerra—Viver em paz* ».
- 4) o assumpto, ex.: « *Pensar em amores—Fallar em combates—Crer em Deus* ».
- 5) o fim, ex.: « *Declaro-o em abono da verdade—Digo-o em honra da patria* ».
- 6) a avaliação, a estimativa, ex.: « *Tenho-o em grande conta—Avalio-o em cinco contos de réis* ».
- 7) a transição de um estado para outro, ex.: « *Traduzir em Francez—Converter em peixes—Fazer em pedaços* ».

551. A preposição *em* ao combinar-se com *o, a; este, isto; esse, isso; aquelle, aquillo*, etc, deixa cahir o *e*, e muda o *m* em *n*; o que dá « *no, na; neste, nisto; naquelle, naquilo*; etc.. (Vide 56) ».

§ 10.

Entre

552. A preposição *entre* (do Latim *inter*) indica

- 1) a posição intermediária, ex.: « *Entre Pedro e Paulo—Entre quatro paredes—Entre vermelho e azul—Entre triste e alegre* ».
- 2) a reciprocidade, ex.: « *Artes e sciencias têm muita connexão entre si* ».

§ 11.

Para

553. A preposição *para* (do baixo Latim *per ad*) indica

- 1) a direcção, ex.: « *Virado para o nascente—Voltados para a esquerda* ».
- 2) o logar para onde, ex.: « *Vou para Milão—Irei para Macau* ».

O emprego da preposição *para*, quando se quer exprimir logar para onde, indica a intenção de demorar no

logar; quando se pretende passar pouco tempo no lugar usa-se de *a*, ex.: « *Vou hoje a Londres, onde tenho negocios, e depois de amanhã partirei PARA Calcutta onde resido* ».

- 3) o fim, ex.: « *Livros para estudo—Ferros para o trabalho* ».
- 4) a futuridade, ex.: « *Para o anno—Para o mez que vem* ».
- 5) a realização em futuro proximo, ex.: « *Pedro está para chegar—Antonio está para fechar o negocio* ».
- 6) a proporção, ex.: « *3 está para 6, assim como 7 está para 14* ».
- 7) a attribuição, ex.: « *Zelo para as cousas da religião* ».
- 8) a approximação de quantidades, ex.: « *De duas para tres leguas* ».

554. Relativamente á locução « *para com* » veja-se o que ficou dito acima (546).

§ 12.

Por

555. A preposição *por* tem duas séries de accepções diversas por isso que é dupla a sua origem etymologica. *Por*, com effeito, vem de *per* e vem de *pro*.

Até o seculo XVI a fórma inalterada *per* era a representante em Portuguez da preposição latina *per*, como *por* o era de *pro*: dizia-se « *Per montes e valles* » e « *Pola ley e pola grey* ».

Mais tarde, confundidas as significações, *per* e *pro* tornaram-se indistinctas, e uma dellas teve de desaparecer: foi *per*. *Por* supplantou-a, e é hoje a unica. Todavia *per* teve tambem as suas victorias: as fórmulas compostas *pelo*, *pela*, etc., venceram e eliminaram as fórmulas rivaes *polo*, *pola*, etc.. *Per* vive ainda em muitas palavras compostas, e na locução « *de per si* » conserva-se em toda a pureza primitiva.

A confusão de *per* e *pro* data já da baixa latinidade: muitas vezes figuravam ambas na mesma sentença. Na *España Sagrada*, por exemplo, lê-se: « *PER omnes montes ac PRO illis locis* (1) ».

556. A preposição *por*, derivada de *per*, indica

- 1) logar por onde, ex.: « *Por mar a por terra—Elle anda por lá* ».

(1) XXVI, 443, ann. 804.

- 2) a parte por onde se pega habitual ou acidentalmente qualquer objecto, ex.: « *Pegar pelo cabo—Segurar pela perna* ».
- 3) individuação e a destribuição, ex.: « *Um por um—Grão por grão—Milhares por dia—Seis contos de réis por anno* ».
- 4) a duração, ex.: « *Por duas horas—Por tres annos* ».
- 5) o meio, ex.: « *Elevar-se pela intriga—Vencer por armas* ».
- 6) o motivo, ex.: « *Faltar por enfermo—Occultar-se por vergonha* ».
- 7) o agente do verbo passivo, ex.: « *Assassinado por Indios—Cultivados por nós* ».
- 8) o juramento, a attestação, ex.: « *Juro por Deus—Affirmo por minha honra* ».

557. A preposição *por* derivada de *pro* indica

- 1) a substituição, ex.: « *Dar homem por si—Pedro compareceu por Pauto* ».
- 2) o preço, ex.: « *Vendi o livro por cinco mil réis—Comprei a casa por seis contos de réis* ».
- 3) a opinião, a qualidade em que se tem, em que se recebe pessoa ou cousa, ex.: « *Tenho-o por sabio—Tomei-o por transfuga—Recebi-a por mulher—Adoptei-o por filho* ».
- 4) a parcialidade, o favor, ex.: « *Estou pelo rei—Somos pela republica—Combatemos por Paulo* ».
- 5) o não acabamento, ex.: « *A casa está por concluir—O muro está por emboçar* ».

§ 13.

Sem

558. A preposição *sem* (do Latim *sine*) indica privação, falta, ex.: « *Estou sem dinheiro—Pedro está sem mulher* ».

§ 14.

Sob

559. A preposição *sob* (do Latim *sub*) indica a situação inferior, ex.: « *Sob a cama—Sob os olhos* ».

Desta significação decorrem todas as outras que tem *sob*, taes como a de disfarce, a de tempo de governo, ex.: « *Sob apparencia de paz—Sob Napoleão I* ».

§ 15.

Sobre

560. A preposição *sobre* (do Latim *super*) indica

- 1) a situação superior, ex.: « *Está sobre a montanha—Paira a nuvem sobre nós* ».
- 2) a aproximação, ex.: « *Sobre a manhã—Sobre a noute—Sobre o branco* ».
- 3) o excesso, ex.: « *Sobre cem mortos duzentos feridos—Sobre queda couce* ».
- 4) o assumpto, ex.: « *Fallar sobre physica—Escrever sobre biologia* ».

§ 16.

Trás

561. A preposição *trás* (do Latim *tras*) indica a posposição, ex.: « *Trás-os-montes—Trás mim* ».

E' pouco usada. Substitue-a a locução « *atrás de* » ex.: « *Atrás de mim—Atrás da casa* ».

§ 17.

Preposições concurrentes

562. Muitas vezes, para exprimir a natureza complexa de duas relações que dão-se conjuntamente, unem-se duas preposições, ex.: « *De sob—De sobre—Por entre—Por sobre, etc.* ».

VIII

CONJUNÇÃO

563. Quando por meio de *e* liga-se uma phrase começada por *que* (pronome relativo ou conjunção) a outra que deva começar pelo mesmo *que*, é facultativo exprimir-o ou calar-o na segunda phrase, ex.: « *Eis o homem que atacou e que venceu os Palmares ou que atacou e venceu—Creio que elle é rico e que quer comprar esta casa ou que elle é rico e quer comprar esta casa* ».

564. É quasi de obrigação exprimir-se a conjuncção na segunda phrase quando se passa do sentido affirmativo para o negativo e vice-versa, ex.: « *Creio que elle é rico, e que não quer comprar esta casa* ».

565. Depois de *e* e de outras conjuncções coordenativas pôde-se exprimir ou calar certas palavras de fôrma ou de determinação precisa, ex.: « *Da Italia e da França* ou *Da Italia e França—Para a coroa e para o scepiro* ou *Para a coroa e scepiro* ».

A grammatica franceza, cujas leis a este respeito são ferrenhas não nos pôde servir aqui de modelo; o Italiano e o Provençal movem-se um pouco mais á vontade; só o Hespanhol gosa neste terreno da mesma liberdade que tem o Portuguez. A omissão ou a repetição do artigo depois de conjuncções subordina-se a regras especiaes já consignadas no logar competente.

IX

ADVERBIO

566. O adverbio colloca-se juncto da palavra por elle modificada, ex.: « *Só KURISTO soube perdoar—Homem MUITO ILLUSTRADO—Pedro ESCRIVE RAPIDO—Cesar escreveu MUITO CONCISAMENTE* ».

567. Quando se agrupam varios adverbios terminados em *mente* só o ultimo assume esta desinencia, guardando os outros a fôrma feminina singular dos adjectivos de que nascem, ex.: « *Luclaram os Paraguayos calorosa, desatinada, loucamente* ».

Esta regra, que hoje só existe no Portuguez, existiu nos velhos dialectos francezes d'*oc* e d'*oil*: nesses dialectos a terminação *ment* se collocava, ou só depois do primeiro, ou só depois do ultimo adverbio.

Os actuaes escriptores portuguezes e brasileiros já nem sempre respeitam a regra: usam por vezes de todos os adverbios completos ex.: « *Batem rijamente, brutalmente de encontro á verdade* ».

568. A locução adverbial *no mais* equivale a *não mais*: como a encontra duas vezes em Camões (1), o colendo mestre, sr. Adolpho Coelho tem-na por peculiaridade camoniana que não se faz mister attribuir á influencia da lingua hespanhola.

(1) *Lusiadas*, Cant.III.Est. LXVII e cant.X.Est.CXLV.

Em Sorocaba, cidade da provincia de S. Paulo, que uma feira annual de bestas punha sempre em contacto com Orientaes e Correntinos, e onde a linguagem é ainda sensivelmente acastelhanada, tal locução é usadissima; ouve-se a cada passo: « *Entre NO MAIS—Tire churrasco NO MAIS—Ensilhe NO MAIS o matungo* » isto é « ENTRE, NÃO MAIS; *entre sem cerimonia—Tire churrasco, NÃO MAIS; sem mais preambulos—Ensilhe o matungo, NÃO MAIS; nada mais tem a fazer sinão ensilhar o matungo* ». A existencia da locução no dialecto sorocabano só póde ser devida á influencia castelhana.

569. A fôrma masculina dos adjectivos que têm fôrma differente para cada genero, é empregada adverbialmente, ex.: « *Fallar ALTO* (Vide 321) ».

Os adjectivos que têm uma só fôrma para ambos os generos admittem tambem este uso, porém mais raramente. Já se viu o exemplo de Gil Vicente (321). Uma construcção usadissima é a adverbiação do adjectivo *possivel*, ex.: « *Vai em nove annos que o auctor comprehendeu trabalhos que deviam ser os mais completos POSSIVEL sobre as linguas, as tradições e as superstições do seu paiz* (1) ».

X

INTERJEIÇÃO

570. A *interjeição*, como brado instinctivo que é, não subordina-se a regras de syntaxe. Nada ha aqui a dizer sobre ella.

LIVRO QUARTO

ADDITAMENTOS

I

PONTUAÇÃO

571. *Pontuação* é a arte de dividir por meio de signaes graphicos as partes do discurso que não têm entre si ligação intima,

(1) ADOLPHO COELHO, *Questões da Lingua Portugueza*, Porto, 1874, Advertência, pag. V.

e de mostrar do modo mais claro as relações que existem entre essas partes.

A pontuação é para a syntaxe o que a accentuação é para a lexeologia: a accentuação faz distinguir a significação das palavras isoladas; a pontuação discrimina o sentido dos membros, clausulas e sentenças do discurso. *Os accents* são, pois, *signaes lexeologicos*; as *notações da pontuação*, *signaes syntacticos*.

572. Doze so as notações graphicas da pontuação:

- | | |
|---|---------|
| 1) a <i>virgula</i> ou <i>comma</i> | (,) |
| 2) o <i>ponto e virgula</i> ou <i>semicolon</i> | (;) |
| 3) os <i>dous pontos</i> ou <i>colon</i> | (:) |
| 4) o <i>ponto final</i> | (.) |
| 5) o <i>ponto de interrogação</i> | (?) |
| 6) o <i>ponto de admiração</i> | (!) |
| 7) os <i>pontos de retencia</i> | (...) |
| 8) a <i>parenthesis</i> | (()) |
| 9) as <i>aspas</i> | (« ») |
| 10) o <i>hyphen</i> | (-) |
| 11) o <i>travessão</i> | (—) |
| 12) o <i>paragrapho</i> | |

1

Virgula

573. Usa-se da *virgula*

- entre palavras, membros e clausulas que estão na mesma relação, ex.: « *A riqueza, a saude, o prazer, são cousas transitorias—Antonio vive, Pedro vegeta—Francisco disse-me que eu fosse, que batesse, que entrasse, que tirasse os livros* ».
- antes e depois de toda a palavra, phrase ou clausula que se póde supprimir sem desnaturar o sentido, ex.: « *Não vos aparteis, FILHOS, do caminho da honra—A amizade, DOM DO CÉO, é o goso do sabio—A vida, DIZIA SOCRATES, só deve ser a meditação da morte—O tempo, QUE VÔA QUANDO SOMOS FELIZES, parece estacar quando somos desgraçados* ».

- 3) depois de uma clausula que se não póde supprimir sem offensa do sentido, mas que é bastante extensa, ex.: « *Um arabe que se destina ao rude officio de salteador do deserto, acostuma-se cedo ás fadigas das correrias* ».

Chama-se a esta virgula *virgula de respiração*.

- 4) para substituir um verbo subentendido, ex.: « *Eu comi figos; Antonio, laranjas* ».
- 5) depois de muitos sujeitos eguaes em força de expressão, quando entre os dous ultimos não medeia a conjuncção *e*, ex.: « *Africanos, Gaulezes, Getulos, Egypcios, tinham transformado a linguagem, de Roma* ».

Esta regra tem por fim evitar que o verbo pareça referir-se com mais especialidade ao sujeito que o precede immediatamente.

- 6) depois das conjuncções *mas, ora, pois, porquanto, todavia, quando*; *si*, principiando por ellas a sentença, quer-se insistir sobre a sua significação, ex.: « *Mas, note bem o que eu digo* ».
- 7) depois de *assim, então, demais* e de outros adverbios e locuções adverbias empregadas em principios de sentenças com sentido de conjuncção, ex.: « *Assim, conto com o que me prometteu—Então, iremos hoje sem falta?* ».
- 8) depois de *sim* ou *não* collocados no principio da sentença, ex.: « *Sim, irei—Não, já lhe disse* ».

574. Omitte-se a virgula

- 1) entre partes ligadas pelas conjuncções *e, nem, ou*, a não ser que taes partes sejam muito extensas, ex.: « *A soberba destróe e suffoca todas as virtudes—Não estive em Roma nem em Napoles—É preciso vencer ou morrer* ».

Diz-se, porém: « *Ninguem se contenta com o que possue, nem se descontenta com o espirito que tem* » porque as partes ligadas pela conjuncção *nem*, são em demasia extensas para serem pronunciadas de um só folego.

- 2) depois do ultimo de muitos sujeitos quando a esse ultimo se tem chegado por uma como gradação, ex.: « *Uma palavra, um sorriso, um só olhar basta* ».

2

Ponto e virgula

575. Usa-se do *ponto e virgula* para separar proposições similliantes e de alguma extensão, sobretudo si taes proposições compõe-se de partes já divididas pela virgula, ex.: « *As graças, que ha no mundo, mais seductoras são as da belleza; as mais picantes, as do espirito; as mais commoventes, as do coração* ».

3

Dous pontos

576. Empregam-se os *dous pontos*

- 1) antes de uma citação, ex.: « *Aristoteles dizia a seus discipulos: Meus amigos, não ha amigos* ».
- 2) antes de uma enumeração, si pela enumeração termina a sentença, ex.: « *Eis toda a religião khristã: crer, esperar, amar* ».
- 3) depois de uma enumeração, si pela enumeração começa a sentença, ex.: « *Crer, esperar, amar: eis toda a religião khristã* ».
- 4) antes de uma reflexão ou de uma explanação, ex.: « *Nada façás encolerisado: levantarias ferro em occasião de tempestade?* ».

4

Ponto final

577. Usa-se de *ponto final*

- 1) para fechar a sentença, ex.: « *Saudei um morto. Vou fallar rapidamente de um livro que foi a sua despedida, e é seu monumento. Volvo a este modesto cantinho, onde tenho affirmado uma cousa que julgo grande e util* ».
- 2) nas abreviações, ex.: « *Sr.—Gram. Port.* ».

5

Ponto de interrogação

578. O *ponto de interrogação* põe-se no fim das sentenças interrogativas, ex.: « *Como passa?—Quantos são?* ».

579. Muitas vezes o verbo está em forma interrogativa sem que haja interrogação no pensamento: neste caso não se usa do ponto de interrogação, ex.: « *Fazem-lhe a menor observação, zanga-se* ».

580. Quando uma interrogação é seguida das phrases *disse elle, perguntou ella* ou de outras analogas, precede-as o ponto de interrogação, ex.: « *Que quer vossê? perguntou-lhe a velha* ».

6

Ponto de admiração

581. O *ponto de admiração* emprega-se no final das phrases que exprimem affectos subitos, considerações vivas e, em geral, depois das interjeições, ex.: « *Que prazer!—Como é bello!—Ah!* ».

582. Quando uma parte de phrase exclamativa é seguida de palavras que della dependem, mas que estão fóra da exclamação propriamente dita, põe-se o ponto de admiração antes dessas palavras, e então póde elle equivaler a uma virgula ou a um ponto e virgula, conforme o sentido, ex.: « *Que transportes! mesmo antes de erguer-se o panno* ».

7

Pontos de reticencia

583. Os *pontos de reticencia* indicam interrupção da expressão do pensamento, ex.: « *Ventos ousados, eu vos... Insta, porém, abonançar as vagas* ».

8

Parenthesis

584. A *parenthesis* é um signal duplo que serve para fechar palavras que, no meio de uma sentença, formam sentido distincto e separado, ex.:

« Eu só com meus vassallos, e com esta,
« (E dizendo isto arranca meia espada)
« Defenderei da força dura, e infesta,
« A terra nunca de outrem subjugada: (1) ».

(1) *Lusíadas*, Cant. IV, Est. XIX.

9

Aspas

585. *Aspas* são signaes que se põem no começo e no fim de uma citação, e muitas vezes mesmo no começo de todas as linhas della e no fim da ultima, ex.:—*Diz o sr. Guerra Junqueira:* « Ha duas especies de pudor: o que nasce da ignorancia e o que nasce da dignidade; o pudor da menina e o pudor da mulher ».

10

Hyphen

586. O *hyphen* serve para unir duas ou mais palavras que se devem pronunciar como si fossem uma só, ex.: « *Mestre-Escola—Espera-me—Dir-te-ia* ».

Colocado no fim da linha indica que a palavra se dividiu alli, indo acabar no principio da linha seguinte.

11

Travessão

587. O *travessão* indica

- 1) uma pausa maior que a do ponto e virgula e ao mesmo tempo, pedido de atenção para as palavras que seguem, ex.: « *Os Khristãos vlam com apparente indifferença os seus vencedores polluirem as ultimas cousas que, até sem esperança, ainda defende uma nação conquistada—as mulheres e os templos* ».
- 2) mudança de interlocutores em um dialogo, substituindo as phrases *disse elle, acudiu ella, responderam elles, interromperam ellas*, etc, ex.:

« Os forasteiros são nossos irmãos pela carne, disse Amador Bueno.

Os paulistas assassinados o eram pelo sangue, volveu Luiz Pedroso.

—Matar o inimigo vencido é uma baixeza.

—Poupal-o é quasi um crime.

—A humanidade requer perdão para os *emboabas*.

- Piratininga exige o seu exterminio.
- E' inútil vencer, si não é possível transigir.
- Si se vence para amnistiar, não vale a pena combater.
- O cauterio actual queima as carnes...
- E cura o cancro.
- O rigor aterra...
- E submete.
- O odio excessivo é villania.
- Clemencia demasiada degenera em traição (1) ».

12

588. O *paragrapho* que é formado por um espaço em branco deixado no principio da linha, deve ser considerado como um signal de pontuação. Indica elle uma separação mais accentuada do que a do ponto, e emprega-se para distinguir os differentes grupos de idéas de que se compõe um escripto, ou para marcar a transição de um assumpto para outro. O *paragrapho* acaba geralmente por um ponto final; todavia pôde tambem terminar-se por ponto e virgula e dous pontos, como acontece nos *considerandos* e nas enumerações.

Para certos casos da composição typographica ha notações peculiares taes como o *asterisco* (*), o *obelisco* ou *adaga* (†), a *dupla adaga* (‡), a *secção* (§), as *parallelas* (§§), o *párrafo* (§§§), os *colchetes* ([]), a *chave* (}), o *caret* (^), a *mãozinha* (◆), etc..

II

EMPREGO DE LETTRAS MAIUSCULAS

589. Empregam-se *letras maiusculas*

- 1) no começo de sentenças, ex.: « *Tudo perdemos excepto a honra* ».
- 2) no começo de citações, ex.: « *Ao ver erguido sobre si o punhal de Bruto, Cesar exclamou: Tambem tu, meu filho* ».
- 3) na palavra que segue aos pontos de interrogação e admiração, quando elles finalisam o sentido, ex.: « *Não me*

(1) *Padre Belchior de Pontes* (romance do auctor), Campinas, 1876, Tomo I, pag. 229—230.

vês? Pois sou bem alto—Que loucura a de meu filho, santo Deus! Si elle nos abandona, perecemos ».

- 4) nos nomes proprios, ou nos communs tomados como taes quer sejam de pessoas, quer de cousas, ex.: « Deus—Romulo—os Portuguezes—os Quebra-Khilos—Abril—Londres—o Evangelho—o Coliseu ».

Os nomes referentes ás divisões territoriaes do mundo, quando empregados como adjectivos escrevem-se com letra minuscula, ex.: « Aprendi Francez por livros portuguezes; Inglez por livros francezes; Grego por livros inglezes ».

- 5) nos nomes de tractamento, ex.: « Vossa Senhoria—Vossa Santidade—Senhor—Senhora, etc. ».

Nos escriptos modernos mórmente nos do jornalismo, vai-se estabelecendo o uso de escrever estes nomes com letra minuscula.

- 6) no principio de cada verso, ex.:

« Vai despontando o rosicler da aurora;
O azul sereno e vasto
Empallidece e cura
Como si Deus lhe desse
Um grande beijo luminoso e casto,
E a estrella da manhã
Na altura resplandece;
E a cotovia a sua linda irmã.
Vai pelo azul um cantico vibrando
Tão limpido, tão alto, que parece
Que é a estrella no céu que está cantando (1).

- 7) nos titulos de livros, jornaes, ex.: « Os Lusíadas—O Monitor Catholico ».

Nestes casos, bem como em taboletas, inscrições, epitaphios, é tambem uso serem maiusculas todas as letras, ex.: « OS LUSIADAS—A GAZETA DE NOTICIAS—VINHOS FINOS—A' MEMORIA DE TIRA DENTES—AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES ».

(1) GUERRA JUNQUEIRO, *Morte de D. João*, Porto, 1876, pag. 313.

III

ORDEM DAS PALAVRAS E PHRASES NA CONSTRUÇÃO DE SENTENÇAS
SIMPLES

590. A construção da sentença simples chama-se *direita* quando se segue na disposição das palavras e frases a ordem lógica da concepção do pensamento, ex.: « *Antonio livrou-se das garras do monstro por um esforço desesperado* ».

591. A construção da sentença simples chama-se *inversa* quando para maior energia de expressão não se attende na disposição das palavras e frases á ordem lógica das idéias, ex.: « *Por um desesperado esforço livrou-se Antonio das garras do monstro* ».

Sobre o lugar que em casos especiaes devem occupar as differentes partes do discurso já tudo ficou dito nas secções respectivas.

IV

ORDEM DOS MEMBROS E CLAUSULAS NA CONSTRUÇÃO DE SENTENÇAS
COMPOSTAS

592. A construção da sentença composta chama-se *direita* quando se segue na disposição dos membros e clausulas a ordem lógica das concepções que constituem o pensamento, ex.: « *Ha poucas linguas nesta sociedade gangrenada em que vivemos, que não apregõem as minhas vergonhosas derrotas como triumphos esplendidos* ».

593. A construção da sentença composta chama-se *inversa* quando na disposição dos membros e clausulas não se guarda a ordem lógica das concepções que constituem o pensamento, ex.: « *Nesta sociedade grangrenada em que vivemos poucas linguas ha, que não apregõem como triumphos esplendidos as minhas vergonhosas derrotas* ».

A tendencia que actualmente apresentam todas as linguas para tornarem-se analyticas, é a causa da preferencia que cada vez mais tem a construção direita, sobre a inversa.

Nao é por se não fazer estudo dos modelos legitimos e castiços, não é por se lerem muito os livros francezes que se vai

transformando a lingua portugueza; nem tal transformação é vergonhosa ou prejudicial (1). Productio inevitavel, necessario, fatal da evolução linguistica, ella accusa nova phase do modo de pensar, accusa desenvolvimento do cerebro, accusa progresso da humanidade.

Compare-se a linguagem das seguintes descrições, uma, feita por um escriptor do seculo XVI, outras por um contemporaneo nosso:

« Seis leguas de Congóxima está huma fortaleza sujeita ao mesmo rei o de Sacçuma, que se póde contar entre as maravilhas de Japão: nem das desta sorte haverá muita no mundo; porque, se n'outras partes se esmerou a arte, e industria humana em mostrar o saber, e ingenho com que contrafaz as cousas naturaes, aqui deu todas as mostras da força e violencia que póde fazer á mesma natureza. He o sitio huma alta e grande serra de rocha viva, onde está em roda, feita ao picão, huma cava mui larga, e tão profunda, que mais parece se abria para ir fazer guerra aos demonios no inferno, que para os homens se defenderem huns dos outros na terra: ficarão no meio do vão, e largura desta cava desapegados e postos, como insulas no mar, dez baluartes, que tendo no baixo o mesmo firme com ella, vem subindo, em boa proporção, solidos e massiços até o alto, onde são vasados quanto basta para commoda habitação da gente que os defende. Ha d'huns aos outros boa distancia;

« *O chão estava cheio de folhas sêccas, e, entre os troncos espaçados, moitas de hortensias pendiam abatidas, amarelladas dos chuveiros; ao fundo a casa baixa, velha, de um andar só, assentara pesadamente. Ao longo da parede grandes aboboras amadureciam ao sol, e no telhado, todo negro de inverno, esvoaçavam pombos. Por traz o laranjal formava uma massa de folhagens verde-escuras; uma nora chiava monotonamente.*

.
Junto do muro cresciam rosas de todo o anno; do outro lado, por entre os pilares de pedra que sustentavam a latada e os pés torcidos das cepas, via-se, batido de luz, com tons amarellados, num grande campo de herva; os tectos baixos do curral coberto de colmo destacavam ao longe em escuro, e desse lado um fumoquinho leve e branco perdia-se no ar muito azul.

.
Era uma abertura estreita no vallado: a terra do outro lado, mais baixa, estava toda lamacenta. Via-se d'alli a fazenda da

(1) Ao pouco estudo dos classicos portuguezes e a leitura de livros francezes attribue Sotero dos Reis a transformação do Portuguez, e a qualifica de *vergonhosa metamorphose* (*Postillas citadas* pag. 56—58) !!!

porque assim é mui grande o circuito da espantosa cava: mas todos se correm com pontes levadiças; e da mesma maneira se passa de cada hum ao campo do meio, onde está o forte principal a quem estes de fora servem sómente de muro (1) ».

S. Joaneira: o campo plano estendia-se até um olival, com a herra fini muito estrellada de pequenos malmequeres brancos; uma vacca preta, de grandes malhas, pastava: e para além viam-se tectos aguçados dos casaes, onde voavam revoadas de pardaes (2) ».

V

ESTYLO

594. *Estylo* é o modo peculiar de fallar e escrever que tem cada homem: quem o determina é a natureza: quem o corrige é a observação.

Todavia, ha certos modos irregulares de expressão de pensamento, que é util classificar. Estes modos irregulares de pensar e de exprimir o pensamento manifestam-se, alterando a syntaxe regular,

- | | | |
|--|---|------------------------|
| <ol style="list-style-type: none"> 1) por omissão 2) por augmento 3) por transposição | } | de palavras e phrases. |
|--|---|------------------------|

595. As alterações da syntaxe regular acceitas pelo uso chamam-se *figuras de syntaxe*.

596. A omissão faz-se pela figura ellipse.

597. Consiste a *ellipse* na suppressão de uma ou mais palavras faceis de subentenderem-se, ex.: « *Ordeno que saias daqui* ».

Neste exemplo constitue ellipse a suppressão dos pronomes *eu* e *tu*.

598. A ellipse toma o nome

- 1) de *zeugma*, quando supprime-se o sujeito ou o verbo, da sentença que coordena-se com outra, formando-se assim

(1) LUCENA, *Vida de São Francisco Xavier*, Liv. VII, Cap. 21. Foi conservada a orthographia do auctor.

(2) EÇA DE QUEIROZ, *O Crime Padre Amaro*, Porto, 1880, pag, 147, 148, 150.

sentença contracta (Vide 363) ex.: « *Napoleão bateu os Austriacos, derrotou os Inglezes, destruiu os Mamelukos, venceu a todos—Deu a uns conselhos, a outros esperanças, a todos dinheiro* ».

- 2) de *syllipse* quando suprime o substantivo ou o pronome com que deveria concordar o verbo ou o predicado, ex.: « *Eu e tu somos tolos* ».

599. A *syllipse* póde ser

- 1) de genero, ex.: « *Vossa Magestade é justo e bom* ».
- 2) de numero, ex.: « *Parte dos inimigos fugiram* ».
- 3) de genero e de numero, ex.: « *Parte da gente foram destroçados e mortos* ».

600. O augmento faz-se pela figura pleonasmio

601. Consiste o *pleonasmio* em junctar ás phrases outras phrases que em rigor deveriam ser omittidas, mas que servem para dar graça e energia ao pensamento, ex.: « *Parece-me a mim—Vi com estes olhos* ».

602. A transposição faz-se pela figura hyperbato.

603. Consiste o *hyperbato* na inversão das palavras e phrases da sentença.

604. O *hyperbato* toma o nome

- 1) de *anastrophe*, quando é ordenada a inversão das palavras e phrases, ex.: « *De Jesu Khristo a igreja vezes nove* ».
- 2) de *synkthesis* quando é desordenada a inversão de palavras e phrases, ex.: « *O eco fere com gritos nisto a gente* (1) ».

605. E' viciosa a *synkthesis* que gera confusão de idéias, ex.:

« *Entre todos co'o dedo eras notado
Lindos moços de Arzilla em galhardia* (2) ».

VI

VICIOS

606. Vicios ha que deturpam o discurso, já nos seus elementos lexeologicos, já nos seus elementos syntacticos.

(1) CAMÕES, *Lusiadas*, Cant. VI, Est. LXXII.

(2) VASCO DE QUEVEDO MOUSINHO, *Affonso Africano*, Cant. III, Est. LXXIII.

607. O vício lexeológico chama-se *barbarismo*, e consiste

- 1) em usar de palavras e frases estranhas á lingua, ex.: « *Affroso—Abat-jour* » em vez de « *Medonho—Quebra-luz* ».
- 2) em dar ás palavras significação que ellas não têm, ex.: « *Confeccionar—Desapercebido* » em vez de « *Organisar—Despercebido* ».
- 3) em accentuar e articular erradamente as palavras, ex.: « *Púdico—Cravão* » em vez de « *Pudico—Carvão* ».
- 4) em empregar termos obsoletos, ex.: « *Bofé—Lídimo* » em vez de « *Certamente—Legítimo* ».

608. O vício syntactico chama-se *solecismo*, e consiste em infringir as regras da syntaxe, ex.: « *Nós vai—Para tu* » em vez de « *Nós vamos—Para ti* ».

609. Ha outros vícios que deturpam a parte musical, a harmonia do discurso; são:

- 1) a *kakophonia* ou encontro de duas palavras que produza uma terceira de significação baixa ou torpe, ex.: « *Alma minha—Essa fada—Ella trina* ».
- 2) o *hiato* ou encontro de vogaes accentuadas, ex.: « *Vou á aula—Mandou-o o honrado chefe* ».
- 3) o *ekho* ou concurrencia de sons identicos, ex.: « *Quando ando trabalhando—Elles procurarão consolação á afflicção de seu coração* ».
- 4) a *collisão* ou som aspero e desagradavel resultante da successão de articulações roladas ou sibilantes, ex.: « *Temol-o por rei—As azas azues* ».

Os rhetoricos têm regras e figuras para fazer de todos testes vícios primores de linguagem.



ANNEXO

Diatríbe sobre a maneira latina e romanica de exprimir em abstracto a pluralidade indeterminada do agente de um verbo

Os factos de uma lingua qualquer só podem ser cabalmente elucidados pelo estudo historico comparativo da grammatica dessa lingua.

As explicações metaphysicas, mais ou menos subtis, mais ou menos engenhosas, nunca satisfazem.

Os meios que emprega o Latim, que empregam as linguas romanicas para indicar de modo abstracto a pluralidade indeterminada do agente de um verbo, têm servido do thema a milhares de divagações tão prolixas quanto abstrusas, tão requintadas quanto estereis.

Analysar esses meios á luz do estudo historico comparativo das grammaticas romanicas e da latina, eis o fim que levo em vista.

E não me apresento como exhibindo novidades: sigo apenas os passos dos srs. C. Waldbach e Adolpho Coelho, de Diez e Bopp, de todos os mestres de philologia e linguistica.

I

O primeiro meio de indicar em Baixo Latim e nas linguas romanicas a pluralidade indeterminada do agente de um verbo, é dar por sujeito a esse verbo o substantivo *homo* em Latim; *uomo* em Italiano; *hombre* ou *ome* em Hespanhol; *homem* em Portuguez ; *on* em Francez; *omul* em Valaquio.

Taes substantivos assumem neste caso verdadeiro kharacter pronominal, e equivalem exatamente ao *mau* allemão.

Exemplos:

BAIXO LATIM. *Ut inter tabulas adspicere homo non posset* (1).

Sie debet (debet) homo considerare (2).

ITALIANO. *Com' uom fa dell' orribili cose* (3). *Com' uom dice* (4).

HESPANHOL. *No puede hombre conocer* (5). *Es razon que ome guarde mucho aquello* (6).

(1) GREGORIO DE TOURS, IV, 12.

(2) LUPUS, *Codex Diplomaticus*, pag. 527.

(3) DANTE, *Purgatorio*, XIV, 69.

(4) BUCCACIO, *Decameron*, I, 7.

(5) MARQUEZ DE SANCILLANA, *Proverbios*, 70

(6) *Las siète partidas del rey don Affonso el subio*, Tom. I, pag. 76.

PORTUGUEZ. *O que homem traz na phantazia* (1). *Segredos que homem não conhece* (2).

FRANCEZ. *On dit. On croit.*

VALAQUIO. *De este omul beteay.*

O Francez é a única língua românica que no período actual ainda conserva vigente este modo de expressão: applica-o elle a ambos os generos, a ambos os numeros—*On doit être bon. On doit être bonne. On se battit en désespérés.*

Em Portuguez a palavra *gente* presta-se a uso identico: *Quando a gente tem tutor ou padrinho...*

II

Indica-se tambem nas linguas românicas a pluralidade indeterminada do agente de um verbo, unindo-se a esse verbo o pronome reflexivo *se*, considerado como mera particula apassivadora.

Neste uso que remonta aos monumentos mais antigos do dominio românico, cumpre distinguir dous casos:

1.º) Expressão impessoal

A) com verbos transitivos

a) ITALIANO. *Si dice. Si crede. Si sa. Non si può dire.*

b) HESPANHOL. *Se dice. Se cree. Se sabe.*

c) PORTUGUEZ. *Diz-se. Crê-se. Sabe-se.*

B) com verbos intransitivos

a) ITALIANO. *Si va. Si vien. Si vive.*

b) HESPANHOL. *Se anda. Se viene. Si vive.*

c) PORTUGUEZ. *Vai-se. Vem-se. Vive-se.*

d) VALAQUIO. *Se mearge. Se vine.*

2.º) Expressão pessoal. Neste caso o verbo, que só transitivo pôde ser, regula-se pelo numero do sujeito.

a) ITALIANO. *Il libro non si trova. I libri non si trovano.*

b) HESPANHOL. *Se teme una borrasca. Si dicen muchas cosas.*

c) PORTUGUEZ. *Dá-se um baile. Plantam-se arvores.*

d) FRANCEZ. *Cela se fait. La maison se bâtit.*

Sendo o sujeito, como nos exemplos adduzidos, nome de cousa, nada oppõe-se a esta construcção; si é, porém, o sujeito nome de pessoa ou mesmo de ser vivo, a expressão pôde ficar equívoca. Assim, não se dirá em Italiano—*I fratelli se puniscono*; em Hespanhol—*Las mugeres se miran*; em Portuguez—*Ferem-se os soldados*, etc.

Mas, como não ha confusão a temer, diz-se em Italiano—*Laddove Cristo tutto di si merca* (3); em Hespanhol—*Las mugeres se conquistan por semejantes medios* (4); em Portuguez—*Vencem-se os reis com lisonjas*.

(1) BERNARDIM RIBEIRO, *Meninas e Moça*, cap. VII.

(2) CAMÕES. *Lusíadas*, Cant. III, Est. 69.

(3) DANTE, *Purgatorio*, XVII, 51.

(4) MENESES.

Segundo Diez a *grammatica italiana* prescreve o emprego da voz passiva própria em vez desta construção com *si*, sempre que a phrase contem um pronome pessoal; ensina o douto mestre que se deve dizer— *Mi é stata tagliata la borsa*, e não *Mi si tagliò*. Todavia Silvio Pellico escreveu: *Mi si fece un lungo interrogatorio* (1).

Ora o que me resta a saber é si estas fórmas são realmente passivas.

São, e a prova é que ás vezes empregam-se com o agente claro.

Lê-se em Solis: *Adornó-se luego* por sus mismos criados *con las mejores alhajas de su guardaropa* (2). E em Cervantes: *En un instante se coronáron todos los corredores del patio* de criados e criadas (3).

E não é tudo: estas fórmas correspondem com exactidão mathematica ás fórmas passivas latinas.

A voz passiva em Latim classico tem por principaes objectos

- 1) trazer a lume o nome que teria servido de paciente, si a oração fosse construída em voz activa, nome esse que na passiva figura como sujeito.
- 2) indicar uma acção sem designação precisa do agente que a leva a effeito (4).

O primeiro destes usos só tem logar com verbos transitivos: o segundo estende-se até os intransitivos.

São ambos tão communs nos escriptos latinos do periodo classico, que não se faz mister apontar exemplou; todavia adduzirei alguns do segundo

- 1) com verbos transitivos:

Subeatur ista quantacumque est indignitas

Quom de fordere agitatam esset. (TITUS LIVIUS)

- 2) com verbos intransitivos:

Vivitur ex raptó.

Nune pedibus itur (OVIDIUS)

Itum est in consilio.

De provinciis decedatur. (CICERO)

Si agro Samnitum decederetur. (TITUS LIVIUS)

Fica, pois, demonstrado que as fórmas románicas construídas com *se* bem como as fórmas latinas passivas, servem para exprimir a acção sem trazer a lume o agente, e para consignar a pluralidade indeterminada desse agente.

Mas como servem construcções tão diferentes para um mesmo fim?

Não são diferentes as construcções, e quem o vai provar é ainda o estudo historico comparativo.

As antigas línguas arianas tinham tres vozes—a activa, a media e a passiva.

(1) *Le mie prigioni*.

(2) *Historia de la conquista de Mejico*.

(3) *Don Quijote*.

(4) GUARDIA E WIERZEYSEI.

A voz *activa* indicava uma acção do sujeito, a qual passava para um objecto; a *media* exprimia uma acção que, partida do sujeito, recahia sobre elle proprio; a *passiva* traduzia uma acção que, vinda de agente estranho, era recebida ou soffrida pelo sujeito.

Volvendo os annos a voz *media* confundiu-se com a *passiva*.

Os tempos dos verbos em Grego, á excepção do primeiro aoristo e do futuro, têm as mesmas fórmas para a voz *media* e para a *passiva*.

O Latim teve de certo, para exprimir o sentido da voz *media*, desinencias analogas ás gregas *mai, sai, tai*; perderam-se, porém, deixando apenas os vestigios que hoje nos auctorisam a tal supposição. Substituiu-as uma formação periphrastica: o pronome reflexivo *se* juntou-se ás fórmas de todas ás pessoas dos tempos de acção incompleta da voz *activa* para constituir uma nova fórmula de voz *media*, que afinal veiu a ser a *passiva* do periodo classico.

A tendencia das linguas aryanas foi sempre exprimir o sentido da voz *media* por fórmas simples: os elementos, pois, da composição fundiram-se em Latim, e constituiram palavras aparentemente simples.

Tal fusão operou-se sob a acção das leis phoneticas peculiares ao Latim.

Dessas leis tres ha que se faz mister conhecer para se poder comprehender o processo da fusão:

- 1.ª) Entre duas vozes a modificação *s* converte-se em *r*.
- 2.ª) As vozes fínaes não accentuadas caem.
- 3.ª) As vozes longas fínaes abreviam-se.

Assim, pois, por exemplo, pela addicção do pronome reflexo *se*

lego	deu	legose,	legore,	legor;
lege	»	legese,	legere;	
legeto	»	legetose,	legetore,	legetor;
leganto	»	legantose,	legantore,	legantor;
legam	»	legase,	legare,	legar;
legis	»	legise,	legire,	legere;
legimus	»	legimuse,	legimure,	legimur.

Nas terceiras pessoas em *t*, como *legit, legunt*, encontra-se na voz *passiva*, entre a desinencia *activa* e o pronome reflexivo *apassivador se*, um *u*:

legit,	legituse,	legiture,	legitur;
legunt,	leguntuse,	legunture,	leguntur.

Provém de certo esse *u* de um *o* connectivo que se vê também na desinencia grega *to*.

É verdade que em Latim não ha fórmula correspondente á fórmula grega *elégeto*; mas ás fórmas gregas *légoito, légointo* correspondem as latinas *legeto, legento*, que, pela addicção do pronome *se*, e por transformações regulares converteram-se em *legetor, legentor*.

Muito se poderia aprofundar este assumpto; basta, porém, o que fica dito para provar que as fórmas *passivas* dos tempos de acção incompleta

do periodo classico latino foram fórmias medias creadas pela addição do pronome *se* ás fórmias activas correspondentes.

Ora, é exactamente o mesmo o que se dá nas linguas romanicas: a voz; media ou reflexa converteu-se em voz passiva, apropriando-se nas terceiras pessoas a exprimir a pluralidade indeterminada de um agente que se não especifica.

Ha ainda a notar que a voz reflexa em romanico é tambem empregada como equivalente da passiva nas primeiras e nas segundas pessoas. E' obvio o sentido passivo destas construcções:

Devoro-me de pezar.
Tu te pagas de lisonjas.

Mesmo em Inglez, lingua- *fongièremet* germanica, ha um passivo curiosissimo para exprimir a pluralidade indeterminada do agente:

Pieter is said to have spent uselessly his time.
We do not suffer ourselves to be trifled with.

Nesta identidade dos meios de expressão, dos processos linguisticos dos modernos idiomas arianos, não se enxergará um effeito do atavismo, lei tão provada na evolução sociologica, como o está na biologica?

III

Em Latim e Grego a terceira pessoa do singular da voz passiva, quando se tracta de indicar de modo abstracto a pluralidade indeterminada do agente, póde ser trocada pela terceira pessoa do plural da voz activa sem sujeito claro: em Latim *dicitur* equivale a *dicunt*; em Grego *légetai* tem a mesma força que *légousi*.

O mesmo dá-se na mór parte das linguas romanicas, o mesmo acontece em Inglez: em Italiano *si dice* vale tanto como *dicono*; em Inglez *credit is given to this* e *they give credit to this* são expressões identicas.

Em Portuguez e Hespanhol são vernaculissimas construcções como estas:

Mataram o general em Paris.
Me han convidado para las cinco menos cuarto.

Este verbo no plural representa muitas vezes uma accção que, pelo contexto, sabe-se ter sido exercida por agente do singular.

Menina e moça me levaram da casa de meu pae pera longes terras (1).
Una vira me han tirado (2).

Em ambos estes exemplos quem executou a accção do verbo foi uma só pessoa.

(1) BERNARDIM RIBEIRO, *Menina e Moça*.

(2) *Silva de romances viejos*.

Frequentemente dá-se em Portuguez á terceira pessoa do plural da voz activa um sujeito que, sendo incapaz de exercer a acção do verbo, indica por isso mesmo a pluralidade indeterminada do agente verdadeiro:

*Muitos a vida, e em terra extranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram (1).*

*E os que neste sentido o acompanharam
Os ossos em penhascos transformaram (2).*

Objectar-se-á de certo que, a ser assim, só philologos e linguistas poderão entender e explicar taes construcções.

Mas, por Deus, de accordo, de perfeito accordo!

Não ha necessidade de dar a uma pessoa razões falsas, por isso que ella não póde entender as verdadeiras.

Ao estudante de grammatica basta que lhe ensinem o uso correcto: quem se lembrou jamais de explicar a um menino que começa a aprender a grammatica de sua lingua o processo de derivação porque passaram as conjugações dessa lingua para chegarem ao estado em que se acham?

Ninguem, porque seria desatino.

Pois o que se dá na lexeologia, porque se não dará na syntaxe?

Apresenta-se a declinação, a conjugação como factos linguisticos; pois apresenta-se tambem do mesmo modo a construcção, deixando-se de parte elucidaciones especiosas.

Explique e entenda um e outro facto, e todos os da lingua, quem tiver estudado philologia e linguistica.

Subtilezas só engendram confusão: em metaphysica cada qual discreiteia a seu modo, e ha sempre tantas sentenças quantas são as cabeças.

As irregularidades, os idiotismos, os diferes intimos de uma lingua só pelo estudo historico comparativo podem ser postos em luz, explicados, solvidos.

Campinas, 27 de Agosto de 1881.



(1) CAMÕES *Lusiadas*, Cant. V, Est. 81.

(2) GABRIEL PEREIRA DE CASTRO, *Ulysséa*, Cant. V, Est. 91.

ERRATA

PAGS.	LINHS	ERROS	EMENDAS
6	5	francez	Francez
7	26	esplosão	explosão
9	5	trese	treze
10	21	gredo	grado
14	9—10	do plusquam perfeito	do imperfeito e do plusquam perfeito
»	12	<i>partireis</i>	<i>partiréis</i>
15	7	Gibraltar	<i>Gibraltar</i>
»	8	Gibraltar	<i>Gibraltar</i>
»	15	Gibrálar	<i>Gibraltar</i>
»	17	Gibraltár	<i>Gibraltar</i>
»	26	<i>hidrophobia</i>	<i>hydrophobia</i>
»	30	<i>Supremacia</i>	<i>supremacia, theocracia, etc..</i>
16	11	<i>Ephigenia</i>	<i>Iphigenia</i>
17	15	<i>Yo</i>	<i>Io</i>
18	3	<i>sáfaro</i>	<i>sáfaro</i>
»	6	<i>mellifluo</i>	<i>mellifluo</i>
»	8	<i>incubo</i>	<i>incubo</i>
»	31	<i>Yúlo</i>	<i>lúlo</i>
20	22	<i>môrno</i>	<i>môrmo</i>
»	33	<i>organizada</i>	<i>organizada</i>
24	21	da uso	do uso
27	22	<i>tuto</i>	<i>tudo</i>
29	37	escriptas com kh	escriptas com X
30	3	o kh	o X
»	6	kh	X
»	20	Cezar	Cesar
»	26	<i>khilo</i>	<i>khilioi</i>
»	38	<i>Analítica</i>	<i>Analytica</i>
»	40	Cezar	Cesar
32	29	<i>hedimetro</i>	<i>heliometro</i>
33	2	trascrever	transcrever
»	44	16 Janeiro	16 de Janeiro
37	17	<i>apophtegna</i>	<i>apophthegma</i>
45	5	<i>gentilhomem</i>	<i>gentilómem</i>
50	8	principios	princípio
51	20	de se compõe	de que se compõe
55	23	Artigo	<i>Artigo</i>
56	24	particularlisar-lhe	particularisar-lhe
63	13	exclnindo	excluindo
64	19	Nas sentenças	Nas sentenças negativas
»	20	Nas proposições affirmativas	Nas afirmativas
71	21	nnica	única
73	11	9)	8)
»	26	e e desinencia	e a desinencia

PAGS.	LINHS.	ERROS	EMENDAS
96	16	fuzível	fusível
138	11	Morrer, morrido, morto	(Passa a ser a linha 27 da pag. 139).
139	35	Rafracto	Refracto
144	35	<i>luxo</i>	<i>luxu</i>
145	23	<i>opera</i>	<i>operæ</i>
157	11	<i>pintura</i>	(omitta-se)
162	51	fómas	fórmas
164	8		ADJECTIVO
»	22	pricipaes	principaes
165	4	suffiro	suffixo
172	19	fóma	fórma
173	21	para e Portuguez	para o Portuguez
176	10	imperfeito	imperfeito
»	15	participio	participio
177	25	pessòa	pessoa
»	34	Pass.	Pess.
178	22	CONJUGÇÃO	CONJUGAÇÃO
179	3	anlogia	analogia
180	1	sycpe	syncope
186	36	pôr	por
191	34	nstinctivo	instinctivo
201	11	sentença	sentença
203			(supprimam-se as linhas 22 e 23).
206	1-2	de de genero	de genero
207	4	A adjuncto	O adjuncto
213	27	singalar	singular
217	22	<i>oito cento</i>	<i>oito centos</i>
223	9-10	<i>ME não me tivesses</i>	<i>ME não tivesses</i>
225	29	<i>Parece-me me</i>	<i>Parece-me</i>
»	33	expressos:	expressos,
227	21	antecente	antecedente
234	32	sujunctivo	subjunctivo

Os erros que vimos ahí ficam emendados; si alguns meramente de fórma nos escaparam, corrigil-os-á o leitor intelligente.



INDICE

Introdução	1
Parte primeira —Lexeologia	3
LIVRO PRIMEIRO—Elementos materiaes das palavras	3
<i>Secção primeira</i> —Phonetica	3
» <i>segunda</i> —Prosodia	10
» <i>terceira</i> —Orthographia	22
LIVRO SEGUNDO—Elementos morphicos das palavras	51
<i>Secção primeira</i> —Taxeonomia	51
I—Substantivo	53
II—Artigo	55
III—Adjectivo	56
IV—Pronome	59
V—Verbo	61
VI—Preposição	68
VII—Conjunção	69
VIII—Adverbio	70
IX—Interjeição	72
<i>Secção segunda</i> —Kampenomia	73
I—Substantivo	79
§ 1.º—Genero	79
§ 2.º—Numero	85
§ 3.º—Grau	89
II—Artigo	93
III—Adjetivo	94
§ 1.º—Genero	94
§ 2.º—Numero	95
§ 3.º—Grau	96
IV—Pronome	98
V—Verbo	99
<i>Tabella</i> 1—Conjug. do verbo HAVER	100
» 2— » » » TER	102
» 3— » » » SER	104
» 4— » » » ESTAR	106
» 5— » » » CANTAR	108
» 6— » » » VENDER	110
» 7— » » » PARTIR	112

<i>Tabella</i>	8—Conjug. do verbo PÔR	114
»	9— » » » SER VENDIDO	116
»	10—Quadro comparativo das terminções dos tempos simples das quatro conjugações regulares	118
»	11—Conjug. do verbo HAVER DE CANTAR	120
»	12— » » » ANDAR CANTANDO	122
»	13— » » » QUEIXAR-SE	124
»	14— » » » TROVEJAR	126
	— Verbos irregulares	127
	— Verbos defectivos	136
	— Verbos com dous participios aorsitos	136
	VI — Adverbio	142
<i>Secção terceira</i> —	Etymologia	142
	I — Substantivo	146
	§ 1.º—Substantivos portuguezes derivados de substantivos latinos	146
	§ 2.º—Substantivos derivados de palavras da lingua portugueza	148
	— Affixos	149
	— Prefixos	149
	— Suffixos	153
	— Substantivos derivados de verbos . . .	157
	§ 3.º—Substantivos derivados de linguas extrangeiras	158
	— Lista das palavras gregas radicaes mais vulgarmente usadas	159
	II — Artigo	162
	III — Adjectivo	164
	§ 1.º—Adjectivos descriptivos	164
	— Duplas	167
	§ 2.º—Adjectivos determinativos	168
	IV — Promone	169
	§ 1.º — Pronomes substantivos	169
	§ 2.º — Pronomes adjectivos	170
	V — Verbo	171
	— Estudo historico das fórmãs do verbo SER	171
	— Estudo historico da conjugação regular portugueza	176
	— Formação dos verbos	186
	VI — Preposição	187
	VII — Conjuncção	188
	VIII — Adverbio	189

Parte segunda —Syntaxe – Generalidades	193
LIVRO PRIMEIRO—Syntaxe lexica	195
<i>Secção primeira</i> —Relação das palavras entre si	195
» <i>segunda</i> —Particularidades do sujeito, do predicado e do objecto	199
I—Sujeito	199
II—Predicado	199
III—Objecto	200
LIVRO SEGUNDO—Syntaxe logica	200
<i>Secção primeira</i> —Coordenação	201
» <i>segunda</i> —Subordinação	203
I—Clausulas substantivos	203
II—Clausulas adjectivos	204
III—Clausulas adverbios	204
LIVRO TERCEIRO—Regras de syntaxe	205
I—Substantivo	205
II—Artigo	206
§ 1.º—Concordancia do artigo	206
§ 2.º—Uso do artigo definido antes de um só substantivo	206
§ 3.º—Uso do artigo indefinido antes de ° um só substantivo	210
§ 4.º—Uso dos artigos antes de substantivos consecutivos	211
III—Adjectivo	212
§ 1.º—Concordancia do adjectivo	212
§ 2.º—Posição do adjectivo	215
§ 3.º—Repetição e omissão do adjectivo determinativo antes de um ou de mais substantivos	217
§ 4.º—Adjectivos numeraes	217
§ 5.º—Adjectivos conjunctivos	217
§ 6.º—Formação dos comparativos e dos superlativos	218
§ 7.º—Adjectivos correlativos	219
IV—Pronome	220
§ 1.º—Pronomes substantivos em relação adverbial	220
§ 2.º—Pronomes substantivos em relação objectiva adverbial	220
§ 3.º—Posição e influencia dos pronomes substantivos em relação subjectiva, objectiva e objectiva adverbial	220
§ 4.º—Emprego pleonastico dos pronomes substantivos	224

§ 5.º— Uso particular de alguns pronomes demonstrativos	226
§ 6.º— Pronomes conjunctivos	226
§ 7.º— Pronomes indefinidos	227
V— Verbo	227
§ 1.º— Sujeito	227
§ 9.º— Predicado	229
§ 3.º— Objecto	230
§ 4.º— Significação transitiva e significação intransitiva	231
§ 5.º— Voz activa e voz passiva	232
§ 6.º— Modos	234
§ 7.º— Fórmias nominaes do verbo	269
§ 8.º— Substituição dos tempos dos verbos uns pelos outros	243
§ 9.º— Correspondencias dos tempos dos verbos entre si	244
§ 10.º— Ser e Estar	251
§ 11.º— Verbos impessoaes	254
§ 12.º— Concordancia do verbo com o sujeito	258
VI— Negações	260
VII— Preposições	262
§ 1.º— A	262
§ 2.º— Ante	264
§ 3.º— Após, Pós	264
§ 4.º— Até, Té	264
§ 5.º— Com	264
§ 6.º— Contra	265
§ 7.º— De	265
§ 8.º— Desde, Des	267
§ 9.º— Em	267
§ 10.º— Entre	268
§ 11.º— Para	268
§ 12.º— Por	269
§ 13.º— Sem	270
§ 14.º— Sob	270
§ 15.º— Sobre	271
§ 16.º— Trás	271
§ 17.º— Preposições concurrentes	271
VIII— Conjuncção	271
IX— Adverbio	272
X— Interjeição	273

LIVRO QUARTO—Additamentos	273
I—Pontuação	273
II—Emprego de letras maiúsculas	279
III—Ordem das palavras e frases na construção das sentenças simples	281
IV—Ordem dos membros e cláusulas na construção de sentenças compostas	281
V—Estylo	283
VI—Vícios	284
—Diatrise sobre a maneira latina e românica de exprimir em abstracto a pluralidade indeterminada do agente de um verbo	286
—Errata	293
—Indice	295

PARA CITAR ESTA OBRA:

RIBEIRO, Julio. *Grammatica Portuguesa*. São Paulo: Typ. de Jorge Seckler, 1881, 1ª ed., 229 p.
Consultada na *bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil*

<http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr027>

[Fonte: Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, UNICAMP.]

bvCLB - BIBLIOTECA VIRTUAL DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM NO BRASIL

Projeto desenvolvido no Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB

Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/contato>

Coordenação da bvCLB: Carolina Rodríguez-Alcalá

TO REFER TO THIS WORK:

RIBEIRO, Julio. *Grammatica Portuguesa*. São Paulo: Typ. de Jorge Seckler, 1881, 1st ed., 229 p.
Consulted in the *bvCLB - Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil* [Virtual
Library of Language Sciences in Brazil]

<http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr027>

[Source: Library of the Language Studies Institute – IEL, UNICAMP.]

bvCLB – VIRTUAL LIBRARY OF LANGUAGE SCIENCES IN BRAZIL

Project developed in the Laboratory of Urban Studies – LABEURB

Nucleus for Creativity Development – NUDECRI

Campinas University – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br>

Address:

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brazil

Tel/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contact: <http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/contato>

Coordination of bvCLB: Carolina Rodríguez-Alcalá